



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

SÂMIA SILVA MAIA

**DIVERSIDADE E ALTERIDADE CORPORAL: uma herança cultural perceptível na
ginástica rítmica do Amazonas**

MANAUS
2025



SÂMIA SILVA MAIA

**DIVERSIDADE e ALTERIDADE CORPORAL: uma herança cultural perceptível na
ginástica rítmica do Amazonas**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1 Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa 1: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais, sob a orientação da professora Dra. Artemis de Araújo Soares e coorientação do professor Dr. Bruno de Oliveira Rodrigues.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Artemis de Araújo Soares

Coorientador: Prof. Dr. Bruno de Oliveira Rodrigues

MANAUS
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M217d Maia, Sâmia Silva
Diversidade e Alteridade Corporal: uma herança cultural perceptível na
Ginástica Rítmica do Amazonas / Sâmia Silva Maia. - 2025.
183 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Artemis de Araújo Soares.
Coorientador(a): Bruno de Oliveira Rodrigues.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.

1. Diversidade. 2. Corporeidade. 3. Ginástica Rítmica. 4. Legado. I.
Soares, Artemis de Araújo. II. Rodrigues, Bruno de Oliveira. III.
Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc.
e Cultura na Amazônia. IV. Título

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Artemis de Araújo Soares/UFAM (Presidente)

Prof. Dra. Jeanne Chaves Abreu/UEA (Membro)

Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros/UFAM (Membro)

Prof. Dr. Jefferson Jurema Silva/UEA (Suplente)

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro/UFAM (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus filhos, Kleist Filho, Livia Maia, e Bianca Maia, primeiramente pela paciência e incentivo, de onde talvez não teria retirado a vontade de seguir com esse projeto se não fosse por eles, me mostrando que não existe idade para aprender e se pôr a prova. É deles que retiro meu equilíbrio e minha inspiração para acreditar que tudo vale o sacrifício.

Aos meus pais, Maria Célia da Silva Maia e Efraim Silva Maia, que me ensinaram a buscar sempre um olhar para o futuro, pensando num amanhã melhor através do estudo, com fé em Deus, e acreditando no trabalho e perseverança e no apoio da família. A eles devo muito do que sou, e neles busco o” Porto Seguro”, o meu melhor aconchego nas horas boas e difíceis, e com quem quero dividir essa jornada.

À minha orientadora Artemis de Araújo Soares, que fez parte integrante da minha trajetória de vida desde a minha infância, quando iniciei meus primeiros passos na ginástica, com a professora Liette Guimarães, no Marquês de Santa Cruz. Seguindo no esporte como atleta, técnica, gestora e professora, que ainda hoje sou, e serei até quando Deus permitir. Esporte que definiu minhas escolhas de vida, a criação que dei aos meus filhos, que seguem também nesse caminho. Artemis sempre foi referência de vida e dedicação ao esporte que escolhemos para levar para a vida como paixão e compromisso. Agradeço cada oportunidade de aprender e dar um passo a mais para o conhecimento. Grata pela confiança depositada em mim, ao acreditar na capacidade de escrever sobre o esporte ao qual ela deu origem na história do Amazonas, e que fiz parte na jornada.

Aos amigos que pude conquistar e que me conquistaram também, vivendo as mesmas dúvidas, buscando apoio e dando apoio recíproco neste processo que é saber onde vamos mergulhar em busca de luz nas profundezas do conhecimento. Sofri e vibrei junto a cada etapa para que pudéssemos juntos, chegar à linha final. Levo para a vida cada um com o qual pude aprender a admirar a coragem e o enfrentamento de cada obstáculo que surgiu neste processo tão enriquecedor que é o mestrado no Programa Sociedade e Cultura na Amazônia.

Aos queridos professores, Harold Sá Peixoto, Agenor Vasconcelos, Marilene Correia, Iraíldes Caldas Torres, Odenei Ribeiro, Gisele Wolkoff, Bruno Rodrigues, Sidney Pereira,

agradeço por toda generosa partilha demonstrada pela busca em conhecer com olhos tão aguçados a Amazônia e suas propriedades. Essa partilha vinda de pessoas dedicadas às causas de nossa gente, me fez repensar sobre o que verdadeiramente preciso conhecer mais, e buscar soluções que atendam nossas particularidades.

A professora doutora Jeanne Chaves de Abreu, pela valiosa contribuição na ocasião do Exame de Qualificação.

Às ginastas que colaboraram com a riqueza de informações preciosas sobre suas carreiras esportivas, revivendo fases felizes, e ruins, pude ver emoções que estavam adormecidas acordar, e muitas vezes vi lágrimas de saudade nos olhos, ao voltar as lembranças de um tempo que para todas foi marcante no corpo e na alma. Cada vez admiro mais aquelas que escolhem ser atletas no Amazonas. Tarefa de fortes e bravas guerreiras!

Ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia (PPGSCA), que nos abre a visão além do território que vivemos, enxergamos para os multiterritórios que interagem e se dividem tornando o mundo o lugar de todos, o lugar da diversidade, onde o valor é atribuído pela cultura que cada um carrega na sua história, independentemente de sua origem.

Ao participar das palestras, das aulas, e dos eventos oferecidos, mudamos nossa emoção sobre o sentimento de ser amazonense, viver no Amazonas, e de nos tornar parte dessa complexa convivência entre o ser e o ter essa floresta como uma só energia que nos move.

A diversidade é um dom repartido entre todos e faz deste planeta um lugar único, mais equilibrado, mais criativo e mais inteligente.

DEDICATÓRIA

Às bravas ginastas amazonenses, que por meio de suas carreiras no esporte construíram uma história de lutas e contribuíram para a evolução da Ginástica Rítmica no Brasil. Sem as suas vivências corporais e espírito de coragem, não teríamos conquistado o legado de cultura e respeito pela diversidade, e o reconhecimento de diferenças que fazem do mundo do esporte um território de igualdade e de confiança para apostar na vitória da beleza sem padrões.

RESUMO

A pesquisa ora apresentada traz como objetivo investigar as vivências corporais de ginastas amazonenses da modalidade de Ginástica Rítmica, considerando que estas atletas, durante suas carreiras esportivas se submeteram às adequações corporais do esporte, chegando até a categoria adulta em alto rendimento. A intenção foi analisar como os corpos dessas ginastas enfrentaram as exigências da modalidade, além de quebrar paradigmas relacionados ao corpo, destacando que a modalidade se originou na Europa, exigindo um padrão corporal longilíneo, diferente do biótipo das amazonenses. A pesquisa trabalhou com a hipótese de que algumas gerações de ginastas amazonenses tiveram uma percepção maior dessa padronização corporal, quando sofreram discriminação. Ressalta-se que, como consequência do processo de disseminação do esporte no mundo, a diversidade corporal assume um importante destaque, criando formas diferentes para avaliar o esporte. Salienta-se também a alteridade que se reconhece nas diferenças raciais e nas características de cada atleta de uma mesma modalidade. Evidencia-se, portanto, as conquistas e superações das ginastas amazonenses como herança deixada para novas gerações como capital cultural, e o poder simbólico embasado nas teorias de Bourdieu (1989). A etnografia foi construída pela historiografia da modalidade com aplicação de entrevistas semiestruturadas e livres, com ginastas de gerações passadas e ginastas ainda em treinamento. A metodologia usada foi de cunho qualitativo e caráter fenomenológico, utilizando análise de conteúdo nas entrevistas. Reconhece-se, por fim, que o resultado da pesquisa contribuirá para ampliar discussões sobre a decolonialidade no esporte.

Palavras-chave: Diversidade; Ginástica Rítmica; Corporeidade; Legado.

ABSTRACT

This research aims to investigate the bodily experiences of rhythmic gymnasts from Amazonas, Brazil. Throughout their sports careers, these athletes had undergone the physical adaptations required by the sport, reaching the adult high-performance category. The study seeks to analyze how their bodies had faced the demands of the discipline while also challenging paradigms related to body standards. It is important to highlight those rhythmic gymnastics originated in Europe, establishing a long-limbed body standard that differs from the physical biotype of gymnasts from Amazonas. The research works with the hypothesis that certain generations of gymnasts had a heightened awareness of this body standardization, experiencing discrimination as a result. The findings suggest that, as the sport has spread globally, body diversity has gained greater recognition, leading to new ways of evaluating performance. Additionally, the study emphasizes the role of alterity in acknowledging racial differences and the unique characteristics of each athlete within the same discipline. This research highlights the achievements and resilience of gymnasts from Amazonas as a legacy for future generations, shaping cultural capital and symbolic power based on Bourdieu's theories (1989). The study employs ethnographic methods within historiography framework, incorporating semi-structured and open-ended interviews with both retired and current gymnasts. A qualitative, phenomenological approach is used, applying content analysis to the interviews. Ultimately, this research aims to expand discussions on decoloniality in sports.

Keywords: Diversity; Rhythmic; Gymnastics; Corporeality; Legacy.

LISTA DE ABREVIATURAS

AM - AMAZONAS

FAG - FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE GINÁSTICA

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA

GRD - GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA

CBG - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA

GR - GINÁSTICA RÍTMICA

BNCC - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

**CTARAM - CENTRO DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO DO
AMAZONAS**

IEA - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

ETFA - ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO AMAZONAS

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

JEA'S - JOGOS ESCOLARES DO AMAZONAS

JEB'S - JOGOS ESCOLARES BRASILEIROS

CEB'S' - CAMPEONATOS ESCOLARES BRASILEIROS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ginastas na Bulgária.....	24
Figura 2 - Corpos diversos de atletas.....	55
Figura 3 – Corpos diversos de atletas.	55
Figura 4 - Apresentação das primeiras ginastas amazonenses	61
Figura 5 - Ginastas no pódio	65
Figura 6 - Ginastas treinando no Nacional Clube.....	68
Figura 7 - Festival do SESI 1999. Ginastas mirins em apresentação.....	80
Figura 8 - Ginastas iniciante e veterana uniformizadas	83
Figura 9 - Ginastas de conjunto dos anos 1990.....	88
Figura 10 - Ginasta campeã	95
Figura 11 - Exercício com ginastas e a treinadora Artemis	99
Figura 12 - Foto da ginasta com sua técnica Antonieta	103
Figura 13 - Bianca Maia em competição	107
Figura 14 - Ginasta em equilíbrio.....	115
Figura 15- Ginasta Victoria Aguilera em competição	117
Figura 16 - Ginastas de semelhança fisicamente.....	118
Figura 17 - Demonstrativo da idade inicial na modalidade de GR em Manaus	119
Figura 18 - Demonstrativo do local onde as ginastas iniciaram as carreiras.....	120
Figura 19 - Demonstrativo de tempo que durou a carreira esportiva das ginastas pesquisadas	121
Figura 20 - Demonstrativo de idade que as ginastas encerraram suas carreiras	122
Figura 21 - Exercício “Boucle”	135
Figura 22 - Bianca Maia na infância	148
Figura 23 - Competição pela seleção brasileira.....	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das Unidades de Significado sobre a concepção de estratégias para superar os desafios para o atleta	162
Quadro 2 - Distribuição das Unidades de Significado sobre os problemas enfrentados pelo corpo das ginastas em relação à modalidade	164
Quadro 3 - Distribuição das Unidades de Significado sobre os testes físicos aplicados às ginastas, para avaliação de capacidades físicas e proporção tronco/pernas (biotipo) em relação à modalidade	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: O ESPORTE, A DIVERSIDADE CORPORAL E CULTURAL.....	19
1.1. O esporte como construção de pontes entre as distâncias culturais	19
1.2. O valor social atribuído ao corpo pela mídia	33
1.3. Diversidade e alteridade corporal.....	39
CAPÍTULO II: A IDENTIDADE NA GINÁSTICA AMAZONENSE E AS ADEQUAÇÕES DO CORPO	56
2.1. A ginástica busca atletas para expandir territórios de conquistas	56
2.1.1. Aginástica como fato social	59
2.2. A trajetória esportiva na Ginástica Rítmica em Manaus	71
2.3. A identidade corporal da GR amazonense	87
CAPÍTULO III: HERANÇA CULTURAL DA GINÁSTICA RÍTMICA DO AMAZONAS - o corpo escolhe o esporte	123
3.1. A alteridade na corporeidade das ginastas amazonenses	123
3.2. Ginástica Rítmica no Amazonas: a história, as experiências e o legado	140
3.3. O capital simbólico: expansão do valor social e cultural pelo esporte	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	170
APÊNDICE	177
ANEXOS	181

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa fundamenta-se na investigação sobre a corporeidade de ginastas amazonenses, que seguiram carreira esportiva e submeteram às adequações do corpo para a prática da Ginástica Rítmica, desde sua chegada como modalidade esportiva em Manaus, até a contemporaneidade. O estudo aborda como as atletas amazonenses desenvolveram consciência de suas diferenças raciais, corporais, culturais, e as estratégias de superação para se igualar ou superar outras atletas, seja na técnica, nas interpretações artísticas, ou no desenvolvimento de processos de adaptação corporal dentro das regras que o esporte impõe a todos como julgamento.

A intenção foi analisar como os corpos considerados fora dos padrões estéticos enfrentaram as exigências impostas pela modalidade, na construção da consciência corporal e suas percepções na corporeidade. Dessa forma, a pesquisa destacou como essas atletas superaram as dificuldades que a modalidade originada na Europa suscitou para as atletas amazonenses, caracterizando como essas ginastas encararam o desafio de desconstruir estereótipos corporais, deixando uma referência de identidade, diversidade e alteridade no esporte.

O interesse por esta pesquisa advém de minhas experiências como atleta da modalidade no passado, e como técnica que desde a década de 1980, quando iniciei minha carreira na GR, após a faculdade de Educação Física em 1988, venho desenvolvendo dentro do estado. Além de vivenciar pessoalmente nas competições fora de Manaus, também ouvi de técnicas e ginastas que foram passando pelas várias gerações de atletas desta modalidade, relatos sobre os olhares diferenciados para nossos corpos, além de comentários preconceituosos relacionados à origem indígena de nossas ginastas.

A compreensão da Amazônia como um cenário multicultural, se faz primordial para o desenrolar da temática, e para a reflexão sobre soluções para os problemas que se entrelaçam na pesquisa. A nossa geografia diferenciada de outras regiões do país, somada aos diferentes ciclos vividos pelo Amazonas, as mudanças na sociedade, na economia, e consequentemente na cultura, constituem-se em um conjunto de influências que o esporte teve que se moldar e adaptar. O aporte teórico deste pensamento foi regido sob a ótica de estudiosos como Marilene Correa, Djalma Batista, Artemis Soares, Odenei Ribeiro, Marcio Souza, Renan Freitas Pinto, e outros que conduziram a busca pelo entendimento das propriedades que nosso território pode

impor sobre a temática do esporte amazonense, em caráter especial a Ginástica Rítmica, carregada de eurocentrismo na sua bagagem.

A dissertação está dividida em três capítulos que estão ligados pela trajetória da pesquisa, e são didaticamente entrelaçados, sendo o primeiro capítulo desenvolvido sobre a diversidade e a alteridade corporal no esporte fundamentado sob as teorias do sociólogo Homi Bhabha, teórico Indo-inglês que desenvolveu o conceito do Terceiro Espaço, onde o hibridismo é o que resulta das formações entre duas culturas diferentes, e a interculturalidade se apresentam como formas de entender as culturas que interagem formando novas identidades. A alteridade e a diversidade são conceitos interligados que nos ajudam a compreender a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. O reconhecimento e entendimento das diferenças culturais criam o terceiro espaço, local onde coexistem mais de uma cultura.

O estudo buscou as pontes que ligam o esporte entre as distâncias culturais, proporcionando experiências interculturais ricas e agregadoras de conhecimento para o esporte e seu crescimento global. Investigou também o valor social que a mídia atribui ao corpo na construção de padrões estéticos inalcançáveis, mostrando que essa mesma mídia exerce uma influência muito grande no comportamento e nas escolhas da sociedade, sendo capaz de desconstruir muitos paradigmas em campanhas publicitárias bem elaboradas.

Autores brasileiros como Tubino, consideram o esporte, “como um dos mais importantes fenômenos dessa transição de séculos, tem merecido da intelectualidade e da mídia internacional uma atenção especial que tem permitido aprofundamentos políticos, sociais, culturais, educacionais, científicos e antropológicos. Esses estudos vão, pouco a pouco, inserindo de forma consolidada, fatos esportivos na contemporaneidade fazendo com que o esporte cada vez mais se torne uma das prioridades das diversas sociedades do mundo atual”. (Tubino, 2010, p. 17).

O segundo capítulo se sustenta sobre a identidade da ginástica amazonense e as adequações do corpo ao esporte, iniciando com a busca do esporte para expandir seus territórios de conquista, traçando a trajetória percorrida pela modalidade até sua chegada a Manaus, trazendo neste percurso uma nova prática esportiva originada na Europa, e sendo experienciada pela primeira vez no Amazonas. O texto dialoga com a identidade construída por gerações de atletas da modalidade, onde podemos referenciar a corporeidade sendo investigada através das vivências e das percepções destas atletas, descritas nas entrevistas, traduzidas por análise sobre as teorias de Le Breton e Merleau-Ponty. Para Le Breton o “corpo” é uma ficção culturalmente eficiente, uma comunidade de sentido e valor que molda o lugar, os componentes, as

performances e os imaginários, de forma mutante e contraditória nas sociedades humanas (Le Breton, 2007).

Para as primeiras ginastas envolveu a adaptação e a incorporação de novas formas de perceptivas em utilizar o corpo, se inserindo em um novo contexto cultural, passando por adaptações para ajustar suas práticas corporais para se alinhar com as novas normas e valores. Esse processo de aprendizagem cultural pode enriquecer a compreensão da própria corporeidade, mostrando que ela não é fixa, mas sim dinâmica e mutável. Neste ponto da pesquisa se observou a existência de características de decolonialidade, e quebra de paradigmas corporais no enfrentamento aos padrões que eram exigidos pela modalidade.

Por interpretação de Merleau-Ponty, desse modo, "assim como a natureza penetra até no centro da minha vida pessoal, entrelaçando-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural (Merleau-Ponty, 1999, p.465). Quer dizer, que para ele as relações culturais que permeiam o ser humano perpassam não somente pelo exercício físico em si, mas também pelos aspectos que transitam pelo campo da subjetividade. Questões que se interconectam, de modo a produzir cidadãos através da prática do esporte e da competição.

O terceiro capítulo se desenvolve sobre a herança cultural da Ginástica Rítmica no Amazonas, onde o corpo escolhe o esporte consciente de sua alteridade, reconhecendo as diferenças corporais entre as culturas de origem e sua própria cultura, sem que isso seja um empecilho para a prática da modalidade. As ginastas amazonenses reafirmam as percepções sobre as potencialidades corporais que são desenvolvidas pelas exigências da modalidade, e os novos sistemas de treinamento que cada ginasta utiliza para superar as dificuldades relatadas por elas.

A pesquisa buscou na historiografia da modalidade no Amazonas, a herança cultural construída por gerações passadas, repassada como capital simbólico para as gerações futuras que a modalidade escreveu e ainda escreverá na sua trajetória. A transmissão da herança cultural pode ser vista como um processo de socialização dentro do campo da Ginástica Rítmica. A história da modalidade no Amazonas, passada de geração em geração, constitui um capital simbólico que legitima e valoriza as práticas contemporâneas. Esse capital simbólico, conforme descrito por Bourdieu, é essencial para a reprodução social e cultural, pois assegura a continuidade das tradições e das práticas.

A problemática da pesquisa se originou na padronização corporal, que em determinadas fases de evolução do esporte chegou às exigências que não contemplavam ginastas de outras

culturas, onde o padrão corporal definia as melhores das demais ginastas. A desconstrução desses padrões corporais foi abordada dentro de uma percepção simbólica, analisando as vivências corporais como possíveis expressões de corporeidade, já que não há duas corporeidades idênticas.

Usamos análise de conteúdo a partir das memórias que a história deste esporte nos revela através das vivências, a superação do novo desafio para as ginastas que iniciaram as práticas da Ginástica Rítmica no Amazonas. Matérias jornalísticas que ajudaram a entender o cenário esportivo que a modalidade conquistou na sociedade como destaque na nossa cultura local.

Quando se compreende que o passado só se torna imagem do passado quando um momento presente captura e o articula enquanto tal: “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, quando é reconhecido” (Benjamin, 1985, 224).

O mapeamento desta pesquisa foi feito através da historiografia que nos permitiu aproximar diferentes períodos, e valores para entender como as mudanças sociais, culturais e esportivas influenciam na percepção corporal de modo geral, e na evolução da ginástica rítmica, pois, durante a época do militarismo, e de teorias como o eugenismo, higienismo e positivismo contribuíram para novas concepções de corpo que compõem estes estudos nas mais diversas modalidades.

A metodologia assume as orientações da abordagem qualitativa e análise de conteúdo, sendo que nossa proposta foi entrevistar treze (13) ginastas de equipes passadas, entre os anos 1970, 1980, 1990, 2000, 2010, e duas (2) da atualidade (2025), ainda em treinamento. Essas ginastas obtiveram destaque em suas carreiras esportivas, representando o Amazonas em competições fora do estado.

Os critérios de escolha das ginastas que participaram da pesquisa foram pautados nas seguintes condições: ser amazonense; ter sido atleta de GR de alto rendimento em Manaus; ter representado o estado seja em JEBs, ou Campeonatos e Torneios Nacionais; ter no mínimo quatro anos de carreira na GR; ter vivenciado o esporte na categoria adulta (16 anos ou mais). Para traçar uma identidade regional, e entender por onde a ginástica caminhou desde sua implantação, buscamos ginastas de várias gerações: sendo quatro da década de 1970, duas da década de 1980, quatro da década de 1990, três da década de 2000, e duas de 2010/2025.

Nas entrevistas fizemos a abordagem com vistas a traçar um perfil fidedigno dos atores da pesquisa, e os questionamentos abertos tiveram a intenção de mostrar como essas ginastas chegaram a obter sucesso em suas carreiras esportivas. Indagamos sobre quais os maiores desafios de permanecer no esporte seguindo nos treinamentos e nas competições, e como o seu

tipo físico colaborou ou não para seu êxito. Questionamos se essas ginastas estavam satisfeitas com o seu corpo, se pudessem trocar algum segmento corporal, qual seria, e como elas se adequaram às exigências das práticas corporais da ginástica rítmica em Manaus.

Segundo Bardin (2004, p. 89) a análise de conteúdo apresenta as seguintes etapas no seu processamento: 1) Pré análise: nesta etapa o pesquisador vai realizar a “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, e a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final”. 2) Descrição analítica: o material é submetido a um estudo aprofundado orientado pelas hipóteses e pelo referencial teórico. Procedimentos como a codificação, a categorização e a classificação são básicas nessa fase. Busca-se sínteses coincidentes e divergentes de ideias; 3) Interpretação referencial: a reflexão, a intuição com embasamento nos materiais empíricos estabelecem relações, aprofundando as conexões das ideias. Nessa fase, o pesquisador aprofunda sua análise e chega a resultados mais concretos à pesquisa. (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>).

Fizemos as entrevistas gravadas em áudios no celular, em home office, e presencial, garantindo a descrição e reflexão e interpretação do texto analisado. Uma análise piloto foi realizada para desenvolver a técnica temática ou categorial, assim as dúvidas e dificuldades foram manifestadas e devidamente ajustadas, nos dando tempo para reformular caso houvesse necessidade, que neste caso, não houve.

Para que as ginastas tivessem tempo de preparar o material, foi enviado previamente com dez dias de antecedência, um questionário com doze perguntas, para que elas refletissem sobre suas lembranças, e preparasse suas respostas. Durante as entrevistas se observou que as ginastas buscavam o máximo de informações possíveis para atender as questões sobre suas vivências corporais. Somente uma das investigadas respondeu por escrito o questionário. As demais ginastas, preferiram ser entrevistadas e gravadas.

Para Moraes (1998) na fase de categorização, várias dúvidas irão surgir em relação às classificações, que serão feitas e a fácil localização da unitarização no texto original irá subsidiar as escolhas e definições que serão estabelecidas. Ou seja, para cada unitarização o contexto a que ela se refere nunca poderá ser desconsiderado ou “esquecido”, o que indica que diante do volume de material a ser analisado, o pesquisador, “em cada momento seja possível saber donde provém cada fragmento, possibilitando o retorno aos textos originais sempre que necessário” (Moraes, 1998, p.121).

Baseado nos interesses da pesquisa os dados coletados atenderam às expectativas propostas pela abordagem, indicando respostas pertinentes a identidade da GR amazonense, e

respondendo a questão que norteou a escolha das personagens, ou seja, indicando como foi a adequação do corpo e como superaram as dificuldades impostas pela modalidade.

Para a identificação das personagens da pesquisa, criamos um código, que foi denominado Ginasta (G), seu número, (01) (01, ou 02,03,04,05,06,07 etc.) e registramos o ano de ingresso na modalidade, e o ano que encerrou sua carreira (Ex:78/85). Seguido da fase em que pertencia a equipe como seleção ou clube, (Ex:1ª Eq) ou (Ex:EqC): como exemplo G01-74/78 2ªEq, ou, G11-06/16 EqC. Traduzindo aqui, a primeira ginasta iniciou em 1974, e encerrou sua carreira em 1978, esta ginasta pertencia a segunda equipe de ginastas do Amazonas. No segundo caso, a décima primeira ginasta iniciou sua carreira em 2006, e encerrou em 2016, ela pertencia a um clube de Manaus.

Encerramos a pesquisa com as considerações finais, nas quais destacamos os resultados encontrados como resposta aos questionamentos que a originaram. Traçamos características da ginástica amazonense, e seu percurso pelas gerações de atletas que caminharam na carreira esportiva, respondendo as questões centrais do estudo. A superação de dificuldades relatadas pelas atletas relacionadas ao corpo e a sua origem, e como foi o processo de adequação à modalidade, revelando as estratégias desenvolvidas por estas atletas.

A pesquisa mostra, portanto, que os esportes são mais do que simples jogos; eles são uma parte fundamental do tecido social e cultural das sociedades ao redor do mundo. Eles refletem e moldam as culturas, unificam comunidades e oferecem uma plataforma para avanços em várias áreas. O estudo assume assim fundamental importância para aprofundar discussões mais efetivas sobre a temática da diversidade e alteridade corporal e quebra de padrões no esporte, como referência para julgamentos futuros, e mudanças que precisam ser avaliadas e reconstruídas visando o crescimento da modalidade.

O estudo só foi possível pela oportunidade que a interdisciplinaridade oferece ao pesquisador do PPGSCA, que, ao mergulhar nos entrelaçamentos que a cultura e sociedade permeiam juntos a todos os acontecimentos a sua volta, podem emergir com respostas às várias dúvidas que nunca estarão totalmente esgotadas. A comunidade que se une a partir do esporte, se beneficia de pesquisas que vão além da disciplinaridade, buscando referências sociais e culturais de questões que precisam ser esclarecidas e estudadas. O pesquisador expande seu território em busca de soluções que só na troca de informações, poderão ser respondidas.

I. O ESPORTE, A DIVERSIDADE CORPORAL E CULTURAL

1.1 O esporte como construção de pontes entre as distâncias culturais

A identidade, a alteridade e a diversidade são conceitos interligados que nos ajudam a compreender a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. A valorização da diversidade e o reconhecimento da alteridade são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.

Quando um atleta sai do seu local de origem para conhecer outros lugares, encontra culturas diferentes que são percebidas, com hábitos, culinária, clima, língua, vestuário, religião, entre outros costumes, revelando uma outra realidade, uma vida diferente, que o faz refletir sobre um mundo de muitas faces, e as culturas diversas, que se unem no esporte para evoluir.

As comparações são inevitáveis gerando reflexão sobre seu próprio território de pertencimento. O impacto na evolução de um atleta pode ser muito positivo ao reconhecer as diferenças entre tantas culturas. Nesse contexto, o esporte desempenha um papel importante na promoção da interculturalidade, permitindo que pessoas de diferentes origens se conectem e compartilhem experiências.

Os eventos esportivos nacionais e internacionais promovem esse intercâmbio, trocando experiências importantes para sua evolução, e moldando seu caráter a novas vivências como um fator positivo. Aprender novos idiomas é uma das formas mais eficientes de facilitar e se identificar com outras culturas, possibilitando uma comunicação mais rápida e profunda de entendimento sobre a convivência entre culturas diferentes. A comunicação deve ser aberta, franca e respeitosa, o respeito é a base para construção de relações saudáveis. Viagens onde culturas diferentes se encontram agregam muita riqueza no aprendizado sobre diversidade.

As danças são muito características de cada lugar, e servem de identidade cultural para muitos povos que recebem, ou se apresentam levando sua cultura a outras partes do mundo. Na alimentação fica sempre registrado o sabor do que é a marca mais profunda de um povo.

Considerando que a empatia e a tolerância são valores fundamentais na interculturalidade, é preciso colocar-se no lugar do outro, compreender suas perspectivas e sentimentos, para assim construir pontes de entendimento e solidariedade entre as culturas. A tolerância, por sua vez, implica em aceitar as diferenças e conviver pacificamente com elas. A formação de um pensamento crítico sobre a diversidade existente no mundo, a reflexão sobre preconceitos e discriminação, são primordiais para que dentro dos espaços esportivos seja combatido todo e qualquer ato que venha a causar desconforto sobre estes temas.

A interculturalidade é um conceito que se refere à interação e convivência entre diferentes culturas, promovendo o respeito, a comunicação e a compreensão mútua. Nesse sentido, existem alguns princípios fundamentais que devem guiar as relações interculturais, a fim de garantir uma convivência harmoniosa e enriquecedora para todos os envolvidos. Boaventura Souza Santos (2009) defende que, “a globalização pode ser vista como a expansão de localismos específicos bem-sucedidos. Dessa forma, as nações centrais se especializam em localismos que se tornam globais, enquanto os países periféricos têm que optar entre essas globalizações localizadas” (Santos, 2009).

No futebol, por exemplo, o Brasil foi inicialmente influenciado pelo estilo europeu, mais técnico e baseado no jogo coletivo. Contudo, o modo brasileiro de jogar, com ênfase nos talentos individuais, dribles e gingados, demonstra uma resistência à globalização através de uma apropriação local e contra hegemônica. Um dos princípios essenciais da interculturalidade é o respeito pela diversidade cultural. Isso significa reconhecer e valorizar as diferenças entre os diferentes grupos culturais, sem julgamentos ou preconceitos. O respeito é a base para a construção de relações saudáveis e igualitárias entre as culturas.

Autores brasileiros como Tubino (2010) consideram o esporte, “como um dos mais importantes fenômenos dessa transição de séculos, tem merecido da intelectualidade e da mídia internacional uma atenção especial que tem permitido aprofundamentos políticos, sociais, culturais, educacionais, científicos e antropológicos. Esses estudos vão pouco a pouco, inserindo de forma consolidada, fatos esportivos na contemporaneidade fazendo com que o esporte cada vez mais se torne uma das prioridades das diversas sociedades do mundo atual”. (Tubino, 2010, p. 17).

Bracht (2005) ressalta em seus estudos que a expansão do esporte nem sempre decorreu sem oposição e resistência, pois, para a classe trabalhadora da passagem do século, era considerado como de uma outra cultura, a burguesia, que já praticava a ginástica como esporte. Sobre essa fase ele nos relata que:

É importante observar que a expansão do esporte enquanto elemento da cultura europeia, para outras culturas, significou em muitos casos um confronto entre formas distintas de práticas corporais, que em muitos casos, levou à adaptação da cultura à cultura corporal europeia, portanto à sua esportivização, ou simplesmente a destruição, ou desaparecimento. Em países africanos é comum perceber o esporte enquanto cultura corporal de movimento ativa e as práticas corporais originais sendo folclorizadas (Bracht, 2005, p.15).

Para Bracht (2005) a difusão do esporte, como parte da cultura europeia, para outras culturas frequentemente resultou em um choque entre diferentes formas de práticas corporais.

Esse processo frequentemente levou à adaptação dessas culturas à forma europeia de práticas corporais, ou à sua esportivização, ou até mesmo à sua extinção. Nos países africanos, por exemplo, é comum observar o esporte como uma cultura corporal de movimento ativa, enquanto as práticas corporais originais passam a ser vistas como folclore.

Por interpretações de leituras do sociólogo Bhabha (1998, p.76), a identidade se consolida pela simples troca de olhar onde se estrutura a posse do lugar,” pois não há um nativo que não sonhe pelo menos uma vez se ver no lugar do colono”. Identidade é o conceito que atravessa as áreas da sociologia e da antropologia e está ligado às características do grupo social no qual o indivíduo está inserido. Alguns fatores tais como a cultura, a história e o idioma são importantes para que um grupo compartilhe elementos identitários. A identidade cultural é uma das divisões que compõem o conceito de identidade. É definida a partir da cultura que o indivíduo entende como sendo sua, bem como das manifestações culturais que compartilha ao longo da vida com indivíduos.

Sobre apropriação, o texto de Marilene Corrêa a seguir, mostra como reflete a alteridade cultural, evidenciando como a apropriação de territórios e culturas sem entendimento profundo pode levar à transformação forçada dessas culturas em moldes europeus.

A ideia de multiterritorialidade, onde diferentes culturas coexistem e se entrelaçam, é desafiada quando uma cultura dominante tenta absorver e redefinir outra. A riqueza cultural da Amazônia, ao ser folclorizada e convertida em patrimônio europeu, mostra um exemplo de como as relações de poder afetam a preservação e valorização das identidades culturais originais. Assim, a alteridade cultural nos faz refletir sobre a importância de reconhecer e respeitar as diferenças culturais, em vez de tentar unificá-las sob uma perspectiva hegemônica. Segundo Silva (2023),

Apossar-se sem conhecer não faz uma conquista. Isso implica em apropriação. Política colonial, mercantilista, absolutismo monárquico, articulados e/ou combinados realizaram a posse e conduzem o processo de conquista e colonização da Amazônia; transformam seu espaço, suas populações, seus recursos e suas culturas em patrimônios europeus. Como parte do Novo Mundo, atribuem-lhe uma função nova ao inseri-la no jogo político internacional do Velho Mundo. As forças políticas, econômicas e sociais da Europa são tonificadas com a energia americana. Potenciá-las para as necessidades de superação e de sobrevivência do antigo regime traduz as contradições deste empreendimento (Silva. C.M. 2023, p.20)

A conquista sem entendimento verdadeiro não constitui uma conquista real; ela envolve apropriação. Políticas coloniais, mercantilistas e o absolutismo monárquico, juntos ou combinados, assumiram o controle e dirigiram a conquista e a colonização da Amazônia.

Transformaram seu espaço, suas populações, seus recursos e suas culturas em propriedade europeia.

A alteridade expressa e determina a qualidade, estado ou características do outro, ou seja, aquilo que é diferente daquilo que vivemos. A relação entre o eu e o outro é definida então pelo conceito de alteridade. No conceito antropológico o **eu** só posso ser entendido a partir da interação com o outro. A noção do outro, assim como os hábitos e a dinâmica social adotados pelo grupo social colaboram para o entendimento e assimilação dos mesmos conceitos no eu. Neste contexto, o processo de diferenciação estabelecido entre o eu e o outro é importante para a definição do entendimento do que eu sou, do que o outro é e, portanto, do que não sou. Entende-se a partir daí, as noções que se firmam das diferenças entre o eu e o outro.

É importante ressaltar que o conceito de alteridade não tem intenção de destruir ou diminuir a cultura do outro, apenas observá-la para estabelecer diferenças entre a nossa cultura e construções sociais em relação ao mesmo elemento da cultura do outro. Ainda sobre as características da Amazônia pré-colonial que traz como marca a diversidade de povos, de línguas, de organização societária, e tudo que se refere a cultura de seus primeiros habitantes, a socióloga Silva (2023) nos afirma que:

A Amazônia indígena pré-colonial que se dava a conhecer aos europeus apresentava-se como portadora de diferenças físicas, culturais, linguísticas, traços ou elementos constitutivos de nacionalidades diversas, que o etnocentrismo civilizado não consegue esconder, nem pode nivelar mediante de simplificações como o fizera no resto do Brasil. O” Mura barbado, o Mundurucu de alta estatura, o Parintintim de uma “fisionomia irrepreensível”, por exemplo fugiam da classificação geral do índio imberbe, baixa estatura,” “nariz chato e beiços grossos” (Silva, M. C. 2023, p.167).

A riqueza cultural é a celebração das diferenças físicas entre os povos e enriquece a cultura, ao destacar a diversidade estética e as distintas formas de expressão cultural, como também, ao reconhecer e valorizar as características únicas de cada grupo, como mencionado no texto, preservamos a história e a identidade dessas comunidades, evitando simplificações prejudiciais. Fazendo da diversidade corporal, longe de ser uma desvantagem, é uma força que contribui significativamente para a riqueza do esporte e da cultura.

O esporte desempenha um papel significativo na aproximação de culturas diferentes e oferece benefícios em várias dimensões, servindo como um agente na reunião de pessoas de diferentes origens, culturas e crenças em um espaço comum. Promove a inclusão social, permitindo interação e aprendizado com outros atletas. Manuel Patrício lembra que as “deslocações e encontros de povos tiveram sempre consequências culturais, provocaram

mudanças culturais de um lado e de outro, do lado do que chega e do lado do que está” (Patrício, 2009, p. 112).

Ainda sobre a importância da identidade cultural nos afirma que: “nesta era da globalização que se caracteriza pela uniformização cultural, a riqueza das nações passará pela afirmação da sua identidade. Situação a ser estimulada na nossa sociedade através do diálogo e cooperação intercultural” (Patrício, 2009, p.123). Sobre a globalização e afirmação de identidade, o esporte segue unindo culturas, e trocando importantes informações nos intercâmbios. A Ginástica Rítmica é uma modalidade que usa a música como seu “Norte”, sendo sempre uma tradição de cada cultura levar o seu ritmo às grandes competições, onde se percebe a diversidade cultural através dos variados ritmos apresentados artisticamente.

Em 2006, duas ginastas amazonenses puderam conhecer uma nova cultura esportiva, fazendo intercâmbio com a Bulgária. Considerada uma das escolas mais respeitadas no mundo da Ginástica Rítmica, a escola búlgara foi campeã por mais de uma década, com ginastas que se tornaram ícones da modalidade como Maria Petrova, Bianca Panova, e outras. As ginastas Bianca Maia e Amisa Crisfhane tiveram a experiência do intercâmbio apoiadas pela SEJEL (Secretaria Estadual de Juventude Esporte e Lazer), e suas famílias que também assumiram compromisso em custear parte das despesas. Essa troca de experiências foi importante nas carreiras esportivas destas ginastas.

O intercâmbio com a Bulgária, resultou em outras viagens que trouxeram às ginastas mais motivação e muito aprendizado na experiência com uma cultura diferente, extremamente sistematizada nas técnicas de trabalho, mas, principalmente no comportamento diante do trabalho e da forma como valorizam o esporte e se comprometem em suas metas.

A técnica Giurga Nedialkova foi quem fez a ligação entre as partes para que se firmasse um acordo de responsabilidade pelas ginastas que só tinham 14 anos na época, e foram sozinhas na viagem internacional. Nas duas vezes que estas ginastas estiveram em intercâmbio na Bulgária, participaram de competições com ginastas de nível mais elevado. Essa experiência foi decisiva para melhorar os resultados obtidos nos anos que seguiram, nas competições nacionais mais importantes como o Campeonato Brasileiro. Na manchete “Estágio na Bulgária em busca do ritmo perfeito”, o jornal *A Crítica* publicou,

Reveladas na Vila Olímpica de Manaus, as ginastas Bianca Maia e Amisa Crisfany vão treinar no Leste Europeu, a dupla será treinada por uma professora acostumada com nossas ginastas. “As ginastas foram convidadas para competição internacional”. A ginástica do Amazonas começa a ganhar espaço, depois de sediar o Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica na categoria pré-infantil, no ano passado a modalidade

teve muitas conquistas. A primeira foi a viagem da dupla Bianca Maia e Amisa Silva à Bulgária para o curso de aperfeiçoamento, logo em seguida veio o convite para elas participarem do Torneio Internacional de Ginástica Rítmica na cidade de Sófia, capital da Bulgária. A competição aconteceu nos dias 7 e 8 de julho de 2007.

Neste momento histórico para a ginástica amazonense foi construída uma imensa ponte de acesso com via de mão dupla, tendo em vista que a professora Giurga Nedialkova já fazia parte do grupo de trabalhos com as ginastas do Amazonas. Seu trabalho iniciou em 2006 quando veio para acompanhar o processo de implantação do CTARAm (Centro de Treinamento de Alto Rendimento do Amazonas)¹.



Figura 1. Ginastas Bianca Maia e Amisa Chisfany na Bulgária Fonte: Jornal A Crítica

A foto (fig. 1) faz referência às duas ginastas que foram à Bulgária para intercâmbio pela primeira vez. Em 2012 mais três ginastas selecionadas também fizeram o intercâmbio, sendo elas: Emile Góes, Amanda Sales e Maria Izabel Padilha. As ginastas foram acompanhadas desta vez pelas técnicas responsáveis pelo trabalho em Manaus, neste caso, Alessandra Balbi e Sâmia Maia. Nota-se, portanto, uma evolução no investimento para que o resultado do trabalho não seja só para as ginastas, mas também na capacitação de técnicas da modalidade. Em 2013, mais uma vez, ginastas amazonenses se deslocaram para Bulgária em busca de maior aprimoramento técnico, e uma preparação psicológica mais eficiente.

Os gestos, os movimentos e as expressões são fortemente influenciados por fatores culturais. Não somente crenças culturais variam de cultura para outra, mas também a diversidade de comportamento e práticas humanas. A cultura é responsável pelo importante

¹CTARAm foi implantado em Manaus em 2005, para desenvolver o esporte de alto rendimento no Amazonas. A ginástica rítmica foi contemplada com investimento que trouxeram resultados relevantes neste período.

papel na perpetuação das normas e valores de uma sociedade, proporcionando oportunidades únicas de criatividade e de mudanças.

A partilha de valores e experiências vai além das barreiras linguísticas e culturais. Quando jogamos ou assistimos um jogo, compartilhamos emoções, percepções, e compreendemos a linguagem corporal como universal, aproximando e criando um senso de comunidade no universo esportivo. A Organização das Nações Unidas (ONU), segue debatendo sobre o tema, com o propósito de avançar como meta na contribuição do esporte na busca da diversidade e inclusão, e na construção da paz e do desenvolvimento.

Em seu discurso, Nassir Abdulaziz Al-Nasser, representante para a Aliança das Civilizações das Nações Unidas fala: “Devemos olhar para o mundo dos atletas para encontrar estratégias construtivas sobre como superar estes desafios”². Imagine o mundo inteiro fosse assim: uma comunidade global onde qualquer um pudesse jogar e onde a inclusão social não fosse determinada pelo tamanho, cor, raça, língua, credo ou qualquer outra coisa.

As pessoas participam simplesmente por causa de seu interesse, paixão e habilidade. O amor ao jogo unificaria todas as pessoas, todos os companheiros de equipe. Nada mais importava” (2014). Em 2020, durante a pandemia do Covid-19, atletas brasileiros se alojaram em países onde a abertura de centros de treinamento já estavam funcionando. Em matéria publicada pelo *Estadão* em 26 de agosto de 2020, podemos acompanhar:

Afetados pela pandemia, atletas olímpicos se “refugiam” fora do país para treinar. A eclosão da pandemia do coronavírus afetou diretamente a rotina de todos os atletas, incluindo os que se preparam para os Jogos Olímpicos de Tóquio, adiados para 2021. Com as competições paralisadas e os centros de treinamento fechados durante meses, os atletas tiveram que se reinventar e mudaram suas programações de atividades para que não ficassem tão prejudicados. [...]Os clubes e centros de treinamento estão sendo abertos aos poucos no País. No final de julho, na semana em que seriam realizados os Jogos de Tóquio, [...]A pandemia atingiu diretamente a equipe nacional. Torneios foram cancelados – as disputas entre as seleções costumam ocorrer de abril a outubro – e atletas ficaram parados por meses, com as temporadas dos clubes sendo encurtadas. [...]O técnico José Roberto Guimarães planejava reunir as jogadoras para atividades no CT da CBV, em Saquarema, mas os planos tiveram de ser adiados. O treinador divide as atenções entre a seleção e o São Paulo/Barueri, do qual também é técnico. Ele busca investidores para o time, mas ao mesmo tempo não pode se esquecer da seleção, com foco em Tóquio.

São essas as pontes que só o esporte pode criar em momentos de tensão mundial, como foi a crise de saúde vivida pelo planeta desde 2020. Trocar seu território de conforto por outro, que passa a ser o melhor território para fazer o tempo render, e não parar, mesmo com uma

²[Aliança das Civilizações da ONU: atos violentos com base em etnia e religião devem parar | As Nações Unidas no Brasil](#), 22 de julho de 2013.

pandemia acontecendo. São os acordos que podem ser formados entre culturas que se ajudam em prol do esporte, que para os atletas consegue ser maior que a própria pandemia.

A busca de lugares onde o esporte pode ser ainda mais eficiente na sua prática, é uma constante na vida de atletas. Intercâmbios esportivos, troca de experiências, exploração de novas técnicas e métodos, adaptação ao clima, são estratégias usadas por atletas que visam melhorar sua performance, atingindo seu ápice na competição. Na nossa região norte, o Amazonas, onde está situada a capital Manaus, vivemos uma realidade que dificulta a saída e entrada por meio terrestre, restando a via aérea como meio de transporte mais usado, e por consequência, também o mais caro.

Nosso meio de transporte principal é o rio, onde navegam barcos, navios, canoas e balsas, ligando nossos municípios. Nossas estradas são limitadas a BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, e outros lugares dentro deste perímetro, como Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Roraima à Venezuela. Fazendo assim a ligação de Roraima ao restante do país, tornando-a a espinha dorsal do transporte no estado. Foi iniciada no governo militar, porém, só foi concluída em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso³. Através dela se faz o escoamento de produção e transporte de pessoas. Desempenha um papel crucial para o amazonense, conectando-o a outros estados brasileiros.

A antiga Transamazônica, também conhecida como BR-319, é uma rodovia que liga Porto Velho (RO) a Manaus (AM), atravessando uma das regiões mais preservadas da Amazônia, porém, somente uma parte dela é trafegável. Ela tem a função de ligar o Amazonas a outros estados brasileiros, levando aproximadamente 4,5 milhões de habitantes da região norte a ter acesso ao centro-sul do país, diminuindo o isolamento desses estados e a uma melhor integração regional.

Por estar localizada dentro de uma região muito rica em biodiversidade, as questões ambientais causam atraso no andamento de seu asfaltamento. É importantíssimo que essas questões sejam priorizadas e o seu processo de recuperação seja implementado com urgência. Na década de 1970, a rodovia foi construída durante o regime militar brasileiro e inaugurada em 1973. No entanto, logo se deteriorou e, até 1988, estava intransitável. Em 2008 iniciou um programa de manutenção na BR-319, que possibilitou uma alternativa aos transportes fluvial e via aérea. Sua pavimentação completa ainda não foi concluída, necessitando de aprovação ambiental para que a floresta seja preservada, e a obra possa ser terminada.

³ Presidente do Brasil no período de 1994 a 2001 (dois mandatos).

Sob as condições ambientais a rodovia atravessa áreas de floresta tropical densa e ecossistemas sensíveis. O desmatamento e a construção podem causar impactos ambientais significativos, como a perda de biodiversidade e afetar o clima na região. Sendo muito difícil acessar a região, levar até os locais de obras equipamentos torna-se um desafio, ainda se agrava quando chega a estação de chuvas no inverno amazônico. Comunidades indígenas vivem ao longo da estrada, devendo a rota prever esses direitos que cabem a quem já vive na região, dando condições de preservação de terras e de seu modo de vida. Os interesses sobre essa questão geram muitas divergências entre ambientalistas, empresas e governo.

Para o cidadão amazonense, seria de grande importância ter uma forma mais prática e barata de sair para outros lugares. Encontrar um ponto de equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a conservação, é um desafio a ser alcançado e conquistado. A conclusão da BR-319 pode trazer diversos benefícios econômicos para a região e o país. A integração regional fazendo a rodovia conectar o Amazonas e Roraima ao restante do Brasil por via terrestre, facilitando o transporte de mercadorias e pessoas. Isso estimula o comércio e a troca de produtos entre as regiões.

A redução de custos de transporte que na atualidade essa logística de transporte na Amazônia é cara e depende principalmente de barcos e aviões. Com a BR-319, os custos de transporte seriam reduzidos, beneficiando empresas e consumidores. O desenvolvimento de novos negócios também seria mais eficiente com a abertura da rodovia. Isso poderia atrair investimentos em setores como agricultura, pecuária, turismo e mineração e novos empreendimentos poderiam surgir ao longo da rota.

A geração de empregos com a construção e manutenção da BR-319 criaram empregos diretos e indiretos na região, impulsionando a economia local. O acesso a recursos naturais através da rodovia facilitaria a entrada em áreas ricas em recursos naturais, como minérios, madeira e produtos da biodiversidade amazônica. No entanto, é importante equilibrar esses benefícios com a preservação ambiental e o respeito aos direitos das comunidades locais. A conclusão da BR-319 deve ser cuidadosamente planejada para maximizar os ganhos econômicos sem comprometer o meio ambiente e as populações indígenas.

Como contribuição para o pensamento crítico social da Amazônia, Djalma Batista em seu livro “O Complexo da Amazônia”, nos deixa um relato de quase 50 anos depois, que faz de suas pesquisas ainda consideradas atuais. Seus relatos sobre a região amazônica, se tornam um documento valioso do pensamento brasileiro sobre a questão regional e as relações entre a região e a nação.

O “choque de culturas”, tanto para o “indígena” quanto para o “branco”, corroborou para mudanças de comportamento, perda de traços culturais para o indígena, transformou sua forma de trabalho, hábitos alimentares, sendo influenciado pelo europeu. Deu início portanto, ao desequilíbrio ecológico, com a chegada do que era considerado a “civilização”, chegaram as missões religiosas com o objetivo de “pacificar”, “amparar” e “cristianizar” os indígenas, sendo denominado pelo autor como a “tentativa de humanização” das populações locais. Como consequência desse contato o autor nos relata que:

Dois fatos singulares, porém, merecem ser destacados: primeiro- o espírito do índio permanece e sobrevive, nas suas grandes dimensões culturais, o que constitui a meu juízo, a lição maior da luta racial secular; segundo- evidente regressão social e cultural dos silvícolas, após o contato com o branco. (BATISTA, 2007, p.5)

Para o pesquisador, a imagem de atraso da Amazônia em termos socioculturais e econômicos, tornou a região alvo de políticas desenvolvimentistas nas décadas de 1960-70, criando como lema “integrar para não entregar” do governo militar da época. Na opinião de Djalma Batista a integração da Amazônia ao restante do Brasil está relacionada à imagem que o Sul e o Sudeste têm sobre a região. Segundo Batista (2007),

O enquadramento da Amazônia na vida econômica e política do Brasil se transformou, de acordo com o pensamento de Speridião Faissol numa verdadeira esfinge: ou a deciframos ou ela nos devora. E é inegável que o país reagiu favoravelmente ao desafio amazônico, culminando na Operação Amazônia (governo Castelo Branco), continuada no programa de Integração Nacional (governo Garrastazu Médici), e no Programa dos Polos de Desenvolvimento (governo Ernesto Geisel) (Batista, 2007, p. 125).

A ligação com outros estados poderia nos proporcionar maior facilidade de acesso possibilitando a realização de eventos esportivos e competições, atraindo mais atletas e espectadores de diversas regiões. Além disso, facilita o intercâmbio de conhecimento e a realização de programas de treinamento esportivo, beneficiando a formação de novos talentos. Ao analisar o pensamento de Djalma Batista sobre como outras culturas nos enxergam, podemos perceber o quanto e como a Transamazônica contribui diretamente para o “enquadramento da Amazônia na vida econômica e política do Brasil”, enfrentando o desafio amazônico e promovendo a integração nacional através da economia, cultura e esporte.

Na opinião do professor Renan Freitas Pinto, em seu livro *Viagens das Ideias*, é citado como indispensável à boa leitura, e considera as análises de Djalma Batista como um daqueles poucos momentos em que a inteligência regional conseguiu realizar um processo de ruptura

com as noções correntes e dominantes, criando um padrão de leitura das fontes históricas, consoante Pinto (2008),

É, portanto, um livro capaz de satisfazer diferentes interesses de leitura. O pesquisador em busca de dados diferentes sobre a história do cotidiano do mundo rural e do mundo urbano na Amazônia encontrará informações surpreendentes, como é o caso da pequena história da aviação, e dos caminhos da informação e da comunicação (Pinto, 2008, p. 216).

É importante ressaltar que o autor não atribui o atraso no processo de desenvolvimento da região ao nosso isolamento espacial, nem ao clima, ou a natureza hostil. A ordem desse atraso se deve aos fatores culturais e sociais. A forma como foi ocupada a região, com métodos de exploração predatórios e destrutivos, não apenas no que cabe aos recursos naturais, mas, também e principalmente a diversidade cultural que existia em múltiplas etnias representadas na região, que foram negligenciadas em suas contribuições para a cultura, sendo usadas na mão de obra pelos colonizadores.

O que queremos lembrar é que os elementos que contribuem para a diversidade das sociedades estão constantemente se correspondendo com as diversidades da natureza, mas se desenvolvem predominantemente na esfera das relações culturais, e possuem inevitavelmente uma história, muitas vezes marcada por um conjunto complexo de fatores e circunstâncias (Pinto, 2008, p. 223).

As pontes que ligam o esporte a todos os lugares do planeta são principalmente sustentadas pelas culturas que carregam nos seus veículos, ou seja, os corpos que se deslocam para ir em busca de experiências agregadoras. A troca é inevitável pelo modo como o esporte se mostra acessível e disposto a fazer os intercâmbios territoriais e culturais. Manter estas pontes vivas é uma tarefa delegada ao esporte como agente de diversidade e equidade, sem perder a identidade que cada cultura carrega na sua bagagem histórica.

Para autores como Saraiva “a globalização apresenta-se assim como um fenômeno muito antigo, que tem vindo a aumentar sua velocidade ao longo do século XX com a evolução dos transportes e das comunicações. A globalização “vem de mãos dadas com o progresso e não depende da nossa vontade” (Saraiva, 2007, p. 270).

Nesta afirmação podemos vislumbrar no futuro mudanças culturais que podem afetar ainda mais, de forma prejudicial, nossa identidade, com possíveis desaparecimentos de costumes e valores culturais, tornando a cultura cada vez mais padronizada e dominada pelos “poderosos”, criadores de padrões.

Sobre o domínio cultural, o autor também afirma que “assim, com a mistura dos povos tenderá a haver uma única característica física, uma única etnia, cultural e linguística. Esta última, não resultará na fusão das outras, mas na imposição de uma como a mais forte, sendo atualmente o inglês aquela que mais se fala internacionalmente, podendo ela tornar-se universal” (Saraiva, 2007, p. 272).

As interferências culturais devem acontecer, porém, sem destruição de uma cultura sobre outra. Globalizar para dar acesso a informações, facilitar o conhecimento de outras formas de cultura, é uma ferramenta poderosa que o esporte tem levado através de sua história. O orgulho ao ver sua bandeira sendo elevada, é o mesmo que ver sua cultura sendo reconhecida pelas outras.

De acordo com o referido, “a globalização comprime, uniformiza e destrói, levando-a à cultura dominante, no fim tenderá a ser mais pobre, porque é uma cultura que terá de servir a todos. Não terá grande sofisticação nem nuances que só são apreensíveis por alguns” (Saraiva, 2007, p. 273). A manutenção das identidades culturais, das tradições e costumes, das combinações entre culturas que constroem no esporte novas formas de evoluir como valor de equidade e justiça para todos, são as contribuições que este fenômeno, como é citado por vários autores, deve deixar como preservação da identidade e alteridade, onde a diversidade é quem deve ter papel de destaque.

A cultura está sujeita a fenômenos de transformação, de mudança, de evolução e até de mutação talvez. Contudo, “a cultura é uma entidade extraordinariamente resistente e duradoura” (Patrício, 2009, p. 112). Culturas independentes e puras não existem. As tradições resultam de uma mistura confusa de influências múltiplas e (...) alimentam-se de práticas complexas que se vão modificando ao longo do itinerário cronológico que percorrem, através de dinâmicas próprias de processos de readaptação que lhes permite sobreviverem” (Albuquerque; Ferreira; Viegas, 2000, p.5).

O Amazonas sempre apresentou uma construção cultural mutável, ou seja, constituído de mudanças quer no aspecto subjetivo sendo este a noção de si e sentimento de identidade, como no aspecto objetivo sendo a delimitação de território, características físicas da população, organização econômica, estruturação social, arquitetura civilizacional.

A região tem uma riqueza cultural que é realmente fascinante. As mudanças no âmbito subjetivo e objetivo refletem uma adaptabilidade notável ao longo do tempo. No que diz respeito ao aspecto subjetivo, a identidade e o sentimento de pertencimento dos amazonenses

foram moldados pelas interações com diferentes grupos culturais, desde os indígenas até os imigrantes mais recentes. Isso resultou em uma identidade única e diversa.

No aspecto objetivo, a delimitação de território e as características físicas da população têm sido influenciadas pela geografia e pelo clima da região amazônica. A organização econômica também passou por várias fases, desde a exploração de recursos naturais como a borracha até a busca por um desenvolvimento sustentável.

A estruturação social e a arquitetura civilizacional também são reflexos dessas mudanças. Por exemplo, as comunidades ribeirinhas e indígenas têm uma organização social que é adaptada às condições da floresta e dos rios, enquanto as cidades, como Manaus, exibem uma mistura de influências arquitetônicas e urbanísticas. Porém, essas mudanças nem sempre foram espontâneas, mas impostas pelos colonizadores que não se importaram com a cultura encontrada, e de forma impositiva trouxeram suas próprias culturas como majoritárias. Sobre a Amazônia do séc. XVII e XVIII, e seus colonizadores, eles aprendiam com as etnias dominantes, como contornar as diferenças entre as diversas tribos, para melhor submetê-las ao processo de colonização. Silva (2023) cita que:

O não reconhecimento da alteridade desses povos era, no plano político da colonização, a necessidade de submetê-los física, social e culturalmente como índios vencidos. As razões da expropriação de suas terras e de utilizá-los como escravos impõe ao colonizador a necessidade de generalizá-los como uma unidade étnico cultural inferior, e de subalternizar-lo às condições de dominação colonial, porém, tinha base na transformação dos índios vencidos em aliados e, posteriormente, em súditos inferiores. (Silva, M.C.2023, p.169).

Podemos citar também o período do Ciclo da Borracha, que ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX. Foi marcado pela extração do látex e comercialização da borracha. A região amazônica foi atraída por milhares de pessoas, principalmente do Ceará, e cidades como Manaus e Belém cresceram economicamente, nos anos de 1879 a 1912. Durante o período de maior exploração milhares de imigrantes nordestinos chegaram em busca de trabalho e uma vida melhor, sobre isso escreve Benchimol (1977, p. 247).

Na visão de Euclides da Cunha (1966, v.1, p.509) descreve a organização dos seringais do Purus e as deploráveis relações de trabalho a que se submetiam os seringueiros. “Esse imigrante nordestino, é um solitário que vive naqueles deslocamentos de deserto, numa sociedade onde, um dos mais funestos atributos, é o da “dispersão obrigatória” (ibidem, p.509).

A exploração de mão de obra barata e submissa é uma conduta recorrente nas culturas consideradas frágeis pelo colonizador. Aproveitar a oportunidade para lucrar com a fragilidade

de outros, causando mudanças culturais e diminuindo a dignidade do seu subalterno. Uma questão a ser considerada na história do Amazonas, pelo paradoxo registro na história.

A imensa diversidade cultural que existe dentro do nosso Brasil, promove mudanças na sociedade criando gradualmente uma identidade, pois, a sociedade “é uma construção em permanente atividade”. No Amazonas isso se reafirma nas nossas influências da colonização de portugueses e espanhóis, que trouxeram hábitos que se incorporaram à nossa rotina, e se misturaram aos da nossa própria ancestralidade indígena. A ética da diversidade possui princípios, meios transculturais e objetivos. Para D'Ambrósio (1977, p. 11), a ética da diversidade consiste em superar a dicotomia mecanicista da vida por um processo de reintegração no cosmos. De acordo com o referido autor:

A única alternativa que nos resta é nos integrarmos a essa totalidade cósmica por etapas, a começar pela nossa integração pessoal, como indivíduos”. Ela também apresenta condutas apoiadas em princípios para “caminhar a humanidade na direção da paz interior, social e ambiental”. A violação da paz, em todas as suas dimensões, são fundamentalmente violações desses princípios éticos” (D'Ambrósio, 1977, p. 155).

Para o esporte, essas mudanças trazem informações importantes de outras culturas, já que, em sua maioria, as modalidades são oriundas de outras nacionalidades, onde prevalecem costumes diferentes dos nossos. Porém, adaptar o esporte como opção de práticas esportivas, e adequar a uma nova cultura para que possa evoluir, também agrega novas sistematizações e formas diferenciadas de ver sua prática ser estudada. Essa reflexão profunda sobre a integração pessoal, a paz em suas diversas dimensões, e a importância de princípios éticos, especificamente no contexto da troca cultural e preservação da cultura no esporte.

A troca cultural ressalta como o esporte serve como um meio para a transferência de valores, práticas e costumes entre diferentes culturas. Essa interação traz enriquecimento mútuo, permitindo que sociedades adotem e adaptem elementos de outras culturas, contribuindo para a evolução das próprias práticas esportivas. No esporte, essa troca é evidente quando modalidades estrangeiras são introduzidas e adaptadas ao contexto local, resultando em novas formas de prática e entendimento do esporte.

A preservação da cultura não deve ser esquecida. Mesmo ao adaptar novos elementos culturais, é crucial manter e valorizar os aspectos únicos da cultura original. No caso do esporte, isso pode significar a incorporação de novas modalidades de uma maneira que respeite e realce a identidade cultural local. Por exemplo, a prática de esportes tradicionais pode ser mantida e promovida ao lado das novas modalidades, garantindo que a herança cultural não se perca.

A ideia de integração pessoal e a caminhada em direção à paz interior, social e ambiental se alinham com a visão de um mundo onde culturas diversas coexistem e se enriquecem mutuamente. A paz, em todas as suas dimensões, é apresentada como um objetivo a ser alcançado por meio de uma conduta ética que respeita e valoriza a diversidade cultural.

Diante⁴ de toda essa transformação sociocultural se tornou necessário existir um estudo relacionado a essa diversidade cultural de modo a levar a um maior conhecimento e entendimento dessas distintas realidades. Mediante tais pluralidades apresentadas em todas as regiões foi que surgiu a ciência antropológica e segundo Soares, apontam para os seguintes olhares, conforme salienta o autor:

“A ciência antropológica nasce inicialmente do confronto entre culturas diferentes, não objetivamente, mas como um campo aberto que consolidar-se-ia, nos anos finais do séc XVIII. Podemos afirmar que nasceu do confronto de culturas porque é neste momento que homem procura os fundamentos da sua humanidade, descobre que cultura na qual nasceu e se desenvolveu a partir de cada ato seu, não é sua”. (Soares, 2001, p.27).

A troca cultural no esporte é uma fonte de enriquecimento e evolução, mas deve ser acompanhada pela preservação das identidades culturais locais. A integração e a busca pela paz estão profundamente conectadas à forma como lidamos com a diversidade cultural, promovendo uma convivência harmoniosa e enriquecedora.

1.2 O valor social atribuído ao corpo pela mídia

O esporte e a mídia formam uma poderosa combinação de força e com isso influenciam muito na escolha dos esportes e modalidades praticadas, bem como no consumo de produtos e serviços oferecidos pelo mercado de vendas. Tão grande é sua influência, que pode interferir em muitas decisões tomadas pela organização de eventos e instituições reguladoras do esporte.

O desenvolvimento das ações políticas e econômicas do esporte é intensificado pela reportagem esportiva. É por meio da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informação e imagem sobre o esporte, e da combinação do sucesso com a imagem do produto, que o esporte se torna interessante para a indústria midiática (Weis, 1986 *apud* Betti,

⁴ Corpo, sociedade e extensões, Artemis de Araújo Soares, Shigeaki Ueki Alves da Paixão e Ghislaine Raposo Bacelar. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2020

1997). Por esse motivo que Betti (1997) afirma que a expressão “esporte espetáculo”, parece ser a que mais se encaixa para definir a forma assumida pelo esporte em nossa sociedade.

A exposição de atletas às manchetes e notícias esportivas é uma das mais frequentes buscas de conteúdos na TV e internet. Seguir seu ídolo torna-se uma obrigação para o fã que acompanha o esporte diariamente. Atletas de Futebol, Basquete, Vôlei, Atletismo, são sempre alvos de muito assédio por parte de seguidores. Isso os leva a ser o centro de críticas constantes, tornando-se o assunto do momento em quase todas as fases de suas carreiras.

Alguns atletas ganham não só o prestígio, mas também, dinheiro com suas imagens de campeão, levando multidões a usarem suas marcas, copiarem seu estilo de se vestir, e principalmente, ao idealizar um corpo idêntico ao de seu ídolo. As cobranças desse público também passam a ser mais enfáticas em relação às performances esportivas, a vida pessoal, e as mudanças que o atleta venha a mostrar no físico. Grandes atletas do futebol, tem sempre que mostrar um estilo diferenciado para serem destacados como únicos, ou ainda, um ícone de seu esporte.

Embora não determine ou condicione comportamentos, a mídia atua como um fator de grande influência na cultura esportiva. A mídia é o universo cultural em que as novas gerações se socializam no esporte. A TV, as redes sociais, são hoje os veículos que mais influenciam a cultura, por ser onde se agrega o maior número de pessoas. A origem e as consequências desta influência são polêmicas e requerem discussões mais aprofundadas de toda sociedade.

Os programas esportivos são hoje um grande aliado das emissoras de TV, gerando um público fiel e significativo na sua audiência. A internet também se encaixa como uma cadeia vasta de influenciadores que abordam o esporte como tema principal. O esporte espetáculo surge então como um carro chefe de audiência e grande conquistador do público mais jovem.

Os vários significados ao que denomina hoje o esporte, foram construídos historicamente de acordo com as características da sociedade em meio a seus contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. No que se refere ao esporte competitivo, surgiu na Europa por volta do século XIII (Bracht, 2009).

No seu desenvolvimento, o esporte assumiu características básicas, tais como: competição, rendimento técnico-físico, recordes, racionalização e cientificização do treinamento. Apresentando essas características, o fenômeno esportivo “tomou como de assalto o mundo da cultura corporal de movimento, tornando-se sua expressão hegemônica, ou seja, a cultura corporal de movimento esportivizou-se” (Bracht, 2009, p.13).

A influência que o esporte de alto rendimento ou espetáculo exerce dentro da cultura corporal é nitidamente percebida no Brasil. De acordo com Kunz (2004), o Movimento Humano vem sendo adestrado pelos esportes nos moldes americanos ou europeus, ignorando veementemente aquilo que é característico de cada região, estado ou país. A consequência dessa influência é o desaparecimento gradativo de culturas tradicionais do movimento, sendo elas substituídas pelos esportes modernos, ao passo que quanto maior a infiltração, maior a suposta inquestionabilidade das atividades esportivas de competição.

Como crítica a essa realidade, Daolio (2007) afirma que a cultura é o principal conceito para a Educação Física, porque todas as manifestações corporais são geradas na dinâmica cultural, e passaram por todas as etapas da evolução até os dias de hoje, expressando-se de diversas formas com significados próprios nos seus grupos culturais específicos.

Sendo nesta visão que, desde 1980, ou um pouco antes, o debate sobre o binômio Esporte/ Educação Física se afirmar com posicionamento de vários autores, pelo uso da Educação Física pelo sistema esportivo, defendendo essa como cultura corporal de movimento, e não o esporte, como costuma ser descrito. O esporte que antes era apenas competição, usado como demonstração de superioridade, passa a ser tratado como “esporte para todos”, abrindo margem para grandes campanhas publicitárias de valorização das práticas esportivas, aumentando o alcance e renovando o conceito de esporte.

A razão social antes diminuída pelas próprias limitações do esporte de competição, cresceu muito em relevância, e com isso passou a ser mais utilizado pelos canais de mídia (TV, redes sociais, jornais, revistas etc.), como meio de divulgação e comércio dos mais variados produtos (Tubino, 1992).

Vamos nos focar no corpo do atleta como um ponto de referência de suas capacidades atléticas, e suas habilidades esportivas. As referências da estética corporal são evidenciadas como padrões, que nem sempre ajudam a classificar o nível de um atleta. Podendo trazer como um resultado não esperado pelo público, um corpo fora dos padrões estéticos repetidos em propagandas de esporte, criando expectativas de sempre ver o mesmo corpo como ideal. A mídia que alimenta essa cadeia sempre busca o conteúdo de maior destaque e interesse de seus consumidores. Quando o corpo é colocado em julgamento, quase sempre as críticas se posicionam como um juiz que espera um padrão estético onde a magreza e os músculos são sinônimos de sucesso e boa forma.

Matérias de jornal, TV, revistas esportivas que se intitulam de “boa forma”, buscam criar o conceito de perfeição do corpo, onde sempre a magreza está na moda! Essa ideia passa

a ser o referencial de um público que quer ser também referência para outros, os padrões são criados e cada vez mais a saúde fica em segundo plano. Vender um conceito gera um grande interesse e lucro para muitos ramos da estética.

Em um artigo intitulado “Mídia reflete cultura do corpo perfeito e alimenta mercado da boa forma”, publicado em 2018, pelo Jornal da USP. Aborda um caso de uma pessoa que se submeteu a procedimentos estéticos, realizado pelo médico Denis Furtado, conhecido como Dr Bumbum, onde essa paciente veio a óbito. A reflexão sobre o sofrimento feminino pela busca do corpo perfeito, padronizado pelo mercado como “ideal”.⁵

O “Corpo projeto”, torna-se o objeto de desejo a ser alcançado para ostentar uma beleza inalcançável. Este corpo deve ser mostrado com uma imagem sem resquícios de gordura. Em sua tese denominada “O sujeito no discurso contemporâneo das dietas: efeitos do novo e da novidade”, o mestre em comunicação semiótica, Rodrigo Daniel Sanches, alega que historicamente todas as culturas projetam uma imagem do corpo perfeito, o que o torna um fenômeno complexo.⁶

Com efeito, os cuidados físicos revelam-se, invariavelmente, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Disciplinamos o corpo para que consigamos reconhecimento social e aprovação, estando o prazer associado ao esforço, o sucesso à determinação e a intensidade do esforço será proporcional à angústia provocada pelo olhar do outro (Novaes, 2006). Nada é gratuito, tudo é obtido num sistema de regulação de trocas.

A mídia intervém bastante no conceito de estética e beleza (e demais aspectos do consumismo) porém, não existiria essa “indústria” de culto ao corpo se não tivesse consumidores, sobre existir solução para casos como bulimia, anorexia, obesidade etc. Existe com certeza, mas somente com mudanças de opiniões sobre este conceito, partindo da sociedade e dos mais afetados pelo padrão de exigência.

A teoria da percepção em Merleau-Ponty também se refere ao campo da subjetividade e da historicidade, ao mundo dos objetos culturais, das relações sociais, dos diálogos, dos afetos, das tensões e das contradições. “O mundo percebido não é apenas o meu mundo, é nele que

⁵ SANTANA, Jonas. Mídia reflete cultura do “corpo perfeito” e alimenta mercado da boa forma. Jornal da USP, 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/midia-e-a-principal-responsavel-pela-busca-do-corpo-perfeito/>>. Acesso em: 23 fev. 2025

⁶ SANCHES, Rodrigo Daniel. O sujeito no discurso contemporâneo das dietas: efeitos do novo e da novidade. Tese de Doutorado, 2018. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-01082018-110612/>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

vejo desenhar-se as condutas de outrem” (*idem, ibidem*, p. 453). Sob o sujeito encarnado, colecionamos o corpo, o tempo, o outro, o mundo da cultura e das relações sociais.

O esporte se torna um campo fértil para explorar a relação entre corpo, mente e mundo, onde cada movimento é uma expressão da intencionalidade e da percepção do atleta. Assim, a fenomenologia oferece uma lente através da qual podemos compreender melhor as experiências subjetivas dos atletas e a importância do corpo na performance esportiva.

O papel da Educação Física não é dogmatizar os sujeitos e a sociedade sobre os problemas decorrentes do culto ao corpo, mas sim, proporcionar discernimento para determinar os seus hábitos, sem serem induzidos pela moda. A mídia não mostra diretamente o que seria o corpo ideal, mas influencia no corpo magro demais, ou exagerado em volumes, como bíceps, glúteos, seios quanto maior melhor. “A virtude e os valores humanos vão sendo resumidos a centímetros de bíceps, de cinturas, de coxas, e nádegas, sob um custo extraordinário, envolvendo exercícios e o suporte de um arsenal de drogas e de cirurgias” (Soares, 2004).

A cultura imagética multimídia molda consumidores ávidos por adquirir produtos vendidos como os perfeitos, ou seja, influenciam os seus consumidores a escolher sempre o que a mídia exalta, visando lucros maiores, sem levar em conta a real necessidade desses consumidores. A audiência alcançada e os futuros lucros que ela pode proporcionar, segundo Nazário (2009, p.70), não se dá unicamente por meio de exibição em si, mas também, por todo um esquema criado em torno da transmissão.

São várias as táticas utilizadas para chamar a atenção e para conquistar os ouvintes, telespectadores e leitores das mídias esportivas. Estas sustentam a ideia de que as atividades de competição trazem muitos benefícios e que o esporte promove a inclusão social. Estas questões comerciais que envolvem as transmissões fazem parte de uma rede complexa de relações. A primeira maneira de se mensurar essa questão é a audiência.

Os patrocinadores, sabendo que um jogo ou um campeonato muito importante será exibido sabem que a audiência será alta e procuram comprar os espaços de publicidade dispostos. Assim os patrocinadores entendem que podem obter lucros vendendo suas marcas por meio das transmissões.

A audiência não é conquistada apenas pelo campeonato esportivo, mas também pela maneira, pela forma com que é difundido. Aí é que entra o show, a alucinação, ou delírio nas transmissões esportivas, conquistando a audiência dos consumidores compulsivos de imagens, sons e marcas. Da mesma forma que conceitos estereotipados podem ser criados para induzir o público a seguir padrões, campanhas publicitárias também podem desmontar esses vícios

sociais, levando uma abordagem inclusiva e libertadora em relação ao conceito de aceitação corporal.

A exemplo desta afirmação podemos citar o movimento *Body Positive*, que surgiu na década de 1960, para trazer um olhar positivo para o próprio corpo naturalizando suas características físicas. O amor-próprio e o respeito do jeito que ele é. As mulheres são o alvo mais atingido nestes casos, sendo os *plus size* e as mulheres negras um símbolo a ser destacado por outros grupos.

Em 1967, Steve Post, um locutor nova-iorquino realizou uma ação no *Central Park* para protestar contra a discriminação que as pessoas gordas sofriam, o *Fat-in*. Essa atitude desencadeou outras manifestações que se somaram contra a discriminação do corpo, entre outras, dando abertura ao movimento *Body Positive* para desconstruir os padrões de idealização do corpo⁷. A autoestima é o ponto a ser promovido no movimento, sem padronização do conceito de ideal e perfeição criados por um mercado de moda e consumo que despreza o corpo fora da figura magra e de traços perfeitos, onde não se encaixa o nariz grande, cicatrizes, celulite e estrias, melasma, amputados etc.

O primeiro passo para aderir ao movimento é parar de se comparar com aquela referência que a mídia expõe como ideal todos os dias. Entender que cada pessoa tem experiências, estilo de vida, cultura, e um DNA diferente. Logo, nenhum corpo pode ser considerado igual, e tentar alcançar o modelo ideal, só causa insatisfação e frustração (site: beautys.com.br).

A campanha da *Always*, lançada em 2014, com o título “*Like a Girl*”, (tipo uma menina), deu um novo significado à expressão, propondo uma reflexão sobre o que seria fazer coisas “tipo uma menina”. A força e resiliência que o termo determina, ajudou a aumentar a autoconfiança de meninas mundo afora. A campanha foi eleita a melhor do século, em relações públicas. Durante a campanha uma pesquisa sobre confiança e puberdade foi realizada, revelando que metade das garotas se sentem paralisadas pelo medo do fracasso durante a puberdade⁸.

Na campanha Real Beleza da Dove, lançada em 2004, o objetivo era a autodescrição pelas próprias mulheres, onde a grande maioria mostrou um nível de autocrítica muito grande,

⁷ CENTER FOR BODY TRUST. **A brief history of fat acceptance.** Disponível em: <<https://centerforbodytrust.com/a-brief-history-of-fat-acceptance/>>. Acesso em: 5 jan. 2025.

⁸ ALWAYS. **Our epic battle like a girl.** Disponível em: <<https://www.always.com/en-us/about-us/our-epic-battle-like-a-girl>>. Acesso em: 5 jan. 2025.

e somente 4% sentiam-se seguras em relação a sua aparência. O artista forense americano Gil Zamora faz retratos-falados das mulheres com base na sua autodescrição, e depois de acordo com o testemunho de terceiros. O resultado mostrou que a autoimagem dessas mulheres era muito depreciativa em relação a si mesmas. A abordagem pretendia encorajar mulheres a se sentirem bonitas e confiantes em sua própria pele, independentemente de sua aparência física. A característica que marcou a campanha foi a diversidade de mulheres retratadas, diferentes idades, etnias, tamanhos corporais, e tipos de cabelos, refletindo a verdadeira diversidade da beleza feminina. Isso ajudou a criar uma conexão com o público, que se sentiu representado e valorizado pela marca.

A mensagem transmitida pela campanha foi de que todas as mulheres são bonitas do jeito que são, independentemente das imperfeições ou diferenças físicas. A campanha alcançou um sucesso sem precedentes, e gerou um aumento significativo na conscientização sobre os padrões de beleza irrealistas e os efeitos negativos que podem ter na saúde mental das pessoas. A utilização de mídias para promover uma cultura do corpo, vem sendo padronizada de forma a idealizar um corpo que não está ao alcance de todos, porém, se torna um objeto de desejo quando não é mostrado que outros corpos podem ser tão belos quanto os outros, sem serem idênticos.

Obviamente, como as imagens das mulheres e do feminino continuam associadas à imagem de beleza, e a tolerância para o desvio dos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade está cada vez mais baixa. “A “feiura” ou o defeito é uma das formas mais dolorosas de exclusão social hoje, mas de fato esse significado de feiura é não ter o corpo ou a estética aceita pela sociedade, ou seja, não estar dentro do padrão imposto”. (Novaes, 2005). Para o esporte o corpo é que decide que esporte irá escolher, os conceitos são revistos e reconstruídos a cada nova necessidade de adaptação. A beleza pode ou não interferir, desde que seja o esporte que prevaleça, se um corpo estiver mostrando como se pode fazer o esporte de forma adaptada a ele, será sempre o esporte o grande beneficiado com as mudanças.

1.3 A diversidade e alteridade corporal

A sociedade se organiza e com sua evolução a sociologia segue como a ciência que estuda o comportamento humano e os fenômenos que nela ocorrem, sejam eles culturais, econômicos ou religiosos. Dentre esses fenômenos, o esporte está inserido na vida das comunidades e ocupa espaço de destaque em qualquer sociedade, sendo responsável por uma

vertente da educação onde a saúde é beneficiada com as práticas esportivas. O esporte também se evidencia na sociedade como um elemento de disputa nas grandes competições olímpicas, ampliando a visão de atletas que sonham com a vitória e a consagração através de suas performances. O fenômeno esportivo ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, sejam crianças, jovens, adultos e idosos, repercutindo sob a influência dos eventos esportivos divulgados pela mídia e a identificação com ídolos.

Para Tubino (2010), “Num mundo de constantes mudanças, a atualização de informações e referências tornou-se cada vez mais imperativa. O mesmo processo ocorre nos fatos e campos sociais, pois a necessidade de mudanças / inovações nos papéis dos diferentes segmentos da sociedade marginaliza as pessoas e instituições que não acompanham as renovações de percepções e concepções” (Tubino, 2010 p.39).

Sendo cada vez mais influente na vida de comunidades e espaços sociais que buscam ocupar tempo, descobrir “talentos”, melhorar a qualidade de vida, ou ainda, o sonho de despontar com uma profissão de destaque que seja muito rentável, levando muitos jovens a sonharem com seu dia de glória no esporte, como é o caso dos esportes que pagam fortunas a seus ídolos. A exemplo disto podemos citar o futebol, o automobilismo, o boxe, o tênis de quadra, o surf, dentre alguns esportes profissionalizantes.

Ao considerar que o esporte é universal, podendo ser praticado em qualquer lugar do mundo, envolvendo classes sociais heterogêneas, promovendo a interação, cooperação, disciplina, e responsabilidade, a criatividade, transmissão de valores e socialização. Além de sua comprovada eficiência na educação de nossas crianças, nos leva a comprovar como uma potente manifestação de troca cultural e socialização.

Tubino (2010) ainda justifica que ao atender as novas perspectivas da sociedade brasileira em relação ao esporte expõe que: “O campo social do Esporte não poderia ser diferente, principalmente pela forte ação constante da mídia a exigir e a expor os fatos esportivos. Mesmo os fatos esportivos ligados à Educação e ao Lazer, estas manifestações, ligadas sistematicamente ao Esporte de Desempenho, também vão recebendo novos aspectos e entendimentos renovados consequentes” (Tubino, 2010, p. 39).

Reconhecer no esporte uma ferramenta de educação, cultura, socialização, inclusão, e território de igualdade, nos leva a enxergar a diversidade que este agente promove e impulsiona

no seu principal preceito esportivo; o *Fair Play*⁹, a equidade, o tratamento imparcial, as práticas que norteiam o universo do esporte, e nos conduz a acreditar por um momento que somos parte de um mundo justo. Se manifestando de todas as formas, seja num festival esportivo escolar, numa rua de lazer, ou na Copa do Mundo de Futebol, o esporte vem dominando uma grande comunidade que se manifesta de forma diferente sobre variados conceitos, criando uma vasta e diversa forma de se disponibilizar na sua prática.

As alterações no seu sentido se dão pela interpretação dos participantes, que deriva de suas características socioculturais. Dessa forma, a prática é transformada e caracterizada de acordo com os sujeitos envolvidos e o ambiente em que ela ocorre” efeito de apropriação” (Bourdieu, 1990).

Tubino (2010) explica que, “das diversas percepções nacionais da exposição de formas que, de fato, expressaram a apresentação do direito ao Esporte, foi possível extrair-se, por comparação e até por consenso, que o esporte nos meios educativos, o Esporte nos meios populares e comunitários e o Esporte institucionalizado abrange todas as possíveis práticas esportivas” (Tubino, 2010, p.42).

As manifestações do esporte são norteadas por duas categorias que fazem sua composição, no sentido da prática é concedido de acordo com as intenções e o contexto em que ela ocorre. Já as modalidades são as atividades realizadas sob um caráter esportivo, possuindo regras e normas próprias, muitas vezes controladas por órgãos reguladores, Associações, Federações, Confederações, Ligas e outros. Toda atividade esportiva se molda a partir de determinada modalidade, o que irá definir os valores que poderão ser transmitidos (Marques *et al.* 2006).

A elasticidade semântica pode ser justificada de acordo com a influência de três premissas básicas (Bourdieu, 1983) que interferem nas ações dos sujeitos: a) o conhecimento praxiológico¹⁰, aquele se oferece no dia a dia de forma empírica; b) a noção de habitus, sistema de conhecimento do sujeito que se dá a partir das vivências do meio social; c) o conceito de campo, local físico das relações humanas onde se encontram todo o saber construído pelo grupo social. Essas variáveis permitem identificar as diferentes formas de interpretar o que consiste

⁹ Fair Play significa um conjunto de princípios que orienta o comportamento ético e respeitoso dos participantes de uma competição esportiva. É um jogo sem trapagens, com honra e lealdade. Envolve todos que estão inseridos no contexto esportivo: árbitros, atletas, técnicos, torcida, independente de raça, religião, sexualidade ou nacionalidade.

¹⁰ Conhecimento praxiológico é o conhecimento que resulta da aplicação da praxiologia, uma teoria que explica a estrutura lógica da ação humana. A praxiologia é o estudo da conduta humana, que tem como objetivo entender as causas e consequências das ações individuais.

em ser o fenômeno esportivo. As arenas esportivas, sejam físicas ou simbólicas, são espaços onde se manifestam relações humanas que envolvem poder, identidade e tradição. Eventos como os Jogos Olímpicos ou campeonatos mundiais celebram e, ao mesmo tempo, expõem a diversidade cultural por meio da competição e da troca entre diferentes nações e culturas.

O esporte não é apenas uma atividade física, mas também um meio de expressão cultural que une povos, preserva tradições e promove o entendimento entre diferentes sociedades. Ele é um ponto de encontro de identidades, onde a elasticidade semântica permite que novas interpretações e significados sejam continuamente construídos.

Ao assistir uma partida de futebol, ou basquete, ou ainda uma disputa de corrida no atletismo, e perceber tudo que envolve uma competição, é preciso seguir regras e normas que devem ser iguais para todos, sem benefícios ou privilégios a qualquer equipe. Observar o comportamento de um atleta vai muito além da obediência a regulamentos técnicos, ele assume caráter de respeito, ética, honestidade, integridade, reconhecimento, honra e lealdade. Chamamos a isso de “espírito esportivo”, uma oportunidade de crescer e se superar com seus erros e acertos, o “Jogo Limpo”.

Tubino, explora o esporte como um fenômeno sociocultural de grande relevância, ainda analisa a evolução histórica das práticas esportivas, desde atividades físicas na pré-história, como caça e pesca, até a organização dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Ele também aborda o impacto do esporte na sociedade moderna, destacando sua influência na saúde, na mídia e na economia. O autor enfatiza que o esporte não é apenas uma atividade física, mas também um meio de promover valores como ética, respeito e fair play, e discutir como o esporte moderno foi moldado por figuras como Thomas Arnold e Pierre de Coubertin, que ajudaram a estabelecer os Jogos Olímpicos modernos e a consolidar o esporte como uma ferramenta de integração social. (Tubino, 1992).

Ao se referir a uma determinada modalidade esportiva, não podemos defini-la como um esporte, mas sim como parte de uma forma de manifestação desse universo. Uma mesma modalidade pode ser tratada sob valores, contextos e sentidos diferentes, embora mantendo suas características específicas (Proni, 1998). Podemos disputar uma competição de voleibol sob normas do alto rendimento, ou, podemos entre amigos, num clube, como forma de lazer e diversão.

Em relação ao sentido de manifestação de uma prática esportiva é preciso estar atento a sua especificidade, precisamos reconhecer a posição que ela ocupa no espaço esportivo. Essa contextualização refere-se às possibilidades que o fenômeno apresenta dentro de uma totalidade

(Morin,1995). O esporte é um fenômeno que reveste de características que variam e derivam da complexidade do indivíduo praticante, pois ele próprio constrói e é construído por essa relação. O sujeito interfere na formação e execução da prática esportiva, e esta exerce influência sobre a formação do indivíduo, contribuindo com valores morais, relacionamentos, e adaptações corporais.

Neste contexto, o autor Anders Ericsson (2016) nos diz que, de nada adiantaria continuar exercendo uma determinada habilidade por 10, 20 ou 30 anos, se você não se desafia e se acomoda. Normalmente depois que se atinge um nível máximo de desempenho e automatização, anos adicionais não levam a um aperfeiçoamento. Na verdade, esse desempenho costuma piorar. Por outro lado, menos tempo executando uma atividade com intenção pode te levar a melhores resultados. Ou seja, se você não se acomodar, sair da sua zona de conforto, de maneira objetiva, com planejamento e foco monitorando seu progresso, mesmo com menos tempo de trabalho, você terá um melhor desempenho.

Ericsson (2016) nos afirma que ninguém desenvolve habilidades extraordinárias sem se submeter a enormes quantidades de práticas, e a qualidade dessas práticas será definitiva para atingir as melhores performances no esporte. O papel do professor é primordial para o melhor resultado e desempenho do aluno.

Quando o esporte se apresenta neste cenário, conseguimos ver além do jogo, ver além da técnica, além da precisão, conseguimos ver a emoção que emana dos corpos que se oferecem ao esporte sem pudores ou acovardamento. Conseguimos ver através destes corpos como o fenômeno esportivo cria na sociedade ícones, e leva seus feitos aos lugares mais distantes, criando pontes de comunicação. Nessas pontes faremos nossa abordagem sobre a diversidade corporal que encontramos no esporte.

A diversidade corporal consiste então num paradoxo para o esporte, pois, como podemos ser tratados como iguais, quando sabemos ser diferentes: na cultura, na organização social, na genética, e na forma de se expressar? Perceber esse universo de diferenças que nos unem e proporcionam interação e aprendizado, ou ainda, outras formas de pensar, sem perder a noção de pertencimento, e demarcando território de dominação, evidencia a importância do respeito à identidade de cada cultura sob olhares diferentes, porém, de forma inclusiva, quando tratamos de práticas esportivas.

De acordo com Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011), o debate sobre a diversidade apresenta variações conforme os contextos nacionais, influenciado pelo período histórico em

que ocorre e pelas principais causas que demandam ou provocam a discussão sobre certos grupos, discriminação, identidades culturais, entre outros temas.

Essas discussões são formadas por fatores sociais, econômicos, históricos e políticos, e as mudanças demográficas e políticas governamentais também exercem um papel significativo na percepção e abordagem da diversidade. Isso sugere que a identidade de um grupo é amplamente definida pela diferenciação em relação ao "outro" ou àqueles que não fazem parte desse grupo. O processo de demarcação de fronteiras e limites não se atém somente a definir quem é considerado membro de um grupo, mas, de maneira igualmente ou até mais significativa, a determinar quem é excluído dele¹¹.

A escola é onde inicia essa aproximação com as regras, os jogos, as disputas, trabalho em equipe, os valores que o esporte oferece na sua bagagem de conceitos que formam e reforçam os comportamentos de um bom aluno. Essa bagagem aumenta quando acontece ainda a troca de experiências nas culturas, sendo ainda mais que repassar conceitos, oferecendo informações importantes para tratar o diferente como um igual, sem preconceitos e discriminação, respeitando sua diferença, seja ela física, religiosa, sexual, cultural, social.

A princípio, é essencial que os educadores estejam cientes de que cada aluno traz consigo uma bagagem cultural única, repleta de tradições, valores, crenças e experiências que moldam suas identidades. Essas identidades culturais não devem ser vistas como obstáculos, mas, como ativos valiosos que podem enriquecer o ambiente de aprendizado. Ao reconhecer e valorizar as diversas manifestações culturais dos alunos, os educadores criam um ambiente inclusivo onde cada aluno se sente respeitado e representado (Gonçalves,1994).

A representatividade é decisiva para inspirar pessoas. Quando vemos alguém que se parece conosco ocupando posição de destaque e projeção social, isso nos diz que também podemos alcançar nossos objetivos, e que existe espaço para todos, desde que se conquiste. Nada é oferecido de presente quando se trata do esporte, o mérito está na luta diária que cada um se dispõe a cumprir para lograr êxito em seus propósitos. Bhabha (1998) afirma que:

O afastamento das singularidades de “classe” ou gênero como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito– de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual– que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno [...] Esses “entre lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação– singular ou coletiva– que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de

¹¹ O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. (2013), Educação e Pesquisa,39(1), 15-30. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022913000100002>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

colaboração e de contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p. 15-16).

O esporte é um agente social e cultural que transcende barreiras e dá voz às pessoas, permitindo uma socialização mais ampla, quebrando preconceitos e promovendo a igualdade. Cada cultura expressa seu próprio significado através do movimento corporal, este corpo é moldado pelas visões de mundo de diferentes formas. Cada movimento corporal carrega significados contextuais e valores culturais.

A diversidade de práticas corporais é vasta e não se limita ao plano biológico. Diferentes sociedades e civilizações contribuíram para essa riqueza de técnicas e expressões físicas. A representação do corpo humano nos esportes tem evoluído ao longo do tempo, e hoje em dia, atletas de diferentes biótipos desafiam padrões hegemônicos tradicionais de beleza e saúde. O esporte assume uma linguagem universal, unindo pessoas de todas as origens, independentemente de fronteiras geográficas ou culturais. Para Le Breton (2007), uma das funções do corpo, entre outras, é de aprendizado durante toda a vida, segundo o autor,

O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado de educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo social. Mas, a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitada à infância e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência (Le Breton, 2007, p. 9).

Então a expressão corporal pode ser moldada socialmente, mesmo sendo vivida com o meio social particular do indivíduo, outros estímulos podem contribuir para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o contorno social que necessita, com possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo ao qual pertence. Dentro de sua comunidade de pertencimento, cada gesto tem significado virtual aos olhos de outros integrantes da mesma comunidade. Esse sentido simbólico passa a ser percebido quando está ligado ao conjunto de dados dos códigos do grupo social. Percebemos que o gesto é pré-concebido junto com os sentimentos expressados.

No esporte encontramos uma heterogeneidade corporal significativa, amplamente vinculada às modalidades esportivas, e as características e exigências de cada uma delas, como os aspectos técnicos, força, velocidade, explosão, flexibilidade, resistência, potência, dentre outros. Este corpo idealizado e valorizado é acolhido em vários ambientes diferentes: academias, estádios, pistas, quadras, piscinas, parques, praias. Em lugares onde o esporte

encontra seu *habitat*, sua história é narrada ou acontece fazendo do corpo um comunicador simbólico de acontecimentos.

Esta separação parece caracterizar a sociedade atual, refletida no mundo ocidental, em espaços sociais de cruzamentos entre pessoas, denominado por Marc Augé (2003) de entroncamento de lugares. Nestes espaços percebemos esse distanciamento e mal-estar com o corpo do outro, conforme afirma Le Breton onde “o metrô, o ônibus, o trem, o elevador, ou o aeroporto é a sala de espera são as ilustrações proeminentes do distanciamento que atingiu o corpo e do mal-estar que nasce do contato físico que nada simboliza” (Le Breton, 2012, p. 210). Sobre os *não-lugares*, Augé (2005) nos esclarece que:

Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como histórico, definirá um “não-lugar”. A hipótese aqui defendida é que sobre modernidade é produtora de não-lugares, quer dizer, de espaços que não são eles próprios, lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram lugares os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados, e promovidos a “lugares de memória”, ocupam nela uma área circunscrita e específica[...]. Acrescentemos que se passa evidentemente como não-lugar a mesma coisa que como lugar: nunca existe sob uma forma pura; neles os lugares recompõem-se, reconstitui-se nele relações; as “astúcias milenares” da “invenção do quotidiano” e das “artes de fazer” (Augé, 2005, p. 67-68).

Na contemporaneidade, o esporte adquire uma configuração ímpar, ao tempo que desvela os corpos. E, apesar das características corporais serem diferentes, no sentido estético dos corpos modelados pelo esporte, e das silhuetas variadas e até mesmo antagônicas, se analisarmos a amplitude de modalidades esportivas, ainda se incide a predominância da simbologia do corpo idealizado.

Quando detectamos no esporte a influência de culturas que se destacam por trazerem ao meio esportivo algum método que pode melhorar as técnicas, a motivação, ou as habilidades que antes não eram perceptíveis, dando um novo ritmo de trabalho à equipe, ou levando um atleta a assumir um comportamento que comprovou ser mais eficiente, mesmo vindo de outra cultura, diferente da sua. Comprovamos a evolução que pode ser medida em melhores resultados, sugerindo uma nova percepção para o esporte.

Na sociedade, observa-se que o esporte possui ampla penetração desde o século XIX, pois, a escola torna-se um espaço contribuinte à sua disseminação e pedagogização¹² em torno de diferentes projetos educacionais, como os católicos, protestantes e outros. Para os

¹² Pedagogização é o ato de aplicar a pedagogia em um determinado conceito, ato ou ciência, tornando-o uma ferramenta de ensino. No esporte estuda os sistemas dos processos ensino aprendizagem, buscando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais relacionadas ao movimento corporal.

historiadores, o processo de esportivização se deu após a Segunda Guerra. O objetivo era formar recursos humanos para o mercado de trabalho, melhorando a lógica interna, à medida que preparava os jovens para a concorrência e a competitividade.

No século XX, percebe-se uma sobreposição entre política educacional e política para o esporte que dissolveu as fronteiras desses domínios, legitimando interesses, conflitando com outros e atropelando a cultura escolar. A lógica política da esportivização assentava-se na garantia dos “direitos sociais”, onde o esporte e a educação devem se enquadrar (Dantas Júnior, 2008). Nessa perspectiva, o processo de escolarização do esporte foi permeado por um movimento entre a Educação Física, os projetos de higienização e militarização sociais promovidos pela ginástica e culto aos corpos.

Pode-se então, contextualizar o esporte na sociedade contemporânea como uma parte importante da vida pública por meio de representação e mitologias diversas construídas ao longo do século XX. Dando sequência a seguir à criação dos Esportes Modernos e, conseqüentemente, dos Jogos Olímpicos da era moderna, que foram reeditados em 1896, pelo Barão Pierre de Coubertin. Os grandes eventos esportivos, como Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, localizam-se em um pano de fundo, configurando como um propósito referencial construído coletivamente, e no qual encaixamos nossas próprias experiências, como um conjunto de referências históricas contemporâneas, num fenômeno social globalizado.

Eventos esportivos internacionais, como as Olimpíadas, são oportunidades para celebrar a diversidade e promover a compreensão mútua, levando atletas e público a novas percepções de estilos, técnicas, comportamentos, movimentos e tradições que se formalizam nas fronteiras territoriais em uma nova cultura esportiva. “Incluir não é negar as diferenças, mas desvendá-las no processo social, como diferentes do padrão, compreendendo esse padrão como uma referência construída pelos homens nas relações sociais” (Costa, 2000, p. 54).

Nas olimpíadas se reúnem atletas de todo o mundo, representações de diferentes continentes, com culturas e origens diversas. A visibilidade global da diversidade entra em evidência, criando uma plataforma de culturas e raças que se mostram para o mundo. Os Jogos Olímpicos trazem à tona a lembrança de que, apesar de diferentes, todos compartilhamos da mesma paixão pelo esporte e a competição saudável.

Atletas de lugares pouco conhecidos mundialmente, nações em desenvolvimento, minorias étnicas e grupos historicamente marginalizados. Os recantos mais singulares têm direito a representatividade. A cerimônia de abertura e encerramento de uma olimpíada é uma celebração à diversidade cultural. Nela cada país se mostra nas suas tradições, de trajes,

símbolos culturais são exibidos, músicas, danças, destacando a riqueza das diferentes culturas. A igualdade de gênero tem sido fortemente trabalhada, mulheres estão competindo em esportes onde antes era território dominado por homens. A consequência dessa desterritorialização masculina, é o ingresso de mais mulheres em esportes de tradição masculina. Isso promove a ideia de que o esporte é para todos, sem distinção de gênero.

As olimpíadas de Tóquio em 2020 trouxeram à tona discussões sobre a diversidade corporal de atletas que mostraram um corpo saudável, sem necessariamente ser magro e atlético. Corpos que fugiram dos padrões, porém, se mostraram saudáveis e com habilidades equivalentes e diferenciadas pela sua constituição, aptos ao exercício esportivo, e perfeitamente confortáveis na sua forma física. O que se considera como saúde vai além da forma física, e muitas pessoas saudáveis têm diferentes tipos de corpo.

A padronização de corpos tem sido debatida nas redes sociais e na mídia, onde se considera um tema importante e muito atual, sendo sempre questionado pelos vários olhares que se lançam sobre estética, beleza, e as tradições que em alguns esportes são cobrados. Porém, é importante lembrar sempre que, um corpo saudável não é sinônimo de barriga chapada e musculatura definida ou hipertrofiada. Que padrões corporais são quebrados com frequência, e o que permanece valendo é o bem-estar do atleta, e o seu desempenho no esporte com o corpo que tem.

Atletas olímpicos foram criticados pela aparência física, a atleta Rebecca Cavalcanti recebeu comentários sobre seu tipo físico, por ser jogadora do vôlei de praia, medindo 1,75 m de altura, foi considerada baixa para a modalidade. E mesmo assim, foi a 5ª colocada nas Olimpíadas de Tóquio.

A goleira Bárbara Monte Barbosa, da seleção feminina de futebol, também enfrentou comentários negativos por parte da imprensa internacional, sendo considerada gorda para seu posto. Mesmo assim, ela ajudou sua equipe em momentos importantes, onde foi eficiente, independente do seu corpo fora dos padrões.

O corpo diferente do padrão gera impacto, muitas vezes negativo e sem chance de defesa, quando atinge o objetivo estará menos sujeito a críticas, porém, se não contemplar as expectativas de resultados, logo será o único culpado por uma possível derrota, ou ainda, simplesmente por não atender às expectativas estéticas. Quando alcançar a vitória, não será

elogiado por estar fora de padrões, mas por sua técnica ou boa atuação. A regra será sempre seguir um padrão de estética vigente.¹³

Portanto, seguir essas regras no esporte é ser desafiado pelo seu orgulho, que implica em mudar essas representações gradualmente, e quebrar paradigmas, promovendo através da diversidade, aceitação e orgulho em relação ao seu corpo.

Para a diversidade ser reconhecida como um direito A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura) em 2002, aponta que a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

A cultura se encontra no centro dos debates contemporâneos sobre a identidade, a coesão social e o desenvolvimento de uma economia fundada no saber. A declaração ainda afirma que o respeito à diversidade das culturas, à tolerância, ao diálogo e a cooperação, em um clima de confiança e entendimento mútuo, está entre as melhores garantias da paz e da segurança internacionais.

A Ética da Diversidade se ampara nos princípios básicos do respeito pelo outro, com todas as suas diferenças; na solidariedade com o outro na satisfação de necessidades de sobrevivência e de transcendência e de cooperação com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum. Acreditamos que estes princípios apontam para o conceito de Identidade Cultural como uma questão essencial na construção de um ensaio sobre a diversidade.

Pela Interculturalidade, percebemos possibilidades em que podem ser respeitadas as especificidades da educação escolar indígena, considerando a cultura, a religião e a língua como um aliado à ética da diversidade. Medeiros; Antunes (2013) apontam que:

Os povos indígenas já vivem em interculturalidade, e a escola na aldeia, da maneira como vem sendo construída, faz parte desse patrimônio. Ela constitui um espaço de aprendizagem dos conhecimentos, do mundo ocidental e de instrumentalização para a interação com a sociedade que a rodeia, ao mesmo tempo em que é um lugar de afirmação étnica, onde os conhecimentos tradicionais são acionados de modo a valorizar esses saberes e garantir a continuidade da sua cultura, não sem conflitos, é claro (Medeiros; Antunes, 2013, p. 243).

¹³ METRÓPOLES. Nem só de corpos sarados se faz a Olimpíada: veja atletas fora do padrão. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/jogos-olimpicos-2016/nem-so-de-corpos-sarados-se-faz-a-olimpiada-veja-atletas-fora-do-padrao>. Acesso em: 06 jan. 2025.

A interculturalidade pode nos remeter de certo modo à Ética da Diversidade, no sentido de considerar que culturas distintas se relacionam entre si, fazendo emergir uma nova possibilidade para a produção do conhecimento aliando o respeito, solidariedade e cooperação com o outro, para contribuir na reintegração dos sujeitos em si mesmos, se opondo ao mecanicismo, já ultrapassado no âmbito científico.

Cada indivíduo tem sua memória e sua história, devemos considerar as vivências desses sujeitos fazedores de suas histórias, como protagonistas, e os demais como coadjuvantes. Ao vivenciar uma mesma experiência, dois protagonistas terão múltiplas narrativas sobre o mesmo acontecimento vivido, nunca será idêntico sob o ponto de vista da sua percepção. Para Spinoza (2017), novos horizontes se abrem para o conhecimento do corpo, unindo filosofia, ética e estética, conforme o autor,

O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência que ninguém ensinou, até agora, - o que o corpo - exclusivamente pelas vias da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinada pela mente- pode e não pode fazer. Pois ninguém conseguiu, até agora, conhecer tão precisamente a estrutura do corpo que fosse capaz de explicar todas as suas funções, sem falar que se observam, nos animais, muitas coisas que superam em muito a sagacidade humana, e que os sonâmbulos fazem muitas coisas, nos sonhos, que não ousariam fazer acordados (Espinoza, 2017, p. 101).

Para o corpo que se submete aos seus códigos de comportamento, Spinoza considera uma prisão, onde o comando é sempre dado pela mente, e muitas vezes é perceptível a vontade de agir sem pensar, por instinto, como se observa no comportamento dos animais. A este controle podemos chamar de condicionamento, ou, costumes. Aqui também a diversidade pode ser observada em culturas diferentes, onde o corpo é mostrado de diversas maneiras, algumas extremamente peculiares.

“O que o corpo não aguenta mais? A sujeição, o controle. O ‘eu’ não aguenta mais, não é, portanto, o signo de fraqueza da potência, mas, exprime, ao contrário, a potência de resistir do corpo” (Lins; Gadelha, 2002, p. 82). A capacidade de adaptação do corpo às adversidades chega a surpreender, mesmo quando o corpo não aguenta mais o extremo da dor, ou da sujeição, ele se mostra superpotente e quase sem limites à sua própria superação. Podemos citar os povos que vivem em lugares extremamente frios, como os esquimós, ou em lugares onde a religião não permite mostrar o corpo.

Foucault foi quem mais se aprofundou nos estudos do corpo, na sua compreensão sobre sua constituição do sujeito. Em suas pesquisas, o controle sobre o corpo não é compreendido

por Foucault, pelo ponto de vista de um controle negativo e repressivo, pois o corpo e os discursos sobre ele participam das resistências e permitem ao sujeito se estabelecer ativamente.

Os diversos aspectos pelos quais se dá luz a esse sujeito representam percepções variadas sobre o corpo. Para Corbin, Courtine e Vigarello (2010), Foucault compreende o corpo como alvo do poder, sendo normalizado e retificado. Correção essa que também conduz a consciência à sua normalização, ou seja, aquilo que deve ser seguido, pelos sujeitos ideais. As explicações de Foucault sobre o jogo em meio a repressão e liberdade isso quer dizer que as inquietações sobre o corpo se dão de modo perspicaz e contínuo, diferentemente das práticas de violência no início da modernidade. De acordo com Vigarello (2010) essa ambiguidade entendida por Foucault entre a sujeição e a libertação denota a concepção moderna de corpo.

Para Soares (2017), a compreensão do corpo nas sociedades indígenas, é o olhar do “outro” e que por isso, o seu ponto de partida é o seu lugar de origem. E neste lugar de origem é dito em primeiro lugar que, é ideia geral, divulgada pelos investigadores, que o corpo, na cultura europeia tradicional sempre ocupou um lugar subordinado, seja nos sistemas de valor religioso, moral ou social, Segundo Soares; Teixeira (2017)

[...] Ou, dito de outra forma, pode-se dizer que as tarefas foram distribuídas, os lugares ocupados, e nesta divisão e ocupação teórica ao espírito foram oferecidas as tarefas consideradas nobres, próprias ao que se pensa pertencerem ao reino da sabedoria, bondade e pureza; ao corpo, habitante espacial, o reino da matéria, o que se considera impuro, espúrio, mal. Talvez o homem ao olhar para o seu corpo, suscetível à contingência; ao sentir os seus odores(não lhe agradou o que chegou às suas narinas: os banhos , os óleos, e os unguentos gregos , são disto exemplo), compreendeu a sua fragilidade, reconheceu a sua insignificância diante da imensidão a sua volta, e impotência frente ao inexplicável, e almejando o conhecimento absoluto, a eternidade valorizou o que não conhecia, entregando-se as quimeras e ficções do desconhecido, do além-mundo, de um espírito absoluto do qual apenas tem a ideia e sobre o qual faz as suas conjecturas.(Soares; Teixeira, p. 17, 2017).

A ideia de subjetivação ao criar formas de interação e comunicação, influenciando na forma como nos conectamos. Para a percepção indígena o corpo é integrante do meio, da natureza, da floresta, do rio, dos animais que lá habitam. Portanto, não se faz distinção ao corpo do seu espírito, pois nele se perpetua o mundo. Nesta concepção ele se torna a própria natureza, por esse motivo sua habitação é o meio e o corpo, preservado como o seu habitat, tornando assim sua existência, um guardião de tudo que é próprio à sua volta com liberdade. Diferente da cultura ocidental, essa compreensão muda de significado, pois o corpo é visto como separado do espírito, onde o padecimento se julga necessário e faz parte do que este corpo supõe conhecer do que lhe é omitido.

São vários os fatores que influenciam as estratégias de subjetivação do corpo, esses fatores estão interconectados entre eles, sendo pelas crenças, experiências pessoais, contexto social e econômico, valores culturais etc. Também podemos classificar elementos da tecnologia e memória com desempenho no processo de subjetivação, esses fatores moldam a maneira como as pessoas interpretam eventos e desenvolvem sua identidade única.

A tecnologia afeta as estratégias com outros e como expressamos nossa identidade, exemplo dessas tecnologias podemos citar as redes sociais, que permitem ao sujeito compartilhar aspectos de sua vida, criando uma imagem pública de si mesmo, o que pode afetar a percepção de sua identidade, tanto por esse sujeito, quanto pelos outros. Essas tecnologias podem causar danos a nossa percepção de tempo e memória, sendo a velocidade das informações muito acelerada, influenciando a maneira como processamos a experiência, e construímos nossa história pessoal.

Na percepção do corpo podemos comparar parâmetros estéticos, de beleza e aceitação, ou ainda, de força e delicadeza. Para o esporte, esses padrões muitas vezes atrapalham em um julgamento pré-concebido sobre o corpo, surpreendendo nos resultados do atleta. Para aceitação do corpo, são criadas campanhas publicitárias na sociedade, onde o impacto sobre o tema passa a ser discutido de forma a não padronizar o corpo, promovendo mudanças positivas.

Campanhas de empoderamento e educação, mostrando mulheres com vozes em posicionamentos contra padrões de beleza inatingíveis, promovendo inclusão e diversidade mostrando mulheres de todos os tamanhos, idades, etnias, e habilidades evidenciando a inclusão e a diversidade, mudando a percepção de beleza na sociedade. A conscientização de uma saúde física e mental indo ao encontro do combate aos padrões que escravizam e dominam as mídias.

A prática da autocompaixão ajuda a aceitar seu corpo como ele é, sem ser escravo de padrões estéticos pré-concebidos, desafiar pensamentos negativos, substituir críticas por um conceito positivo sobre a sua imagem, alimentar sua própria imagem com boas lembranças e experiências. A saúde mental deve ser muito bem cuidada, o apoio social alivia e cria percepções de um corpo saudável e bem resolvido com seu próprio conceito. Saber como escolher bons conteúdo para servir de motivação para cultivar uma boa autoimagem.

Sentimos como somos afetados pelos padrões de imagem corporal quando percebemos a autoestima baixa, com a autoimagem comprometida na busca imediata por aceitação e reconhecimento de beleza nos padrões divulgados pela sociedade. Distúrbios alimentares podem ser um sinal do perigo dessa imagem que busca um padrão aceito socialmente. Uso de anabolizantes, e, emagrecedores, bloqueadores de apetite, são oferecidos neste mercado de

consumo da beleza inalcançável. Em casos extremos a própria imagem distorcida de beleza, faz alterações perigosas na visão das pessoas, fazendo com que vejam suas características naturais como disfunções estéticas, gerando insatisfação corporal e comprometendo a qualidade de vida.

Esses impactos destacam a importância de promover a aceitação dos corpos e ajudar pessoas a construírem uma relação mais saudável e realista com seus corpos. Desconstruir padrões de corpos perfeitos, onde no mesmo território possa dar visibilidade a outros diferentes corpos, que de uma forma estética variada pode agregar valores diferenciados a essa sociedade.

A evolução esportiva depende do crescimento das modalidades, novas formas de praticar uma modalidade são consideradas como avanços nas técnicas e nas abordagens com seu público. Verificar que numa modalidade toda cultura pode ser representada de forma corporal, significa aumentar seu alcance, seu território de ação, seu público de admiradores, seus patrocinadores e praticantes. A busca por corpos que querem ser treinados sempre irá definir como o esporte vai evoluir, na técnica, na estratégia, nos seus códigos de comportamento, que modulam as práticas esportivas.

A heterogeneidade nesses corpos é o convite a novos adeptos, que se sentem representados nas suas diferenças, mudando percepções sobre modalidades que procuram avançar nas suas práticas buscando mais possibilidades de alcance, sendo visibilizadas por todas as culturas que queiram agregar sua participação. As adaptações serão feitas, e as exigências podem ser moduladas de acordo com o praticante.

A identificação de atletas com habilidades para o esporte deve ser independente da sua aparência, onde os testes que excluem o atleta, serão somente aplicados nas capacidades físicas e habilidades motoras. Essa metodologia vai obrigar a mudanças personalizadas, onde outros sistemas podem surgir, com mais perspectivas de evolução para o esporte, além de promover sua disseminação.

Para explicar como podemos definir a fusão cultural de um esporte que tem sua própria identidade, Augé (2005) nos diz que,

Dizer que, sob certos aspectos e certos contextos, cultura e individualidade se podem definir como expressões recíprocas uma da outra é uma trivialidade, e em todo caso um lugar comum, do qual nos servimos para dizer, por exemplo, que fulano ou sicrano é realmente bretão, inglês, *auvergnat* ou alemão. O fato de as reações das individualidades pretensamente livres poderem ser apreendidas e até mesmo previstas, a partir de amostras estatisticamente significativas, também não nos surpreende. Simplesmente, aprendemos em paralelo a duvidar das identidades absolutas, simples e substanciais, tanto no plano coletivo como no individual. As culturas “trabalham” como a madeira verde, e nunca constituem totalidades acabadas (por razões extrínsecas e intrínsecas); e os indivíduos por mais simples que o imaginemos, nunca o são tanto que não se situem por referência a ordem que lhes

atribui um lugar: é só de certa perspectiva que exprimem a totalidade (Augé, 2005, p. 22-23).

Sob determinados contextos e alguns aspectos, cultura e individualidade podem ser vistas como reflexos mútuos, o que é frequentemente considerado um clichê. Utilizamos essa ideia para afirmar, por exemplo, que alguém é realmente de um determinado lugar. O fato de que as reações de indivíduos aparentemente livres podem ser previstas a partir de amostras estatisticamente significativas não nos surpreende.

Isso nos leva a questionar identidades absolutas, simples e substanciais, tanto em termos coletivos quanto individuais. As culturas se desenvolvem como a madeira verde, nunca sendo completamente acabadas; e indivíduos, por mais simples que pareçam, sempre se referem a uma ordem que lhes atribui um lugar específico, refletindo uma totalidade apenas de uma visão particular¹⁴.

Para um esporte alcançar seu ápice de qualidade e destaque social, precisa que a quantidade de praticantes seja relevante e expressiva. Sua popularidade deve chegar aos cinco cantos do mundo mostrando sua diversidade e possibilidade como prática esportiva. Isso requer romper as barreiras culturais e agregar novas formas de ser apresentado a qualquer público, qualquer cultura, qualquer território, multiplicando seu alcance.

Atletas considerados fora do padrão precisam resistir aos preconceitos e a patologização para criar no esporte, novas formas de ser praticado e apreciado por um público que se identifique com todos os corpos possíveis na sua prática. A diversidade de corpos (fig. 2) no esporte envolve reconhecer a alteridade, promover a inclusão e a saúde física e mental de todos os atletas.

Na série “Atleta”, Schatz apresenta as muitas variações do corpo humano – em especial, dos atletas de alto rendimento. É possível observar desde halterofilistas de corpos gigantes e recheados de músculos até maratonistas de ossos finos – passando por saltadores longilíneos e lutadores robustos. Os esportistas estão todos com a pele besuntada em óleo e vestidos com a mesma roupa preta. A ideia é dar um contexto padronizado às imagens, para tirar o foco de qualquer outro elemento que não o próprio corpo dos atletas. Dessa forma, podemos realmente apreciar e comparar suas diferentes formas. (Fig. 2.e Fig. 3.).

¹⁴ Hall, S. (2006). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.



Figura 2. Corpos diversos de atletas. Fonte: Hypescience¹⁵



Figura 3. Corpos diversos de atletas. Fonte: Hypescience

¹⁵<https://hypescience.com/a-diferenca-entre-o-formato-dos-corpos-dos-melhores-atletas-do-mundo-em-diversas-modalidades/> Kim Chizevsky, fisiculturista, 1,74 m e 61 kg / Tara Nott, levantadora de pesos, 1,55 m e 48 kg / Cheryl Haworth, levantadora de pesos, 1,75 m e 135 kg / Olga Karmansky, ginasta rítmica, 1,55 m e 39 kg / Aliane Baquerot, ginasta rítmica, 1,68 m e 51 kg. Tabitha Yim, ginasta, 1,42 m e 39 kg / Amy Acuff, saltadora em altura, 1,88 m e 66 kg / Jennifer Parilla, ginasta de trampolim, 1,55 m e 54 kg / Charles Austin, saltador em altura, 1,84 m e 77 kg / Stacey Bowers, triplista, 1,68 m e 59 kg / Cary Kolat, lutador greco-romano, 1,65 m e 63 kg. Publicado em 13 de novembro de 2013.

II - A IDENTIDADE NA GINÁSTICA AMAZONENSE E AS ADEQUAÇÕES DO CORPO

2.1 O esporte na busca de atletas para expandir territórios de conquistas.

Autores e pesquisadores do corpo e do movimento humano buscam uma explicação da origem mais remota do período em que as práticas esportivas se formalizaram como parte do comportamento nas sociedades. Gusdorf (1980, p. 215), aponta que o corpo é: “primeiro utensílio, centro de perspectivas para apresentação, observatório natural a partir do que o pensamento pode se exercer ao seu redor”. O corpo é também o ponto de referência a partir do qual percebemos e entendemos o mundo. Nossas experiências sensoriais - visão, audição, tato, paladar e olfato. Além desses, cientistas consideram outros sentidos, como o equilíbrio (manter a postura e estabilidade) e a propriocepção (percepção da posição do próprio corpo no espaço). São todas mediadas pelo corpo, que serve como um "centro de perspectivas". O corpo é um observatório natural que nos permite pensar e refletir sobre o mundo ao nosso redor. Nossas percepções sensoriais fornecem a base para a cognição e o pensamento.

A Educação Física, em geral, se definiu desde a sua concepção pela prática, porém, ainda considerada simples atividade executada por pessoas ao longo da história, sua relação com a cultura e com as diferentes sociedades pode desvendar comportamentos que se delinearam por uma linguagem própria, nos levando a entender seu alcance filosófico, histórico, sociológico, psicológico, artístico e científico, além do prático.

A escola europeia de educação física exerceu grande influência sobre os conceitos e formação dos professores no Brasil, datando dos séculos XIII e XIX, quando padrões eram repassados na ginástica, típicos das tradições pedagógicas da educação formal. (Betti, 1992).

A exemplo desta fase, a ginástica calistênica¹⁶, relatada por Ullmann (1977), vislumbrava uma doutrina, que remetia a problemática do corpo se vinculando à problemática da filosofia. Nesta fase, o Iluminismo de Rousseau a destaca como método educacional, visando a formação moral e física do homem.

No entanto, preparar o homem para a guerra, afirmar sua nacionalidade, e evitar doenças mantendo o corpo saudável era o foco da atividade física. Neste contexto, a racionalização dos movimentos antes livres fora estabelecida como modelo de execução sistematizado visando um padrão de movimento, e disciplinando assim o corpo a prática da ginástica racionalizada como

¹⁶ Ginástica calistênica é uma modalidade de exercícios que usa o peso do próprio corpo para fortalecer e alongar os músculos.

forma única de ser praticada. Neste mesmo momento estavam surgindo diversos tipos de expressões corporais livres, eram estilos de ginástica, uma época de invenção do corpo a serem posteriormente racionalizados e instituídos como método de ensino e aprendizado para a prática da ginástica. (Pereira, Cesário. 2019).

No Brasil, no início do século XX, a ginástica se expande nas instituições escolares de maneira exponencial, quando ocorre a divisão de gênero, onde é elaborado e estabelecido a prática diferenciada para meninos e meninas. No ensino primário a educação física era feita em sala de aula. Era comum nesta época escolas somente de meninas, geralmente escolas de freiras, separadas das de meninos, nas escolas militares.

Em Manaus este cenário se reproduz nas décadas de 60 e 70, onde a maioria das escolas era dividida por gêneros, conhecidas pelas tradicionais escolas católicas que recebiam somente meninas no seu quadro de alunos. Dentre elas podemos citar Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Colégio Santa Dorotéia, Patronato Santa Terezinha, Internato Preciosíssimo Sangue entre outras, todos particulares. O Colégio Dom Bosco se destaca aqui por ser misto. O Colégio Militar de Manaus nesta época era somente para homens. As demais escolas da cidade eram estaduais, e recebiam alunos de ambos os sexos.

Como disciplina acadêmica, a Educação Física se firma nos meados da década de sessenta pelo pioneirismo de Henry (1964), que aborda em sua tese ser a educação física um corpo de conhecimento que especifica uma categoria prática cujo objetivo é a performance humana e suas diferentes implicações teórico-práticas¹⁷. Até essa fase as pesquisas sempre se direcionaram no campo científico, a Fisiologia evolui nesta direção influenciando outros pesquisadores a percorrerem o mesmo caminho, avançando como disciplina. Somente anos depois os estudos na área se vinculam a outras disciplinas, onde a Medicina, Física, História, Pedagogia, formam os fundamentos da Educação Física, e as pesquisas nos estudos interdisciplinares que são valiosos para sua compreensão.

Para esta abordagem em especial nos interessa o surgimento da modalidade de Ginástica Rítmica que começou a ser praticada logo depois da primeira guerra, ainda sem regras definidas, nem nome determinado.

Em 1946 na Rússia surge então o termo rítmica, devido a utilização da música e da dança nos exercícios ginásticos. Os estudos sobre a Ginástica Rítmica foram esboçados pelo

¹⁷ HENRY, F. M. (1964). *Physical Education: An Academic Discipline*. In: *Journal of Physical Education Research*, 3(2), 286-295.

pedagogo Jean Jacques Rousseau, seguidos por François Delsarte que lançou a ideia de expressão de sentimentos pelo movimento, até chegar a vez de Emile Jacques Dalcroze, que criou um método de desenvolvimento da sensibilidade musical através dos movimentos corporais¹⁸.

Seu aluno Rudolf Bode foi quem introduziu os aparelhos portáteis nas apresentações, tornando assim a ginástica mais plástica e diferenciando de outras modalidades. A bailarina Isadora Duncan é considerada uma de suas fontes de inspiração, pelo seu estilo de dança livre e moderna para sua época.

A ginástica chegou no Brasil graças à professora Margareth Frölich, austríaca que veio ministrar aulas de Ginástica Feminina Moderna em curso de aperfeiçoamento pedagógico promovido pelo estado de São Paulo.

Erika Sauer, que era professora da Escola Nacional de Educação Física, foi sua auxiliar e inseriu a Ginástica Moderna nos programas do Curso de graduação de Educação Física. A professora húngara Ilona Peuker, que chegou ao Rio de Janeiro na década de 50, formou o primeiro grupo de ginástica no País, a equipe do GUG- Grupo Unido de Ginastas (1956).

Participante do GUG, Daisy Barros foi a primeira ginasta a representar o Brasil em competições internacionais, em 1967 em Copenhagen, data em que a modalidade ainda era conhecida como Ginástica Moderna. Em 1978 foi criada a Confederação Brasileira de Ginástica. Durante todo esse percurso a ginástica era levada para cidades como uma nova modalidade a ser praticada pelas mulheres, sendo essa uma de suas características mais marcantes na sua trajetória, a presença feminina nestas apresentações.

As competições de GRD (conhecida como Ginastica Moderna nesta época) na década de 1970 eram caracterizadas por apresentações que destacavam a graça e a habilidade das ginastas, com o uso de aparelhos como fitas, arcos, bolas e cordas. A presença feminina era predominante, e a modalidade era vista como uma forma de expressão artística e física para as mulheres. As competições eram oportunidades para as ginastas demonstrarem suas habilidades e criatividade, e para promover a ginástica rítmica como um esporte competitivo e artístico.

Durante essa época, a ginástica rítmica começou a se consolidar como uma modalidade esportiva reconhecida, com regras e regulamentos mais definidos, e a participação em competições internacionais ajudou a elevar o nível técnico e artístico das ginastas brasileiras.

¹⁸ LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. **Ginástica Rítmica no Brasil: A (R)evolução de um esporte**. 2003. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003. [Links]

A chegada da GR no Amazonas aconteceu em 1973, que, como todo esporte em desenvolvimento, segue na busca de novos praticantes para poder evoluir como um futuro esporte olímpico. A Ginástica Rítmica Desportiva, como era conhecida nesta época (1973), começa a ser praticada em Manaus de forma ainda escolar e básica, mas preparando seus atletas para a participação em competições nacionais.

2.1.1 A Ginástica como fato social

Durkheim¹⁹ define o fato social como um conceito da sociologia que diz respeito ao conjunto de hábitos e formas de agir e pensar dos indivíduos numa sociedade, o que podemos chamar de padrão de comportamento, o que se expressa em regras, valores e normas sociais. O sociólogo nos diz que:” mas, mais convincente ainda que as considerações precedentes, é a própria prática dos fatos sociais. Onde reina o finalismo, reina também uma maior ou menor contingência, pois não há fins, e ainda menos meios, que se imponham necessariamente a todos os homens, mesmo supondo-os colocados nas mesmas circunstâncias” (Durkheim, E.2001 p. 121).

Os fatos sociais exercem uma pressão coercitiva sobre os indivíduos, mas essa imposição não é absoluta. Ela pode variar conforme as circunstâncias e contextos em que os indivíduos se encontram. Embora os fatos sociais sejam padrões de comportamento e pensamento que existem fora dos indivíduos, eles não são inflexíveis. Há uma certa margem de variação e contingência, o que permite que diferentes grupos ou sociedades tenham suas próprias normas e regras, por consequência, a importância da prática dos fatos sociais. Isso significa que os fatos sociais não são apenas teóricos ou abstratos, mas se manifestam concretamente nas ações e interações dos indivíduos numa sociedade.

Mesmo que exista uma ideia de finalidade nos fatos sociais, eles precisam se adaptar à realidade e variações da vida social. Isso reflete a capacidade das normas e regras sociais em evoluírem e se moldarem conforme as necessidades e circunstâncias dos indivíduos. Em Manaus, essa modalidade chega na década de 1970, pelas mãos da professora Artemis Soares²⁰, motivada pela nova modalidade que surgia no Brasil, e se apresentava como um desporto

¹⁹ Sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês. Considerado o pai da sociologia, formalmente tornou-se uma disciplina acadêmica.

²⁰ Professora titular da Faculdade de Educação Física (UFAM), pós-doutorado, precursora da ginástica amazonense, escritora e autora de vários livros sobre ginástica, corporeidade e cultura indígena.

promissor nas práticas desportivas. Teve esta influência da amiga Daisy com que partilhou alguns campeonatos e principalmente troca de vivências sobre este esporte. E assim conseguiu alavancar esta modalidade a vislumbrar o pódio por vezes retirando o melhor que tinha em suas atletas.

Trazer para Manaus a ginástica foi o pensamento do coletivo como acontecimento social, e ainda, proporcionar uma experiência que já acontecia em outros estados seguindo a característica da generalidade, exterioridade e coercitividade defendida por Durkheim, e respondendo ao seu questionamento sobre o coletivo.

Como pode um conjunto de indivíduos constituir uma sociedade? Para ele a sociedade antecede o indivíduo, já que impõe sobre ele suas visões e relações, o fato social se constitui como objeto maior da sociologia, a primazia da sociedade sobre o indivíduo. Sobre essa questão ele nos diz que: "Se existe uma ciência das sociedades, é de desejar que ela não consiste simplesmente numa paráfrase dos preconceitos tradicionais, mas nos faça ver as coisas de maneira diferente da sua aparência vulgar; de fato, o objeto de qualquer ciência é fazer descobertas, e toda descoberta desconcerta mais ou menos as opiniões herdadas. (Durkheim,1983, p.73)."

Durkheim (1983) argumenta que a sociedade, com suas normas e valores, precede o indivíduo e exerce uma influência significativa sobre ele. A introdução de uma nova modalidade esportiva em Manaus pode ser vista como um fenômeno social que impõe novas visões e práticas aos indivíduos. Essa nova modalidade não apenas traz uma nova atividade física, mas também novas maneiras de interagir, competir e cooperar.

A nova modalidade esportiva implantada na cidade de Manaus pode ser considerada um "fato social" no sentido durkheimiano, pois representa uma nova norma que os indivíduos devem aprender e internalizar. Isso inclui regras do jogo, ética esportiva, e até mesmo o impacto social da participação em atividades coletivas. Esse fato social se torna um objeto de estudo para entender como a sociedade molda o comportamento dos indivíduos, e neste o comportamento esportivo e como os indivíduos respondem a essas novas normas.

Para o autor, a ciência das sociedades nos mostra que desafiar os preconceitos tradicionais e oferecer novas maneiras de ver a realidade são rupturas naturais no processo de acomodação das coisas ditas como novas. A introdução de uma nova modalidade esportiva pode inicialmente desconcertar opiniões e práticas esportivas consolidadas e herdadas, mas, ao mesmo tempo, proporciona uma oportunidade de inovação e descoberta. Ela incentiva a

sociedade a repensar e, não se pode afirmar se positivamente, pois, ao longo do processo é que se encontrará a redefinir de suas relações sendo estes o esporte e a atividade física.

Com a chegada de nova modalidade esportiva, a sociedade em Manauara tem a oportunidade de expandir suas práticas corporais e enriquecer sua cultura esportiva. Essa expansão não apenas diversifica as atividades disponíveis, mas também promove a inclusão de diferentes grupos sociais, estimulando uma maior integração e coesão social. Apesar de este não ser o objeto a princípio.

Assim como a ciência faz descobertas que desafiam as aparências vulgares e as opiniões herdadas, a introdução de um novo esporte pode abrir os olhos das pessoas para novas possibilidades e experiências, promovendo uma mudança na percepção e novos paradigmas sobre o que o corpo, suas possibilidades e assim a aceitação cultural diversa. Isto foi visto por muitos quando em entrevista concedida pela própria profa.

Figura 4. Apresentação das primeiras ginastas amazonenses



Equipe do Instituto de Educação do Amazonas – Em 04/11/ 1973. Aniversario de 93 anos do IEA
Acervo Jeanne Abreu

A foto acima (fig. 4) retrata as primeiras ginastas do Amazonas em apresentação no IEA. Artemis Soares, que foi e continua sendo a visionária desta modalidade, apontou nesta matéria as possibilidades e desafios enfrentados naquela fase em que a GR amazonense vinha desempenhando mudanças, e fala sobre como foi o início da modalidade no Amazonas. Para o jornal de maior circulação da época, o jornal A crítica, afirmou ela ao jornalista Siqueira (2001) que salientou,

Em 1973 a professora de educação física Artemis Soares faz os primeiros ensaios deste esporte na cidade, ainda conhecida como Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), Artemis Soares treinou ginastas para participarem exclusivamente dos Jogos Brasileiros Estudantis. No ano seguinte o trabalho foi massificado, e foram criadas as equipes de ginástica infantil, juvenil e a seleção que representará o Amazonas nas competições nacionais. Nessa época, a professora parou de lecionar para dedicar-se exclusivamente aos treinos das equipes de ginástica e a promoção do esporte, viajando ao interior do estado. Na opinião da professora Artemis, a ginástica passa por um momento de transformação por conta das mudanças no código de pontuação da modalidade o que exige um reestudo na prática do esporte. Ela acrescentou ainda que falta uma política de desenvolvimento da ginástica no Estado, o que requer esforço das partes envolvidas como a federação e o governo do estado. Em 1985 afastou-se da liderança do esporte, mas garante que ainda acompanha o trabalho desenvolvido pelas ginastas amazonenses. É árbitra da Federação Amazonense de Ginástica (FAG), e de acordo com ela a única de categoria continental que o Amazonas já teve. Ela é diretora da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade do Amazonas, onde também ministra a disciplina de ginástica e fez doutorado em Ciências do Desporto em Portugal. “Vejo potencialidade nas ginastas amazonenses, nossas meninas têm ritmo, musicalidade e criatividade, aliando isso aos aspectos culturais do Amazonas, forma um conjunto bom para ser explorado”, avaliou Artemis (Siqueira, 2001).

A entrevista de Soares soou como um desconforto naquele momento, pois a necessidade de maior investimento na modalidade se fazia necessário para que se implantasse o esporte como profissional, e assim se apresentou uma das grandes batalhas travadas pela Federação de Ginástica e as demais instituições esportivas, como os clubes, e escolas da cidade para este entendimento.

Como visionária acreditava que pela educação será possível conduzir a criança para transmitir os hábitos socialmente esperados, pois estando o esporte inserido na nossa cultura como um dos meios de aprendizado, assim se constitui como uma boa ferramenta para a escolas e nossos educadores

Para registro dessa história, as primeiras ginastas amazonenses a praticarem a modalidade, ainda chamada de Ginastica Moderna Feminina, foram as seguintes jovens atletas: Elaine Rebelo, Jeanne Chaves, Ruth Alencar, Carmen Silvia, Alane Braga, Maria do Perpetuo Socorro Palmeira, Zuleide Andrade, Katia Braga e Elizabeth Peres Braga.

No registro da foto (fig.4), o Instituto de Educação do Amazonas completava 93 anos, e a equipe de ginastas foi a grande atração da festa, tornando a modalidade uma referência nos eventos e acontecimentos da cidade.

A inclusão de um novo esporte além de agregar valor cultural também ampliou a perspectiva de gênero, pois a GR tem muitas das características femininas, onde a música associada ao movimento se unem com o ritmo empregado sobre os aparelhos portáteis demonstrando não somente o movimento mais também a plasticidade e criatividade, qualidades

especificamente feminina chamando a atenção das meninas para o exercício da modalidade, e assim se fez uma novidade atrativa para ser desenvolvida entre as mulheres na cidade. Para Nonomura (1998),

Trabalhando com a ginástica como esporte, há inevitavelmente o caráter competitivo e a finalidade é desenvolver as habilidades específicas com alta precisão técnica e que atenda o grau de exigência do código de pontuação, ou seja, as regras da modalidade. A expectativa é de um movimento tecnicamente perfeito e ao contrário da ginástica como atividade, a ênfase está no produto. Dessa forma, percebemos que ela não está ao alcance de todos, pois se torna uma forma de ginástica extremamente elitista, cabendo aos mais talentosos e para aqueles que a este desejo se dedicarem a inúmeras horas de treinamento para atingirem o máximo de perfeição e precisão nas complexas habilidades da modalidade (Nonomura, 1998, p.65-68)

A ginástica competitiva exige um alto nível de precisão técnica, orientada por um rigoroso código de pontuação. Essa ênfase no desempenho técnico eleva a modalidade a um patamar onde apenas os mais talentosos e dedicados podem realmente se destacar. Socialmente, isso cria um ambiente altamente seletivo e elitista, onde a prática é restrita àqueles que possuem recursos, tempo e acesso a treinamento de alta qualidade.

Para que a ginástica rítmica fosse bem-sucedida em um novo contexto cultural, foi crucial que houvesse adaptação das práticas e regras sociais para que se alinhasse com as normas e valores da cultura local sendo assim um desafio a inclusão com pessoas com deficiências, como também uma diversidade de participantes, neste sentido a GR proporcionou adaptação da prática de movimentos para que tivessem acesso aos treinamentos, e assim equalizar questões de limitação física e mitigar os efeitos elitistas dando espaço às diferenças e desta maneira tornar o esporte mais acessível e inclusivo. Os benefícios para o corpo são imensuráveis, da introdução incluem a promoção de disciplina, desenvolvimento físico e mental, além da criação de novas oportunidades para os jovens. Os desafios residem em garantir que o esporte não se torne uma fonte de exclusão, mas sim um veículo para a coesão social e valorização da diversidade cultural.

Vale aqui ressaltar que o balé clássico já era desenvolvido em escolas de dança na capital amazonense na década de 1970, porém, só as elites tinham acesso, se tornando algo caro para as classes menos favorecidas economicamente. A semelhança da ginástica que se praticava na época, somente com música ao piano, pode ter realizado o sonho comum às meninas que buscavam a imagem da bailarina como espelho de sua fantasia. Roupas com características parecidas e música tocadas somente ao piano, porém, com regras e movimentos que exigiam

alta performance e habilidades motoras complexas, onde o uso dos aparelhos acrescia ainda mais complexidade na prática.

A GR mais do que nunca mantém os laços que a ligam com o teatro, a música e a dança. É uma modalidade esportiva, porém, busca nas influências das linguagens artísticas transcender dos movimentos mecanizados e técnicos para corpos em movimento ritmados e expressivos, tendo na música o seu pano de fundo e o tablado como palco para apresentar sua peça. Sobre o conceito da modalidade Laffranchi²¹ 2001, mostra sua visão:

Em seu lado arte, a Ginástica Rítmica é conceituada como busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento e ritmo. Como esporte, a GR é uma modalidade essencialmente feminina, que requer um alto nível de desenvolvimento de certas qualidades físicas, com exigência de rendimento elevadas, objetivando a perfeição técnica da execução de movimentos complexos com o corpo e com os aparelhos (Laffranchi, 2001, p.3).

Para o esporte ser reconhecido e ter destaque na sociedade, foi necessário que conquistasse adeptos, ou praticantes que mostrassem como sua escolha poderia ser benéfica para outras gerações. O reconhecimento de uma modalidade como “popular”, ou “democrático”, podem ser considerados termos muito usados para os esportes preferidos no local onde uma comunidade faz uso de suas práticas como parte de sua cultura.

. Nas entrevistas realizadas com as ginastas da primeira equipe formada em Manaus, percebe-se que os critérios de escolha para a primeira turma foram abertos àquelas jovens alunas do Instituto de Educação do Amazonas (IEA), que imediatamente se interessaram pela ginástica. As primeiras alunas de ginástica do Amazonas eram jovens de 14 e 15 anos. Essas alunas enfrentaram todas as dificuldades para iniciar uma modalidade que seria implantada e praticada pela primeira vez na cidade.

A imagem abaixo (fig.5) retrata ginastas em competição, no pódio no JEAs, na década de 1970. Os Jogos Escolares do Amazonas eram realizados dentro da capital, Manaus. Nas décadas de 1970 e 1980, levavam multidões aos ginásios para apreciar as disputas de várias modalidades. A ginastica sempre foi muito prestigiada, lotando o ginásio do Colégio Militar de Manaus com estudantes que torciam por suas respectivas escolas. Ser uma atleta de ginastica nesta época, era ter destaque na cidade.

²¹ Elisabeth Laffranchi foi técnica e treinadora da seleção brasileira na década de 1990, é escritora de vários livros sobre a GR, foi membro da FIG responsável pelo aparelho maçãs.



Figura 5. Ginastas no pódio. Jogos Escolares do Amazonas- 1977 Ginásio do Colégio Militar
Ginastas: Ana Beatriz Silva, Nely Alves, Sarah Castelo Branco, Jacqueline Conte Telles
Acervo Jeanne Abreu

Considerada como um esporte diferenciado, a Ginástica Rítmica é praticada em escolas, clubes, academias, e em projetos sociais que atuam em Manaus. Muito recentemente a Federação Amazonense de Ginástica implantou em Iranduba um polo com trabalho voltado à iniciação esportiva de crianças deste município. Podemos afirmar que o ingresso ao esporte ainda não está acessível a todos, e mesmo depois da Pandemia de Covid 2019 seu retorno foi lento.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), classifica os esportes em sete categorias, sendo essas as seguintes: (1) Marca, (2) Precisão, (3) Técnico-combinatório, (4) Rede/quadra dividida ou parede de rebote, (5) Campo e taco, (6) Invasão ou territorial e Combate (7). Baseado na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação. Esse modelo possibilita a distribuição das modalidades esportivas em categorias privilegiando as ações motoras intrínsecas, reunindo esportes que apresentam exigências motrizes semelhantes no desenvolvimento de suas práticas. (BNCC,1996, p.215).

A ginástica está inserida na categoria Técnico-combinatório, onde reúne as modalidades nas quais o resultado da ação motora comparado é a qualidade do movimento, segundo padrões técnico-combinatórios (ginástica artística, ginástica rítmica, nado sincronizado, patinação artística, saltos ornamentais etc.) (BNCC, 1996, p. 216).

Podemos comprovar que a ginástica geral, ginástica de condicionamento físico e a ginástica de conscientização corporal predominam na estrutura curricular de oferta das modalidades. Porém, nenhuma obrigatoriedade de ser praticada como parte do currículo é imposta às escolas. Leva-se em consideração, o espaço, e as condições que as escolas dispõem.

A Ginástica Rítmica é considerada como uma prática esportiva, portanto foi alocada na unidade temática Esportes, juntamente com a Ginástica Artística, Aeróbica Esportiva, e de Trampolim. Nota-se que estas são modalidades de conhecimento técnico específico para serem desenvolvidas, justificando a ausência de sua prática em escolas públicas, pela falta de profissionais que se disponham a desenvolver, mesmo em nível escolar.

Em Manaus, atualmente não existem escolas públicas que desenvolvam a modalidade da ginástica rítmica, deixando essa tarefa na responsabilidade das escolas privadas, que possuem espaços com condições de oferecer a ginástica no seu leque de opções esportivas. Nas últimas 3 décadas, a principal responsável por fazer essa oferta da modalidade de forma gratuita na cidade, foi a Vila Olímpica de Manaus, local que oferece dois projetos sociais para quem deseja começar essa modalidade.

Em se tratando de ginástica rítmica, nas escolinhas de iniciação esportiva da Vila Olímpica, desde 1987, é feito o processo de iniciação esportiva e descoberta de talentos, no qual a aluna que deseja seguir na carreira esportiva passa a pertencer a um clube local, desenvolvendo sua aptidão para o esporte, e se preparando para seguir, se quiser, em treinamento e competições.

Como em todo começo de uma nova vivência escolhida, a carreira de um atleta é cercada de otimismo e muito incentivo da família, onde as expectativas ainda se norteiam pelos exemplos de atletas vencedores, destacados nos seus projetos esportivos que servem de referência para iniciantes. Isso é comum no início, quando ainda existe pouca cobrança, e os anseios são mais maleáveis com os resultados.

À medida que o atleta vai galgando melhores resultados, o esporte vai agregando mais valor à sua vida, e consequentemente os que estão a sua volta: família, patrocinadores, técnicos, colegas, escolas, clubes, e todos que também se envolvem com maior interesse no processo. Mauss explica como a sociedade pode ampliar ou desaparecer com práticas corporais, que podem ser esquecidas se deixam de ser repassadas.

Em suas pesquisas sobre as técnicas do corpo, Mauss (1950), nos relata um vasto repertório de formas diferenciadas de se desenvolver técnicas e habilidades corporais. Le Breton aprofunda essa teoria unindo a sociologia como eixo condutor das experiências vividas

pelo corpo nos gestos e movimento corporal. O autor salienta sobre essa temática e nos remete: “Às técnicas do corpo desaparecem frequentemente com as condições sociais e culturais que a viram nascer. A memória de uma comunidade humana não reside somente nas tradições orais e escritas, ela se constrói também na esfera dos gestos eficazes”. (Le Breton, 2007, p.44).

O esporte como memória comunitária precisa de exercício constante para se consolidar e evoluir nos espaços sociais, se entrelaçando à cultura de movimentos que será repassada para novas gerações que a utilizam como parte de suas tradições gestuais.

As cobranças passam a ser mais frequentes, os horários são mais rigorosos, e as competições são tidas como um evento de extrema importância. As mudanças na vida dessa mini atleta já causam transformações radicais à sua rotina, e à vida de quem administra seus horários. O Amazonas já logrou em outros anos equipes da categoria adulta, e essas ginastas tornaram-se referência para outras que vieram espelhadas nas mais experientes. Ginastas adultas sempre se destacam na equipe por acumular as capacidades mais treinadas, são conseqüentemente admiradas pelas mais jovens.

Essa linguagem onde o corpo mais jovem tem uma referência de um corpo mais experiente para se espelhar, facilita o aprendizado de novos exercícios, cria também uma disciplina no comportamento de jovens ginastas que ao ver as mais antigas se dedicando com mais seriedade nos treinos, molda um comportamento de responsabilidade e respeito com o seu próprio trabalho. Sobre as percepções sensoriais, Le Breton (2006), aborda que:

De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator. Segundo as palavras de Durkheim, o corpo é um fator de “individualização”. O lugar e o tempo do limite, da separação. Como a crise da legitimidade torna a relação com um mundo incerto, o ator procura, tateando suas marcas, empenhar-se por produzir um sentimento de identidade mais favorável (Le Breton, 2006, p. 10-11).

Le Breton (2006) e Durkheim nos mostram que o corpo é um elemento de individualização, que distingue o indivíduo dos outros, especialmente em contextos sociais. Ginastas mais velhas, que já passaram por diversas experiências, possuem corpos que carregam marcas e histórias de suas jornadas atléticas. Essas marcas físicas e experiências vividas podem servir como referência e inspiração para ginastas mais jovens.

Para essas ginastas, observar e aprender com as ginastas mais velhas pode ser uma forma de se identificar e projetar seu próprio desenvolvimento. Aprender movimentos e técnicas aprimoradas através das vivências práticas das mais experientes e entender os desafios e

conquistas dessas ginastas, que podem servir de motivação para superarem seus próprios obstáculos. Absorver valores e comportamentos, como disciplina, perseverança e ética de trabalho, ganhando orientação e exemplos práticos de como evoluir e lidar com os desafios do esporte.

Sendo assim as ginastas mais experientes sentem-se valorizadas por serem modelos e podem refletir sobre suas próprias jornadas, reforçando sua identidade. Portanto, a experiência corporal das ginastas mais antigas se torna um legado vivo, que ajuda a moldar as próximas gerações, criando um ciclo contínuo de aprendizado e evolução no esporte. A imagem a seguir (fig. 6), ilustra a equipe do Amazonas na década de 1980 em treino no Nacional Futebol Clube.



Figura 6. Seleção Amazonense da década de 1980 treinando no Nacional Clube sob comando de A. Soares
Acervo: Ana Paula Castelo Branco

Para Le Breton a pesquisa sociológica relacionada ao corpo não deve se restringir apenas às ações físicas, mas também deve incluir como o corpo incorpora e reflete o funcionamento regular do mundo. Esta incorporação está profundamente arraigada na intimidade do indivíduo, sendo a parte mais inacessível; é uma área de dualidade, que abrange um vasto campo de sensações. De uma cultura para outra, e ainda mais entre diferentes classes sociais, as pessoas interpretam o mundo de maneira sensorial distinta.

Na percepção de jovens ginastas que buscam no esporte um meio de realizar os sonhos de ser uma atleta campeã, é necessário reconhecer essa possibilidade como real, como tangível, traçando perspectivas de realização. Muitas ginastas iniciantes buscam referências em outras

ginastas que alcançaram essa conquista, mostrando às próximas, que existe um caminho a ser trilhado, porém, exige muita dedicação e planejamento na sua execução.

A ginasta que mais se destacou na modalidade dentro do Amazonas foi Bianca Maia, que em sua trajetória peculiar, se manteve treinando dos cinco até os quinze anos em Manaus, em seguida ficou um ano em Florianópolis, e ingressando em 2011 na seleção brasileira. Sua carreira motiva novas ginastas a procurarem a modalidade para praticar, e se tornar uma referência seguindo seu exemplo. Ela conquistou em 2011, três medalhas de ouro no Pan-americano de Guadalajara, e um bronze em um Mundial na Bielorrússia em 2013.

Antes dela, outras ginastas traçaram o percurso da ginástica no Amazonas, e serviram de inspiração para outras gerações. O esporte define as técnicas e as práticas que serão apreendidas, porém, o corpo do atleta será o armazém de experiências que guardará as vivências memorizadas na sua identidade corporal, como marca para nortear as próximas gerações, e adequar sua verdadeira personalidade, mesmo sendo influenciada por outra cultura, como é o caso da ginástica rítmica.

Discurso de identidade, discurso de alteridade: essa frase sintetiza e introduz o tema da nossa reflexão e a perspectiva de ser trabalhada aqui: a discussão da “identidade”, é no mesmo movimento a discussão da “alteridade”, da diferença. “Nós” e o outro são pares indissociáveis (França, 2002, p.27).

A frase de França 2002, nos convida a refletir sobre a identidade e a alteridade como conceitos interligados e indissociáveis. No contexto do esporte, essa relação entre "nós" e "o outro" é particularmente evidente nas diversas formas como o corpo é valorizado e interpretado em diferentes culturas e etnias. Por exemplo, no esporte, a valorização de certas características físicas pode variar significativamente entre diferentes culturas. Além disso, a inclusão de esportes de diversas partes do mundo em um cenário globalizado revisita a alteridade, mostrando como cada cultura tem sua própria visão sobre o que constitui a excelência esportiva. A presença de atletas de diferentes etnias em competições internacionais também promove a discussão sobre a identidade e a diferença, destacando as diversas formas de expressar habilidade e talento físico.

No esporte encontramos espaço de igualdade no julgamento e nas regras que são iguais para todos. Porém, é neste território que podemos interagir com as diferenças que são características de cada cultura. Mostrar sua identidade no desfile de abertura de uma Olimpíada é o que nos faz ver o mundo de forma diversa, onde cada um pertence a sua cultura e o esporte serve para unir as diferenças, respeitando a partir dessa comprovação de identidade e alteridade.

Ele se repete nas competições, passamos a compreender melhor, quando interagimos com o diferente.

A interação constante com diferentes culturas nas competições permite uma maior compreensão e apreciação da diversidade. Como Le Breton nos mostra, o corpo é um veículo de significados e simbolismos culturais, e através do esporte esses significados são compartilhados e compreendidos globalmente. Sobre os gestos, o autor se refere à gestualidade como um ritual.

A gestualidade refere-se às ações do corpo quando os atores se encontram: ritual de saudação ou de despedida (sinal de mão, aceno de cabeça, aperto de mão, abraços, beijos no rosto, na boca, mímica etc.) maneiras de consentir ou de negar, movimentos da face ou do corpo que acompanham a emissão da palavra, direcionamento do olhar, variação da distância que separa os atores, maneiras de tocar ou de evitar o contato etc. (Le Breton, 2006, p. 44).

Na GR, o uso de aparelhos como fita, arco e bola funciona como uma extensão do corpo, adicionando complexidade e enriquecendo a gestualidade. Cada interação com o aparelho é planejada para transmitir uma mensagem ou emoção ao espectador. Em essência, a ginástica rítmica transforma a gestualidade em uma arte visual, utilizando o corpo como meio de comunicação e expressão, alinhando-se perfeitamente aos conceitos propostos por Le Breton.

Santos (2009) aponta que precisamos entender que: “não somos donos do nosso corpo, e sim, temos um corpo que é capaz de pensar, sentir e agir, e que necessita de entendimento de si próprio e do outro. A corporeidade é a própria existência humana, é a tentativa de se entender com o mundo por meio de sentimentos que estruturamos para conviver em uma sociedade onde, “se mostrar” é prioridade para uns e desconforto para outros”. Essa abordagem não apenas ajuda a expandir os territórios de conquistas, mas também valoriza a diversidade e a identidade cultural, fortalecendo o esporte como uma ferramenta de integração e desenvolvimento social.

As formas de espetáculo evoluem com o tempo e a multiplicidade de avanços tecnológicos, e os eventos esportivos são favoráveis aos espetáculos. Eventos como Olimpíadas, Super Bowl, Copa do Mundo dentre outros campeonatos atraem audiências colossais, em busca de entretenimento e, por outro lado, atraem anunciantes dispostos a pagar este alto investimento (Riegel, 2012)

Para expandir seus espaços de prática, o esporte deve se tornar mais inclusivo e mais popular. Porém, como selecionar atletas sem padronizar corpos, já que estamos falando de atletas que querem entrar no alto rendimento? Identificar atletas sem seguir estereótipos

corporais é fundamental para promover a inclusão e a diversidade no esporte, utilizar algumas estratégias que podem ajudar nessa escolha é importante.

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores. Hoje, sem dúvida, sob a égide do consumo e sob o efeito do crescimento das classes médias, sob o efeito também da emergência da sensibilidade individualista, que dá ao ator uma margem de manobra menos estreita que anteriormente, as oposições não são tão nítidas quanto foram nos anos 1960-1970 (Le Breton, 2006, p.81).

Utilizar critérios de seleção baseados em desempenho e potencial, onde as habilidades, e o potencial atlético do indivíduo será o foco, além é claro, de sua vontade em ser uma atleta da modalidade em questão, podemos diminuir a importância dos critérios estéticos. Para referenciar esses acontecimentos buscamos coletar dados que nos comprovam o que levou a ginástica rítmica (ainda GRD nesta época) a ser aceita como uma opção de prática esportiva na cidade de Manaus. As entrevistas coletadas pelas personagens que credibilizam os fatos a serem citados nesta pesquisa, podem traçar o cenário social e cultural do esporte sendo implantado na capital amazonense.

2.2 A trajetória esportiva na Ginástica Rítmica em Manaus

Para que a sociedade amazonense pudesse conhecer a nova modalidade, houve um processo de adaptação que despertou o interesse pela recente prática esportiva, iniciada na década de 1970, mais precisamente em 1973. As percepções das ginastas serão descritas pelas próprias protagonistas dessa diligência.

Para Le Breton, “Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais, o “corpo” é o elemento da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo” (Le Breton, 2007, p. 30). O autor destaca a dualidade da importância do corpo em diferentes tipos de sociedades. Em sociedades tradicionais, o corpo atua como um símbolo de unidade e energia coletiva, onde cada indivíduo é integrado ao grupo por meio dele. Já em sociedades individualistas, o corpo delimita a identidade pessoal, marcando os limites do indivíduo.

No que se refere às ginastas amazonenses, considerando especialmente o início da prática da ginástica como uma nova modalidade esportiva, podemos perceber um processo de construção de identidade corporal que reflete ambas as perspectivas. Por um lado, as ginastas são parte de um coletivo, desenvolvendo uma identidade comum através da disciplina, técnica

e estética próprias do esporte. Treinamentos, competições e apresentações tornam-se momentos de expressão da energia coletiva, onde o corpo é a principal ferramenta de inclusão e reconhecimento dentro do grupo esportivo.

Por outro lado, a prática da ginástica também permite que cada atleta desenvolva uma identidade corporal individual, baseada em suas habilidades, estilo e interpretações pessoais dos movimentos. Neste sentido, a ginástica favorece a emergência de características únicas que definem e distinguem cada ginasta das demais, alinhando-se à visão de sociedades individualistas. Assim, a prática da ginástica pelas ginastas amazonenses ilustra como o corpo pode ser simultaneamente um elo de coesão social e um veículo de afirmação individual. A modalidade proporciona uma plataforma onde a identidade coletiva e individual se intersecciona, promovendo tanto a integração no grupo quanto a expressão pessoal.

Para Soares e Teixeira, (2017), quando uma determinada sociedade é objeto de estudo, “uma das primeiras coisas que nos chama atenção é a atuação formadora que as categorias coletivas de uma sociedade exercem sobre a organização e práticas concretas desta. É necessário muito desprendimento para aceitar que assim se consolida esta sociedade, dado que não é esta a formação da sociedade em que nascemos e na qual construímos o nosso pensamento.” (Soares, A. Teixeira, N. 2017, p.75).

Apontar a necessidade de desprendimento para compreender e aceitar que a sociedade é formada por essas categorias coletivas, especialmente quando essas categorias diferem das da sociedade em que nascemos e desenvolvemos nosso pensamento. Isso implica a importância de uma perspectiva reflexiva e crítica ao estudar diferentes sociedades.

Ao analisar o relato de G01 observamos que a capital do estado, Manaus, estava em pleno desenvolvimento, ainda com características de cidade pequena. As percepções do esporte são relatadas como a de ter um corpo bem moldado pela ginástica, e de estar diante de um esporte de elite, e interagir e conhecer outras pessoas de nível social maior que o seu, também era uma motivação a mais. Em suas lembranças, a ginasta aqui entrevistada pertence a segunda equipe do Amazonas. Ela recorda o nome de ginastas da primeira equipe a representar o Amazonas fora do Estado, e cita o ano de 1973 como sendo a primeira participação do Amazonas em Jogos Escolares Brasileiros (JEBs).

A adaptação à modalidade é considerada como fácil e natural, pois, já existe uma referência do primeiro grupo de ginastas, que deixa a trajetória iniciada em seus primeiros passos como esporte de competição. Na entrevista a seguir, a ginasta descreve o início de sua carreira esportiva em Manaus, pertencendo a segunda equipe de Ginástica do Amazonas, datada

de 1974, ano que já se via uma sequência do trabalho iniciado em 1973 pela profa. Artemis Soares.

Em 1974 Manaus era um lugar bem pequeno. Nessa época, então, pegava fogo no esporte, todo mundo queria praticar. Enfim, a dificuldade mesmo que o próprio esporte botava, que era tudo muito complicado. Mas foi uma época maravilhosa! Olha, eu tinha 12 anos, eu acho, tenho quase certeza. Foi através da educação física na própria escola, no colégio IEA, no Instituto de Educação do Amazonas. Eu estudava lá e na hora de fazer a educação física, íamos para a quadra. E a professora Artemis sempre estava por lá perguntando quem tinha interesse, quem gostaria de fazer ginástica. Em 1974 ela já tinha uma equipe que eu lembro muito bem, que era formada por oito ginastas: Alane Braga, Jeanne Abreu, Elaine Rabelo, que é a irmã da Janete, a Carmem Silva, a Célia Braga, a Elizabeth Peres Braga a Zuleide Andrade, e a Socorro Palmeira. E elas já tinham feito uma viagem para Brasília em 1973, participando do JEBs (Jogos Escolares Brasileiros), e nessa primeira participação conseguiram a classificação do 11º lugar na série de conjunto de corda. Eu como ginasta, já participei do segundo momento do Amazonas em competição Nacional. Minhas primeiras impressões na época, eu considerava um esporte de elite, porque era tudo muito caro, os aparelhos, as roupas, as viagens. Também eu pensava que ficaria com um corpo legal, essa foi minha impressão. E eu estava certa, meu corpo se moldou bonito, conheci pessoas de poder aquisitivo mais alto do que eu tinha na época. Nunca tive dificuldade de me adaptar, foi muito tranquilo. Fiquei até os 16 anos, e parei, podia ter ficado até os 18 anos, mas não quis continuar. (Entrevista concedida por G01-74/78 2ª Eq Em 2024 pelo google meet, gravada no celular) .

Nos relatos de G02 constatamos que a GR seguia expandindo suas conquistas de espaços como modalidade, nas escolas públicas. A próxima ginasta entrevistada pertenceu à segunda equipe de ginastas do Amazonas. Podemos confirmar como a escola pública desempenhava uma importante função na sociedade e no esporte. O interesse e a “paixão” são palavras que sempre estão nos relatos das ginastas, repercutindo como a modalidade logo ganhou adeptos. A escola, então, cumpria um papel importante de disseminar as modalidades pela capital, caracterizando a GR como uma modalidade acessível às classes economicamente mais pobres.

Em 1976 foi quando eu ingressei na GRD, eu tinha uns 12 anos, na verdade eu fazia no Marquês de Santa Cruz, mas eu fazia só como “pipoca”, só ficava nas beiradas do pátio. Minha irmã fazia faculdade de Educação Física, e me levou ao Campus para ver a escolinha da Artemis. Então foi através de minha irmã que me levou para iniciar com Artemis. Eu me apaixonei de início pela modalidade, quando olhava as meninas no Marquês. Não queria outra coisa na minha vida, minha mãe me dizia sempre, “se tirar nota baixa, vai sair da ginástica”. Eu era louca, alucinada pela ginástica, não tive nenhuma dificuldade de me adaptar. (Entrevista concedida e por G02-76/853ª Eq. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

Para G03 era importante retratar como a ginástica amazonense se expandiu pela cidade. Nesta entrevista, a ginasta cita o nome de sua professora, a qual pertenceu, como ginasta, à

primeira equipe amazonense da modalidade. A professora Jeanne Chaves Abreu²², seguiu como auxiliar dando sequência ao trabalho iniciado pela profa. Artemis em 1973.

A citação de Soares e Barros ilustra o depoimento de G03 sobre suas percepções no esporte. “Não se trata apenas de um ato de beleza e arte performática, pode ser também um evento de protesto. Portanto, o corpo é o primeiro sentido da identidade humana. É a nossa identidade externa, é o que somos muito antes do desenvolvimento da qualidade. Durante séculos a nossa ferramenta de expressão foi a nossa corporeidade. Por meio de um gesto é possível traduzir significados ricos e amplos. É assim que essa arte proporcionada pela ginástica rítmica cria relações de significados e significâncias, capazes de encantar, emudecer e extasiar a depender do ato apresentado. “O movimento corporal possui caráter cognitivo, estando unido à linguagem. É um importante meio de aquisição de conhecimento e de comunicação” (Soares; Barros, 2017, p.24).

A ginástica como esporte desafiou seus primeiros praticantes a conhecer os segredos da nova modalidade. E motivou a seguir levando à frente como esporte de competição, estimuladas pelas diversas possibilidades de se expressar, e exercitar a criatividade através da modalidade, a seguir o relato de G03.

Meu ingresso na Ginástica Rítmica foi no ano de 1976, no Colégio Princesa Isabel, vinculado ao IEA. Antes eu praticava Ginástica Olímpica, com a saudosa professora Valdeciria. Minha primeira professora foi a Dra Artemis Soares, em seguida fui estudar no colégio Auxiliadora, e dei continuidade aos treinos com a professora Jeanne Abreu. Confesso que no início foi desafiador me adaptar. A transição exigiu não apenas trabalhar com os aparelhos, mas também desenvolver uma maior flexibilidade e coordenação. Havia momentos em que eu achava difícil equilibrar a precisão técnica com a expressividade dos movimentos, algo tão característico da Ginástica Rítmica. Porém, ao mesmo tempo, foi exatamente esse desafio que me motivou. Eu gostava de aprender algo novo a cada dia e me sentia realizada ao perceber minha evolução. Rapidamente, percebi que a Ginástica Rítmica era mais do que um esporte, era uma forma de expressão artística onde cada movimento contava uma história. Isso me conquistou de imediato, e, apesar das dificuldades iniciais, a paixão pela modalidade cresceu com o tempo. A cada treino eu me sentia mais conectada com a prática, como se tivesse encontrado um lugar onde a minha criatividade e disciplina poderiam se unir. (Entrevista concedida por G03-76/84 3ªEq.Em07/01/2025, de forma escrita, seguindo roteiro do questionário previamente enviado)

Na entrevista de G04 percebemos que para se deslocar como esporte em expansão, a GRD busca as escolas próximas ao IEA, visando implantar a nova modalidade ainda desconhecida pela sociedade local. A velocidade com que era disseminada a prática, que em

²² Jeanne Chaves Abreu é Professora Doutora da Universidade Estadual do Amazonas, foi ginasta da primeira equipe do Amazonas, e foi uma das primeiras técnicas a desenvolver a GR em Manaus. Atua na dança contemporânea com a Cia Pajé.

apenas 4 anos já se firmava como esporte na capital amazonense, agregava novas professoras ao seu processo de construção. Notamos aqui que a idade com que as ginastas eram selecionadas nesta época, se configurava entre os 12 e 13 anos. O atrativo da modalidade para esta ginasta foi a troca da Educação Física, pela GRD.

Mesmo não conhecendo a nova prática, o interesse foi despertado e o convite aceito. O Ginásio Renée Monteiro aparece como primeiro projeto social com proposta de massificar a GRD na cidade. A professora Carmem Silva, citada como responsável pela escolinha, foi ginasta da primeira equipe, e deu prosseguimento na carreira como professora de Educação Física. A seguir a entrevista de G04.

Eu iniciei na ginástica em 1977, eu tinha 12 anos de idade, e estudava no Instituto Benjamin Constant. E foi lá que eu ouvi falar de GRD, por meio da professora Dorinha e a professora Gracinha. Foi a professora Namir Dantas Pio que me levou para conhecer essas professoras. As professoras foram lá e apresentaram a ginástica como uma opção de esporte, e podiam substituir pela Educação Física. Como eu odiava a educação física, (não gostava da professora), e aí aceitei logo. Eu tinha 12 anos nessa época. Em 1978 elas escolheram alunas para ir para o Renê Monteiro, participar da escolinha que estava abrindo com a professora Carmem Silva. Porém, eu já tinha 13 anos, e a idade máxima era 12 anos, mas, as professoras me escolheram por ser graciosa, e ter facilidade para aprender. A partir daí eu fui treinar no Renée Monteiro. Nessa época eu já morava no conjunto Ipase, para mim era mais próximo. Passei o ano todo indo para as aulas, e foram 2 meses que eu parei. Depois eu voltei, e nessa época a Ártemis fez um teste com aparelho maçã, mandou fazer uns movimentos básicos, e me escolheu para ir treinar no Colégio Militar, neste mesmo ano. Minha primeira competição foi em 79. E deu certo, a ginástica mudou a minha vida. Depois eu fiquei tão empolgada que trouxe mais duas amigas para a modalidade, as gêmeas Mariluce e Marilene, minhas colegas do Benjamin Constant, elas entraram na GR junto comigo. Só tive dificuldade na flexibilidade, o resto eu tive um enorme prazer em fazer a GRD. (Entrevista concedida por G04-77/85 4ªEq. Em 02/11/2024, de forma presencial)

Na entrevista de G05 percebe-se que o centro histórico de Manaus agrupava toda estrutura de escolas e academias de dança, artes, cursos de inglês, comércio etc. O nome do professor Arnaldo Pedutto e do professor José Rezende são citados pela ginasta que faz questão de frisar como era importante ter afinidade com a dança, o jazz e o ballet, para ter melhor desempenho na Ginástica rítmica. O início das parcerias com outras atividades que enriquecem o trabalho com as ginastas, já eram bem-vindas e somavam em qualidade na evolução da modalidade. O início dos anos 80 começa com mudanças na forma de selecionar novas ginastas para serem treinadas. Na narrativa da ginasta a seguir observamos como era importante buscar corpos que tivessem afinidade com o esporte. Segue a entrevista de G05.

Iniciei em 1979, aos 10 anos, na ginástica rítmica. Foi por meio do professor Arnaldo Pedutto que já era meu professor de Jazz, Sapateado, Dança Contemporânea, eu já

fazia desde os 4 anos, só não tinha o balé clássico, que só existia um professor em Manaus que era o Rezende. E foi por meio do professor Arnaldo, que era amigo de Artemis Soares, que fui fazer a GR. Ele selecionou algumas meninas e as levou para conhecer a GR. Foi assim que eu iniciei, no Colégio Militar com a professora Artemis Soares. Nunca tinha ouvido falar antes em ginástica. Lembro do Arnaldo montando as séries de conjunto para nós, com a música New York New York, ele sempre buscava inspiração nos musicais da Broadway. Eu estudava de manhã e passava a tarde inteira treinando no Colégio Militar. Ficamos em terceiro lugar no CEBs, lembro do Nacional e do Rene Monteiro. Nossos treinos eram sempre à tarde até às 21:00 h, treinávamos das 17:00 às 21:00h. Lembro bem da Sarah, da Ana Beatriz, Cassia, Karlene. Lembro da gente pedindo na Zona Franca de Manaus, uniforme, minha mãe ajudava fazendo umas cartas porque trabalhava na SEFAZ. (Entrevista concedida por G05-79/85 4ªEq. Em 2024, pelo google meet, gravado no celular)

A década de 1980 chega com mais intensidade nas práticas da GRD. Ampliam as escolinhas da modalidade, as escolas particulares também implantam a ginástica em suas grades de atividade. Já se pode ter referências de outras ginastas para seguir na prática e ter como modelo de carreira outras ginastas. G06 descreve o seu ingresso na modalidade aqui, trazendo várias lembranças com detalhes de informações para a pesquisa. Em seus relatos ela destaca como chamou a atenção por ser considerada bonita, suas características de cabelo loira, olhos claros, e sempre se destacando em eventos que a sua escola, anexo do IEA, promovia dentro das suas dependências. Sobre a importância que a família demonstrava em apoiar um atleta, fica destacado no depoimento o sacrifício que era feito, pela falta de recursos financeiros, em se deslocar a pé de um bairro até o local de treinamento

Em seu relato, fez teste de capacidades físicas e foi aprovada para entrar direto na pré equipe, sem passar pela iniciação esportiva. Essa ginasta é o que podemos classificar como um talento para o esporte. No final da sua fala, ela reafirma a importância que o esporte tem na sua vida, ao encaminhar as filhas na GR, e alcançar resultados ainda mais relevantes na carreira da filha. Segue o relato de G06.

Eu comecei em 1985, no IEA, na Princesa Isabel, anexo do IEA, aos 10 anos. A professora Virgínia Martel²³ conduzia um grupo de dança que eu participava, sempre me destacava por ser considerada bonita e muito esperta. No recreio eu observava um barulho de quicada de bola, música no piano, que era a equipe que treinava na parte que já pertencia ao IEA, onde as crianças do anexo não tinham acesso. Um dia empilharam cadeira no local que tinha a janela, e eu subi para olhar o que acontecia. Foi aí que fiquei encantada com a cena que lembro até hoje, ginastas fazendo uma série de bola, onde elas executavam uma colaboração que eu nunca esqueci. Seguravam a bola, três seguravam e uma passava para empurrar a bola da outra. Fiquei uns 10 minutos vendo o treino das meninas, e a professora Jeanne Abreu ministrando o treino. Pediram para eu sair de cima da janela e conversar com a professora Jeanne, que imediatamente viu que meu interesse era muito para fazer a modalidade. Fui convidada a fazer o teste com a equipe e passei, ela me escalou para o conjunto. Me

²³ Virginia Martel foi professora e técnica de ginástica na década de 1970/1980, ingressando na carreira acadêmica pela UFAM nos anos que se seguiram.

preparei para o JEAs, e competi no mesmo ano. As professoras sempre me elogiavam e me chamavam para apresentações. A primeira impressão que eu tive foi curiosidade, de ouvir a quicar da bola, e combinar a música com quicada, eu não sabia o que era a GR. Desde criança eu era apaixonada por dança, mas quando eu subi na cadeira e vi a GR, eu me encantei. Eu sou apaixonada pela ginástica desde 1985, desde o dia que vi as meninas treinando, nunca faltava treino, sempre fui responsável. Às vezes eu ficava direto da aula, com uma prima que tomava conta da cantina, e já emendava para treinar à tarde, assim economizava o transporte, eu não queria faltar nunca. Depois eu lembro que os treinos passaram para o Nacional, e é daí que eu lembro da Ana Paula, da Sâmia Maia, da Iara Costa, treinando com as maçãs. Fazia esse trajeto a pé, minha mãe sempre dava um jeito de me levar. No final dos anos eu sempre ganhava um prêmio de ginasta que menos faltava. Minha família sempre deu um jeito. Eu levava muito a sério a ginástica. Quando eu competi pela primeira vez, eu não sabia nem o que era competir, não sabia o que era uma arbitragem, mas eu sabia que não podia sair daquele quadrado. Sou tão apaixonada pela ginástica, que tive duas filhas que fizeram a GR, mas só a Duda quis seguir carreira. Ela chegou a ir para um mundial, foi medalhista em bola em 2019. A ginástica entrou na minha vida para ficar. (Entrevista concedida por G06-85/94 EqC. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular).

O próximo relato da ginasta G07 relembra a década de 1990 caracterizada pela mudança de local de referência da modalidade, passando a ser praticada na Vila Olímpica de Manaus, desde sua iniciação, até os treinos de equipes. O local foi muito importante para a popularização da modalidade por oferecer turmas de escolinha de iniciação esportiva nos turnos matutino e vespertino. Várias modalidades eram praticadas dentro das dependências da Vila, que até hoje oferece a GR como uma das modalidades mais procuradas pelas crianças.

Nesta entrevista, percebe-se que a modalidade sempre despertava um sentimento de paixão e exclusividade de suas praticantes, não deixando espaço para outra atividade extraclasse. A dedicação aos treinos determina o desempenho nas competições, logo, quem treina mais, tem mais chances de obter melhores resultados. Segue a entrevista de G07.

Iniciei em 1990, sempre fui do esporte, fazia natação, e sempre quis fazer Ginástica Olímpica, mas nessa época não tinha. Fazia Kung Fu com meu pai, eu estudava no Gonçalves Dias, e teve uma vez que foram para fazer o cadastro das modalidades disponíveis na Vila Olímpica. E estava lá Ginástica Rítmica, eu não conhecia, mas resolvi fazer meu cadastro. Iniciei em 1990 com 10 anos e a professora Itemar Pinheiro²⁴, na Vila Olímpica. Logo que eu iniciei já fui escolhida para equipe. Tive que escolher entre o Kung Fu e a GR., pois o tempo para treinar era pouco para ficar nos dois. Escolhi a GR, e já fui treinar em 1991 com a professora Antonieta Tinoco. Eu me apaixonei logo de primeira, eu não tive dificuldade nenhuma. Eu gostava de vir, eu saía da escola Gonçalves Dias, minha tia morava do lado da Casa Canarinho, eu almoçava na casa dela, e chegava na Vila para treinar à tarde. Nessa idade era tudo festa. Eu adorava toda rotina de treinamento, chegava em casa, ia estudar, e ainda treinava de novo. Ficava no pátio treinando. (Entrevista concedida por G07-85/99 EqC. Em 9/01/2024, de forma presencial, gravada no celular)

²⁴ A professora Itemar Pinheiro, foi ginasta da 4ª equipe do Amazonas, seguindo carreira como professora de Educação Física, ministrando aulas de iniciação esportiva na Vila Olímpica de Manaus. Além de ser também, presidente da FAG na gestão de 1998/2003.

Para G08 seu envolvimento com a ginástica pela afinidade com o balé e a dança são importantes referências do que despertou seu interesse para conhecer a ginástica. Nas lembranças descritas, as séries que apresentou e as músicas ficaram como registros na memória, além de sua facilidade em expressar sua musicalidade. A UFAM, (UA nesta época), desenvolvia projetos de iniciação à modalidade juntamente com a Vila Olímpica. Sempre foi, e ainda é importante, diversificar os pontos de referência onde esses projetos atuam. Permitir que crianças de outras partes da cidade conheçam a modalidade, sem ter que se deslocar muito da sua moradia.

A professora Artemis atua aqui fazendo a busca de novos atletas para ingressar na modalidade. Esse olhar de caça talentos foi importante para o ingresso de muitas ginastas que tiveram destaque em suas trajetórias. Podemos ver a família se envolvendo como principal agente de motivação e provedor, sem a qual, não chegaria a nenhum lugar. A seguir a entrevista de G08.

O primeiro contato que eu tive foi com minha mãe, que me levou na UFAM, em 1991 na época UA, ela nos levava para ver o projeto que existia com a professora Artemis no Campus. Minha mãe pagava a disciplina com a professora Artemis Soares, e eu e minha irmã empolgadas com os aparelhos da ginástica, começamos a fazer alguns exercícios, e chamamos atenção. Artemis nos encaminhou para a Vila Olímpica. Minha primeira professora foi a estagiária Nara Rúbia²⁵. Eu tinha 9 anos, ela era auxiliar da professora Itemar Pinheiro nas aulas da vila. Depois fui da turma da professora Sâmia Maia, e iniciei os treinos em 1992 para participar de competições. Participei de um conjunto do Vivaldi, “As 4 Estações”, lembro bem da música. Passei para a equipe principal com a professora Antonieta Campos no ano 1993, a equipe que estava com a responsabilidade de trazer resultado de 1º ou 2º lugar, já que a equipe que antecedeu a nossa havia conquistado o 2º lugar no brasileiro. Eu já tinha familiaridade com a dança, e de início me identifiquei bastante, mas na época nós trabalhávamos só mãos livres, e a medida que foram sendo inseridos os aparelhos, eu fui tendo noção das dificuldades, mas eu lembro que eu era uma ginasta um passo atrás da equipe, tinha meu tempo de assimilar as coisas, mas sempre fui muito esforçada para fazer tudo. Quando eu conseguia as coisas a técnica comemorava, e falava sempre “finalmente”. Em compensação eu tinha destreza muito desenvolvida em relação às outras, pelo fato de fazer balé, tinha muita expressividade, musicalidade, e lembro que tinha autonomia de criar, acredito que nasci coreógrafa. As minhas séries eu recebia um guia para ir compondo o que não podia faltar. Eu escolhi a minha música, antes só tinha competido em conjunto. Antonieta sempre impressionada porque eu sugeria músicas e montava as séries, meu problema era manejo. Minha mãe me via chorar e perguntava o porquê de eu continuar, eu respondia, me deixa chorar, só estou cansada. Ligava pra Antonieta e brigava, eu pedia para ela não fazer isso. Nossas condições eram muito precárias, e as técnicas compensaram com competência e conhecimento. Acredito que se tivesse um volume de competições maior, teria suprido minha dificuldade nos manejos de aparelhos. (Entrevista concedida por G08- 91/96 EqC. Em 01/11/2024, pelo google meet, gravada no celular).

²⁵ Nara Rúbia foi ginasta da ETFA na década de 1980/1990, e depois seguiu na profissão de Educadora Física, desenvolvendo a GR nas escolinhas Vila Olímpica.

Para G09 a importância do esporte foi preponderante nos tratamentos para vencer a depressão infantil. Aqui o ano é 1994, a ginasta relata que o esporte foi quem a salvou de uma doença emocional grave. O local de ingresso é a Vila Olímpica de Manaus, que assume um status de referência nessa modalidade. Por recomendação médica procurou um esporte que lhe proporcionasse prazer e muita satisfação, sobre esse contexto Bourdieu nos remete a sua teoria: “nas práticas físicas e esportivas a correlação entre as condições sociais de existência e o aspecto exterior associado como estrutura que alimenta os estilos de vida.

Uma prática esportiva é tão mais valorizada socialmente à medida que encabeça uma certa visão do corpo, próprias aos “agentes “da classe social, e é tão menos apreciada na medida em que se afasta dessa visão.” (Le Breton, 2007, p.83). Relacionando essa experiência com a teoria de Bourdieu, podemos observar que a prática esportiva escolhida pela família não só proporcionou benefícios pessoais como também está inserida num contexto social onde o corpo ativo e saudável é valorizado. O esporte, nesse caso, funciona como um meio de socialização e inclusão, promovendo um estilo de vida que é respeitado e admirado dentro de sua comunidade. Segue a entrevista de G09.

Comecei em 1994, eu tinha 7 para 8 anos, e tivemos uma perda na família de um primo, que aos 8 anos faleceu, e eu era muito ligada a ele e fiquei em depressão. Eu era muito criança, fui levada ao médico para sair do quadro de depressão, e ele aconselhou fazer um esporte. As minhas irmãs já faziam GR, e elas pararam quando eu entrei, e permaneci. Foi a GR que me tirou do desespero, superou em 1 ano, na escolinha da Vila Olímpica, tendo a professora Nara como minha primeira professora. Eu sempre estive na ginástica, nunca sai depois que entrei. Foi amor à primeira vista, tenho uma memória afetiva muito grande da quadra lá de baixo, onde iniciei, hoje é a quadra de judô. Deve ser porque eu fui muito feliz sendo ginasta, e aí eu fui ficando, consegui ingressar na equipe. Nunca tive dificuldades com a ginástica, já viajava desde os 8 anos. Treinava feliz, e dava conta da escola, sem prejudicar os estudos, me desenvolvi muito bem desde o início. (Entrevista concedida por G09-94/11 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

G10 relata sobre o esporte e a necessidade de as crianças socializarem. Sobre o início precoce da carreira, neste período, 1998, período que já se conhecia algumas características das escolas de GR do Leste Europeu, relacionadas ao início da modalidade ser exatamente aos 5 anos de idade como uma fase ideal. Muitas escolas já mostravam ginastas em competição, com nível corporal extremamente alto e uma idade muito abaixo de outras escolas. Os festivais, as apresentações, e as minicompetições, motivam ginastas jovens a seguirem crescendo com alegria, orgulho e muita dedicação no esporte.

A socialização também é um fator que se destaca na narração que a ginasta busca nas lembranças de sua infância, reforçando que fazer o que a irmã mais velha fazia era muito

importante, além de se destacar na modalidade e se sentir diferenciada por ser a mais jovem. Como cita Kunz (2000, p. 49). “Este tipo de treinamento esportivo infantil acontece com maior frequência e intensidade nos países com hegemonia mundial, especialmente em esportes como a ginástica artística e rítmica ou natação e atletismo”. Os Festivais, as apresentações em público, são considerados aqui neste relato como algo muito esperado, pois é na apresentação que as alunas podem vivenciar e demonstrar a todos que fazem parte de seu ciclo social, o que aprenderam durante um determinado período. Tamayo et al. (2001, p. 159) compreende então que “os outros formam como um espelho no qual, a partir das imagens sociais que ele reflete, o indivíduo se descobre, se estrutura e se reconhece”.

A citação de Kunz destaca a intensidade e frequência do treinamento esportivo infantil em países com hegemonia mundial, especialmente em esportes como ginástica artística e rítmica, natação e atletismo. Ao considerar o início da carreira esportiva de uma criança, é essencial equilibrar a intensidade do treinamento com elementos lúdicos e respeitar os processos de maturidade de cada atleta.



Figura 7. Festival do Sesi 1999. Ginastas mirins em apresentação
Fonte: Acervo pessoal Sâmia Maia

Um programa de treinamento equilibrado deve combinar o desenvolvimento técnico com a diversão. Isso não só melhora o desempenho esportivo, mas também assegura que os atletas permaneçam engajados e apaixonados pelo esporte. Treinos excessivamente intensos podem levar à exaustão e à perda do interesse, enquanto um ambiente de aprendizagem positivo

e estimulante pode encorajar o crescimento e o sucesso a longo prazo. A carreira esportiva de uma ginasta, ou de qualquer jovem atleta, deve começar com uma base sólida que integre esses princípios, garantindo um desenvolvimento saudável e sustentável. A imagem acima (fig. 7) retrata ginastas iniciantes em um festival no SESI do São Jorge, na década de 1990. A seguir a entrevista de G10. Na entrevista a ginasta a seguir enfatiza muito a sua busca pelo espelho que via na irmã mais velha fazer o esporte. Pelos relatos podemos deduzir que se tratava de uma atleta com talento para a modalidade, por ser a mais nova, e se adaptar sem nenhuma dificuldade. Ela termina dizendo que tinha um “QI a mais para o esporte”.

Eu comecei no Sesi do São Jorge aos 4 ou 5 anos, em 1998, minha irmã Lívia já fazia Gr, e eu sempre pedia a minha mãe que me levasse para aula, pois me considerava pronta para fazer as mesmas coisas que minha irmã. Minha primeira professora foi minha mãe, Sâmia Maia, que me treinou até os 15 anos. Nessa época ela fazia parte desse projeto e eu queria muito participar das aulas e dos festivais que ela organizava nessa escola. Foi por influência de minha irmã que eu fui pra GR. Não sei ao certo das primeiras impressões, mas das lembranças eu posso falar que uma das principais lembranças dessa fase era que a minha professora Sâmia Maia me dizia que eu era a ginasta mais nova do Brasil. Eu repetia isso sempre quando me perguntavam quantos anos eu tinha, e eu respondia “eu sou a ginasta mais nova do Brasil”. Eu lembro muito, principalmente as vivências dos festivais, eram muito legais, eu adorava ter um grupo de meninas da minha idade, e a Lívia tinha também um grupo de ginastas que tinha a idade dela, fazia sempre junto das minhas colegas as coreografias que cada grupo tinha suas coreografias e categorias. Eu lembro que logo de cara eu me identifiquei por ser uma atividade que coloca a pessoa em destaque, então o meu signo de leão se satisfaz por ser uma forma de estar em destaque, eu gostava de estar na frente, eu gostava de ser o centro das atenções, eu gostava demonstrar os exercícios eu gostava de me apresentar, e também amava o fato da minha vó fazer os collants de uniforme e de apresentações, eu também falava para todo mundo que era minha vó que fazia meus collants, e eu adorava quando ela assistia nossos treinos .Era um orgulho, essas lembranças são as mais fortes que eu tenho , até os 8 anos talvez , eu achava muito legal fazer a mesma coisa que ela. Eu não tive dificuldade de me adaptar ao esporte, desde o início eu me identifiquei muito, me destacava naturalmente porque eu aprendia muito rápido, sempre era muito fácil para mim. Na minha cabeça era muito normal. Eu acho que tinha um QI a mais para o esporte. (Entrevista concedida por G 10-98/14 EqC. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular)

Na entrevista de G11 percebe-se a necessidade de crianças praticarem esporte para auxiliar no tratamento de doenças, neste caso o bruxismo, repetindo o que aconteceu com G09. O benefício das práticas esportivas equivale ao remédio que vai atuar na cura de várias doenças na fase infantil. A idade para iniciar na GR foi diminuindo com a evolução do esporte, o início aos 5 anos é considerado ideal para a criança ter contato com a modalidade de forma lúdica. Ampliando sua psicomotricidade com os movimentos básicos, e tendo sua musicalidade despertada através das aulas com música e movimento.

A construção da corporeidade perpassa por todas as experiências vividas e retidas na memória desde sua primeira fase, sobre essa experiência Le Breton nos afirma que “A criança nascida na Floresta Amazônica, numa maternidade em Estrasburgo, ou em Tóquio, dispõe das mesmas potencialidades”, e reforça em sua pesquisa que “A sociologia do corpo aponta a importância da relação com o outro na formação da corporeidade, constata de forma irrestrita a influência dos pertencimentos culturais e sociais na elaboração da relação com o corpo, mas não desconhece a adaptabilidade que, algumas vezes, permite ao ator integrar-se em outra sociedade”. (Le Breton, 2012, p. 65).

Le Breton (2012) enfatiza que a construção da corporeidade é um processo universal e contínuo, influenciado por experiências culturais e sociais desde a primeira infância. Ele destaca que todas as crianças, independentemente de seu local de nascimento, têm potencialidades similares e podem se adaptar a diferentes contextos culturais e sociais. Segue o relato de G11.

Eu comecei em 2006, eu tinha 5 anos de idade, eu sempre ficava dançando na frente do espelho, então minha mãe sempre quis que eu ingressasse em algum esporte, e eu tinha bruxismo²⁶, a médica indicou um esporte. Minha mãe procurou a Vila Olímpica para me matricular em algum esporte. Ela procurou a natação, mas eu não tinha idade, ela então me inscreveu no Judô e na Ginástica. Só que em algum momento conflitou o judô com a ginástica. Minha primeira professora era a Itemar Pinheiro, e ela me pediu para optar por uma das duas modalidades. Escolhi a GR. No primeiro momento eu achei muito interessante a ginástica, porque eu só pensava que era para ficar saltando como na Ginástica Artística. Depois quando conheci os aparelhos eu entendi como era a modalidade. Me identifiquei muito rápido, a minha escolha pela GR por vontade mesmo, por coração, foi definitiva. (Entrevista concedida por G11-06/16 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada em celular)

Na entrevista de G12, a ginasta relata como logo ascendeu para o grupo de treinos, e foi agraciada com bolsa para estudar em uma escola particular. Pelo que se pode deduzir que ela tinha um potencial diferenciado, neste caso, seu biotipo longilíneo, com características das ginastas da Europa, foi logo observado por técnicas que buscavam sempre o padrão corporal exigido para a modalidade.

Pela idade que a ginasta se reporta para o início da modalidade, foge aos padrões da época que buscavam a iniciação à modalidade aos cinco anos. Porém, como explica a na entrevista, o corpo e flexibilidade foram determinantes pela escolha desta ginasta para ingressar logo nos treinamentos, e nas competições. Segue o relato de G12.

²⁶ É o transtorno em que a pessoa bate, desliza ou range os dentes, principalmente durante o sono, de modo involuntário. O problema causa dores de cabeça, desgaste dos dentes, e doenças nas gengivas

O ano era 2008, e eu tinha 9 anos, eu fazia uma aula de reforço na rua de trás da minha casa. A minha professora viu um anúncio, em algum canal, de uma matéria sobre uma escola de ginástica que iria inaugurar, e era o Centro de Excelência Caixa, no conjunto Eldorado. Era no ano de inauguração, no segundo semestre, só tinha GR. Lá na minha escola de reforço, só tinha matérias como, português, matemática etc. Então a professora resolveu mobilizar todos os pais para levar as crianças para fazer uma atividade, que era a GR. Íamos juntos de ônibus, às 16:00h, para fazer esporte no projeto que tinha sido inaugurado no Eldorado. Foi isso que me levou a conhecer a GR. Sinto que eu não tive muita dificuldade, para mim foi fácil, lembro de ter facilidade na flexibilidade das pernas, nos saltos, só minha coluna que não era tão boa no início. Ponte estrela, reversão, eu fazia com facilidade, eu era um pouco mais velha do que as outras meninas, que na turma tinham 7 anos, e em 2008, eu tinha 9 anos. Sempre fui magra e muito alta, e me destacava entre as meninas mais baixinhas. Até o contato com os aparelhos achei fácil, durante a escolinha eu amava ir para as aulas. Eu queria que tivesse aula todo dia, ficava ansiosa pelas aulas, que eram só duas vezes por semana no início. (Entrevista concedida por G12-08/15 EqC. Em 2025, de forma presencial, gravada no celular)

Na entrevista de G13, a ginasta expõe como seu interesse por praticar esporte se manifestava desde a infância. É comum a GR e a GA serem confundidas, por serem modalidades Olímpicas, e usarem música nas séries de mãos livres, muitas crianças começam em uma modalidade depois migram para a outra.



Figura 8. Ginastas iniciante e veterana uniformizadas
Fonte: Acervo pessoal Laisa Silva

Neste caso a ginasta explica que sempre teve afinidade com a GA, mas escolheu a GR, assim que foi inserida no projeto onde, no início só contemplava a GR. O projeto Centro de Excelência Jovem Promessa da Ginástica, foi inaugurado em Manaus em 2008, através da Federação Amazonense de Ginástica (FAG), em parceria com a Confederação Brasileira de

Ginástica (CBG). O projeto foi implantado em vários estados brasileiros com finalidade de massificar a ginástica no Brasil. Em Manaus sua primeira sede foi na quadra esportiva situada no conjunto Eldorado, local onde funcionou até 2016. A GR foi alavancada nesse período revelando muitas ginastas para a modalidade, que participavam das aulas de iniciação, e eram orientadas para seguirem nos módulos de acordo com sua evolução. A imagem acima (fig. 8) ilustra como era o uniforme do projeto.

Surgindo da necessidade da ginástica brasileira se expandir pelo Brasil, descobrindo novos talentos para a modalidade, funcionando no ginásio do conjunto residencial Eldorado até 2016, quando se deslocou para o novo ginásio que foi inaugurado dentro da Vila Olímpica. Segue o relato de G13.

Eu iniciei em 2008 com 5 anos de idade, minha primeira professora foi a Ralcilândia Oliveira, no Centro de Excelência Caixa, no conjunto Eldorado. Foi através do jornal impresso que meus pais viram que existia este projeto, e me mostraram a foto, e tinha várias crianças com roupa de ginástica na foto. Eu já tinha interesse por acrobacias, eu gostava de fazer estrelinha, rolamento, reversão etc. Eles perceberam minha afinidade com o esporte e me levaram até o projeto. Eu me interessei imediatamente, eu já tinha visto na TV a Ginástica Artística, que estava em evidência, e era sempre mostrada. Foi uma alegria, foi a realização de um sonho. (Entrevista concedida por G13-08/19 EqC. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular).

Para G14 a ginástica realiza o desejo pela vontade de se expressar e se mostrar como um elemento de comunicação, com o bônus dos aparelhos portáteis, que sempre se mostram como mais um atrativo para esta modalidade. A determinação em ser uma boa atleta desta modalidade, faz desta ginasta, sua marca neste relato. Como nos diz Bento, 1998, Teixeira 2016, “feito pelo homem, o esporte está aí para nos fazer. Para não nos deixar desidratar dos traços, das emoções, das paixões e sentimentos, demasiados, intensos e quentes, que perfazem o homem. Para conformar o homem como um ser de horizontes, capaz de, para além de si, estar ele ainda, pelos seus sonhos, desafios e metas” (Soares, Teixeira, 2016, p.59).

Bento e Soares destacam a importância do esporte na formação e expressão do ser humano. O esporte é descrito como uma prática que nos permite experimentar e vivenciar nossas emoções e paixões mais intensas, impedindo-nos de nos "desidratar" de nossa humanidade. O esporte nos molda, permitindo que nos tornemos seres de horizontes, sonhando, desafiando-nos e estabelecendo metas. Relacionando com a escolha de uma ginasta pela carreira esportiva, podemos entender que a ginasta opta por esse caminho não apenas pelo desejo de vencer competições ou alcançar reconhecimento, mas também pela busca de autoconhecimento e realização pessoal. A ginástica proporciona ao atleta a oportunidade de

explorar seus limites físicos e emocionais, enfrentar desafios e perseguir sonhos. Além disso, a prática esportiva ajuda a moldar sua identidade, mantendo vivas as paixões e emoções que são inerentes ao ser humano.

A ginasta, portanto, encontra no esporte uma forma de expressão de sua própria humanidade, vivendo experiências que a fortalecem e a tornam mais completa. A escolha pela carreira esportiva reflete uma busca por horizontes mais amplos, onde sonhos, desafios e metas se entrelaçam para conformar sua trajetória de vida. Segue a entrevista de G14.

Eu entrei na ginástica em 2014, na minha escola o Centro Educacional Adalberto Valle, tinha GR, e minha mãe sempre quis que eu praticasse um esporte, e eu fui na onda das minhas amigas e entrei na ginástica. Passei uns sete meses na escolinha, e minha professora Fabrícia Viana, minha técnica até hoje, me chamou para uma turminha de competição, e passei a treinar mais horas que antes. Com sete anos eu participei dos Novos Talentos Antonieta Tinoco, e com oito anos já fui para o meu primeiro Regional. Eu desde pequena falava para minha mãe e para minha vó que seria bailarina, eu já andava na ponta do pé, e chegaram a pensar que era autismo, mas eu falava sempre que queria ser bailarina. Logo que entrei na ginástica eu fiquei muito empolgada com o que o esporte poderia me proporcionar, porque eu via as outras meninas treinando com a fita, com a bola, com o arco, e logo foi uma paixão de primeira. Eu sempre fui encantada por esse esporte, é algo que visualmente me cativou. Eu sabia que não era tão flexível quanto outras meninas, mas desde pequena eu sabia que queria fazer aquilo. Sempre fui muito determinada, e se precisasse ficava 5 minutos fazendo banco, mas eu sabia que iria até conseguir. E o que sempre me segurou foi o amor pela ginástica. Sempre estive disposta a lutar pelos meus objetivos, quando subi para a equipe principal eu era a mais nova. As outras ginastas eram muito flexíveis, mas eu ficava mais tempo no banco forçando a abertura até me sentir satisfeita para melhorar a flexibilidade, eu chorava no banco, mas eu não desistia. (Entrevista concedida por G14-14/25 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

Na entrevista de G15 se evidencia a importância da mídia nas opiniões e sua influência sobre as práticas esportivas. Um evento como as Olimpíadas, neste caso a de 2016, dentro do Brasil, com tanta divulgação e destaque para os atletas, que muda a visão desta ginasta, para decidir ser um futuro atleta. Dentre todas as ginastas entrevistadas, esta foi a única que disse não ter gostado da modalidade, que até pedia para sair do esporte que a mãe havia colocado. Porém ela muda de ideia ao ser indicada para fazer teste, e ingressar na carreira esportiva, que ainda tinha dúvidas em prosseguir. Ao vivenciar o clima de uma Olimpíada, onde a modalidade teve destaque, e o país se mobilizou todo para receber o mundo esportivo em casa, sua opinião sobre ser atleta se define por aceitar o desafio, e encarar a carreira no esporte, onde ela mesma diz se destacar por ser muito flexível.

Desta forma, o esporte proporciona um contexto de grande potencial educativo, podendo servir como um instrumento para o desenvolvimento de atitudes necessárias na vida social e

individual da criança, como aprender a lidar com as experiências como confiança e autoimagem, ou como um instrumento de alienação (Marques e Kuroda, 2000; Contreras, La Torre e Velázquez, 2001)²⁷. Na iniciação esportiva o professor de educação física tem uma proximidade direta com o praticante, e além de exercer o papel de educador ele também desempenha o papel de agente renovador e transformador da comunidade na qual está inserido, podendo promover uma reflexão crítica e da ação (Medina, 1990).

Complementando, Korsakas (2002) afirma que quando a criança é considerada um sujeito que se constrói a partir de suas experiências, educar significa possibilitar situações de aprendizagem, cabendo ao adulto a condição de facilitador desse processo. Assim, não se oferece à criança a resposta pronta, mas perguntas e desafios, dando a ela possibilidade de pensar, de utilizar a sua criatividade, de desenvolver sua capacidade de resolver problemas e dificuldades, proporcionando a construção de sua autonomia, pensamento crítico e do seu papel ativo nas suas experiências. Segue a entrevista de G15.

Comecei na Vila Olímpica com a professora Itemar Pinheiro em 2014, aos 6 anos de idade, e ela viu que eu tinha muito potencial e era muito flexível, logo me indicou um clube para fazer um teste, com a professora Giulia Pontes, que também viu potencial em mim, logo consegui passar para equipe. E desde 2016, quando fui treinar na equipe, eu venho melhorando muito. No começo eu não conhecia a GR, e logo no início eu confesso que não gostei, eu falava para minha mãe que queria sair todos os dias. Eu sentia facilidade em fazer os exercícios, mas não achava que era o esporte que eu iria escolher para vida toda. Depois assistindo as Olimpíadas de 2016, que foi no Brasil, eu vi as apresentações, e decidi ser a melhor ginasta, me empolguei e falei para minha mãe que queria levar a sério. (Entrevista com G15-14/25 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

As entrevistas relatam a conquista de cada atleta para seguir carreira pode ser considerada uma vitória para o esporte. A importância da família como primeira a buscar pela atividade e encaminhar para uma nova prática, é nítida em todas as falas. A escola pública e os projetos sociais também são destacados pela maioria das entrevistadas, como primeira escola da modalidade. A modalidade vem ao longo dos ciclos se aperfeiçoando em busca de objetividade nos julgamentos. A GR é regida pelo Código de Pontuação, que no princípio não tinha regras definidas com clareza, sua primeira publicação, em 1970, continha cerca de oito páginas (Lourenço, 2008). Este é o 12º Ciclo Olímpico, 2009/2012, e a cada ciclo, ou seja, de quatro em quatro anos, o código sofre alterações em suas regras.

²⁷. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000200004&form=MG0AV3

O código tem como objetivo apresentar os critérios de avaliação e apreciação das séries, a partir do grau de dificuldade, da qualidade da execução e do valor artístico das composições. Com a modalidade sendo regida a partir deste documento, se busca tornar o julgamento dela com a menor subjetividade possível. (Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, Campinas-SP, 2010). Este ano, 2025, entramos no 15º Ciclo Olímpico da modalidade que será em Los Angeles, na Califórnia-USA. A cada ciclo ocorrem mudanças no Código de Pontuação, estas mudanças são estudos feitos para tornar a modalidade, em seu julgamento, o mais objetiva possível.

2.3 A identidade corporal da GR amazonense, e a quebra de paradigmas na modalidade.

O reconhecimento das diferenças entre as culturas corporais fica claro nas entrevistas que buscaram identificar como em suas carreiras, as ginastas amazonenses se moldaram ao esporte e suas exigências de trabalho no alto rendimento, e assim foi se construindo uma identidade com parâmetros da realidade local para dar prosseguimento em suas carreiras.

Para Soares (2014), “Os corpos são como obras, repetidas vezes modelados ao longo da vida e até mesmo depois da morte, reclusão pubertária, ritos de iniciação, nascimento, cremação pós morte etc. A concepção de fabricação do corpo expressa-se também na decoração corporal. A articulação dessas duas noções é que vai dar o atestado de identidade a cada indivíduo dentro de um grupo, e do próprio grupo frente aos elementos da cosmologia Wayana²⁸, exercendo uma função político social, ética e metafórica.” (Soares, 2014, p.47). Sobre o diferente e o exótico, a intolerância ainda é muito perceptível, mesmo quando duas religiões diferentes convivem em uma mesma sociedade, ou torcidas de times diferentes, relata a autora.

Esses parâmetros incluíam várias circunstâncias em que dependendo do período foram se adequando a modalidade como um esporte acessível e relevante para sociedade. Através de nossas vivências corporais formamos nossos conceitos de mundo, que servirão de antena para os estímulos que vamos receber em todos os sentidos. Nessa corporeidade nos comunicamos e recebemos informação exterior, que vai desenhando um perfil do que será agradável ou não, a depender de como é recebido e como é expresso. Construimos e desenvolvemos nossas afinidades e desafetos.

²⁸ Os Wayana são um povo indígena que vive na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa e o Suriname. Eles falam a língua Karib.

A construção cultural do corpo passa por várias experiências em que se acrescenta qualidade e quantidade a sua corporeidade, nosso lugar de origem, nossa cultura como um todo estão gravados nas formas de agir e pensar nos expressando com gestos e atitudes. Marcel Mauss²⁹ (1872-1950), sobrinho de Durkheim, com quem trabalhou até a morte deste, em 1917, partilhava as ideias do tio, para o qual a criação de uma ciência social dependia de olhar para os fatos sociais como coisas, a fim de serem comparados com outros fenômenos próprios da vida em sociedade.

Podemos ver o corpo como uma máquina cujos movimentos são inspirados nas leis da física e da mecânica, onde o resultado será o movimento como síntese metabólica, que se origina no processo de ingestão e gasto de energia quando executamos um movimento, porém, este processo vai muito além da reação química. Para Marcel Mauss, “Assim, durante muitos anos tive noção da natureza social do “*habitus* A palavra exprime infinitamente melhor que “hábito”, a “*exis*” [hexis], o “adquirido” e a “faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a “memória misteriosa, temas de volumosas ou curtas e famosas teses” (Mauss, 1934).

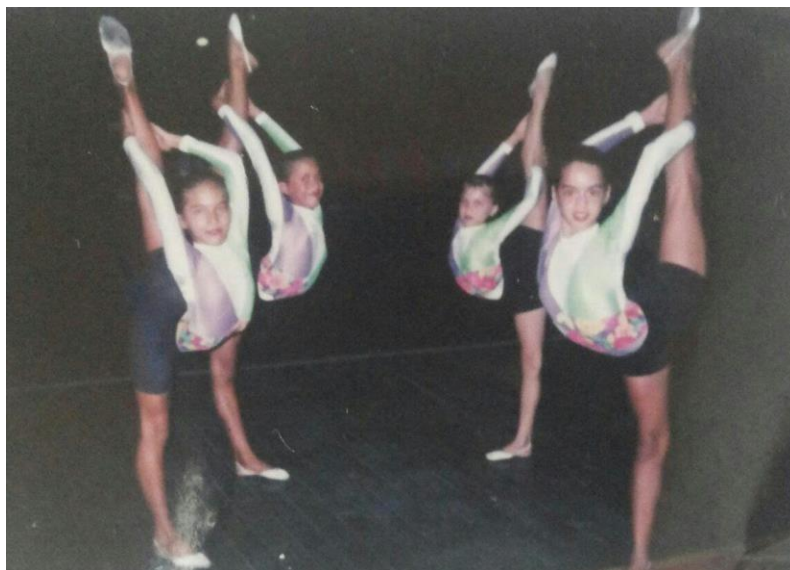


Figura 9. Ginastas de conjunto dos anos 1990 sob o comando da Treinadora Antonieta Campos
Acervo pessoal Adriana Goes

Quando uma ginasta aprende novos movimentos, o cérebro ativa processos de neuroplasticidade, que envolvem a criação de novas conexões sinápticas. Esses processos são

²⁹ Sociólogo e Antropólogo francês conhecido como o pai da etnologia francesa, desenvolveu a teoria da reciprocidade, onde a dádiva, a obrigação de retribuir, o prestígio, e a presença do terceiro, esse elemento que era, “a única obscuridade da teoria indígena”. Artigo da plataforma Scielo, consultado em 14/01/2025 <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000300011>

mediados por neurotransmissores, como a dopamina, que está associada à motivação e ao reforço positivo durante a prática. A repetição constante do movimento ativa áreas do cérebro, como o córtex motor e o cerebelo, que coordenam os movimentos precisos. Isso reflete a ideia do *habitus*, no qual o corpo "absorve" as práticas de forma inconsciente, tornando-as naturais com o tempo.

O movimento quando visto a partir da psicologia, ou seja, considerado um resultado de nossas experiências culturais, dentro do contexto social que vivemos, dos hábitos, e das vivências, isso é linguagem, comunicação, identidade, alteridade. Dessa forma, o corpo é uma produção cultural, cujo diálogo é intenso com o ambiente. Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo francês, em seu livro *Sociologia e Antropologia*, diz que é possível reconhecer a cultura de uma pessoa observando-a através de seus gestos. A imagem acima (fig. 9) retrata ginastas da categoria infantil, da década de 1990, em exercício de conjunto de mãos livres.

Reconhecer uma ginasta não é difícil, e podemos confundir com uma bailarina, ou uma artista circense, pelo seu andar, pela postura, leveza, e precisão nas ações. Resultado de muito treino e condicionamento, que são aprimorados ao longo dos anos de prática da modalidade, longos e repetidos exercícios de habilidade, além das aulas de balé que sempre são associados na sua técnica corporal.

*As técnicas do corpo*³⁰, afirma que o corpo é o primeiro e mais importante vetor que serve de instrumento do e para o homem. Para além de uma visão utilitarista deste corpo que sente, à qual o próprio termo possa remeter, Mauss buscava em suas experiências, e tinha a intenção de demonstrar como nossas técnicas corporais são tradicionais e repassadas pelo meio social, em que, nossos gestos nada têm de naturais, mas são produzidos por "normas coletivas".

As experiências corporais, sensoriais e artísticas que se formarão ao longo dos anos de prática de uma ginasta ampliarão um acervo rico e vasto no seu repertório corporal, mas sobretudo, no seu modo de se expressar como indivíduo na sociedade. Partindo de outra noção presente das "técnicas corporais" que percebemos um dos principais legados de Mauss: a noção de "imitação prestigiosa". O autor disserta sobre o imitar e o aprender gestos de pessoas que, de certa forma, obtiveram sucesso social. Ao pensar no cotidiano das sociedades contemporâneas, podemos deduzir uma série de categorias que podem servir não só como padrões de sucesso (no sentido maussiano), mas como modelos a serem alcançados por pessoas

³⁰ Mauss, M. (2003). *As Técnicas do Corpo*. São Paulo: Hucitec.

que desejam se enquadrar em determinados critérios, como, por exemplo, ser magro, ser bonito, ser famoso, ser puro, ser habilidoso, ser forte, ser virtuoso etc.

Sobre a adaptação à modalidade e o decorrer da carreira esportiva, as ginastas que relatam suas experiências a seguir, falam dos testes a que foram submetidas para avaliação física e aptidão, falam dos treinos, das competições, das dificuldades corporais mais recorrentes, e relatam como percebiam as suas diferenças em relação às ginastas de outros estados durante as competições. Nesses relatos, podemos identificar como os corpos foram se moldando ao esporte, e encontrando soluções para o que podiam considerar as desvantagens corporais relacionadas à estética, e as exigências que a ginástica impôs para chegar ao seu melhor resultado.

Algumas ginastas trouxeram para discussão da pesquisa, relatos de fatos que chegaram a interferir na sua autoestima, por estarem fora dos padrões corporais que eram muito evidenciados na modalidade, especialmente no alto rendimento. Aqui reforço que nossa maior incidência sobre a pesquisa trata dos padrões corporais. No que se refere às capacidades e qualidades físicas, os relatos serão para esclarecer suas percepções sobre a modalidade. Como em qualquer esporte a Ginástica Rítmica, possui valências físicas específicas que devem ser trabalhadas durante todo o período de treinamento. A flexibilidade é uma das principais qualidades físicas da GR, é nela que os exercícios definem as figuras de grande amplitude, a coordenação representa resolver de maneira rápida e econômicas tarefas motoras, o ritmo está diretamente ligado ao sistema nervoso, o equilíbrio se mostra nas habilidades de manter o corpo em várias posições, a agilidade evidencia a capacidade de executar movimentos rápidos e com mudanças de direção (Barbanti, 1994).

Segundo Rossete (1994), desde a sua sistematização, a Ginástica Rítmica valoriza um conceito de beleza sustentado pelas características próprias do europeu, principalmente na Alemanha, Bulgária, Rússia e Tchecoslováquia. Porém, com a esportivização da modalidade, as competições internacionais cada vez mais valorizam o padrão de beleza e do biotipo ectomorfo e longilíneo.

“Assim, além das qualidades físicas bem desenvolvidas e treinadas, as ginastas também devem possuir um **padrão estético** que a modalidade também exige. Meninas, longilíneas, com baixo peso, pernas e braços longos são padrões exigidos na modalidade. Esta seleção se dá, não apenas pelo fato de que, aquelas com maior massa corporal tenham maior dificuldade em executar os elementos corporais e com aparelhos da GR, mas também por uma questão de **estética** nas apresentações. Meninas altas e magras são visualmente mais belas, enquanto as

brevilíneas apresentam-se com maior acúmulo de gordura corporal”. (Anais do II Seminário de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, São Paulo, 2010).³¹”

Por outro lado, segundo Ávila-Carvalho et al. (2012), aparentemente no passado, as ginastas eram mais jovens e mais magras do que hoje. Além disso, embora as ginastas atualmente apresentem valores reduzidos de gordura corporal (GC), estas são superiores aos referidos em estudos mais antigos. Os autores acreditam que o aumento na idade das ginastas de elite, significam um aumento da longevidade da carreira em GR, e isso pode justificar um novo modelo de aparência corporal de ginastas seniores de alto nível de rendimento (Amigó et al., 2009; Ávila -Carvalho et al., 2012b; Belutti et al., 2010; Claessens et al., 1999; Georgopoulos et al., 2002)³²

O estereótipo corporal na GR, se reproduz na cultura do colonizador, embora precise dos corpos fora do padrão que fazem o esporte “parecer” popular, mas o valor corporal é repassado em sistemas pré-concebidos de métodos de seleção de escolha dessas ginastas. Pensar em uma cultura corporal decolonial passa pelo entendimento que não basta trabalhar conteúdos diferentes dos habitualmente vistos. Simplesmente inserir jogos e lutas indígenas ou africanos nas aulas não valoriza essas práticas. A descolonização da cultura corporal na ginástica rítmica envolveria não apenas a aceitação de diferentes tipos de corpo, mas também a celebração dessas diferenças. Isso poderia incluir a adaptação de critérios de avaliação e treinamento para serem mais inclusivos e representativos da diversidade corporal.

A decolonização do conhecimento é um dos princípios do currículo cultural da Educação física, mas para que seja possível sua realização e preciso que estejam diretamente articulada com seus outros princípios, entre eles a ancoragem social dos conhecimentos, que se baseiam em atividades que permitem uma análise sócio histórica e políticas das práticas corporais a partir de suas formas conhecidas permitindo a compreensão e uma postura crítica do contexto em que essas práticas foram construídas.(Neira, 2018, p. 17)

Para realmente implementar uma abordagem decolonial, é essencial educar treinadores, juízes e o público sobre a importância de valorizar a diversidade e combater preconceitos. Isso envolve questionar e revisitar os critérios de avaliação e os ideais de beleza que são perpetuados no esporte. Ter atletas de diversos tipos e origens culturais visíveis em competições e em papéis

³¹ Coletânea de trabalhos sobre a Ginástica: Perfil antropométrico da Ginástica Rítmica Brasileira- Categoria Juvenil, organizada pela biblioteca FEF- UNICAMP, 2010.

³² Tese de doutorado, “Desempenho em ginástica rítmica: estudo das características biológicas, motoras e estruturais”, Amanda Batista, 2019.

de destaque ajuda a desconstruir padrões rígidos e a promover uma imagem mais inclusiva do que é ser uma ginasta.

Foucault (1999). em "Vigiar e Punir" trata do controle e da disciplina impostos aos indivíduos por meio das instituições. Esta ideia pode ser relacionada ao esporte, especialmente à ginástica rítmica, que muitas vezes exclui corpos que não se encaixam em padrões estéticos rígidos. Na obra Vigiar e Punir (história da violência nas prisões) Foucault faz uma de suas mais fortes reflexões políticas. Nesta ele condena o humanismo, justifica implicitamente a justiça popular e, finalmente, ele força o leitor a interrogar-se sobre o papel problemático que desempenham o ódio e a agressão no interior da sociedade contemporânea e no inconsciente coletivo. (Miller, 1995).

Esta disciplina visa todas as pessoas. Ela é imposta ao soldado, ao operário, ao estudante, e até mesmo ao escalão superior, aqueles cuja função é vigiar as diversas instituições “[disciplinares correspondentes. Cada uma destas instituições inventou- e aperfeiçoou sem cessar- novas tecnologias corretivas do indivíduo”. E, assinala Foucault, “o duplo efeito desta técnica disciplinar é o seguinte: “uma alma a conhecer e a submissão a manter”. (Miller, 1995). Na ginástica rítmica, há uma valorização de corpos esguios e flexíveis, o que pode levar à exclusão de atletas que não possuem essas características físicas. Isso reflete uma forma de disciplina que impõe um padrão corporal ideal e submete os atletas à conformidade com esses padrões estéticos.

Assim como Foucault descreve a disciplina nas instituições, a ginástica rítmica utiliza "tecnologias corretivas" para moldar o corpo dos atletas, seja através de regimes de treino intensivos, dietas rigorosas ou outras formas de controle corporal. Esses métodos visam não apenas o aperfeiçoamento técnico, mas também a conformidade a um ideal estético, perpetuando uma norma que exclui a diversidade de corpos. Além disso, a busca por este ideal pode gerar um impacto no inconsciente coletivo, como menciona Miller, promovendo uma visão restritiva e muitas vezes prejudicial sobre o que é considerado um corpo "adequado" para a prática do esporte. Este controle disciplinar, ao focar tanto na "alma a conhecer" quanto na "submissão a manter", reforça padrões estéticos que não levam em consideração a diversidade natural dos corpos humanos.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalho, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o

corpo é investido por relações de poder e dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição(onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado , calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo , corpo produtivo e corpo submisso(Foucault,1999, p. 29).

Foucault argumenta que o corpo é um campo político onde as relações de poder exercem influência direta. Essas relações de poder investem, marcam e dirigem o corpo, sujeitando-o a um sistema de trabalho e cerimonial que o torna produtivo e submisso. Na ginástica rítmica, essa teoria pode ser aplicada para entender como os padrões estéticos e de desempenho são impostos às ginastas, muitas vezes baseados em ideais eurocêntricos de beleza e eficiência. Para ginastas com corpos que fogem desse padrão europeu, o processo de adaptação pode ser visto como forma de sujeição e dominação, onde elas precisam se conformar às normas estabelecidas para serem aceitas e competitivas no esporte. Isso pode envolver rigorosos treinamentos, dietas restritivas e outras formas de controle do corpo para alcançar o padrão desejado, refletindo a maneira como o corpo é politicamente e economicamente utilizado como uma força produtiva.

A constituição do corpo como força de trabalho na ginástica rítmica está, portanto, intrinsecamente ligada ao sistema de poder que define quais corpos são valorizados e quais precisam ser moldados para se encaixar nos padrões. As ginastas que não se enquadram no padrão europeu podem enfrentar desafios adicionais, exigindo delas maior esforço e resiliência para se adaptar e serem reconhecidas como corpos úteis e produtivos dentro desse campo político do esporte. As amazonenses sempre foram em sua maioria consideradas com biotipo brevilíneo, com estatura baixa e constituição corporal achatada. E isso fez diferença nas percepções de algumas ginastas ao longo da carreira que escolheram seguir. A ginasta que descreve aqui suas vivências, lembra que nas competições, durante as viagens, era comum ouvir frases como, “lá vem as índias”, “chegaram de canoa”, no sentido pejorativo, como se fosse uma diminuição de seu prestígio no esporte.

Para enfatizar esse pensamento sobre a Amazônia, recorremos a socióloga Marilene Corrêa que nos explica que, do ponto de vista eurocêntrico, o "esquecimento" da Amazônia pode ser visto como um reflexo da tendência histórica de priorizar as regiões que se alinham mais diretamente com os interesses econômicos, culturais e políticos europeus. A colonização e exploração europeias muitas vezes marginalizaram áreas que não ofereciam benefícios imediatos ou que apresentavam desafios significativos para a exploração. A Amazônia, com sua vasta floresta tropical e ecossistemas complexos, provavelmente foi vista como uma região de difícil

acesso e menos prioritária em termos de desenvolvimento econômico direto, levando ao seu "esquecimento".

A maioria dos estudos sobre a Amazônia faz referência ao “esquecimento da região” pelo Estado, nação e pelo mundo (Velho, 1976)³³. A partir dessa consideração, reiterada e absorvida como consenso, desdobram-se questões alusivas ao “desenvolvimento regional”, suas possibilidades, seus fracassos. Com muita frequência, a questão do “esquecimento” articula-se a do “desenvolvimento tardio” ou malconduzido; com muita veemência, essas apreciações saem do campo dos fatos para “ideologizar-se” “como se fossem problemas de escolha, de decisão política incorreta. (Corrêa, Marilene. 2013, p.9).

Ao amazonense cabe questionar e se impor sobre a demora em se ter respostas para nossas próprias questões regionais. Mudanças ambientais e tecnológicas precisam ser mais claras para um pensamento ser formado sobre ações decisivas e de ordem prioritária. Nosso deslocamento caro e escasso para trocar informações, e a imagem sempre distorcida do que realmente somos para outras culturas, que, muitas vezes, confundem o atraso regional com falta de desenvolvimento tecnológico.

Seguimos com os depoimentos das ginastas sobre as percepções corporais, as vivências que marcaram suas carreiras, as competições que trouxeram a visão da modalidade relacionada ao padrão do corpo, a sujeição a dietas e treinamentos rigorosos que se submeteram para conseguir chegar no alto rendimento. Os depoimentos dessas ginastas nos retratam como superaram os obstáculos encontrados no caminho das carreiras no esporte.

A foto abaixo (fig. 10) retrata uma ginasta exibindo com orgulho as medalhas conquistadas em competições fora de Manaus. Para uma atleta desta modalidade, planejar a sua carreira depois de ingressar, era importante a modalidade já fazer parte dos esportes olímpicos. Isso demonstra como o esporte espetáculo já repercutia no mundo em eventos como: Copa do Mundo, Olimpíadas etc.

A Fenomenologia da percepção, Merleau- Ponty busca aprofundar a questão da racionalidade. Examina o cogito cartesiano e diz que há uma verdade nesse cogito, nas ideias do eu e das coisas e na dúvida. No entanto, inspirado no problema socrático, interroga sobre

³³ A não ser como mito e no curto período do auge da borracha, o Brasil e o mundo viveram quase como se a Amazônia não existisse” (Velho, 1976, p.193).

como podemos começar a procurar por algo que ignoramos posto que sou eu que me atribuo metas. Supõe-se aqui um sujeito cognoscente e um processo de reflexão³⁴.



Figura 10. Jaqueline Alcântara Canizo campeã nos Jeb's 1976
Acervo pessoal de Jaqueline Alcântara Canizo

No trecho da entrevista a seguir, a atleta expõe sua perspectiva de não seguir na carreira por mais tempo, explicando que se privou da vida social, e a fase de adolescente a levou a fumar. As dúvidas sobre o que viria a seguir na permanência no esporte, muitas vezes leva o atleta a desistir, mesmo quando seus resultados são bons. Sair quando está em evidência, não é comum no universo esportivo, mas justifica a decisão quando o atleta quer ser lembrado como um campeão. A falta de referências de êxito na carreira prolongada no esporte, reduz as

³⁴ NOBREGA. Terezinha Petrucio. **Corporeidades: Inspirações merlo-pontianas/** Terezinha Petrucia da Nóbrega- Natal: IFRN, 2016

perspectivas de sucesso contínuo, sobretudo, com um esporte desconhecido. Segue trecho da entrevista de G01.

Não fiquei até os 18 anos, saí aos 16. Naquela época, a ginástica não entrava nas Olimpíadas. Não tinha clubes em Manaus. Minha primeira viagem foi para Campinas, com 12 anos. Eu era a mascote da equipe que já existia, elas estavam no último ano. Foi maravilhosa, eu fui muito bem tratada, conheci várias pessoas de outras modalidades. Competimos em conjunto de bola, ficamos em sexto lugar. Nessa época nós éramos chamadas de índias, faziam muita gozação. Perguntavam se nós tínhamos ido de canoa. Uma vez no JEAs fiquei insatisfeita com minha nota, mas considerei que não tinha nada a ver com o meu corpo. Uma ginasta que já estava no seu último ano ganhou em primeiro e eu fiquei em segundo lugar, numa série de bola. E ela ganhou, mas eu merecia ganhar; parei sem um motivo específico, mas eu queria sair por cima, será que eu vou conseguir de novo? Eu estava na adolescência e me privou de vida social. comecei a fumar, a principal era sair por cima. Sempre tive apoio familiar. Fui criada pela minha avó, e ela nunca me assistiu na GR. Meu pai também (Entrevista concedida por G01-74/78 1ª Eq. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular).

Na entrevista de G02, é descrito como a estatura da ginasta pode interferir na escolha de exercícios para compor sua rotina. A altura de uma ginasta deve corresponder às categorias que ela vai sendo classificada pela sua idade. Cada aparelho tem um peso, tamanho, diâmetro, e comprimento diferentes, e regula com a categoria que a ginasta se encontra, por exemplo: O peso da bola do pré infantil é de 300 gramas, no infantil 300 gramas, no juvenil 350 gramas, no adulto 400 gramas. No caso do arco, o diâmetro corresponde a categoria infantil 70cm, na categoria juvenil entre 80 cm e 85 cm, no adulto entre 90 e 92 cm. Isso prevê uma estatura e uma maturidade de cada fase em que a ginasta vai se adaptando aos aparelhos portáteis.

A ginasta de baixa estatura tem dificuldades de manejar aparelhos de sua categoria, principalmente o arco, neste caso, porém, sua estratégia era usar o aparelho de um jeito diferente, que era “passando por dentro”. Quando a pergunta é sobre a nota que era esperada pela ginasta nas competições fora de Manaus, já se percebe uma insatisfação na avaliação da arbitragem, mas, para as técnicas a recomendação era não questionar as notas. Segue entrevista de G02.

Como era muito baixa tinha muita dificuldade de fazer o salto por cima do arco, treinava muito, mas não conseguia. Resolvi passar por dentro, e deu certo. Este exercício me rendeu uma nota alta em uma competição. Nunca tive problema em Manaus de notas nas competições, achava justas as minhas notas. Mas lá fora eu sentia que sempre nós amazonenses podíamos ter sido mais bem avaliadas. Mas, Artemis dizia, “Nota dada, nota merecida”. (Entrevista concedida por G02-76/85 2ª Eq. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

A entrevista de G03 relata as várias percepções desta ginasta, que procurou relembrar de todos os preparos corporais e emocionais, são guardadas nas lembranças como um tesouro a ser preservado. Sobre os treinamentos e as rotinas desta ginasta, observa-se uma riqueza de detalhes na sua descrição, ela relata desde seu aquecimento, cada exercício e o objetivo de se conseguir executar sempre melhor a cada repetição. O elevado grau de consciência corporal nos manejos de cada aparelho, como uma parte que era importante para a boa elaboração da sua coreografia, que sempre ao final das sessões era feito nas passagens com música, além do treino de conjunto.

Agregar profissionais no trabalho também é relatado pela ginasta que cita nomes de outras técnicas auxiliares no processo de aplicação dos treinos. A ajuda das ginastas mais experientes com as mais jovens também é relatada pela ginasta que cita como aprendeu os manejos com aparelhos, e que foi muito ajudada pela sua companheira de equipe. A organização de um treinamento com partes definidas, onde o aquecimento, e a preparação técnica e a preparação física se mostram importantes componentes do treinamento desportivo. Essa percepção é valorizada nas lembranças desta ginasta da 2ª equipe, que foi consagrada com dois títulos de campeã brasileira na década de 1970. Os intercâmbios sempre aparecem nos relatos como pontos de preparação para uma competição planejada com sucesso no resultado.

O corpo se adapta com esforço e dedicação a aprender as novas técnicas, a recompensa é vista na evolução que a atleta pode perceber a cada treino concluído. A superação das fases é bem exposta nas descrições, e é percebido que a repetição e correção de cada exercício é a chave do sucesso. Sobre essa questão podemos observar que: “semelhante à GR, nas categorias de base dos esportes coletivos, foi possível constatar que a repetição dos gestos técnicos também é o método mais utilizado para aprendizagem. Este método desconsidera o processo de construção e confrontação dos conhecimentos já existentes com os conhecimentos adquiridos (Moreira et al, 2005).

A repetição constante dos gestos técnicos é fundamental para a memorização muscular e a automatização das habilidades. Isso permite que os atletas executem movimentos com precisão durante as competições. A prática repetitiva exige um alto nível de disciplina e dedicação por parte dos atletas, o que contribui para o desenvolvimento de sua resiliência e capacidade de superar desafios.

Além da técnica, o treinamento deve incorporar o desenvolvimento de estratégias e a tomada de decisões, preparando os atletas para enfrentar diferentes cenários competitivos. Um

programa de treinamento eficaz deve equilibrar a repetição técnica com exercícios que estimulem a criatividade e a adaptação, preparando os atletas para as demandas imprevisíveis das competições. Neste relato podemos observar o cuidado que se preparava os treinos, o objetivo, e a avaliação de cada processo. A construção de uma metodologia já em fase de testes. Segue a entrevista de G03.

Além dos treinos físicos, havia também uma preparação mental. Minhas professoras Artemis e Jeanne sempre destacavam a importância de concentração e resiliência, especialmente em momentos de competição. Foi um período de muito aprendizado, não apenas no esporte, mas também na vida. A Ginástica Rítmica moldou minha disciplina, meu foco e minha capacidade de superar desafios. Viajei para participar de competições em outros estados durante aproximadamente 7 anos, participando de competições nos Jogos Estudantis Brasileiros, que ocorriam anualmente, bem como nos campeonatos Norte/ Nordeste, e cada uma dessas experiências foi marcante. As viagens eram sempre emocionantes, pois representavam uma oportunidade de mostrar nosso trabalho, conhecer novos lugares e compartilhar momentos com a equipe. Minha primeira viagem para competir foi inesquecível, e se deu a jogos Estudantis Brasileiro na Cidade de Porto Alegre, e eu fui destaque no desfile de abertura levando a bandeira do estado do Amazonas, eu contava com onze anos. No entanto, como qualquer ginasta, sempre buscava melhorar em outras áreas, como força e flexibilidade, para que minha performance fosse a mais completa possível. Esses testes eram importantes não apenas para identificar o que precisava ser trabalhado, mas também para reforçar a importância da adaptação do corpo à modalidade, além de manter a motivação para continuar o treinamento e alcançar o melhor desempenho possível. Sim, durante minha preparação para as competições, tive a oportunidade de participar de intercâmbios em outros lugares como São Paulo: Capital, USP, onde fiquei em treinamento com o técnico da equipe Russa, anos 80, junto com a ginasta Nelly, ficamos alojadas no ginásio Ibirapuera por mais de 26 dias, bem como fiz intercâmbio com toda a equipe de ginastas titulares e reservas do estado do Amazonas, na Cidade do Rio de Janeiro, no Clube Copa Leme, com a Professora Daisy Barros (técnica da seleção brasileira de GR) e no mesmo período na Universidade Gama Filho. Esses momentos foram fundamentais para aprimorar minhas técnicas. Um momento marcante foi em uma competição estadual na série individual de mãos livres, em que me apresentei com uma série na qual havia trabalhado intensamente. Tinha certeza de que minha performance foi sólida, com boa execução técnica e artística, mas acabei recebendo uma nota inferior ao esperado (Entrevista concedida por G03-76/84 2ª Eq. Em 2025, de forma escrita, seguindo perguntas de questionário previamente enviado)

Na entrevista de G04 traz as lembranças da necessidade de atenção que algumas vezes falta nos treinos por parte da técnica. Cada ginasta em seus relatos evidencia o que mais lhe chamou a atenção sobre seu corpo na GR, aqui a ginasta já sabe como deve tirar vantagem de sua boa flexibilidade de tronco, usando os exercícios que possibilitam enfatizar seu ponto forte. O uso do solo também passa como estratégia de mostrar as potencialidades e dificuldades corporais que trouxessem valor às composições, desviando a atenção das pernas menos flexíveis. Variar no uso dos segmentos corporais é uma estratégia muito importante que agrega valor artístico às coreografias.

Sobre a consciência corporal, ela relata que sempre teve dificuldade de refinar sua execução nas extremidades corporais, mãos e pés, se tivesse recebido mais atenção e correções por parte de sua técnica, poderia ter obtido mais resultados como ginasta. Nas equipes de ginástica, são quatro ginastas que representam seu clube por categoria, sendo quatro categorias no total, e soma-se ainda o conjunto. Isso torna muito difícil para ser trabalhado por uma única técnica. Nesta situação, a técnica demanda mais atenção para as atletas que têm maior possibilidade de resultados melhores em detrimento das outras. Segue a entrevista de G04.

Porque eu vi muito isso como técnica, se tivesse tido atenção, talvez meus resultados fossem melhores, mas as técnicas davam atenção para as ginastas mais destacadas na equipe, as que tinham mais chances de ganhar. E eu não era uma dessas. Mas no conjunto eu era muito boa, todas eram muito cobradas. E nessa competição em que a outra companheira não participou, eu tive mais atenção da técnica. Sobre o corpo, posso dizer que na época eu tinha um corpo magro, não percebia nada que atrapalhasse o meu desempenho. Porém, eu tinha muita flexibilidade de coluna, mas faltava de perna, minha amplitude me limitava em muitos exercícios. Eu penso que muitas notas não foram justas, e a justificativa era que eu não tinha uma boa execução, pés soltos, mãos soltas, braços flexionados. A nota não vinha do jeito que eu queria, mas eu só percebi isso muito tempo depois. Nessa época nós mesmas montamos nossas séries, a técnica só opinava sobre o que elas gostavam ou não. Cada ginasta escolhia seus exercícios e sempre eu escolhia os saltos que usavam a coluna. Eu sabia do meu limite de flexibilidade, eu tinha boa impulsão, mas a flexibilidade limitava a perna. Eu usava sempre os movimentos mais com a coluna, o salto arqueado eu tinha em todas as minhas séries, o salto Gazela também, todos esses exercícios exigiam amplitude menor nas pernas e que exploram muito a coluna. Usava muito o solo para poder usar minha coluna nos exercícios. (Entrevista concedida por G04-77/85 4ª Eq. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

Nos relatos de G05 percebe-se que já havia um espelho que mostrava onde cada atleta deveria olhar para ser notada. Sobre a estética, esse relato é bem objetivo, “ser magra”, criando um padrão das ginastas dessa época, recordando a figura de uma ginasta que se torna referência de padrão de beleza. A estética prevalecia nas referências e na admiração por corpos ginásticos, ficando em segundo plano suas capacidades e sua performance no esporte.



Figura 11. Exercício com ginastas e a treinadora Artemis

A fotografia da (fig. 11) retrata ginastas da segunda equipe do Amazonas junto com a técnica Artemis Soares. O corpo deveria almejar ser magro e belo, cumprir as exigências, e se destacar como um modelo a ser seguido também. As primeiras ginastas percebiam somente a cobrança pelo corpo delgado e elegante. A leveza e graça corporal, deveriam estar focados na estética vigente. Segue a entrevista de G05.

Também não alteraria nada, eu estava em fase de crescimento, e não reverberou nada sobre o corpo. A estética geral era ser magra, uma ou outra era um pouco mais gordinha, mas entrava do mesmo jeito. A percepção era de que a ginasta ideal devia ser magra, ser alta, elegante, admirava uma ginasta do Rio de Janeiro, ela se chamava Cristina Areno eu a achava belíssima, também achava as baianas leves, graciosas, e muito bonitas. Sempre fiquei satisfeita com as notas recebidas. Na época eu era muito infantil, e não percebia muito sobre minha estética corporal. (Entrevista concedida por G05-79/85 4ªEq. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular).

G06 mostra na próxima entrevista que a percepção de ter um corpo adequado para o esporte, com a impressão de ser considerada feia fora dele, a ginasta magra, alta, longilínea, perfeita para o esporte, porém, sem autoestima fora dele. Para as ginastas que se enquadram nos padrões, era sempre um dilema não ter os volumes que a moda da época ditava nas passarelas. Ginastas sempre passam por dilemas corporais, seja por estarem fora dos padrões, ou por estarem dentro.

Neste relato a ginasta da década de 1980/1990, fala sobre sua técnica de reforçar a imagem de beleza que ela não conseguia ver. A professora Antonieta Campos³⁵, atuou como técnica na fase de grandes mudanças deste esporte. O código de pontuação é reformulado pela FIG a cada novo ciclo, e este período exige mudanças na metodologia do trabalho, pela exigência extrema de flexibilidade como um componente de alta importância no julgamento. As ginastas eram submetidas a longas sessões de banco para melhorar sua flexibilidade.

A professora Elisabeth Laffranchi a quem a ginasta se refere, era a responsável pela seleção brasileira durante anos, e ser vista como uma possível integrante da equipe dela, seria a oportunidade perfeita para qualquer atleta da modalidade. No último parágrafo podemos perceber, que apesar de todos os esforços para se acompanhar as mudanças, ainda era diferente

³⁵ Antonieta Campos foi atleta e técnica de GR no Amazonas, sendo ela a técnica que mais trouxe resultados em brasileiros e torneios. Treinou gerações de ginastas que foram campeãs em uma fase muito rica de novas tendências no esporte nas décadas de 1980/1990. Em 1985, levou a primeira equipe do Amazonas a um campeonato brasileiro de clubes, em Londrina-Pr.

o julgamento entre ginastas do sudeste /sul, e norte. A identidade se confirma a cada relato como um parâmetro de julgamento que se forma ao longo dos anos pelas gerações de atletas que precedem outras. Entretanto, as notas e classificações do Amazonas, deixam dúvidas quanto ao julgamento.

Este conceito sugere um espaço intermediário onde novas identidades emergem. O atleta, mesmo sendo discriminado, pode encontrar um espaço de afirmação onde suas habilidades e conquistas falam mais alto que sua aparência ou origem. Este espaço permite a criação de novas formas de compreensão e respeito. Sobre este aspecto Bhabha nos fala que: “A pós colonialidade, por sua vez, é um salutar lembrete das relações neocoloniais remanescentes no interior da “nova” ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional. Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência”. (Bhabha, H. 1998, p. 26)

Bhabha (1998) descreve o mimetismo como a imitação de uma cultura dominante pela cultura subordinada, mas com uma diferença que desafia a hegemonia. O atleta pode ser visto como desafiando normas estéticas ou de origem, mostrando que apesar das diferenças, ele é capaz de igualar ou superar seus pares. Assim, a experiência de um atleta discriminado pela sua aparência física ou origem pode ser profundamente analisada através das teorias de Homi Bhabha, mostrando como as diferenças culturais são navegadas, desafiadas e, por fim, integradas em um contexto mais amplo de entendimento e respeito mútuo. A figura 12 mostra um exercício sendo executado na barra, o equilíbrio em “grand écart” dorsal.

No relato de G06 a atleta cita diversos exercícios do código de pontuação da GR, sua autoimagem é construída através do esporte. A influência que o esporte tem nas vidas de atletas, são como as tatuagens simbólicas mais profundas. Segue a entrevista de G06.

Eu vim encantada com tudo aquilo, mais motivada, a primeira competição traz uma motivação enorme. Antonieta comprava fitas de vídeo, e quando nós voltávamos, íamos sempre no final de semana para ver os vídeos das meninas que eram melhores que nós. Nosso contato com as melhores ginastas do mundo, era vendo fitas de vídeo. A TV não transmitia campeonatos de GR. Também viajei para o Maranhão nesse mesmo ano. Eu era apaixonada por uma ginasta do Grêmio Náutico União, a Fernanda, que nunca foi campeã brasileira, também Daiane Camilo, eram minhas referências de melhores do país. Sempre fui magra, alta, nunca tive problema em engordar. Nós éramos orientadas a não comer pão, não tomar refrigerantes, não comer doces etc. Ganhei de presente da minha técnica uma bermuda curta e uma papete, estava na moda nessa época, década de 1990, e eu achava muito curto o short, mesmo assim, eu usei, e comecei a me desmitificar com meu corpo. Sempre fomos taxadas

de “metidas³⁶”, pela postura. Eu tinha muita flexibilidade de membros inferiores, e pouca de coluna, sempre tive que trabalhar muito a coluna. Nunca percebi nenhuma injustiça nas minhas notas em Manaus. Mas quando era competição fora de Manaus, eu sentia a diferença de julgamento entre os clubes do Sul e Sudeste. Eu lembro que numa competição em Porto Alegre, eu fiz uma série de fita muito boa, e a nota não foi a que eu esperava, eu esperava muito mais, e veio uma nota baixa, enquanto outra menina que era de São Paulo, que errou três vezes feio, obteve nota maior. Lembro que a Elisabeth Laffranchi, veio me elogiar, me achando bonita, eu ganhei um “Oscar” neste dia. Depois ela falou com Antonieta para eu ir para Londrina, treinar com ela, mas eu não tive como mudar minha vida naquela época. Minha situação financeira não permitia me bancar fora de Manaus. Pelo fato de ser do Amazonas, éramos mal julgadas pelos árbitros, que eram quase sempre dessas partes do Brasil. (Entrevista concedida por G06-85/94 EqC. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular).

G07 traz no próximo relato as lembranças do “peso” de ser fora do padrão, o corpo sofre todas as submissões que a modalidade exige, ganha técnica, se aprimora, atinge altos resultados, mas ainda não é o suficiente. O corpo que se adequa ao esporte, se molda, se submete às regras e sistemas de treinamento, mas, quem julga o corpo são os olhos de outros. Neste depoimento a ginasta em questão, se destacou em várias competições em brasileiros, foi medalhista e chegou a ser convocada para um panamericano. Os processos de superação nas etapas de sua carreira esportiva, podem ser bem definidos na sua narrativa, desde o início, como atleta de luta no Tae kendô, até a escolha pela GR.

Podemos observar que o patamar atingido nesta situação já se estende para representar o Brasil, sendo escolhida entre as sete melhores ginastas da categoria infantil do país. Sobre o nível das outras ginastas, ela deixa claro que não era melhor que o seu, e ainda assim, perde sua vaga no último minuto para a outra ginasta que estava dentro dos padrões exigidos por um grupo que determinava o futuro da GR no Brasil.

Ainda assim o atleta se submete a participar, somente para constar, pois a atleta escolhida passa por uma avaliação que não corresponde a melhor escolha. A frustração e a sensação de pré-conceito com sua estética, são expostos nos relatos com detalhes que somente quem viveu a situação, poderia descrever. O que acontece depois também se leva a crer que, desmotivou sua técnica a continuar o trabalho visando a próxima competição. Esta ginasta parou aos 15 anos sua carreira, por falta de perspectiva de se promover no esporte, sob um julgamento que estava baseado no corpo fora dos padrões da modalidade.

Sobre o problema dos pós colonialismo, Bhabha cita em seu Local da Cultura que: “Finalmente, a questão da identificação nunca é a identidade pré-dada, nunca uma profecia auto

³⁶ Metida - significa ser uma pessoa prepotente, que se considera melhor, ignorando quem ela considera digno de atenção.

cumpridora- é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação- isto é, ser para um Outro-. implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade” (Bhabha, H. 1998, p.76-77)



Figura 12 - Pose da ginasta com sua técnica Antonieta
Fonte: Acervo de Daniele Lopes

A "ordem diferenciadora da alteridade" descrita, refere-se à forma como a identidade é construída em relação ao "Outro". No esporte, isso se manifesta na distinção entre corpos que se alinham com padrões coloniais e aqueles que não. Atletas cujos corpos não correspondem ao ideal estético dominante são frequentemente marginalizados, independentemente de suas habilidades e competências. A imagem na fig. 12 retrata a treinadora Antonieta Campos e sua ginasta na década de 1990.

A imposição de padrões estéticos cria diferentes julgamentos, muitas vezes injustos, sobre quem é considerado "o melhor" atleta. Este preconceito reflete a dinâmica pós-colonial, onde a estética e os valores de uma cultura dominante são utilizados como critérios de avaliação, excluindo ou desvalorizando outras formas de expressão corporal e desempenho. A teoria de Bhabha sugere a necessidade de resistência e a criação de novas identidades. Atletas que desafiam esses padrões estéticos hegemônicos podem ser vistos como agentes de mudança, questionando e subvertendo as normas impostas e promovendo uma visão mais inclusiva e diversa do esporte. Segue a entrevista de G07.

Eu evoluo muito bem nas minhas séries, que têm muita dificuldade e muitos lançamentos difíceis. E eu sempre lutei com meu corpo, sou de estatura baixa, e com volume grande de coxas. Então fui para São Paulo treinar, passei menos de 12 meses, e era muito puxado, eu quase desisti de continuar. A medalha mais importante veio do Campeonato Brasileiro, em conjunto, fomos vice-campeãs. Mas todos vieram nos parabenizar por ter merecido uma nota melhor, porque quem ganhou foi o dono da casa, mas nós merecíamos uma melhor nota. Ganhamos em 2º lugar por equipe. Em São Paulo, indo para o Pan Americano infantil, disputa vaga com Gabriela de Brasília. Já era outra técnica, fiquei no hotel, e fiquei sabendo que teria uma seletiva para definir quem iria representar oficialmente. Nessa época eu competia pelo Grã Clube. Quando eu voltei desse panamericano, meu nível estava disparado mais alto que o das outras meninas da equipe que eu integrava em Manaus. Eu já era juvenil, e o foco da nossa técnica era o conjunto, as ginastas do individual ficavam de canto, e eu desanimei. Só tinha uma técnica e muitas ginastas de individual e conjunto. Fomos no ano seguinte para o brasileiro e foi horrível, praticamente nós montamos nossas séries e ficamos mal classificadas. Não tinha em quem se espelhar para seguir em frente. Nossas mães foram maravilhosas, faziam a diferença, sem o apoio delas não teríamos conseguido. Sempre precisamos de passagens aéreas e eram as mães que corriam atrás. Fiz intercâmbio em São Paulo, e apresentamos o conjunto em uma competição. fez toda diferença em nos preparar para a competição, e foi isso que, de fato, aconteceu. A minha maior luta, todos os dias, era controlar o peso, e fazer dieta para emagrecer (Entrevista concedida por G07-90/96 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

Para as ginastas que viveram a década de 1990, a cobrança por se manter magra e esteticamente longilínea era a palavra de ordem. A técnica Antonieta Campos, colecionava títulos com ginastas que em sua maioria vieram de projetos sociais, principalmente da Vila Olímpica. Neste relato, mais medalhas para o Amazonas vinham a cada ano, e junto um conceito de respeito e prestígio se acumulando com os títulos. Ginastas dessa geração, já se espelhavam em outras mais experientes, e nas campeãs que vinham de escolas do Leste Europeu. Os exercícios a serem treinados estavam no Código de Pontuação, com alguns elementos de dificuldades que se combinavam, elevando o grau de dificuldade na execução destes exercícios.

Na entrevista de G08, se conclui como era difícil ser atleta no Amazonas, além de passar pelas intempéries que eram os processos de treinamento diários, ainda enfrentam a dificuldade em sair como equipe para fora de Manaus, as passagens aéreas sempre caras e mendigadas para que as equipes se fizessem representar nas competições. Representar o Brasil no panamericano, além de trazer status, também justificaria tantos pedidos de passagens na época. E mais uma vez, muda-se as regras, e escolhe-se uma outra equipe. Sobre a avaliação dos árbitros se pode afirmar que:

O virtuosismo, a maestria, a originalidade evidenciam não apenas uma plasticidade estética como também comunicam estados subjetivos mentais e/ou emocionais, por meio da utilização dos inúmeros recursos que as composições podem apresentar: corpo, movimento, aparelhos, música, ocupação espacial- deslocamentos, planos e formações (série de conjunto) e mesmo a própria vestimenta das ginastas, porque este todo compõe o esporte e o espetáculo da GR (Mesquita, 2008, p.62).

Na sua entrevista G08 g aborda como o esporte evolui em cobranças, e exigências, mesmo quando está nos padrões. O corpo já estava selecionado dentro do padrão, as mudanças corporais nas ginastas sempre chegavam na fase da menarca, quando os hormônios atuam na formação dos órgãos reprodutores. Ganhar peso nesta fase era previsto, e os atletas se cuidavam com dietas e alimentação regrada, como o orçamento permitia. O código evoluiu para dificuldades combinadas, que exige muita técnica e controle corporal. Os collants sempre foram um acessório artístico, mas, interferiram nas notas se caso estivessem fora das normas. Neste caso a ginasta relata um desastre na apresentação, causado pelo collant que encolheu, deixando as ginastas constrangidas com o que se expôs na apresentação.

No seu próximo relato, tudo ocorre como o planejado, a medalha vem, mas o direito de representar o país, é dado a outro clube. O sentimento de frustração e tristeza se somam a resultados bons, mas sem a confirmação de direito de ser o melhor. Treinar tanto e fazer o melhor já não era o bastante. Faltava a instituição para questionar a decisão. Segue a entrevista de G08.

Nossa técnica, Antonieta Campos, sempre definia os exercícios um ano antes, e começava a treinar para entrar nas séries de individual e conjunto. No meu ano de juvenil entraram as dificuldades combinadas no código de pontuação. O professor Kemel fazia a preparação física no Campus, na pista de atletismo. Eu saí porque numa competição em São Paulo, passamos um sufoco com nossos collants, eles foram feitos de um tecido que encolhiam, e ficamos com uma nota bem ruim, e na final tivemos que emprestar um collant de uma outra equipe. Foi degradante competir com collant emprestado. Lembro que nós ganhamos medalha de ouro em um Campeonato Brasileiro Juvenil, no Rio de Janeiro, em 1995, conjunto quatro bolas, mas quem representou o Brasil no Pan Americano foi a equipe que ficou em segundo lugar, do Grêmio Náutico União. Nós estávamos no campeonato e ficamos indignadas. A equipe era o padrão desejado, todas brancas, magras e pernas compridas. Mas quem ganhou foi o Amazonas. Houve briga, nossa técnica chorou ao saber dessa decisão. A justificativa foi que o grupo já estaria mais acostumado a competições internacionais, e o Amazonas não se encaixava nesse critério. Lembro que a Ártemis era árbitra e chegou a brigar pelo resultado, mas não houve como mudar. (Entrevista concedida por G08- 91/96 EqC. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular)

Sobre padrão corporal muitas ginastas amazonenses se enquadram nos pré-requisitos e exigências estéticas. Porém, ainda assim, aprendendo a usar da melhor maneira possível suas

vantagens corporais, notamos que a desvantagem também se estende a nossa origem, nossa região. Neste relato G09 se refere ao CTARAm, o Centro de Treinamento de Alto Rendimento do Amazonas. como um momento da trajetória da GR amazonense em que recebemos Giurga Nedialkova, técnica estrangeira vinda da Bulgária para conduzir o planejamento da ginástica.

Foram anos de crescimento e aprendizado para todos, técnicas e ginastas, com algumas ressalvas sobre a troca de cultura que foram radicalmente sentidas por ambas as partes. Investir em intercâmbios com técnicos que vêm de outros estados e países é uma prática conhecida e usada pelas técnicas amazonenses atualmente. Segue o relato de G09.

Tinha a coluna dentro do padrão, braços também, mas as pernas não acompanhavam, eu queria fazer os exercícios de flexibilidade, e não conseguia. Alteraria o quadril, minha mobilidade melhoraria, e as pernas poderiam ser mais bem usadas. Quando saímos de Manaus sempre tínhamos desvantagens, sempre sentimos o preconceito, o fato de ser do Norte, e nos sentimos inferior, e a flexibilidade já era um ponto que eu, mais tarde, também considerei ser o motivo das notas que eu não estava satisfeita. Mas penso que é uma questão política no esporte, onde clubes desconhecidos são mal avaliados. Acredito que pudéssemos trazer para Manaus pessoas que pudessem avaliar nosso trabalho, seríamos mais bem pontuadas nas competições (Entrevista concedida por G09-94/11 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

A narrativa da G10 relata as mudanças percorridas chegar a seleção brasileira. Sair de Manaus foi a solução encontrada para que pudesse treinar com a qualidade que precisava. Após um ano treinando fora de Manaus, ela alcança seu objetivo e ingressa na seleção brasileira. Intercâmbios e choque cultural, muitas viagens conhecendo outras culturas, todavia, o que chama a atenção nesse relato, o fato dela não se convencer que as brasileiras teriam que copiar o mesmo sistema de relação técnica-ginasta, seguindo o modelo de trabalho das Russas, que é muito duro.

Em se tratando de cultura, vamos buscar em Bauman (2012) a afirmação de que estas estão em constantes mudanças, e esses encontros geram desenvolvimento das culturas e do homem. A cultura é feita pelo homem e ao mesmo tempo faz o homem. Conforme Eliot (1988: 118) “A cultura nunca pode ser totalmente consciente – sempre há mais do que aquilo de que temos consciência; e não pode ser planificada porque é também o suporte inconsciente de todo nosso planejamento

A cultura esportiva possui aspectos conscientes, como regras e regulamentos, e inconscientes, como tradições e rituais. Esses elementos inconscientes influenciam o planejamento e a execução de estratégias, bem como a maneira como os atletas se comportam dentro e fora do campo. Quando culturas diferentes se encontram no esporte, podem surgir conflitos devido a diferenças em valores, práticas e expectativas. No entanto, esses encontros

também promovem adaptações e inovações, pois as culturas esportivas se ajustam umas às outras, resultando em novas formas de treinamento, competição e cooperação. A imagem abaixo (fig. 13) retrata a ginasta Bianca Maia em competição nacional em 2009.



figura 13. Bianca Maia em competição
acervo pessoal da autora

A mudança do código em valorizar igualmente o artístico e as habilidades com aparelhos, vem tornando o esporte mais diverso no que diz respeito aos padrões corporais. A ginasta descreve o cenário atual como melhor do que de 40 anos e 20 anos atrás. As ginastas estão sendo mais respeitadas em relação aos seus corpos. Ela cita as campeãs dos últimos Jogos Olímpicos como diferentes das demais, e ainda assim, excelentes ginastas que servem de modelo para novas referências, onde talvez o padrão estético não seja o ponto de partida.

O esporte pode ser considerado como expressão corporal, como linguagem que expressa sentimentos, emoções, razões e outras significações. O esporte é a representação simbólica do homem em movimento, de suas pulsões, medos, angústias e desejos. É cultura humana, pois é estruturado como forma de linguagem que possibilita a comunicação e interação de diferentes pessoas, sociedades ou nações. (Rosseto Jr, v. 4, n. 2, p. 46-55)

Quebrar esses paradigmas numa Olimpíada é criar uma consciência de valores corporais para a modalidade. Serve de alerta para juízes que julgam pelos padrões, e podem passar a serem vistos com outros olhos. Nesta entrevista a ginasta relata que se pudesse, trocaria suas pernas por outras mais flexíveis, e isso proporcionaria mais longevidade esportiva a ela. Esta

ginasta quebrou um paradigma, mesmo sendo diferenciada das demais atletas de sua equipe na flexibilidade, compensou com sua excelente execução e interpretações das séries do conjunto que representou o Brasil. Segue a entrevista de G10.

Eu tive muitas fases da minha vida esportiva, da fase que treinei em Manaus até 2009, eu lembro que as competições eram muito vazias, só tinha eu em grande parte das vezes competindo. Lembro da Maria Izabel, Paula Amles, Amisa, numa época que era boa, e eu gostava muito, mas todas pararam, e eu fiquei sozinha, No JEAs, eu competia sozinha, e depois eu participava de campeonatos brasileiros e poderia avaliar meu desempenho e evolução. Era muito difícil aqui em Manaus Na Rússia foi onde eu percebi o maior choque cultural. A alimentação foi o pior choque, tínhamos um acesso muito limitado, treinávamos muito e nos alimentamos mal, a forma de abordar as ginastas também me chamou muito a atenção, às técnicas comandavam as ginastas de forma rude, quase uma ditadura, isso me impactou muito. No Brasil temos direito a conversar, falar com as técnicas, e lá posso citar como por exemplo bater numa ginasta, é um ato normal, onde todos acham que faz parte de um processo de conquista de um objetivo. Elas endossam essa conduta como normal, onde as famílias normatizam essa conduta com as ginastas. E nós as víamos conversando em inglês com as nossas treinadoras, dizendo que elas precisavam bater em nós por sermos “burras”. A realidade da Rússia é totalmente diferente da nossa, elas tinham uma treinadora para 4 ginastas no máximo. É uma dedicação total ao esporte, elas trabalham só qualidade, se uma pedisse para sair, tinha uma fila de 500 crianças para entrar no lugar dela. O nível de investimento que se dá ao esporte é que faz a diferença. Lá em cada esquina tem um centro de treinamento, o valor que eles dão ao esporte é muito maior do que o que nós brasileiros damos. Depois que ela se aposenta ela tem um salário vitalício para viver o resto da vida. Sim sempre fui elogiada pela minha estética corporal, eu era muito elogiada, elogiavam minhas pernas, minha ponta de pé, meu releve, meu corpo, e o meu envolvimento com a expressão. Eu nunca me vi bonita dessa forma, porque eu achava que por conta da minha flexibilidade, era sempre um fator limitante, que me destruía, então eu nunca consegui me enxergar como os outros me enxergam. A ginástica ainda tem muito dessa cobrança estética, mas já foi pior. Hoje a GR vem mudando, muito por conta do código que vem valorizando outras formas de avaliar as ginastas. Já tivemos uma estética diferente a 50 anos atrás, de 20 anos atrás o padrão europeu totalmente valorizado, e de 5 para cá, uma transformação porque ainda tem muito preconceito com as ginastas brevílíneas, tem juiz que pré-julga como uma ginasta ruim e pesa a caneta na execução, só porque sabe que ela poderá ser encurtada num futuro. Meu maior incômodo era a flexibilidade de pernas. (Entrevista concedida por G 10-98/14 EqC. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular)

Muitas ginastas expressaram insatisfação com seus corpos, influenciada pela pressão para atingir padrões corporais específicos exigidos pelo esporte. É comum algumas ginastas adotarem comportamentos alimentares inadequados para tentar alcançar o físico desejado, o que pode levar a riscos para a saúde a longo prazo. A pressão de treinadores, colegas e a cultura do esporte contribui significativamente para esses sentimentos de insatisfação e comportamentos alimentares inadequados.

Abordar questões de saúde mental e bem-estar entre atletas, especialmente em modalidades que exigem padrões estéticos rigorosos, torna-se uma ferramenta de controle do

trabalho. É crucial promover um ambiente esportivo mais saudável e inclusivo, que valorize o desempenho e a habilidade acima da aparência física.

Atletas têm, em seu cotidiano, rotinas de treinamento sistematizado visando ao aperfeiçoamento de parâmetros fisiológicos, psicológicos e biomecânicos, com o propósito de melhorar sua performance esportiva (Vieira, Amorim, Vieira, Amorim & Rocha, 2009), porém esse âmbito esportivo pode provocar uma competitividade exacerbada em relação à estética corporal, deixando atletas mais insatisfeitos com o corpo (Perini et al., 2009).

A seguir, na entrevista de G11 fica claro sua luta contra a balança desde muito precoce, e mostra o quanto se esforçou para ficar no padrão do corpo desejado. Segue trecho da entrevista com G11.

Nunca fui satisfeita com minha estética corporal, na minha equipe eu sempre fui mais volumosa nas proporções corporais, a GR exige um estereótipo de magreza, pernas mais finas, e eu não era essa criança, eu sempre tive peso acima. Fazia dieta direto, vivia me controlando. Eu era elogiada pela postura, pela ponta de pé, joelho esticado, pela flexibilidade de coluna, mas não pela minha estética. Sempre fui muito cobrado a baixar peso. E considera positivas as cobranças em ser mais magra, e supria essa falta treinando muito minha postura, minhas habilidades, eu tinha o corpo ideal, mas me dedicava a treinar manejos com o aparelho. Logo que entrei na GR eu era muito flexível, então acredito que foi isso que chamou a atenção para os olhares que me selecionaram para treinos mais avançados (Entrevista concedida por G11-06/16 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

A busca por corpos ideais na GR era uma constante na vida de técnicas e professoras da modalidade. Quando surgia numa turma uma aluna que se encaixava nesses padrões, logo era selecionada para treinar em alguma equipe da cidade.

No depoimento de G12 a seguir observou-se a frustração em seus resultados. Ela se define dentro dos padrões estéticos desejáveis, com bom grau de flexibilidade, coordenação, boa impulsão, enfim, grandes probabilidades de se alcançar um bom resultado na modalidade. Participou de dois intercâmbios na Bulgária, no Leste Europeu, de onde vinha todo o modelo de escolha e seleção de novos atletas para a modalidade. Tudo estava a seu favor no quesito corpo, mas, não foi o suficiente para o sucesso.

Se formos comparar este depoimento de G12-08/15 com G09-94/11, G10-98/14 e G06-85/94, apenas quatro ginastas dentro dos padrões de exigência corporal se destacaram em suas carreiras.

Podemos comprovar que havia limitações de flexibilidade nas capacidades físicas dessas ginastas, em alguns depoimentos fica visível essa deficiência, ou ainda, levar em conta as oportunidades que cada uma pode ter em se desenvolver como atleta. Mas essas ginastas se

encontravam corporalmente aptas e preparadas para enfrentar os testes de uma seleção nacional? Fica a dúvida. Dentro da nossa região nosso deslocamento sempre dificultou as saídas para competir em outros estados. O volume de competições pesa muito na preparação de um atleta para melhorar cada vez mais as performances esportivas. O contato com atletas melhores, mais experientes, também é importante para que a competição seja estratégia de melhorar cada vez mais os resultados até atingir o seu máximo.

No caso da ginasta G12-08/15) observou-se que o tempo de maturação para o esporte pode ter sido determinante para sua dificuldade no preparo psicológico. O início aos nove anos, e o ingresso imediato nos treinos, deixou de cumprir etapas importantes de sua preparação ideal para seguir com segurança em sua carreira. Sobre essa questão, envolvendo sua preparação, podemos definir através de estudos que:

“A GR é uma das modalidades que exige certo grau de domínio técnico de seus praticantes, devido principalmente à complexidade de suas regras e dos movimentos que são requeridos. Contudo, ela também envolve criatividade, beleza, sentimentos, sensações, comportamentos e ações. Essa multiplicidade de elementos favorece diversas formas de ensino, e suscita questões sobre a organização e sistematização dos treinos e consequentemente sobre os métodos que são utilizados pelas treinadoras” (Anais do II Seminário internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição- Campinas – SP, 2010). Segue a entrevista de G12.

Não consigo lembrar de nenhuma competição que eu me saí muito bem, é bem frustrante essa lembrança. Não me recordo de uma competição que eu fui muito bem fora. Em Manaus sim, mas fora não lembro de uma competição que me marcou por ter ido bem. Treinava muito, foquei na GR, e treinava até a noite. Fiz intercâmbio em 2014 para a Bulgária Treinei muito, me dediquei e voltei, mas determinada a não faltar aos treinos, minha doença me permitiu seguir com mais assiduidade. Depois em 2015, fui novamente para o intercâmbio, fiquei bem colocada, montei as séries e me empolguei. Sempre tive pernas longas, braços longos, recebia elogios de todas as professoras sobre meu corpo ser ideal. Acredito ter sido esse o principal motivo de ter sido escolhida para treinamento, o meu biotipo era ideal. Poderia nem ser muito flexível, já que estaria bem na GR. Mas, fora da ginástica, era um problema, eu era muito alta, e magra. Meu apelido era “poste” e “varapau”. Minha carreira foi planejada e fui logo escolhida (Entrevista concedida por G12-08/15 EqC. Em 2025, de forma presencial, gravada no celular).

A consciência da estética corporal passa a ser motivo de questionamentos e dúvidas sobre como será avaliada uma ginasta do Amazonas. Este aspecto da carreira de cada ginasta é sempre um importante fator de preocupação, seja para encontrar soluções para suprir essa desvantagem, ou para disfarçar com modelos de collants que não acentuam ainda mais sua característica corporal diferenciada do padrão europeu. A ginasta G13 relata os dilemas vividos por quase todas as ginastas, buscando como disfarçar pernas curtas, como não deixar a pouca flexibilidade prejudicar suas performances.

A ginasta relata seu intercâmbio na Bulgária, aos 12 anos de idade, e como era ensinada a mastigar para não engordar, repetir vinte e três vezes, e assim comer menos. Essas ginastas se viam cercadas de muita pressão sobre seus corpos jovens, e ainda em desenvolvimento.

O mesmo depoimento se pode observar nas ginastas: G04-77/85, G07-90/96 e G11-06/16. A preocupação com o peso, e com as pernas que ganhavam formas mais arredondadas, mesmo com os músculos delineados. Nossa marca ancestral registrada, a amazonense tem coxas grossas, são em sua etnicidade brevilineas, e parecem ser mais achatadas em sua estatura. Sobre essa constituição, Soares (2014) et al. nos reporta a dicotomia corpo e alma:

Como é sabido, um dos maiores problemas que a nossa razão enfrenta é o de “sermos”, “termos” e percebermos, em simultaneidade, um “corpo” e um “espírito”. Sendo essa dicotomia assaz problemática e insolúvel, devemos a ela uma parte substancial, senão mesmo a maior e mais fundamental, da nossa civilização e cultura. Creio não ser ousado afirmar que neste “dualismo”, reside o pressuposto, a causa, a inspiração, a justificação e a razão do labor e patrimônio da Humanidade no plano civilizacional, cultural, ético, estético, filosófico, educativo (Bento, Jorge. 2013, prefácio do livro :O corpo na ritualística do povo Tikuna).

A resiliência contida no depoimento de G13 nos remete a consciência que as ginastas desenvolviam de suas perspectivas no esporte, buscando sempre a solução para não desistir. Nesse sentido, Bento (2013) aborda a complexa relação entre corpo e espírito, enfatizando a dicotomia que permeia nossa civilização e cultura. Essa dualidade é fundamental para o desenvolvimento das nossas ideias e valores em diversas esferas, incluindo a civilizacional, cultural, ética, estética, filosófica e educativa.

Podemos destacar a coexistência do corpo e do espírito como um dos maiores desafios da razão humana. Esse dualismo é a base para muitas das nossas realizações e patrimônios culturais e civilizacionais. Na ginástica rítmica, essa dualidade se manifesta na tensão entre o desempenho técnico (corpo) e a expressão artística (espírito). As ginastas são frequentemente avaliadas tanto por suas habilidades físicas quanto pela graça e expressão que trazem ao esporte. A ginástica rítmica é conhecida por seus rigorosos padrões estéticos, que muitas vezes exigem corpos esguios e flexíveis.

Ginastas que não se encaixam nesses padrões podem enfrentar discriminação e pressão para se conformarem. A imposição de padrões estéticos pode afetar negativamente a autoestima e a saúde mental dos atletas. A busca incessante por um corpo idealizado pode levar a distúrbios alimentares e outros problemas psicológicos. Neste relato a ginasta escolhe seguir em frente, consciente de como eram os olhares para sua estética corporal nas competições fora de Manaus. Segue o relato de G13.

As amazonenses têm estatura mais baixa, outra figura corporal. Éramos ensinadas a mastigar 23 vezes um alimento antes de engolir, e assim, comer menos para emagrecer. Antes da alimentação, ingeri dois copos d'água, e eu emagreci bastante. Na foto que eu fiz na volta do intercâmbio, percebe-se que perdi cinco kg. Tem uma preocupação muito forte em cima da estética, os olhares diferentes para o nosso corpo. Sentia que eram dificuldades relacionadas ao meu físico, e a minha pouca flexibilidade que tornavam mais complicados meu rendimento. Eu sabia que a questão não era falta de treino, e sim estavam muito relacionadas às minhas capacidades e minha genética, só que na época, eu não entendia. Hoje eu sei que na nossa região, nós temos a constituição mais robusta, e temos uma estética corporal diferente. Eu não estava satisfeita com minha estética corporal, e a partir da minha puberdade, chegando a menarca aos 13 anos. Houve insatisfação com minha nota nos JEA's, em 2017, me lembro muito bem, nesta ocasião eu estava disputando vaga para ir para os JEB's, éramos três ginastas e eu fiquei em terceiro lugar. E eu fui, mas porque ela teve problema e desistiu. E na competição, essa ginasta errou bastante, e mesmo assim, ficou com notas melhores que a minha. Ela era mais alta, tinha mais flexibilidade, e eu percebi que era em função da estética corporal. (Entrevista concedida por G13-08/19 EqC. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular)

A seguir, a ginasta G14 demonstra no seu relato as exigências da GR relacionadas ao corpo, que podem desencadear sérios problemas de autoimagem, seguidos de distúrbios alimentares. A busca do ideal do corpo baseado na cultura europeia foi o fator que desencadeou os problemas de autoimagem e até episódios de bulimia. Nas modalidades esportivas em que o baixo peso corporal e/ou baixo índice de gordura corporal são requisitos indispensáveis para o desempenho, em especial para atletas do gênero feminino, como é o caso da ginástica rítmica, a exigência de ser e estar magra desencadeia um processo lento, e muitas vezes não clínico, de ansiedade e estresse acerca do próprio corpo.

Dessa forma, é interessante destacar que a ginástica rítmica, assim como as demais modalidades esportivas, categoriza as atletas por faixas etárias. A identificação de transtorno de conduta alimentar, assim como a distorção da imagem corporal em diferentes momentos da carreira esportiva dessas ginastas, poderia contribuir para compreensão dos mecanismos que desencadeiam tais processos prejudiciais à saúde das atletas. Neste caso a ginasta inicia a carreira muito cedo, antes dos nove anos, significando que já está em treinamento para participar de competições. Sobre cobranças ou metas de peso, ela afirma nunca ter sido cobrada, porém, ao se comparar com as ginastas que se tornaram referência de beleza, se via com a figura “gorda”.

O baixo peso corporal das ginastas nas diferentes idades parece ser determinante para a participação na GR no contexto competitivo. Assim, essa modalidade esportiva suporta a noção de uma subcultura que amplia as pressões socioculturais pela magreza. O peso corporal é um requisito fundamental para que a ginasta pratique esse esporte, q caracterizado pela leveza dos

movimentos, pela arte do equilíbrio, flexibilidade e pelo domínio do corpo e, devido a isso, preconiza-se que as ginastas sejam mais magras do que outras meninas da mesma idade.

Assim, a percepção da autoimagem corporal tem forte raiz na tendência de as sociedades ocidentais contemporâneas vivem atualmente sob o ideal de magreza e da boa forma física, cujo padrão se impõe especialmente para as mulheres, nas quais a aparência física representa uma importante medida de valor pessoal. O impacto desse padrão no comportamento revela-se no desejo generalizado por um corpo mais magro, e a discrepância entre o peso real e o ideal leva a um estado de constante insatisfação com o próprio corpo, causando distorções dessa imagem.

(<https://doi.org/10.1590/S1517-86922009000700001> Artigo da revista brasileira de medicina)

Essa discrepância pode afetar a autoimagem das ginastas amazonenses, levando a sentimentos de inadequação e insatisfação. A pressão para se conformar a esses padrões pode resultar em comportamentos alimentares prejudiciais e distúrbios de imagem corporal. Além disso, a insatisfação constante com o próprio corpo pode impactar negativamente o desempenho esportivo e a saúde mental dos atletas. A comparação corporal, e a percepção de diferenças vão além da estética. O julgamento diferenciado vai além da visão do corpo, ele perpassa pela sua origem, e carrega o preconceito e desvalorização do não pertencimento aos clubes de elite, sobretudo, para ginastas desconhecidas, mesmo quando elas estão dentro desses “padrões”, e se mostram em suas performances, melhores tecnicamente que ginastas da elite do esporte.

. A consciência corporal e a maturidade precisam ser muito desenvolvidas, e isto só acontece com a chegada de anos de vivências no esporte. Conhecer seu corpo independente dos olhares e críticas que possam vir de outras situações, é o início de uma estratégia de superação que cada amazonense desenvolve ao longo de sua carreira. No final do relato, ela conclui que seu Artístico sempre foi seu ponto forte. Encontrando uma solução para o que ela considerava desvantagem na flexibilidade. Esta ginasta ainda se encontra entre as poucas da categoria adulta que o Amazonas tem atualmente treinando em alto rendimento. Segue a entrevista de G14.

A partir do momento que comecei a ir para brasileiros, eu visualizei outros corpos, e vi que eram muito diferentes das europeias. Eu nunca me vi com um corpo feito para a GR, sempre achei as pernas gigantes das melhores ginastas, por exemplo: Sophia Rafaelle da Itália, achava ela linda. Muitas pessoas me falaram que eu era magra e ideal para a Gr, mas eu não me via com o meu corpo no padrão, me via gorda, me comparava com outras ginastas. Tive dismorfia corporal, hoje estou bem. A ansiedade me fazia comer, e cada vez me achava mais gorda. Cheguei a ter episódios de bulimia³⁷, provocando vômito depois de comer. Então podemos ver como o padrão acarreta uma cobrança de como você se vê para alcançar esse padrão corporal no

³⁷Bulimia é um transtorno alimentar grave, marcado por compulsão, seguido de métodos para evitar o ganho de peso.

esporte. E isso é um pouco triste porque, eu era muito nova, e não tinha noção do mal que me causou na época. Eu sempre me alimentei bem, mas hoje em dia, como pouca fruta, eu perdi o gosto por muitas coisas, sempre que lembro dessa época, e não consigo mais comer muitas coisas que antes gostava. Tenho emetofobia³⁸, tenho medo de ver alguém vomitar, eu fico nervosa, mexe comigo, tomo vitaminas, como bastante proteína, e é o que me alimenta, pois tenho muitas restrições com alimentos depois que superei a bulimia. É uma paixão muito grande pelo esporte, e a gente se pergunta se vale a pena? Hoje me vejo como uma pessoa melhor, sou grata por tudo que me proporcionou, só penso que se tivesse me cobrado menos o padrão do corpo, teria evitado lembranças ruins. É realmente algo que não precisava ter acontecido, eu cheguei aonde queria, e não precisava ter desenvolvido essa doença em uma criança. Eu estava competindo com uma ginasta convocada para seleção brasileira. E são os olhares diferentes. Só de saber que a ginasta está convocada para seleção. Eu lembro que essa ginasta botou aparelho para fora de quadra, e ainda teve um artístico alto. Fiz minha série cravada, fiquei só 0,20 atrás dela, mas eu tenho certeza de que eu fiz uma melhor apresentação. Me questionei depois, e passamos a aceitar esses julgamentos como se fosse normal (Entrevista concedida por G14-14/25 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

Sobre estética podemos observar que nas décadas de 1990, 2000 e 2010, todas as ginastas almejavam mudanças no corpo, seguindo padrões de referência do “corpo ideal” para o esporte. As exigências que a modalidade evidenciava cada vez mais nas competições mais importantes, tornavam-se referência, e ao mesmo tempo um problema para as amazonenses.

A combinação de malha com a música, e a escolha de exercícios, são pontos do artístico que podem aumentar valores nas interpretações. A imagem abaixo (fig. 14) retrata uma ginasta em competição, onde o destaque é sua expressão facial muito marcante, onde o exercício executado tem relação com o aparelho e a música, expressando assim, uma temática artística que impressiona e ressalta a sua performance.

Na entrevista de G15 a ginástica rítmica, a flexibilidade, a força, a coordenação motora e controle do corpo são altamente valorizados. Ter ponta de pé perfeita, pernas flexíveis e uma boa postura são características frequentemente associadas a performances de alto nível. A flexibilidade sempre é citada como um dos mais importantes pontos de referência para atingir os melhores resultados. Desenvolver essa capacidade requer muita dedicação e sofrimento por parte da atleta. Os exercícios são de extrema exigência corporal.

³⁸Emetofobia: medo excessivo de vomitar, ou de ver outras pessoas vomitando. Transtorno de ansiedade que pode interferir na vida diária e na vida social.



Figura 14. Ginasta em equilíbrio
Acervo pessoal da ginasta Raicca Alho

Cada atleta tem seu próprio biotipo e características únicas. Enquanto alguns podem ter mais facilidade com flexibilidade, outros podem ter uma força muscular ou resistência diferenciada. Nicole Pircio³⁹, por exemplo, pode ser um modelo de flexibilidade, enquanto tem um tronco forte que outros atletas invejavam. Segue o relato de G15.

Antes eu estava bem satisfeita com meu corpo, agora eu criei um padrão que tem as Russas como meta, não ter uma coxa grossa, e eu quero parecer com elas. Mas, eu gosto do meu corpo, e se não fosse a ginástica eu não mudaria o meu corpo. Meu corpo era bem magro, minha mãe conta que eu não gostava de comer, sempre fui magra, e eu sempre fui muito elogiada pelas técnicas e colegas, que gostam do meu corpo. Mudaria minha flexibilidade, a da Nicole, ela é muito boa. Minha coluna é boa, e isso seria perfeito, eu poderia usar os exercícios de pernas e tronco. Teria a perna mais flexível. (Entrevista concedida por G15-14/25 EqC Em 2024)

Ginastas amazonenses de várias gerações expõem seus relatos sobre como se sentiam e ainda se sentem em relação às diferenças corporais que em suas percepções se evidenciaram na Ginástica Rítmica. Além da comprovação de que as diferenças foram além das que a estética corporal mostrou nas competições. A diferença geográfica também foi muito evidente, quando relacionada à origem e à cultura. Mesmo não sendo uma cobrança efetiva nas primeiras equipes, as amazonenses que saíram para competir em outras regiões do país, sentiram no corpo os

³⁹ Nicole Pircio, é ginasta da seleção brasileira de conjunto desde 2018, iniciou carreira no Paraná, e já acumula vários títulos internacionais.

olhares desaprovadores lançados sobre seus corpos, como uma redução de suas potencialidades diante do esporte, ou ainda, como atletas inferiores pela sua origem.

Essas ginastas trouxeram à mostra momentos delicados de suas vivências como atletas amazonenses, e deixaram muito evidente que, o desconforto como o corpo diferente é uma construção de imagem pré-concebida na modalidade, pela sua origem, e pela sua evolução ao percorrer os territórios que foram sendo conquistados pela GR. As ginastas amazonenses ao conquistarem seus espaços de destaque, mesmo com os olhares diferentes e desconfiados que recebiam, se mostraram capazes de enfrentar o preconceito e as parcialidades que trouxeram como ponto de discussão para o esporte.

Essa quebra de padrões corporais que ocasionaram discussões, hoje construíram um valor diferenciado para os títulos que essas, e outras tantas que não estão nesta pesquisa, e ainda estabeleceram sistemas de treinamento individualizados para suprir as demandas que a modalidade impõe em suas regras. A consciência corporal destas ginastas se formou com as experiências de cada geração que contribuiu para que, cada vez mais, o corpo fora dos padrões estivesse presente nas competições nacionais. As discussões sobre o tema tomaram rumos e proporções maiores, assumindo hoje como uma questão mais relevante, e que não passa despercebida pelo público que ama a GR. Sobre o domínio simbólico, vamos buscar apoio em Bourdieu (1989) quando nos fala que:

O regionalismo (ou nacionalismo) é apenas uma caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, que coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a transformação ou a conservação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos , ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos , vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente a sua identidade social que está em jogo. (Bourdieu, P.1989, p. 126).

As atletas se individualizam por meio de seus corpos, marcando-se como distintos dentro de um ambiente que pode não ter sido inicialmente criado para eles. Isso se conecta com a ideia de que o corpo é um fator de individualização. Assim como, estão envolvidos em uma luta simbólica. Ao desafiar os padrões corporais, elas não só transformam o esporte, mas também desafiam as relações simbólicas existentes que definem o que é considerado "ideal" ou "legítimo" em termos de habilidades físicas e estética corporal. Ao quebrar esses padrões, essas

ginastas promovem uma transformação das relações de força dentro do esporte. Eles introduzem novos critérios de avaliação que podem ser mais inclusivos e abrangentes, refletindo uma diversidade maior de corpos e habilidades.

A luta pelos critérios de avaliação legítima é central. Os interesses poderosos mencionados no pensamento de Bourdieu estão em jogo, na medida em que o valor da pessoa, reduzida socialmente à sua identidade social e corporal, é posto à prova. A busca pela homogeneidade de corpos nas séries de conjuntos, é uma estratégia para ressaltar os sincronismos nas interpretações, onde se valoriza muito a perfeição na igualdade dos movimentos coreografados, sejam danças, ou dificuldades corporais, ou ainda, as colaborações que dependem de participação de todas da equipe.

Nas séries individuais essa variação de estatura é maior, dependendo mais de suas capacidades físicas, e das proporções corporais. As ginastas do individual são consideradas acima de padrões técnicos, por serem mais capacitadas de habilidades individuais. Elas se destacam de outras ginastas em personalidade e capacidades técnicas, sendo mais consistentes nas suas performances individuais. A GR exige um grau de flexibilidade muito alto de seus praticantes, e talvez essa magreza se explique pela extrema mobilidade que são submetidas as articulações de seus praticantes. Tornando mais “fácil” para corpos mais delgados atingirem os altos níveis de flexibilidade exigida em grande parte de seus exercícios de dificuldades corporais. A foto abaixo (fig. 15) destaca o movimento de coluna e a estética refinada da modalidade.



Figura 15. Ginasta Victoria Aguilero em competição
Acervo da ginasta

A GR, originada na Europa, se tornou popular na cultura amazônica e ilustra como um elemento cultural europeu foi incorporado e transformado pelas populações locais, refletindo a diversidade cultural e a capacidade de adaptação. A modalidade aqui praticada não é apenas um esporte, mas também um fenômeno social que envolve aspectos culturais, econômicos e identitários. Os torneios locais, como os campeonatos, demonstram como a ginástica rítmica foi ressignificada e integrada à cultura amazônica. A adaptação da modalidade europeia na prática local exemplifica a visão antropológica de estudar o "homem por inteiro" em todos os contextos, mostrando como as práticas culturais podem ser recontextualizadas e ganhar novos significados em diferentes sociedades.

Atualmente, em se tratando do biotipo, a altura da ginasta já varia como requisito estético, sendo comum ginastas individualmente serem mais baixas ou medianas (fig. 16), entretanto, as pernas continuam sendo alvo de muita cobrança para os corpos que praticam a modalidade. A constituição do corpo longilíneo ainda prepondera. em ambas as modelos, onde as pernas, braços e tronco são de proporções delgadas, e se observa que o tronco é curto e as pernas mais compridas



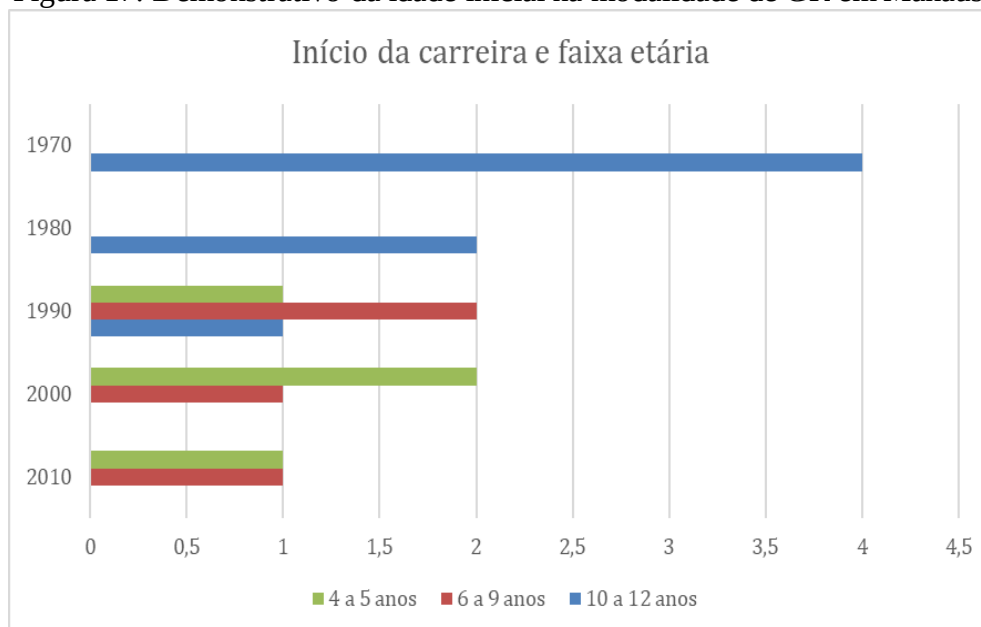
Figura 16. Ginastas semelhantes fisicamente. Fonte: Hypescience⁴⁰

⁴⁰<https://hypescience.com/a-diferenca-entre-o-formato-dos-corpos-dos-melhores-atletas-do-mundo-em-diversas-modalidades/>

O padrão de corpo ideal de ginastas oriundas da Europa, serviu e ainda serve de referencial para as gerações de atletas que se construíram através da história desta modalidade no Amazonas. As ginastas amazonenses buscam além das capacidades físicas exigidas pela GR, um corpo parecido com o corpo das ginastas europeias.

A seguir traçamos uma identidade da Ginástica Rítmica Amazonense, que se inicia na década de 1970 e passa por lugares e períodos de mudanças que constroem uma característica regional de fatores que definem como ela se construiu através das gerações de ginastas que percorreram sua trajetória na cidade de Manaus. Os gráficos que seguem nos direcionam para características que a modalidade deixou como parâmetros de sua identidade ao longo das gerações de ginastas.

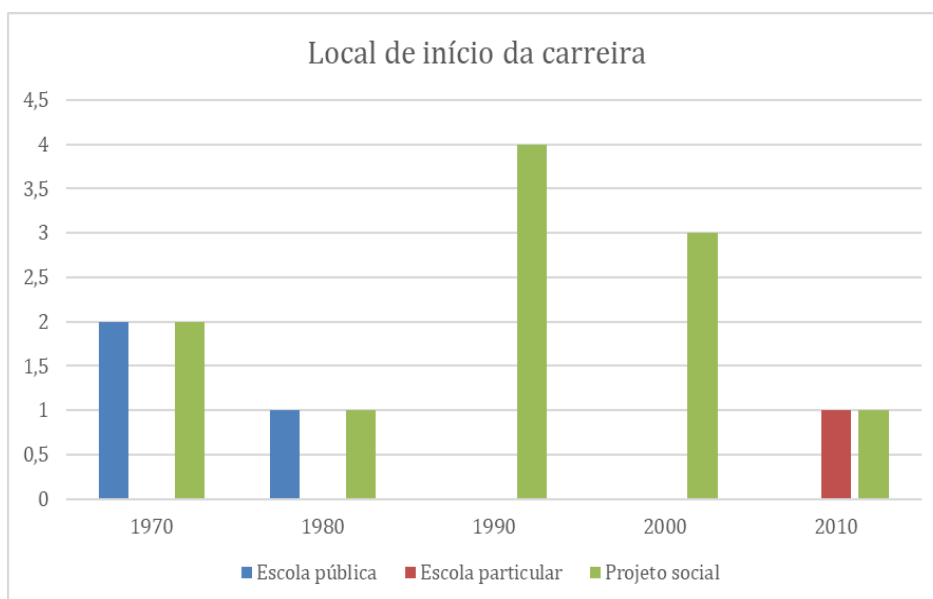
Figura 17. Demonstrativo da idade inicial na modalidade de GR em Manaus



Fonte: a autora

No gráfico acima (fig. 17), podemos verificar nesta pesquisa que na década de 1970, período que a modalidade foi iniciada em Manaus, todas as ginastas iniciaram aos 12 anos de idade. Na década de 1980, isso se repete com a idade início ainda sendo por volta dos 10/12 anos. Na década de 1990, predomina o início aos seis a nove anos, diminuindo a idade para começar a modalidade. Na década de 2000, essa faixa etária diminuiu para quatro a cinco anos.

Figura 18. Demonstrativo do local onde as ginastas iniciaram as carreiras

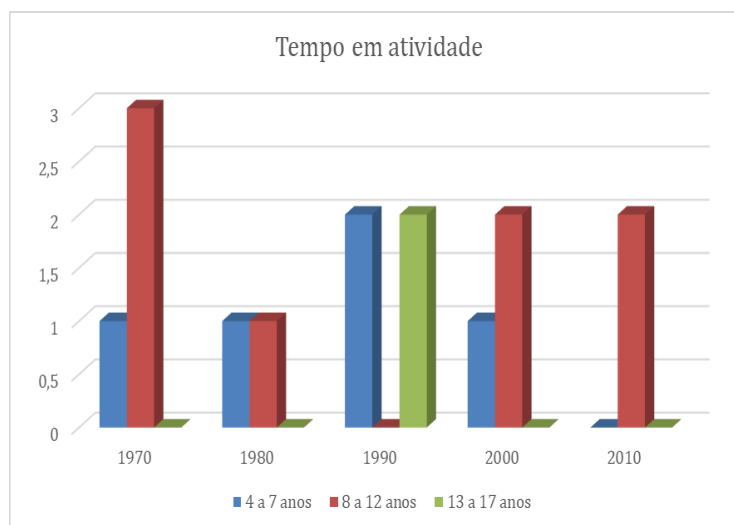


Fonte: a autora

Apesar da modalidade ser considerada esporte de elite, em Manaus isso não se confirma pela origem que estas ginastas percorreram para iniciar na modalidade. A maioria das ginastas aqui pesquisadas, totalizando onze ginastas, iniciaram em projetos sociais. No gráfico da fig. 18, podemos observar que as ginastas da década de 1970 e 1980 tiveram suas carreiras iniciadas em escolas públicas, onde se praticava a modalidade nesta fase de início de sua implantação, totalizando três ginastas. De todas as ginastas investigadas, somente uma iniciou em escola privada. A pesquisa mostra que a origem social de nossas ginastas ainda é em sua maioria, classe média baixa, onde a escola pública e os projetos sociais prevalecem sobre a escola particular.

A modalidade que caminhou desde a década de 1970 pelas escolas públicas de Manaus, cresce com a adesão da classe média baixa, e se expande em projetos sociais que buscam a massificação do esporte, como também, a descoberta de talentos para os clubes locais, que se firmaram na década de 2000.

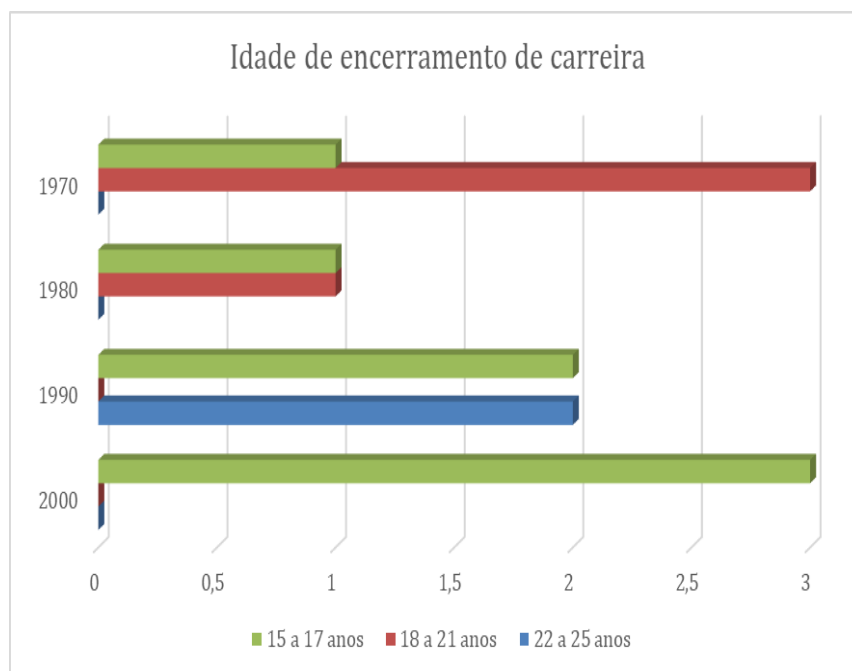
Figura 19. Demonstrativo de tempo que durou a carreira esportiva das ginastas pesquisadas



Fonte: a autora

O tempo de duração das carreiras esportivas das ginastas pesquisadas foi estabelecido entre quatro e dezessete anos. No gráfico acima (fig. 19) Cinco ginastas permaneceram entre quatro e sete anos em suas carreiras, oito ginastas permaneceram entre oito e doze anos, e duas ginastas chegaram nas carreiras entre treze e dezessete anos. A longevidade nas carreiras se observa a partir da década de 1980, período que as ginastas iniciavam mais cedo nos projetos esportivos, e podiam planejar com referência em outras ginastas suas carreiras. As duas ginastas mais longevas do Amazonas se encontram nesta pesquisa, e ambas são da década de 1990, período este em que elas estavam com suas carreiras iniciando. Na década de 2000 foi implantado o CTARAM, criando uma perspectiva de prolongar por mais anos as carreiras dessas ginastas. As duas pertenciam ao projeto que se iniciou em 2005, e durou até 2015. A G09-94/11 permaneceu por dezessete anos na carreira esportiva, e a G10-98/14, permaneceu por dezesseis anos na sua carreira. Ambas pertenceram ao projeto do CTARAM, recebendo atenção e treinamento com técnicas de individual e conjunto, além de ter o acompanhamento de técnica internacional, a profa Giurga Nedialkova. Estas ginastas foram acompanhadas por equipe multi disciplinar, e participaram de competições planejadas para atingir o objetivo de seus projetos. A carreira longeva se deve a motivação que elas receberam durante esse período.

Figura 20. Demonstrativo de idade que as ginastas encerraram suas carreiras



Fonte: a autora

A pesquisa utilizou como um dos critérios ginastas da categoria adulta, (a partir dos 15 anos). Nesta amostra a idade que as ginastas tinham ao encerrar suas carreiras variou entre 15 anos e 25 anos. No gráfico acima (fig. 20) três ginastas conseguiram chegar em suas carreiras entre 22/25 anos. Sendo uma ginasta da década de 1970, e duas da década de 1990. Três ginastas pararam entre 18 e 21 anos, sendo três da década de 1970 e uma de 1980. Sete ginastas encerram suas carreiras entre 15 e 17 anos. Sendo uma da década de 1970, uma de 1980, duas de 1990, e três da geração de 2000. A pesquisa mostra que a maioria das ginastas interrompe suas carreiras entre 15 e 17 anos, a fase de mudanças corporais, e que elas desviam a atenção para outros interesses. As duas ginastas que faltam aqui ser somadas, ainda estão em carreira no esporte, e se encontram com dezessete anos de idade.

Para a pesquisa, traçar uma identidade da modalidade no Amazonas, ressalta as características que a GR amazonense construiu ao longo dos anos de sua evolução.

III. A HERANÇA CULTURAL DA GINÁSTICA RÍTMICA NO AMAZONAS: o corpo escolhe o esporte

3.1 A alteridade na corporeidade das ginastas amazonenses

Alteridade corporal no esporte, como a ginástica rítmica, pode ser descrita como a aceitação e valorização da diversidade de corpos e habilidades, reconhecendo que mesmo fora dos padrões tradicionais, todos têm o potencial de se destacar e contribuir de forma única. Nesse sentido, a escolha consciente de treinar e participar de um esporte, independentemente das expectativas sociais ou físicas, evidencia a força de vontade e a dedicação de um indivíduo em superar limitações impostas.

A ginástica rítmica é um ótimo exemplo dessa alteridade, pois é um esporte que, historicamente, tem padrões estéticos rígidos. No entanto, quando atletas escolhem se envolver nesse esporte, mesmo que não se enquadrem nesses padrões, eles demonstram a verdadeira essência da alteridade corporal: a capacidade de desafiar normas e celebrar a singularidade e a habilidade individual. A aceitação dessa diversidade enriquece o esporte, trazendo novas perspectivas, técnicas e formas de expressão que talvez não fossem exploradas dentro dos limites dos padrões estabelecidos. E acima de tudo, promove um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos.

A teoria da diferença cultural e do hibridismo ⁴¹ proposta por Homi Bhabha, adequa-se ao pensamento desconstrutor em torno da Amazônia. O espaço da enunciação da diferença, o terceiro espaço, segundo o autor, contribui para alterar o olhar sobre a cultura, transitando da linearidade e regularidade para a mobilidade e transversalidade. Essa teoria tem contribuído para se pensar a travessia de uma visão colonialista, da Amazônia, para um olhar pós-colonial, que discuta sua identidade a partir da cultura, elemento transversal e problematizador, capaz de provocar fissuras nas imagens e discursos homogêneos do colonizador, abrindo espaços para diálogos e intersecções culturais.

Amazonenses são culturalmente de origem indígena, e essa herança não pode ser negociada ou trocada, mas, pode ser inserida através do esporte como uma característica das nossas ginastas. Nossa identidade esportiva é levada no corpo, nas interpretações, nas coreografias, tanto quanto a cultura japonesa, ou indiana, ou africana, ou polinésia, por

⁴¹ Artigo “Amazônia, Amazonidade e Transversalidade: Em Busca da Construção de um Conceito”. De Gilson Penalva, Lorena de Carvalho Penalva. Organon, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-13, 2020. E-ISSN: 22388915 DOI: 10.22456/2238-8915.103827

exemplo. A diferença cultural acrescenta valor e mais diversidade ao esporte, sem infringir regras que são construídas para tornar seu julgamento objetivo e justo.

Homi Bhabha propõe o conceito de terceiro espaço como um lugar de negociação e ressignificação cultural, onde a diferença é articulada e novas formas de identidade emergem. No esporte, esse terceiro espaço pode ser visto na valorização da diversidade corporal, onde diferentes tipos de corpo são reconhecidos e celebrados. Esse espaço desafia a homogeneização imposta por padrões dominantes e permite que atletas com diferentes características corporais encontrem seu lugar e sua voz. A mobilidade e a transversalidade refletem a capacidade do esporte de transcender barreiras e promover a inclusão. No contexto da diversidade corporal, isso significa que o esporte pode e deve ser um espaço onde corpos de diferentes tamanhos, formas, etnias e habilidades são integrados e valorizados. Essa mobilidade cultural no esporte desafia a linearidade dos padrões estabelecidos e abre espaço para uma maior inclusão e representatividade.

A teoria de Bhabha também envolve a desconstrução das normas impostas pelo colonialismo. No esporte, muitos padrões corporais e estéticos foram historicamente influenciados por ideais eurocêtricos e colonialistas. Ao questionar e problematizar esses padrões, o esporte pode se tornar um veículo para a desconstrução dessas normas e para a promoção de uma visão mais pós-colonial que valoriza a diversidade corporal. Ao relacionar a teoria da diferença cultural e do hibridismo de Homi Bhabha com a diversidade corporal no esporte, percebemos como o esporte pode atuar como um terceiro espaço de negociação cultural. Esse espaço permite a ressignificação das identidades corporais, desafia normas coloniais e promove uma visão pós-colonial que valoriza a diversidade e a inclusão. Assim, o esporte se torna um poderoso campo de intersecção cultural, capaz de transformar e enriquecer a sociedade como um todo.

As ginastas amazonenses são plenamente conscientes de sua alteridade como diferença corporal e cultural que originaram este esporte, onde o “eu” conhece sua origem, e reconhece o “outro” como parte dessa troca de culturas e conhecimento. Como julgar essa diferença? Como podemos atribuir um valor diferente baseado em beleza estética, em um esporte onde se julga capacidades físicas, criatividade, virtuosismo, ritmo, técnica de aparelhos entre outros detalhes coreográficos.

Ser atleta de alto rendimento requer uma profunda compreensão e conexão com o próprio corpo. Essa prática intensa e focada proporciona não apenas benefícios físicos, mas também contribuições significativas no desenvolvimento ético e estético do indivíduo. O atleta

de alto rendimento precisa estar extremamente consciente de seus movimentos, funções corporais e sinais do corpo. Essa consciência pode levar a uma melhor performance e prevenção de lesões. A prática esportiva em alto nível exige que os atletas sintam e vivenciam cada gesto de forma plena, aprimorando suas habilidades técnicas e táticas. Isso também reflete em uma sensibilidade estética, na graça e fluidez dos movimentos.

A disciplina, a ética no treinamento e na competição, e o respeito aos adversários e às regras do esporte são elementos que ajudam no desenvolvimento do caráter e dos valores morais dos atletas. Sentir e seguir as aspirações pessoais é fundamental para alcançar o sucesso no esporte. Essa jornada de superação constante fortalece não apenas o corpo, mas também a mente e o espírito. Dessa forma, a prática esportiva de alto rendimento atua como um catalisador para o desenvolvimento integral do ser humano, equilibrando o físico com o ético e estético. É uma busca contínua pela excelência em todos os aspectos da vida.

Portanto, mesmo que um atleta não corresponda aos padrões estéticos tradicionais, ele ainda pode alcançar o sucesso no esporte através do conhecimento profundo do próprio corpo, da vivência plena dos gestos e funções, da superação pessoal e do desenvolvimento ético e estético. A alteridade se torna uma força motriz para a inovação e a inclusão no mundo esportivo.

Para Regis Morais “Claro está, para o desenvolvimento de formas e métodos de treinamento esportivo de alto rendimento, que a aplicação desses conceitos é necessária. O atleta não é apenas atleta nos momentos de treinamento ou nas competições. Ele o é em todos os instantes de sua vida, da mesma forma que o ser humano não o é apenas no período de descanso e de descontração, sendo-o também nas fases do desenvolvimento dos treinamentos e competições” (Morais, JFR.2012, p. 71).

A vida de um atleta de alto rendimento não se restringe apenas aos momentos de treinamento ou competição; ela é contínua e afeta todos os aspectos da existência do atleta. Isso tem uma relação direta com a alteridade (a capacidade de ver o outro como um ser autônomo e independente), a cultura e a forma física do atleta. A ideia de que o atleta é atleta em todos os momentos de sua vida reforça a noção de que ele deve ser visto como um ser humano completo, com várias dimensões. Isso exige uma compreensão da alteridade, onde o treinador e as pessoas ao redor do atleta precisam reconhecer e respeitar sua individualidade e especificidades, não o vendo apenas como um "executor de performances esportivas", mas como uma pessoa com sentimentos, desejos e necessidades.

Merleau-Ponty argumenta que a corporeidade é fundamental para a nossa existência. Isso se alinha com a ideia de que um atleta é atleta em todos os momentos da sua vida, pois o corpo do atleta não é apenas um instrumento para o desempenho esportivo, mas uma parte essencial de sua identidade e experiência no mundo. Nossa percepção do mundo é mediada pelo nosso corpo. Portanto, o atleta percebe e interage com o mundo de uma maneira única, que é informada por sua corporeidade. Isso exige que treinadores e pessoas ao redor do atleta reconheçam essa percepção única e respeitem suas necessidades e sentimentos.

A alteridade destaca a importância de reconhecer e respeitar a subjetividade do outro. O texto sugere que treinadores e pessoas ao redor do atleta precisam reconhecer sua individualidade, o que reflete a necessidade de uma compreensão profunda da alteridade, onde o atleta é visto como um ser humano completo e não apenas como um executor de performances, de acordo com Merleau-Ponty (1945),

“O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações, depois os aspectos perspectivos do objeto, quando ambos são justamente produto da análise e não devem ser realizados antes dela” (Merleau-Ponty, 1945, p.10).

A cultura de um atleta é formada pelas experiências, valores e práticas cotidianas. Este trecho sugere que para alcançar altos níveis de desempenho, é necessário que os conceitos e métodos de treinamento façam parte integral da vida do atleta, influenciando sua rotina, hábitos e comportamentos. Isso molda uma cultura de dedicação, disciplina e constância, que transcende o campo de treinamento e permeia sua vida diária.

A forma física de um atleta de alto rendimento é resultado de um esforço contínuo, não apenas durante os treinos e competições, mas também em outras atividades do dia a dia, como alimentação, descanso e recuperação.

Morais (2012) destaca a importância de uma abordagem holística, onde o desenvolvimento físico está interligado com outros aspectos da vida do atleta, promovendo um cuidado constante com o corpo em todas as situações. Nas entrevistas a seguir, a coleta de depoimentos na pesquisa de campo incidiu sobre a satisfação que cada uma das atletas sentia, ou sente, sobre sua estética corporal. Também foi questionado se gostaria de mudar algum segmento corporal se fosse possível.

Para G01 falar do seu corpo, fica claro que sempre se sentiu segura e muito bonita, ganhando seus músculos e conquistando muitos olhares para um modelo que, por ser das

primeiras atletas da modalidade, serviria de referência. A atleta relata sobre sua autoimagem como perfeita, e sem nenhuma insatisfação com o corpo. Para as primeiras ginastas, só o que importava era se sentir bem e realizada nas suas performances. Não existia cobranças de corpo padrão. A seguir, dados da entrevista de G01.

Sobre a estética corporal, eu estava satisfeita com a minha, ganhei muita massa muscular, muita gente falava, as pessoas achavam feio, não era moda ser musculosa. Mas eu nunca liguei para isso. Eu estava feliz com o meu corpo, sou leonina e sou muito vaidosa, sempre me achei o máximo! Sou baixinha para uma ginasta, e eu vejo hoje as ginastas magras e altas, mas para as amazonenses era muito difícil, na época. Não alteraria nenhum segmento corporal, sempre fui satisfeita com o meu corpo. (Entrevista concedida por G01-74/78 2ª Eq. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular).

A entrevista de G02 mostra como o atleta que se conhece percebe as vantagens de seu corpo, mesmo quando existem desvantagens. Como ser de baixa estatura que não consegue passar por cima do arco, a solução óbvia é passar por dentro. Sobre alterar algum segmento, ela também é consciente das vantagens de ter uma perna mais longa Merleau-Ponty busca na psicologia essa compreensão da vida psíquica e de sua ligação corpórea, através da noção de corpo-próprio, demonstrando como o corpo “é arrebatado pela existência e assim irá ultrapassar também as explicações do fato psíquico” (Nóbrega, T. 2016, p37).

A compreensão da vida psíquica, segundo Merleau-Ponty, está intrinsecamente ligada ao corpo. O corpo não é simplesmente um recipiente para a mente, mas uma parte integral da existência psíquica. O corpo é "arrebatado pela existência", o que significa que ele está envolvido e comprometido com a vida de maneira profunda. A existência humana é vivida através do corpo, que participa ativamente das experiências e das percepções. Segue entrevista de G02.

Eu gostava muito do meu corpo, estava sempre satisfeita com o meu corpo. Sempre quis mais impulsão, me incomodava, não conseguia saltar por cima do arco. Mudaria o comprimento da minha perna, faria a troca, era muito curta. Eu era baixa, e não conseguia passar por cima do arco, então eu fazia retro efeito e passava por dentro do arco, neste caso ser baixinha me favorecia. (Entrevista concedida por G02- 76/85 3ª Eq. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

G03 destaca como o esporte não desaparece da lembrança através dos tempos. A riqueza de detalhes que a atleta da 3ª equipe relata, pode esclarecer sobre sua alta percepção de todos os componentes que a modalidade oferece e cobra do atleta como performance. A resposta da pergunta sobre alteração no corpo, é uma análise do quanto isso poderia ter melhorado seus

resultados, que pelos detalhes lembrados pela ginasta, eram muito importantes para que ela ficasse satisfeita com suas apresentações. Essa relação de corporeidade com o esporte define um atleta de alto rendimento em evolução. Segue entrevista de G03.

Como ginasta, houve alguns segmentos corporais que me incomodaram em determinados momentos, principalmente devido à alta exigência física e estética da modalidade. Embora eu sempre tenha procurado trabalhar meu corpo como um todo, alguns pontos acabam se destacando como desafios, tanto na execução técnica quanto na aparência. Pés: Os pés eram, sem dúvida, a maior fonte de incômodo. Na Ginástica Rítmica, pés bem apontados e alinhados são fundamentais para a estética dos movimentos. Sempre me esforçava para aprimorar a flexibilidade e o alinhamento, mas havia dias em que sentia dores ou dificuldades em manter a postura perfeita, especialmente em séries mais longas ou exigentes. Costas: A flexibilidade das costas é essencial para muitas figuras e movimentos característicos da Ginástica Rítmica, como os arabesques e os cambrets. Em alguns momentos, senti limitações nessa área, e isso exigia um trabalho constante de alongamento e fortalecimento para evitar dores e garantir maior amplitude de movimento. Braços: Embora menos evidente, os braços eram uma preocupação, pois precisavam estar sempre bem alinhados e expressivos durante as séries. Pelo contrário, cada desafio era uma oportunidade de me dedicar mais nos treinos e superar minhas limitações, se fosse possível alterar algum segmento corporal para melhorar minha performance como ginasta, provavelmente optaria por aprimorar a flexibilidade do tronco. Apesar de sempre ter trabalhado bastante nessa área, senti que ela poderia ser mais desenvolvida para facilitar a execução de movimentos que exigiam uma grande amplitude, como cambres, arabesques e outros elementos característicos da Ginástica Rítmica. Essa alteração seria especialmente útil porque movimentos com maior flexibilidade das costas não apenas aumentam a estética da performance, mas também ajudam a realizar transições mais suaves e elegantes nas coreografias. Entrevista concedida por G03- 76/84 3ª Eq. Em 2024, de forma escrita, guiada pelo questionário enviado previamente).

Na entrevista de G04, que pertenceu a 4ª equipe do Amazonas. É possível visualizar algumas referências de outras atletas já tornavam as percepções mais latentes, como a valorização dada ao segmento corporal dos membros inferiores, as pernas, que se sobressaíam nas coreografias e técnicas que as ginastas usavam como parâmetro para inserir nas séries. Nesse relato, a ginasta mais uma vez usa seu maior trunfo corporal, o tronco, e descreve como acrescentava beleza e variedade nos manejos com os aparelhos. Ter a sua corporeidade construída no esporte, proporciona segurança nas escolhas e atitudes dentro e fora do esporte.

“Nós tomamos em nossas mãos o nosso destino, tornamo-nos responsáveis pela reflexão, por nossa história, mas também por uma decisão em que empenhamos nossa vida e, nos dois casos trata-se de um ato violento que se verifica exercendo-se” (Merleau-Ponty, 1945, p.21). Merleau-Ponty enfatiza que somos responsáveis pelo nosso próprio destino. Isso significa que, ao refletir sobre nossas vidas e fazer escolhas, estamos assumindo a responsabilidade por nossa existência e história.

Ao refletir sobre fatos da carreira esportiva, onde recorreremos as lembranças, e escolhas que levam a tomar a "decisão em que empenhamos nossa vida", o autor sugere que algumas escolhas são tão significativas que afetam profundamente o curso de nossas vidas. Essas decisões são intensas e exigem um compromisso total. A crítica que ela pronuncia para as técnicas que deixavam de cobrar uma melhor execução dos segmentos extremos, pés e mãos, é uma evidência da sua consciência corporal, sua autoimagem de atleta como era, e como gostaria de ser. Segue a entrevista de G04

Depois eu percebi que a amplitude do tronco, de membros superiores eram importantes, era importante para o manejo de aparelhos, em lançamentos, e manejos que possibilitassem variar movimentos corporais. Meu tronco era bem flexível, mas os demais não o acompanhavam. Se pudesse alterar um segmento, gostaria de uma perna com mais dez centímetros, e só aumentaria o comprimento da perna. Nessa época nós valorizamos muito as pernas e o tronco, mas não era cobrado pelas técnicas as finalizações de pés e braços. Nas competições sempre ouvia que minhas séries não tinham finalizações. Minha execução era com falhas de finalização dos exercícios. Se você treina de uma forma, vai competir igual, e nesta época faltava cobrança das técnicas sobre essa parte tão importante. (Entrevista concedida por G04- 77/85 4ª Eq. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

Para G05 a satisfação das ginastas das primeiras equipes de GR do Amazonas, denota como no início era muito livre as escolhas de corpos para a modalidade. Contudo, ainda se percebe que ginastas magras eram mais elogiadas, e se sentiam muito confortáveis no esporte, sabiam que se ganhassem peso, isso seria ruim para as performances. Para Nóbrega (2016), “É a partir da experiência sensível que atribuímos sentidos e conhecemos o mundo, os fenômenos, as situações, as relações. Neste contexto, a sensação não é apenas um dado físico, mas o sentido para mim, o modo como as coisas, as pessoas e as situações me afeta” (Nóbrega, T.2016, p.33). Segue trecho da entrevista de G05.

Não lembro de críticas sobre a forma corporal, nunca vivi nada negativo, eu sempre prestava atenção no peso para não engordar. Mas era uma cobrança meu mesmo, era minha percepção de ter mais dificuldade se eu engordasse, sabia que me prejudicaria. Nenhum segmento corporal me incomodou, nunca tive problemas, eu fazia dança e ginástica, treinava muito, estava sempre em forma, nem ninguém falava nada sobre alguma crítica. (Entrevista concedida por G05-79/85 4ª Eq. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular).

Todo o conhecimento sobre suas respostas ao movimento era importante, a coleta de dados era feita nos treinos, nas repetições de exercícios, na escolha de cada exercício que combinasse com seu melhor desempenho. Um grande acervo de informações sobre o próprio corpo se desdobrava em acumular o autoconhecimento, juntamente com o da própria

modalidade como esporte de competição. Ginastas cuidam dos detalhes de suas escolhas, mostrar o que é mais valorizado sempre prevalece nessas decisões, assim como esconder o que pode ser visto como um defeito, ou erro coreográfico.

E eu percebia que meu corpo era trincado, teve épocas que eu treinava dois turnos, meu ombro era grande, eu me achava feia, me achava estranha, tinha muito músculo, barriga sarada. Minhas amigas diziam que eu era o corpo perfeito, mas eu não gostava. E tinha um movimento na minha série que era o “mundial⁴²”. Que era a subida da perna na frente, com o tronco embaixo, isso me massacrava a coluna. Nesta época o código exigia flexibilidade extrema nas séries. A minha perna era fácil, mas a coluna me deixava na metade do exercício. Depois que eu vi no Rio como as meninas faziam o exercício do equilíbrio em abertura dorsal, fiquei mais habilidosa para conseguir fazer, e voltei fazendo o exercício. Se pudesse alterar, trocava a coluna, para fazer bem todos os exercícios. Eu sempre soube que o salto não podia ser pesado, se tivesse perna muito grossa e bumbum grande seria mais difícil mostrar os exercícios até hoje. Então eu me respeitava muito, não tomava refrigerante, nem pão, eu sabia que ser magra era vantagem, eu era chamada de tartaruga por só comer folha. Minha consciência era de não jogar trabalho fora, já que treinava muito e me dedicava 100%. E eu sempre tive um bom eixo para as piruetas. Em relação aos aparelhos, sempre tivemos bons manejos, treinava muito com o aparelho, mas, não tinha noção do código de pontuação e as regras, eu sabia que tinha que ter salto, pirueta e rotação, e as flexibilidades também eram exigidas no código nessa época não tinha noção das bonificações do aparelho (Entrevista concedida por G06-85/94 Eq C. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular).

Para uma ginasta que disputa vaga com outra, mostrar que tem mais condições de elevar a nota da equipe com suas séries, é como gabaritar na prova. A comparação de nível de dificuldade define qual ginasta está mais apta a representar melhor a equipe. Na sua entrevista, a ginasta relembra como o corpo considerado fora de padrões, mudou o resultado da escolha das técnicas que avaliaram quem iria representar o país no Pan Americano.

Fiz todas as três séries cravadas, sem erro, bola, arco e fita. A série da outra ginasta era bem simples, mas, ela era longilínea, loira, magrinha, biotipo totalmente diferente do meu. Quem ficou com a vaga foi a Gabriela, eu fiquei de reserva. Nem cheguei a apresentar no Pan Americano. Inclusive lembro que a equipe A não estava bem-preparada. O perfil das meninas da equipe principal era dentro dos padrões físicos. Minha perna grossa, perna curta, era um sofrimento para mim, eu percebia que quando emagrecia, minhas performances ficavam leves e mais fáceis, e apesar da idade. Na época tudo que eu queria era pernas finas, vivia de dieta. eu era controlada para emagrecer por todos. Trocar minha perna, sem dúvida, afinar mais já era suficiente. Percebi com clareza depois do Panamericano, o quanto o corpo era importante para ter sucesso na GR. Foi isso que me fez crer que escolheram a outra ginasta, simplesmente pelo corpo dela ser diferente do meu. me impactou muito, depois de quase um ano de trabalho, perdi a vaga por conta do corpo. (Entrevista concedida por G07-90/96 Eq C. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

⁴² *Mundial*, exercício que se caracteriza por grande abertura da perna na posição frontal, com tronco em posição abaixo dos joelhos na parte dorsal, exige grande flexibilidade de pernas e tronco.

Mudanças corporais sempre afetaram o desempenho de ginastas de alto rendimento, aumento de peso, aumento de volume corporal podia significar mais treinos, mais esforço, mais repetições, e o pior, mais cobranças na balança. Exercícios que exigiam alto grau de flexibilidade, como o *mundial*, se tornam um desafio mais distante de alcançar quando o corpo está mais pesado, ou volumoso. A chegada da puberdade vem junto com as mudanças que afetam a autoimagem, ganho de peso, aumento dos seios, além dos interesses pelo namoro e convívio com outros adolescentes, nas festas, reuniões, baladas etc. Ginastas precisam cumprir etapas de trabalho, e alcançar os resultados para atingir as metas de pódio. A alteridade corporal de cada ginasta se consolida também nas dificuldades enfrentadas com as limitações corporais.

Nunca tive problema com meu corpo, nunca cheguei a ser cobrada por isso no infantil. Senti essa mudança logo que menstruei, o corpo ganhou logo uns quilos a mais, e percebi que já estava ficando difícil manter. Sempre fomos muito cobradas para não engordar, fazia dieta direto. Nossa equipe tinha uma harmonia nos corpos, eram todas bem bonitas. A coluna sempre foi onde tinha mais limitações corporais, treinava muito para melhorar, mas era difícil fazer alguns exercícios. Se fosse possível trocava minha coluna por outra mais flexível. O mundial era um exercício cobrado, com a cabeça encostando na coxa, e era medido todo dia. (Entrevista concedida por G08-91/96 Eq C. Em 2024, pelo google meet, gravada no celular).

É comum nas entrevistas de quase 100% das ginastas o desejo de ter mais flexibilidade. Todas as gerações de atletas que chegaram em alto rendimento lutavam para melhorar principalmente a flexibilidade. A flexibilidade quase define o sucesso ou o fracasso de uma ginasta. A capacidade física é uma habilidade fundamental para ginastas de alto rendimento na ginástica rítmica. Ela influencia diretamente a execução de movimentos técnicos e a estética das rotinas, impactando as avaliações dos juízes e, consequentemente, os resultados das competições. Quando uma atleta não atinge o nível desejado de flexibilidade, isso pode ter diversas implicações na sua carreira:

A falta de flexibilidade pode limitar a amplitude dos movimentos e dificultar a execução de elementos obrigatórios e de maior dificuldade, resultando em pontuações mais baixas. Ginastas que tentam compensar a falta de flexibilidade forçando movimentos podem estar mais suscetíveis a lesões. Lesões recorrentes podem atrapalhar a progressão da carreira e levar a períodos prolongados de recuperação. Ginastas com menor flexibilidade podem precisar adaptar suas rotinas, incorporando elementos que não dependem tanto dessa habilidade, embora isso possa limitar a criatividade e a variedade dos movimentos apresentados.

Treinadores e preparadores físicos podem identificar a flexibilidade como uma área prioritária de desenvolvimento. Isso pode resultar em programas de treinamento específicos

focados em melhorar essa habilidade, através de alongamentos e exercícios de mobilidade. A percepção do atleta sobre sua própria flexibilidade pode afetar sua autoconfiança e motivação. Para G09 a chave para uma ginasta de alto rendimento é reconhecer as áreas de melhoria e trabalhar consistentemente nelas com apoio profissional adequado, visando alcançar o melhor desempenho possível e minimizar os impactos negativos em sua carreira. Segue o relato da ginasta que sempre foi considerada no padrão corporal, mas almejava a flexibilidade para subir em qualidade na carreira. Segue relatos de G09.

Sempre tive biotipo longilíneo, eu sempre fui magra, tenho altura 1,67cm, sempre pesei no máximo 40kg, e nunca precisei fazer dieta. Mas via minhas companheiras estressadas na época do CTARAm, que a Giurga entrou nas nossas carreiras esportivas, e exigia de todas perder peso, mesmo que fosse 200gr. Eu era muito satisfeita com meu físico, mas sempre precisei de flexibilidade como atleta, e eu me esforçava muito. me inspirava em algumas ginastas que tinham muita flexibilidade como a Ana Paula Scheffer (In Memoriam), Ana Paula Ribeiro, Helena Vitrichenko, Yuliya Raskina, e outras, sempre penso que se tivesse tido flexibilidade teria ido muito longe. (Entrevista concedida por G09-94/11 Eq.C. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

Marcel Mauss, em seu ensaio "As Técnicas do Corpo" (1934), propôs que todas as ações físicas que realizamos são técnicas aprendidas socialmente, variando de acordo com a cultura, época e contexto social. Essas técnicas incluem como andamos, nadamos, dançamos e, no caso da ginasta, como treinamos e executamos movimentos. O relato da ginasta mostra uma consciência das limitações de sua flexibilidade e os esforços extras que ela fez para superar essa dificuldade, visando contribuir para o time. Podemos relacionar isso com as "técnicas do corpo" de Mauss da seguinte forma: a ginasta desenvolveu técnicas específicas para melhorar sua flexibilidade, como sessões de treinamento extras, corrida e controle de peso. Essas práticas são exemplos claros das técnicas do corpo que ela aprendeu e aprimorou através da socialização e do treinamento na equipe.

A maneira como G10 relata como incorporou práticas adicionais em sua rotina mostra como as técnicas do corpo não são estáticas, mas se adaptam às necessidades e contextos específicos. Ela adaptou seu treinamento de flexibilidade para se alinhar com os padrões e exigências da ginástica rítmica de alto rendimento. A ginasta menciona a sensação de "não merecer estar ali" devido à sua pouca flexibilidade. Isso reflete como as técnicas do corpo não são apenas práticas físicas, mas também influenciam a percepção do próprio corpo e a autoestima. A comparação com outras ginastas e os esforços para se ajustar às normas estéticas do esporte mostram a pressão social e cultural envolvida.

A decisão da ginasta de continuar treinando arduamente e se cuidar para manter o peso mostra a resiliência e a determinação em melhorar suas técnicas corporais. Isso exemplifica como as técnicas do corpo podem ser desenvolvidas e refinadas através de disciplina e esforço contínuo. Neste relato a aplicação prática das teorias de Mauss sobre as técnicas do corpo, mostrando como essas técnicas são aprendidas, adaptadas e influenciam a identidade e a percepção individual. O relato ressalta a importância da flexibilidade não apenas como uma habilidade física, mas como um componente integral do desenvolvimento pessoal e social no contexto esportivo. Segue relato de G10.

Eu procurava entender, pois nós estávamos no país delas, mas me amedrontava, e ficava preocupada. Pensava em acabar logo e voltar para o nosso país, pensei num primeiro momento que era essa a grande descoberta do porquê elas eram as melhores. Mas ao mesmo tempo, também me questionava se estaria disposta a enfrentar tudo aquilo por um título? No conjunto onde tive minha maior experiência, ainda se preza pela homogeneidade, as ginastas precisam ser parecidas, uma ginasta muito alta com uma muito baixa, não vai funcionar. Mas, no individual isso vem mudando, prova disso é a búlgara, a Estiliana, ela é bem baixinha, perna curta, e ela foi para as Olimpíadas, ela tem um rosto de treze anos, mas tem dezenove, e foi cotada para estar entre as melhores, foi medalhista mundial, top 5 nas Olimpíadas. Muito se quebra nos paradigmas, quando se tem uma referência, desde que o trabalho exibido mostre qualidade. Respeitar os corpos, e desenvolvê-lo de acordo com o que o código de pontuação pede sendo justa. Porque ainda tem muito preconceito com as ginastas brevíneas, tem juiz que pré-julga como uma ginasta ruim e pesa a caneta na execução, só porque sabe que ela poderá ser encurtada num futuro. Meu maior incômodo era a flexibilidade de pernas. Com certeza, trocava minha flexibilidade de pernas, coluna eu tinha. Quando eu cheguei na seleção brasileira, e eu ouvi da minha própria técnica e treinadora da seleção brasileira, que eu seria titular, e ela iria mudar todo o conjunto porque, disse ela, “eu preciso de você nesse time aqui, se você não faz todas as dificuldades, nós mudamos e colocamos você no meio fazendo outra coisa. Eu passei a ter noção da minha importância para o time, apesar de às vezes pensar: “caramba, eu estou atrasando o Time”, mas eu sou muito necessária aqui, então eu vou dar o meu “máximo” o meu “melhor”. Foi quando eu comecei a desconstruir um pouco, essa minha visão, sobre a minha pouca flexibilidade, que até então me deixava com um sentimento de “não merecer estar ali” que eu não merecia viver aquilo ali, eu não sou tão bonita quanto as outras. Se eu pudesse melhorar mais a flexibilidade, eu teria permanecido mais tempo na seleção. Nunca tive nenhuma insatisfação sobre notas relacionadas à estética corporal, sempre considerei justa minha nota. Minha estratégia era seções de flexibilidade extras, treinava mais que as outras ginastas, me cuidei para não engordar, corria na orla de Aracaju para manter o peso em dia (Entrevista concedida por G 10-98/14 EqC. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular).

O relato de G11 sobre sua luta com a flexibilidade e o ganho de peso pode ser relacionado com a noção de “alteridade corporal”, que se refere à experiência de se sentir “outro” ou diferente em relação ao próprio corpo. Autores como Jôse Lane de Sales discutem essa temática em suas pesquisas. Em sua dissertação “Corpo e Alteridade: Processo de Subjetivação”, Lane de Sales explora como a alteridade corporal pode afetar a subjetividade e

a identidade de uma pessoa. A ginasta sente uma desconexão entre seu corpo e sua identidade como atleta, o que a leva a buscar maneiras de minimizar essa diferença.

A ginasta tenta lidar com essa alteridade ao focar em exercícios que utilizam a coluna, evitando destacar sua limitação nas pernas. Esse comportamento reflete a busca por uma identidade corporal que se alinhe com as expectativas e normas do esporte. A alteridade corporal, portanto, não é apenas uma questão física, mas também psicológica e social, influenciando a autoimagem e a percepção de si mesmo. Segue entrevista com o G11.

Depois eu fui ganhando peso, e minha flexibilidade diminuiu nas pernas, mantive só na coluna. E isso me atrapalhava muito, eu era muito limitada nas pernas. Meus saltos, *spacatos*⁴³, não melhoraram, e eu treinava muito. Minha limitação era sempre a flexibilidade e o ganho de peso me deixou ainda mais limitada. Eu escolhi exercícios que usavam a coluna para não mostrar minha limitação de pernas. Eu alteraria minha flexibilidade de pernas, tinha ginastas que conseguiam ter flexibilidade em todos os segmentos, e fazia muitos exercícios, e eu não, trocando as pernas por mais flexíveis eu faria os exercícios que eu sempre quis fazer e não consegui pela falta de flexibilidade (Entrevista concedida por G11-06/16 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular).

O relato de G12 destaca a complexidade da alteridade corporal, mesmo para alguém com um padrão corporal ideal para a ginástica rítmica. Embora ela tenha um corpo magro, adequado para a prática do esporte, suas limitações na flexibilidade da coluna e o ganho de peso afetaram seu desempenho e a impediram de atingir seus sonhos. Apesar de ter um corpo magro, que é visto como ideal no contexto da ginástica rítmica, a ginasta ainda enfrenta desafios significativos devido à falta de flexibilidade e ao ganho de peso. Isso ilustra como o ideal corporal pode ser uma construção social que nem sempre se alinha com as capacidades e limitações individuais.

A ginasta menciona que sempre considerou justas suas notas, mesmo quando eram baixas. Isso mostra uma aceitação das suas limitações e uma percepção clara das suas capacidades, o que pode ser visto como um aspecto positivo em termos de autoestima e autoavaliação. No entanto, a frustração com suas limitações também aponta para a tensão entre a autoimagem e os padrões exigidos pelo esporte.

Em seus estudos sobre o corpo, Le Breton explora como a sociedade e a cultura moldam a percepção do corpo e a identidade corporal. Ele argumenta que o corpo é um ponto de

⁴³ *Espacate*, *espacato*, *espargata* (do italiano *apacatta*), também chamado abertura de pernas, *jamilla split drop*, *grand écart*, e, *hanumanasana*, é um movimento ginástico que consiste em abrir as pernas paralelas ao solo de modo que estas formem um ângulo de 180°, que pode ser executada de forma: lateral, frontal e vertical.

encontro entre o indivíduo e o mundo social, onde se manifestam normas, expectativas e desejos.

Em "Estigma:⁴⁴ Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada", Erving Goffman discute como as pessoas lidam com características que as desviam das normas sociais. A experiência da ginasta pode ser vista como uma luta para se conformar às expectativas do esporte, enquanto enfrenta limitações físicas que a impedem de alcançar seu sonho.

Em "Corpos⁴⁵ que Pesam: Sobre os Limites Discursivos do 'Sexo'", Judith Butler examina como os discursos sociais e culturais sobre o corpo influenciam a identidade. A ginasta, ao lidar com suas limitações, está navegando por esses discursos e tentando encontrar uma maneira de se adequar às expectativas do esporte. A fotografia da fig. 21 mostra a ginasta no exercício "Boucle", observando-se as formas do corpo bem nítido e com boa amplitude.



Figura 21. Exercício "Boucle"
Fonte: Acervo de Nicole Aguilero

O relato de G12 oferece uma visão profunda sobre a alteridade corporal e como as pessoas podem sentir-se diferentes ou limitadas em relação a um ideal corporal. Ele destaca a necessidade de reconhecer as individualidades e as capacidades únicas de cada pessoa, mesmo dentro de contextos que demandam conformidade a certos padrões. Segue entrevista com G12.

⁴⁴ GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

⁴⁵ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. O corpo educado. Editora: antropologias. descentro.org, 1999.

Eu era tão magra que minha técnica, Alessandra Balbi, me deixava comer até salgado no lanche, porque eu precisava de pouca gordura corporal para gastar no treino. Ainda hoje, eu como bem, e não consigo engordar. Meu pior segmento era a coluna vertebral, e eu trabalhava bastante nas férias, meu sonho era encostar o meu coque na coxa. Meu boucle chegava na perna. Não consegui fazer um exercício chamado Otchacheva, que era uma combinação de tronco e perna na flexibilidade dorsal, e era o meu sonho de ginasta. Minhas possibilidades poderiam me levar a lugares maiores, mas não consegui ir muito longe. Sempre considerei justa minha nota, teve momentos que a nota foi baixa, mas porque mereci (Entrevista concedida por G12-08/15 EqC. Em 2025, de forma presencial, gravada no celular).

No próximo depoimento, G13 revela uma compreensão profunda de suas limitações corporais e da alteridade, ou seja, da diferença percebida entre seu corpo e os padrões estéticos predominantes na ginástica rítmica. Vamos analisar esse relato à luz das teorias de Le Breton (2006) sobre o corpo e a alteridade. Le Breton (2006) argumenta que o corpo não é apenas um dado biológico, mas uma construção social e cultural. O relato da ginasta exemplifica isso ao destacar como características físicas, como coxas mais grossas e pés pequenos, são vistas de maneira diferente nas viagens e competições. Essas percepções são moldadas pelas normas culturais e estéticas do esporte.

A ginasta menciona a diferença na percepção do corpo de sua equipe em comparação com outras. Esse sentimento de alteridade corporal é central para se explorar como as diferenças corporais são experimentadas e internalizadas pelos indivíduos. A ginasta reconhece suas limitações físicas e como essas diferenças afetam sua participação no esporte. Sobre o peso das expectativas sociais e culturais em relação ao corpo. A ginasta sente a pressão para se conformar a um ideal corporal específico, que é frequentemente inatingível devido a fatores genéticos e biológicos. Ela descreve sua frustração com a falta de mobilidade na coluna e o comprimento das pernas, características que não estão sob seu controle.

O depoimento da ginasta ilustra como a alteridade corporal é vivenciada e como ela afeta a identidade e a autoimagem de uma pessoa. As teorias de David Le Breton ajudam a entender como o corpo é uma construção social e cultural, e como as normas e expectativas influenciam a percepção das diferenças corporais. A ginasta demonstra uma consciência clara de suas limitações e uma resiliência em adaptar-se às exigências do esporte, apesar das barreiras físicas e sociais.

Fiquei com as coxas mais grossas, e eu era baixinha, e depois da menstruação notei que o crescimento diminuiu, e eu me vi com a certeza de que seria a típica amazonense. Nas viagens os olhares eram diferentes, e era por questões estéticas, eu lembro que a Dona Ana nos disse que, de corpo nós éramos as mais volumosas entre

as outras equipes. Como ginasta, percebia claramente o olhar diferenciado sobre nossa equipe. A Cáritas era a única dentro do padrão, as outras estavam sempre acima do peso desejado. Me incomodou muito a falta de mobilidade na coluna, e o comprimento da perna. Ter mais flexibilidade nos dois segmentos. Minha genética não era muito favorável. O pé mais longo também é importante, e o meu era bem pequeno. (Entrevista concedida por G13-08/19 Eq. Em 2025, pelo google meet, gravada no celular)

No próximo relato, G14 faz a descrição de sua autoimagem, por onde conduz à discussão de um problema sério e frequente no esporte, sobretudo, onde se exige padrões de beleza associados a resultados. O conceito de imagem corporal é complexo, podendo ser definido como “as percepções, pensamentos e sentimentos de uma pessoa acerca do seu corpo” (Grogan,⁴⁶ 2008, p. 3). A imagem corporal é relevante para o entendimento geral da experiência humana, já que marca a qualidade de vida pela influência que exerce sobre as emoções, pensamentos, comportamentos e relações do indivíduo no cotidiano (Pruzinsky e Cash,⁴⁷ 2002). A imagem corporal é um conceito amplo e multifacetado, e diversos autores discutem sua importância e impacto na vida humana de maneiras distintas.

Grogan (2008) define a imagem corporal como a maneira como uma pessoa percebe, pensa e sente em relação ao próprio corpo. Cash (2002), essas percepções influenciam significativamente as emoções, os pensamentos, os comportamentos e as relações interpessoais no dia a dia. Pruzinsky⁴⁸ (2002) reforça que a imagem corporal é crucial para a compreensão da experiência humana, pois afeta diretamente a qualidade de vida. Le Breton em seus estudos, argumenta que a imagem corporal é moldada pelas normas e valores culturais, afetando a identidade e a autoimagem do indivíduo

Deve ser abordada na sua multidimensionalidade, pois o desenvolvimento da imagem corporal é moldado por diversos fatores históricos e desenvolvimentistas – cultura e socialização; experiências interpessoais passadas; características físicas; características da personalidade – e por eventos próximos ou precipitantes, associados a certos pensamentos, emoções e comportamentos. A imagem corporal que um indivíduo tem de si mesmo dependerá, ainda, do investimento nesta área, ou seja, da importância que dá à aparência, e da avaliação

⁴⁶ GROGAN, S. (2008). *Body image: Understanding body dissatisfaction in men, women, and children* (2nd ed.). New York: Routledge.

⁴⁷ CASH, T. (2002). Cognitive-behavioral perspectives on body image. In T. F. Cash & T. Pruzinsky (Eds.), *Body image: A handbook of theory, research & clinical practice* (pp. 38 - 46). New York: The Guilford Press

⁴⁸ PRUZINSKY, T. & Cash, T. (Eds.). (2002). *Understanding body images: Historical and contemporary perspectives*. In *Body image: A handbook of theory, research & clinical practice* (pp.3 – 12). New York: The Guilford Press.

que faz do seu corpo, isto é, as crenças mais positivas ou negativas sobre a própria aparência (satisfação) (Cash, 2002; O'Dea, 1995).

Na medida em que os valores culturais influenciam os valores pessoais, as autopercepções de atratividade física dependem, de entre outros fatores, da internalização das definições culturais. Assim, quanto mais a autopercepção do corpo se aproximar do ideal cultural, mais elevada será a imagem relacionada ao esporte. Da mesma forma, quanto mais discrepante for a autopercepção física face ao ideal cultural, maior será sua busca pela magreza. (Jackson,⁴⁹ 2002; Cash, 2002). É ainda a cultura que prescreve os métodos para alcançar o corpo ideal (dietas, exercício físico, produtos de beleza etc.) e que estabelece as expectativas de gênero ligadas a determinados atributos (Cash, 2002). Na sociedade ocidental contemporânea, um ideal corporal esguio passou a ser visto como estética e moralmente virtuoso. A seguir a entrevista da ginasta. G14.

Hoje eu já consigo visualizar meu corpo de outra forma, como ele realmente é. Mas eu ainda não estou satisfeita com meus braços, meu abdômen sempre quero mais definido, acho desproporcional, e me cobro por estética. As referências de ginastas da Europa são muito diferentes das de nós brasileiras. As técnicas sempre me elogiaram muito, e no início quando eu era iniciante, eu lembro que nós sempre nos pesamos todo dia para controlar o peso corporal. As ginastas mais antigas sempre reclamavam muito, e eu não entendia. Hoje acredito não acontecer mais em nenhum clube, porque sabemos o quanto isso afeta os atletas psicologicamente. O que me incomodava era a insegurança pessoal, a dismorfia corporal, eu me via diferente do que realmente eu era. Quando eu me pesava, lembro que ao ver ninguém comentava que eu precisava emagrecer, mas eu via as outras, e achava que precisava, a meu ver não era ideal. O padrão de pernas é que incomodava, e a flexibilidade também. Minhas dificuldades sempre foram as aberturas laterais, e eu tentava fazer da mesma forma que eu via as outras fazendo, e nunca era igual. Isso extrapolou, começou a me deixar muito incomodada no psicológico e afetou minha saúde. Alteraria o comprimento das pernas, é um padrão estabelecido, e quem se cobra vai sempre se cobrar, eu cresci com pouca flexibilidade, eu sempre fui uma ginasta artística, e habilidosa com aparelhos, sempre fiz riscos com três giros, mas as dificuldades corporais são limitadas sem a flexibilidade. Quando nós amazonenses chegamos em uma competição, já sabemos que não vão olhar para nós do mesmo modo que olham para outras ginastas de outros estados que têm status, vamos chamar assim. Eu tenho consciência do meu artístico, sempre tive, faço muito bem, tenho muita expressão corporal, e eu cheguei no Jogos da Juventude de 2022, com a certeza de conseguir uma medalha. (Entrevista concedida por G14-14/25 EqC.Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

A entrevista de G15 nos remete ao pensamento decolonial, e a desconstrução de comportamentos pelo desejo em copiar padrões eurocentristas no esporte, isto envolve entender como os paradigmas e valores estéticos dominantes são influenciados por contextos históricos

⁴⁹JACKSON, L. (2002). Physical attractiveness: a sociocultural perspective. In T. F. Cash & T. Pruzinsky (Eds.), Body image: A handbook of theory, research & clinical practice (pp.13 – 21). New York: The Guilford Press

e culturais específicos. Decolonialidade é uma abordagem crítica que busca dismantlar as estruturas de poder e conhecimento estabelecidas durante o colonialismo e que ainda persistem na sociedade contemporânea. A hegemonia cultural das nações europeias e suas influências históricas se refletem em padrões estéticos que são amplamente aceitos como ideais. O corpo da ginasta russa é valorizado não apenas pelas suas capacidades atléticas, mas também pelo seu alinhamento com os ideais estéticos europeus, que muitas vezes excluem outras formas de beleza e capacidade física.

Os padrões de beleza propagados pela mídia e pelas indústrias esportivas e de moda frequentemente privilegiam certos tipos corporais que não são representativos da diversidade global. Esse desejo de se conformar a um "corpo ideal" pode ser visto como uma internalização de normas coloniais que desvalorizam corpos que não se encaixam nesses padrões eurocêtricos. A pressão para modificar o corpo através de técnicas rigorosas de treinamento pode ser vista como uma forma de controle corporal que se alinha com práticas coloniais de disciplina e regulação. A ginasta relata que fazia exercícios em casa e treinava para melhorar aspectos específicos, refletindo um esforço contínuo para atender a um ideal que é, em grande parte, construído a partir de normas externas e historicamente carregadas.

O desejo da ginasta de modificar seu corpo também aponta para questões de identidade e representatividade. Em um contexto decolonial, é importante reconhecer e valorizar a diversidade corporal e as múltiplas formas de sucesso atlético que existem fora dos padrões dominantes. Isso envolve uma reavaliação crítica das normas e uma maior valorização das contribuições e potencialidades de diferentes corpos. A narrativa da ginasta amazonense revela a profundidade da influência dos ideais estéticos eurocêtricos nas práticas esportivas. Analisá-la sob uma perspectiva decolonial nos obriga a questionar esses padrões e a buscar formas de valorizar e celebrar a diversidade corporal e cultural em todas as suas formas. Dedicar tempo nas correções do que poderia ser o ponto fraco da atleta, também evidencia sua autoimagem, e consciência corporal bem madura para o esporte. Segue a entrevista com G15.

Mas só que eu vejo nas Russas e quero ter um corpo ideal como o delas. Minha ponta de pé sempre me incomodou, que atrapalhava bastante, eu não fazia ponta, e isso é muito ruim na GR. E minha técnica me corrigia muito. Fazia os exercícios em casa, treinando para melhorar o joelho também, treino muito o que me faz perder pontos de execução. (Entrevista concedida por G15-14/25 EqC. Em 2024, de forma presencial, gravada no celular)

3.2. Ginástica rítmica no Amazonas: a história, as experiências e o legado

A herança cultural transmitida pelo esporte de geração em geração acumula títulos, medalhas, troféus, homenagens, viagens, certificados, reconhecimento, respeito, pertencimento, dedicação, superação e atitudes. Observamos o enriquecimento da história da ginástica como esporte, consolidando seu espaço na cidade e incorporando todo o conhecimento adquirido e aprimorado para a continuidade dessa prática. Sua consolidação como parte da cultura esportiva amazonense reflete o avanço da diversidade, considerada a maior conquista e legado.

A teoria de Bourdieu (1989) sobre o campo de produção simbólica e a luta de classes pode ser aplicada ao esporte, especialmente quando se trata de culturas diferentes e da criação de padrões corporais. “O campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção” (Bourdieu, P. 1989, p.12).

Para Bourdieu, os interesses entre as classes sociais se expõem no campo da produção. Podemos relacionar esses interesses com o esporte como fator de interesse entre classes, neste caso culturas diferentes, onde a dominante será a de origem deste esporte, que cria padrões corporais inalcançáveis por outras culturas. E mesmo assim, esse corpo diferente escolhe ser atleta e se destaca pela sua diferença. O campo de produção simbólica no esporte é um microcosmo das lutas simbólicas entre diferentes classes e culturas. Esportes muitas vezes têm origens em culturas específicas, que impõem certos padrões e normas, incluindo ideais corporais. Esses padrões são mantidos e reforçados pelas elites dominantes do campo, criando uma hegemonia cultural e simbólica.

Ginastas de diferentes origens sociais e culturais que quebram esses padrões corporais estão, de certa forma, servindo aos interesses de suas próprias comunidades e grupos sociais. Elas demonstram que o sucesso no esporte não depende exclusivamente de conformidade com os padrões dominantes. Essas atletas podem criar ideais e expandir o entendimento do que é aceitável ou admirável dentro do esporte. Ao se destacar e obter reconhecimento, esses atletas forçam uma reavaliação dos critérios de valor e legitimidade dentro do esporte. Eles ilustram como interesses individuais podem, muitas vezes, servir a interesses mais amplos de grupos sociais e culturais, promovendo uma transformação das relações de força simbólicas.

Consideramos que o enfrentamento de nossas ginastas simboliza a luta de classes dentro do campo de produção simbólica descrito por Bourdieu (1989). Eles servem como agentes de

mudança, desafiando padrões corporais e culturais, e promovendo uma maior inclusão e diversidade no esporte. Essa dinâmica reflete a complexa interação entre poder, cultura e identidade no contexto esportivo. Sobre a coleção de títulos que podemos enumerar conquistados na modalidade, faremos referência aos mais relevantes, e que elevaram o nível da nossa GR a outros patamares alcançados pelas gerações que trilharam a história da modalidade.

Os títulos e conquistas de um atleta desempenham um papel crucial no campo simbólico, ajudando a construir um legado duradouro. Esses elementos não são apenas méritos individuais, mas também símbolos de excelência, determinação e superação que inspiram futuras gerações. Troféus e medalhas são reconhecimentos formais que elevam o *status* do atleta, conferindo-lhe prestígio dentro e fora do esporte. Atletas vitoriosos são frequentemente vistos como heróis culturais, cujas histórias de sucesso e superação se tornam parte da identidade coletiva de uma comunidade ou nação.

Conquistas destacadas servem como inspiração para jovens atletas, mostrando que o sucesso é alcançável com esforço e dedicação. As histórias por trás das vitórias – os desafios enfrentados, as adversidades superadas – tornam-se narrativas inspiradoras que incentivam outros a perseguirem seus próprios sonhos. Atletas que quebram paradigmas ou introduzem novas técnicas transformam os padrões e expectativas do esporte, redefinindo o que é possível. Suas conquistas forçam uma reavaliação das normas e práticas estabelecidas, promovendo a inovação e evolução dentro do campo esportivo.

“O mundo social está assim povoado de instituições que ninguém concebeu nem quis, cujos “responsáveis” aparentes, não só não sabem dizer- nem mesmo mais tarde graças a ilusão retrospectiva, como se “inventou a fórmula”, - como também se surpreendem que elas possam existir, como existem, tão bem adaptadas a fins nunca formulados expressamente pelos seus fundadores”. (Bourdieu, 1989, p.92-93).

Pierre Bourdieu, em suas análises sociológicas, nos ajuda a entender como as estruturas sociais e culturais emergem e se mantêm mesmo sem um planejamento consciente ou intencional. No contexto do esporte, essa perspectiva nos fornece uma visão crítica sobre a criação e aplicação das regras esportivas. As regras de muitos esportes são criadas e padronizadas por organizações que, em muitos casos, não consideram a diversidade cultural e social dos praticantes ao redor do mundo. Essas regras se tornam instituições que parecem naturais e inevitáveis, mesmo que nunca tenham sido concebidas para serem inclusivas ou adaptáveis a outras culturas. Quando as regras de um esporte são impostas por uma cultura dominante sem reconhecer ou adaptar-se às necessidades e práticas de outras culturas, pode

ocorrer um fenômeno de exclusão. Praticantes de culturas diferentes podem se sentir alienados ou desestimulados a participar plenamente do esporte, já que as regras não refletem suas tradições, habilidades e valores.

Bourdieu, (1989)” defende que quanto mais nos afastamos do funcionamento normal dos campos como campos de lutas para passar a estado-limite, sem dúvida, nunca atingidos, nos quais, com o desaparecimento de toda luta, e de toda a resistência à dominação o campo se torna rígido, reduzindo-se a uma “instituição totalitária” no sentido de Goffman ou, em sentido rigoroso, a um aparelho, que está à altura de tudo exigir sem condições nem concessões e que, nas suas formas extremas- quartel , prisão ou campo de concentração.” (Bourdieu, P. 1989, p.95).

Mesmo aqueles que estão à frente das organizações esportivas podem se surpreender com a resiliência e a persistência dessas regras, que continuam a existir e a ser aplicadas de forma eficaz, mesmo que não atendam a fins expressamente formulados para todos os praticantes. Isso demonstra como as instituições podem se tornar autônomas e independentes das intenções originais de seus criadores. No caso da ginástica rítmica no Amazonas, ginastas que alcançaram grandes feitos não apenas elevaram o nível do esporte na região, mas também inspiraram futuras gerações de atletas. Suas histórias de superação e os títulos conquistados ajudam a construir um legado que promove a continuidade e o crescimento do esporte.

O desenvolvimento de novas metodologias que inovam e se diferenciam aos da que originou o esporte também são considerados como legado. Cada cultura tem seu ritmo, sua preferência musical, sua identidade, e quer se expressar de forma única, diferenciando seu caráter e suas técnicas corporais. Ginastas brevilíneas são mais rápidas, mais habilidosas com aparelhos, e procuram compensar suas interpretações com mais emoção.

A ginástica rítmica é um exemplo fascinante de como as técnicas do corpo podem ser influenciadas e aperfeiçoadas pela diversidade musical. Originalmente, os ritmos usados em certas culturas podem ditar os movimentos e a expressão corporal dos atletas, mas ao serem adaptados a outras culturas com diferentes tradições musicais, novas possibilidades se abrem. Com a exposição a diferentes ritmos musicais, os ginastas desenvolvem uma maior adaptabilidade e flexibilidade em seus movimentos. Eles aprendem a sincronizar seus corpos a uma variedade de tempos e estilos musicais, o que melhora a coordenação e o controle motor.

A diversidade musical estimula a criatividade. Os atletas e coreógrafos podem criar rotinas únicas que combinam elementos de diferentes tradições musicais, resultando em apresentações inovadoras e cativantes. A adaptação a diferentes ritmos pode também melhorar

a resistência física e a capacidade cardiovascular das ginastas, pois diferentes estilos musicais podem exigir intensidades variadas de movimento. A variedade de ritmos pode tornar o treinamento mais envolvente e motivador. A música diversa pode proporcionar uma experiência mais dinâmica e menos monótona, ajudando os atletas a manterem-se motivados. A exposição a diferentes estilos musicais e a necessidade de adaptar os movimentos a esses ritmos pode também estimular o desenvolvimento cognitivo dos atletas. A ginástica rítmica, então, se torna uma atividade que não apenas desafia o corpo, mas também a mente.

Para Guerra, “ um acompanhamento conduzido por uma ideia rítmica geral(clave), alimentada pela pulsação vital da intenção dos músicos (groove-swing), manifestando variações e funções das nuances de forma, intensidade, melodia e espaços sonoros gerados pela composição (Guerra , 2020, p.16) A adaptação de ritmos culturais distintos na ginástica rítmica pode aprimorar as técnicas do corpo dos atletas, levando a uma maior criatividade e inovação, enquanto promove um entendimento e apreciação mais profundos da diversidade cultural.

Se o esporte promove a liberdade cultural sem infringir as regras estabelecidas pelo seu código, os atletas podem sentir maior prazer em suas performances. A prática da ginástica rítmica proporciona inúmeros benefícios para a saúde física, como aumento da flexibilidade, força, coordenação e resistência. Estes benefícios são particularmente importantes em uma região onde o acesso a atividades físicas estruturadas pode ser limitado.

Ao abrir portas para carreiras esportivas, seja como atletas, treinadores ou profissionais de saúde esportiva, a GR amazonense evolui e expande seu território social e cultural, proporcionando novas oportunidades econômicas e profissionais para os jovens da região. Para Bourdieu (1989) a história e experiências moldam a sociedade:

Podemos compreender que o ser social é aquilo que foi; mas também que aquilo que uma vez foi ficou para sempre inscrito não só na história, o que é óbvio, mas também no ser social, nas coisas e nos corpos. A imagem do porvir aberto, com possíveis infinitos, dissimulou que cada uma das novas opções, (mesmo tratando-se das opções não- feitas da deixa-fazer) contribui para restringir o universo dos possíveis ou, mais exatamente, para aumentar o peso da necessidade instituída nas coisas e nos corpos, com a qual deverá contar uma política orientada para outros possíveis e, em particular, para todos aqueles que foram, a cada momento afastados (Bourdieu, P. 1989 p. 100)

Tal como o ser social carrega as marcas do passado, as equipes e atletas esportivos também carregam suas histórias de conquistas. Essas vitórias e derrotas se tornam parte da identidade do atleta ou da equipe, influenciando como são percebidos e como se percebem. As conquistas e títulos não apenas aumentam o prestígio, mas também impactam a técnica e a

preparação física dos atletas. A busca contínua pela excelência e adaptação às novas demandas físicas e técnicas se torna uma marca inscrita nos corpos dos atletas.

Para Giddens, esses atletas aprendem sobre seus corpos por meio de encontros práticos com o mundo — no caso, com os aparelhos de ginástica, as rotinas e os treinamentos. Essa experiência cotidiana desafia os limites impostos pelos padrões e permite que os atletas redefinam o significado de competência e beleza no esporte, explorando suas potencialidades únicas. Portanto, o corpo para esses atletas não é apenas uma entidade passiva ajustada a normas sociais; é um "modo prático de enfrentar" as exigências e dinâmicas específicas do esporte, muitas vezes ressignificando o que é possível no universo da ginástica rítmica.

O eu, é claro, é encarnado. A consciência dos contornos e das propriedades do corpo está na própria origem das explorações originais do mundo pelas quais a criança aprende as características dos objetos e dos outros. Uma criança não aprende que “tem” um corpo, porque a autoconsciência surge através da diferenciação corporal, e não ao contrário. Outra vez Wittgenstein tem muito a nos ensinar sobre a relação entre corpo e eu. A criança aprende sobre seu corpo principalmente em termos de seus encontros práticos com o mundo-objeto e com outras pessoas. A realidade é captada pela práxis do dia a dia. O corpo, assim, não é simplesmente uma entidade, mas é experimentado como um modo prático de enfrentar situações e eventos exteriores. (Giddens, A. 1938, p.57)

As políticas e programas esportivos devem reconhecer a história e as heranças deixadas por títulos e conquistas, mas também precisam se orientar para novas possibilidades. Isso envolve buscar maneiras de inovar e incluir aqueles que foram anteriormente excluídos ou marginalizados no esporte. As conquistas no esporte têm um efeito duradouro, moldando a forma como novas gerações de atletas treinam e competem.

Para Bourdieu, no esporte podemos ver que cada título e conquista é mais do que um marco no tempo; é uma contribuição contínua para a identidade e as possibilidades futuras no esporte, deixando uma marca indelével nos corpos, nas estratégias e nas políticas esportivas. Sobre os títulos e o legado de ginastas e técnicas, traçamos um quadro demonstrativo organizado cronologicamente.

As informações obtidas através das entrevistas com as ginastas, e manchetes de jornal que mostravam para a sociedade o valor das conquistas das ginastas amazonenses. Podemos afirmar que a GR ainda está longe de atender a maioria da população, mas que muito se caminhou pela floresta enfrentando os percalços e atropelos. Os enfrentamentos da sociedade que consome o esporte e se beneficia de seus frutos como alimento para servir a um público maior, e mais exigente a cada conquista.

Na entrevista a seguir feita pelo Jornal Amazonas em Tempo, avaliamos como o cenário esportivo mudava com as mudanças de políticas, e com o crescimento da cidade. A modalidade necessitava de um local para ser praticada, e durante alguns anos isso foi um problema. A Vila se tornou o único local de uso das equipes, e por necessidade de reforma espacial, paralisou as atividades. Segundo o jornalista Nunes (2000) em sua manchete no jornal *Em Tempo*,

Até 1996 a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) amazonense colecionava títulos e gozava de crescente prestígio junto a outros Estados. Nos anos de 1978 e 1979 e 1995 e 1996, o esporte foi campeão brasileiro. Mas a partir daquele ano o esporte começou a enfrentar dificuldades que levaram o Amazonas a ficar de fora de importantes competições como o Campeonato Brasileiro. Coincidência ou não, tudo aconteceu após a paralisação dos treinos da GRD na Fundação Vila Olímpica, a direção alegou que o ginásio precisava de obras que só neste ano devem ser realizadas. Ano passado, após três anos ausentes, as ginastas amazonenses participaram de um brasileiro onde terminaram em 10º lugar. Nada mal para quem parecia fadado ao caminho da destruição.” Neste tempo não houve renovação de valores, o que está acontecendo agora”, disse Samia Silva Maia, 34 anos, vice-presidente da FAG. A entidade desde fevereiro possui nova diretoria que é presidida por Itemar Medeiros, 35 anos, onde a ex-presidente Antonieta Tinoco é diretora técnica. Junto também estão as professoras Lucieide e Hyler Freitas, tentando soerguer a modalidade [...] (Nunes, 2000).

Todas as informações coletadas nesses relatos de jornal traduzem a importância que a ginástica passou a ocupar no campo esportivo, onde cada conquista valia uma matéria de jornal. Mostra também as dificuldades que o esporte enfrentou com relação a um espaço para se praticar a ginástica com tempo ideal, e condições melhores para ter resultados maiores. A falta de um lugar que desse condições para dar continuidade ao processo de crescimento que vinha se mostrando nas décadas que sucederam sua implantação.

Fica evidente que na sua fase inicial a GR conquistou títulos nos anos 1977, 1978 e 1979, sob o comando da técnica Artemis Soares. Dando sequência aos títulos na década de 1990, como um dos melhores períodos de resultados alcançados, pelo trabalho da professora Antonieta Tinoco que elevou mais ainda os resultados trazendo títulos de brasileiros em 1993, 1994, 1995, 1996, e do Norte / Nordeste, sendo hexa campeã. A professora Antonieta foi atleta da 2ª equipe da professora Artemis Soares.

A noção de campo por sua vez, caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna, servindo de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço correspondente, assim, a um campo específico-cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico, médico, jurídico, esportivo etc., no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital.”(Dossiê, 2008, p.46). Trazendo para a nossa realidade cultural, podemos citar

“Tradição e modernidade no pensamento de Leandro Tocantins”, onde se analisa esse comportamento através da lente do professor dr, Odenei Ribeiro, que nos traduz em sua obra:

Dispostas nessas imagens, encontram-se as posições de classe estruturadas em torno da propriedade rural que ata a família dos autos à rede de relações sociais mais amplas, espaço social das alianças políticas e de um estilo de vida comum ao grupo que lhe confere distinção em face das outras classes sociais. A imponência da casa grande, do chalé, são emblemas do poder econômico e político, materializados em um estilo de vida dos grandes proprietários rurais da região. Os códigos desses espaços sociais mais amplos(contexto) circulam de forma distinta entre as famílias desses setores, essa distinção conferida a cada família no interior da classe social é a expressão simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência material de cada uma delas⁵⁰(Ribeiro, O. 2015, p.125).

Na Amazônia, grandes propriedades rurais, muitas vezes associadas à agropecuária, mineração e exploração de recursos naturais, representam uma fonte de poder econômico e político. As famílias que controlam essas propriedades muitas vezes possuem influência significativa nas decisões políticas e econômicas da região. Assim como descrito por Ribeiro (2015), essas famílias estão inseridas em uma rede de relações sociais e alianças políticas que lhes conferem distinção em relação a outras classes sociais. Essas alianças podem incluir políticos locais, empresários e outros influentes, criando um espaço social distinto e privilegiado...

O texto de Ribeiro proporciona uma lente valiosa para entender a complexa dinâmica de classe, poder e distinção social na Amazônia. A análise das grandes propriedades rurais e suas implicações sociais e políticas nos ajuda a compreender melhor as interações entre diferentes classes sociais e as condições de existência material na região. Isso destaca a importância de abordar essas questões de forma inclusiva e sustentável, levando em consideração as necessidades e direitos de todas as comunidades envolvidas.

“A internalização dos códigos de cultura de valor é repassada pela frequência a locais que possibilitem o contato com os valores professados, os quais serão então reconhecidos e valorizados no sistema de ensino. E aqui, identificamos conceitos bastante pertinentes para pensarmos esporte enquanto campo esportivo e enquanto constituidor de *habitus* e, por que não, sua relação com o capital cultural, econômico social e simbólico” (Mezzaroba; Conceição, n. 29, p 317-340).

Segundo Bourdieu (2004a, p.166), o poder simbólico está baseado em duas condições (1) discurso performático posse de um capital simbólico, (2) eficácia simbólica: alicerçada na

⁵⁰ Para uma visualização mais detalhada do ponto de vista teórico sobre essa problemática, ver “Espaço social e gênese das classes”. In: O poder simbólico, Pierre Bourdieu (2003).

realidade. O esporte como prática de especialização ainda é restrito a classes que possuem condições econômicas mais abastadas, a ginástica por ser uma modalidade que requer espaço reservado e apropriado, é vista como modalidade com característica de esporte de elite, na sua forma mais performática e de alto rendimento.

Usando o discurso performático, onde a fala assume atitude, a GR reconhece o capital deixado pela matriarca da modalidade e faz homenagem através do esporte, para que seja reconhecido e repassado pelas gerações de atletas como um legado a ser preservado.

A seguir, registros de jornais que contextualizam o esporte e a história deixada como legado. A próxima matéria registra o início da homenagem feita através de uma competição que teve sua primeira edição no ano 2000, e até hoje é realizada pelo calendário da FAG. O I Troféu Artemis Soares, que acrescentou não só qualidade, mas também, resgatou uma justa homenagem da pessoa que primeiro trouxe a modalidade para o Amazonas. Consoante o jornalista Menezes (2000) em seu artigo no Jornal A Crítica,

Sob o comando da professora de educação física Sâmia Maia, a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) dá mostras que voltou com força total. A constatação aconteceu sábado no ginásio do Colégio Militar de Manaus (CMM), com a realização do 1º Troféu Artemis Soares. “É uma homenagem a quem introduziu a modalidade no Amazonas e ainda hoje apoia o esporte”, disse Samia. A professora explica que a modalidade passou por um longo período de reestruturação e de inatividade, mas agora a proposta da Federação Amazonense é consolidar o esporte. A competição de sábado serviu de seletiva para a seleção amazonense, categoria infantil e juvenil, que vai disputar o Campeonato Brasileiro de Conjunto em dezembro. {...} O esporte já foi muito praticado em Manaus e trouxe dois títulos brasileiros em 1977 e 1978, e mais dois títulos brasileiros 1993 e 1995 e um vice-campeonato em 1994. O Estado é penta campeão Norte/ Nordeste. Participaram da competição as equipes do Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Social do Comércio (SESC), Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAm), Centro Comunitário do D Pedro, Instituto Batista do Amazonas (IBA), Centro Comunitário do Alvorada, Cagin e Academia Dance Hall (Menezes, 2000).

Para Bourdieu (2001), na sociologia devemos ser capazes “de pôr em jogo ‘coisas teóricas’, muito importantes a respeito de objetos ditos empíricos, muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios” (Bourdieu, 2001, P.20). Quando se trata de esporte como um objeto empírico, temos que considerar a sua importância e tratá-lo como um campo vasto de pesquisas relevantes.

Quando um esporte passa por um período de queda, pode ser devido a uma variedade de fatores, como desinteresse do público, falta de investimento, escândalos ou mudanças nas preferências sociais. Seria necessário examinar esses fatores com uma lente teórica, para entender não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes.

O declínio de um esporte pode estar relacionado a mudanças nas estruturas sociais e culturais. Por exemplo, o surgimento de novos esportes ou formas de entretenimento pode desviar a atenção e os recursos. A recuperação, por outro lado, pode envolver a reestruturação dessas mesmas instituições para reviver o interesse e o engajamento. Bourdieu se refere ao capital social e simbólico envolvido no processo de recuperação. O renascimento de um esporte muitas vezes depende da mobilização de redes sociais, do prestígio e da legitimidade dos agentes envolvidos, e da capacidade de atrair novos públicos e patrocinadores.

A próxima manchete evidencia uma estratégia usada para retornar com o prestígio, e um projeto novo que se moldou conforme o quadro social que se mostrava para a modalidade. A imagem da fig. 22 retrata a ginasta Bianca Maia aos seis anos de idade

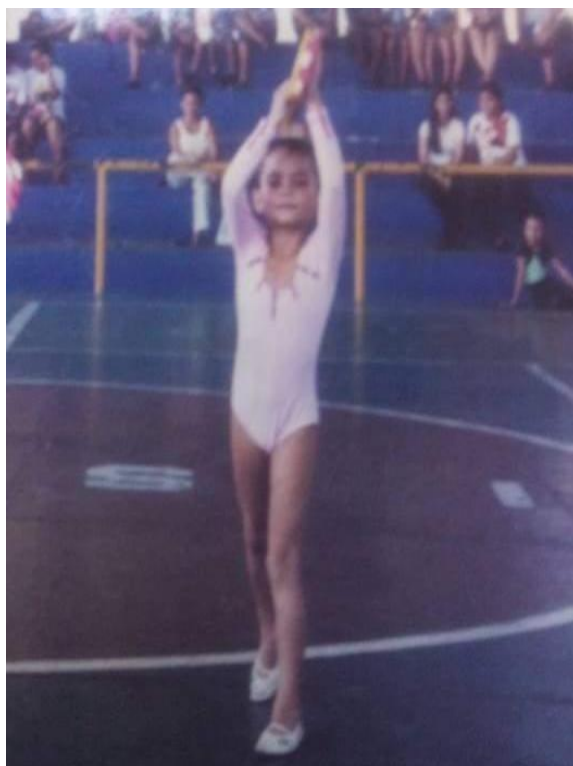


Figura 22. Bianca Maia na infância
Fonte: Acervo pessoal da autora

A matéria cita o nome de Bianca Maia como futura estreante em competições, e dá ênfase no seu biotipo como ideal para a modalidade. Para as técnicas amazonenses, o maior desafio ainda era encontrar a atleta dentro do padrão corporal, contudo, o talento sempre foi o que definiu o sucesso para o esporte. Exatamente onze anos depois, ela seria a amazonense a conquistar os maiores títulos e medalhas na modalidade. Para Nunes (2000), no Jornal A Crítica,

Bianca Maia Mendonça de 6 anos, é um exemplo da renovação da ginástica rítmica desportiva do estado. Uma das mais novas no esporte, e praticando há cerca de dois anos, a pequena ginasta está sendo preparada para representar o Amazonas em competições nacionais junto com outras atletas da categoria pré- infantil, que começa a dar frutos para a modalidade. {...} Segundo sua mãe, vice-presidente da FAG, Bianca está evoluindo aos poucos na ginástica. “Ela já mostra desenvolvimento, principalmente porque possui o biotipo característico de uma atleta desse esporte, ou seja, é magra e tem as pernas alongadas. Isso é imprescindível para quem quer ter sucesso neste esporte”. { } Além de Bianca Maia, já se destacam as atletas Maria Isabel, Lamirse Paixão, Luciana Santos, Laíse Mota, Camila Milene, e Jéssica Maia. Elas representam o futuro da ginástica amazonense, comentou Samia Maia. Na categoria pré infantil treinam atletas de 6 a 8 anos de idade- Acima de 9, a ginasta passa a ser da categoria infantil (Nunes, 2000).

A próxima matéria jornalística, aborda a evolução da ginástica local, com participação em campeonatos nacionais e intercâmbios fora do Brasil, motivando mais crianças a procurarem a modalidade. Além de ser comprado o primeiro tapete de uso para a modalidade, que neste período já era praticada, foram indicadas várias ginastas para fazer intercâmbio na Bulgária, escola tradicionalmente respeitada no mundo, e berço de grandes nomes da GR mundial.

O cenário esportivo estava melhorando com os investimentos e políticas públicas, a motivação retomou as quadras, e a GR volta a ter um norte muito evidente para o desenvolvimento da modalidade.,

Tempo e dinheiro são os aliados da ginástica rítmica para alcançar resultados a longo prazo e aumentar o número de treinadores em Manaus. Esses são os desafios deixados pela técnica Giurga Nedialkova, que se despede de Manaus nesta segunda-feira, após três meses de trabalho no Centro de Treinamento de Alto Rendimento da Amazônia (CTARAM). A técnica avalia a temporada como positiva. “Esporte de Alto Rendimento se faz com tempo e dinheiro. Sem isso não se sai do lugar”, enfatiza. {...} Para a técnica, o resultado dessa “limpeza” foi visto no Torneio Nacional de Ginástica, realizado em novembro no Rio Grande do Norte. O Amazonas foi bronze no conjunto adulto, e conquistou duas medalhas com a ginasta Bianca Maia, no infantil.” O conjunto infantil perdeu o bronze por 0,025 pontos. Isso mostra que as meninas podem melhorar muito se o planejamento tiver continuidade, visando torneios de maior nível. A treinadora também escreveu um livro de iniciação à modalidade junto com a professora Artemis Soares, ex-técnica e diretora técnica da Federação Amazonense de Ginástica (FAG).” Espero que seja publicado logo, vai ser útil para aqueles que quiserem trabalhar com a ginástica rítmica”. Outra resolução de Giurga foi a escolha de Bianca Maia, 13, e Tatiana Pires, 15, para representarem o Estado nas categorias individuais. “Vamos esperar para ver. { }” É preciso chamar auxiliares para ajudar no trabalho, ou novas técnicas. Elas não podem ficar sobrecarregadas, os atletas precisam de atenção, do contrário os treinos não rendem e a modalidade não avança”, diz Giurga. Segundo a técnica, a estrutura do Centro precisa melhorar. “Há ajustes a serem feitos, os atletas precisam de cuidados após os treinos, de fisioterapia, de mais um tapete para treinar sem precisar revezar as turmas. O nosso tapete demorou para chegar, antes as meninas treinavam no piso que era ideal para o vôlei, basquete, mas botava o físico delas em risco. Acredito que os responsáveis vão verificar o que podem fazer no momento”, comenta. {...} Viagens

internacionais também são necessárias. A treinadora que de Manaus vai direto para a Bulgária, vai convidar as ginastas locais a participarem em competições em seu país, como forma de incentivo. “Sair do Amazonas e do Brasil é um incentivo para que as atletas cresçam, comparem o desempenho com outras. O investimento é alto, mas os ganhos são muitos”, compara Giurga” (Oliveira, 2006).

A autora ainda salienta no jornal uma fala da técnica Giurga Nedialkova que “O trabalho foi intenso. Fiz uma ‘limpeza’ nos movimentos pensando nos campeonatos que as meninas iriam participar” (Oliveira, 2006).

Buscar o praticante da modalidade sempre foi a função do esporte, oferecendo seus benefícios e sua possibilidade de ser um destaque na sociedade. A GR volta a ser destaque com os resultados do trabalho em equipe que foi planejado e executado a várias mãos. De acordo com a jornalista Nascimento (2007) no Jornal A Crítica,

A participação das novas atletas amazonenses em campeonatos nacionais e a viagem das duas para a Bulgária, tem proporcionado bons resultados à ginástica rítmica. De acordo com a presidente da Federação Amazonense de Ginástica (FAG), Verônica Martins, a procura de meninas interessadas no esporte tem se intensificado. “Esses resultados são fruto do trabalho feito em equipe: Federação, professores, escolas, Governo, Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), e atletas”, afirma a presidente da FAG (Nascimento, 2007).

As atletas que estavam no projeto de CTARAM, eram sempre destaque em entrevistas e jornais. As escolas que incentivam o esporte oferecem bolsas de estudo com descontos, e até mesmo 100% de abatimento nas mensalidades escolares. Isso motivou atletas e as famílias desses atletas a se manterem no esporte, e criava um status de atleta bolsista que, sobretudo, destacava as ginastas. O JEAs é o evento mais esperado dentro do Estado, onde o confronto entre escolas públicas e particulares, de certa forma, era diferenciado pelo número de atletas de elite que recebiam bolsas, e conseguiam destaque para suas instituições.

A conquista da vaga na seleção principal em 2009, na categoria adulta, foi considerada uma vitória para o Amazonas. Muitas ginastas se destacaram nas gerações que passaram pelo Amazonas, algumas até chegaram a ser convocadas para representar o Brasil e Sul Americanos, mas, na categoria adulta ela foi a primeira. As duas matérias de jornal que seguem mostram a trajetória da ginasta que alcançou o seu objetivo, mas, não tinha como se manter no Amazonas em condições de brigar pela vaga de titular. Bianca vai para um clube em Florianópolis em 2010, e lá encontra o ambiente e as condições necessárias para se manter em alto rendimento, e competir mais vezes para se preparar melhor. Os motivos de mudar de estado, são justificados

na sua entrevista: “eu precisava de uma equipe para me sentir pronta”. Conforme Nascimento (2009) no Jornal A Crítica,

“A atleta Bianca Maia foi a primeira amazonense selecionada para o time brasileiro de ginástica rítmica”. “Quando ela(técnica) chamou meu nome, a primeira coisa que fiz foi olhar para mamãe. Ela estava muito surpresa e começou a chorar” (sobre sua mãe e técnica Samia Maia) (Nascimento, 2009).

Em matéria de outro jornal, o Jornal Lance, o jornalista Fonseca (2010), descreve como ocorreu o primeiro dia de treinamento da ginasta amazonense já em outro clube.

Em Florianópolis (SC) desde o último sábado (30 de janeiro), Bianca Maia Mendonça iniciou ontem os treinos pela equipe da Associação Desportiva Instituto Estadual de Educação (ADIEE).” Ela passou a sexta-feira (29) tensa e todos choraram muito no aeroporto. Mas é necessário para o crescimento dela”, disse a mãe e técnica do (CTRA), Samia Maia (Fonseca, 2010).

A próxima manchete evidencia o feito da ginasta que marcou seu nome na história do Amazonas como primeira amazonense a ingressar na equipe principal de GR, no time de conjunto. Em sua fala, Bianca diz “abrir portas “para outras ginastas amazonenses. Sua conquista mostra que é possível, e pode motivar ainda mais outras ginastas a percorrer a trajetória da carreira no esporte. Consoante a jornalista Caplan (2011) no Jornal Amazonas em Tempo,

Atletas amazonenses falam da experiência e do peso de vestir em qualquer modalidade, o uniforme da seleção brasileira. Segundo eles, entrar para a elite é uma tarefa árdua, mas se manter no grupo é ainda mais difícil. { } Aos 17 anos a amazonense Bianca Maia Mendonça já faz parte da elite brasileira de ginástica rítmica. Em fevereiro deste ano, a ginasta foi convocada para a Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica de Conjunto. A equipe está classificada para o pré-olímpico de 2012. “Espero que eu seja apenas a primeira”, disse Bianca, ao comentar que acredita ter aberto a porta para as próximas gerações treinadas em Manaus (Caplan, 2011).

As manchetes a seguir só ilustram a conquista das medalhas no panamericano em Guadalajara, onde o destaque para a GR é de enormes proporções, e repercute no estado como um feito histórico e marcante para a modalidade. No campo do poder simbólico de Pierre Bourdieu, a conquista esportiva assume um papel fundamental como forma de destaque social e capital. Bourdieu vê o esporte como uma arena onde indivíduos e grupos podem acumular capital simbólico, que é o reconhecimento e prestígio que uma pessoa ou grupo tem em uma determinada sociedade.

Na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais precisamente, pelo monopólio da *nomeação* legítima como imposição oficial– isto é, explícita e pública– da visão legítima do mundo social, os agentes investem o capital

simbólico que adquirem nas lutas anteriores e sobretudo todo o poder que detêm sobre as taxonomias⁵¹ instituídas, como os títulos (Bourdieu, p. 1989, p.146)

Essa passagem do texto de Bourdieu (1989), reflete a ideia de que agentes no campo social utilizam o capital simbólico acumulado em lutas anteriores para legitimar e impor sua visão do mundo social. Isso pode ser claramente associado às conquistas esportivas que proporcionam destaque e status ao atleta da seguinte maneira.

As categorias e classificações no esporte, como campeonatos, medalhas e rankings, funcionam como taxonomias que determinam a hierarquia e o valor de cada atleta. Aqueles que dominam essas categorias e são premiados com títulos detêm um poder simbólico significativo, que é reconhecido tanto dentro quanto fora do campo esportivo. A imagem abaixo (fig. 23) retrata a ginasta Bianca Maia em competição pela seleção brasileira.



Figura 23. Competição pela seleção brasileira
Fonte: Acervo pessoal da ginasta

As vitórias e conquistas anteriores de um atleta são como investimentos de capital simbólico. Cada título e reconhecimento acumulado ao longo da carreira aumenta seu capital simbólico, que pode ser investido para obter ainda mais reconhecimento e prestígio. Assim, um

⁵¹ Taxinomias ou taxonomias é um sistema de classificação e organização de informações em categorias hierárquicas. Pode ser aplicada a diversos campos, como a biologia, a biblioteconomia, o comércio eletrônico e a comunicação.

atleta bem-sucedido pode usar sua trajetória de vitórias para consolidar sua posição de destaque e autoridade no mundo esportivo. Ao conquistar títulos e prêmios, o atleta não apenas se destaca, mas também contribui para a imposição de uma visão específica do que significa ser bem-sucedido no esporte. Esse sucesso se torna um modelo a ser seguido e uma referência de excelência, moldando o senso comum sobre o que é valoroso e desejável no universo esportivo.

A conquista esportiva pode ser vista como uma maneira de evidenciar excelência, disciplina, e habilidades que são valorizadas pela sociedade. Esses triunfos não só trazem fama, mas também podem abrir portas para oportunidades econômicas e sociais. Através das vitórias, atletas constroem redes de contatos influentes, ganhando acesso a círculos sociais e profissionais prestigiados.

Para o poder simbólico de Bourdieu, a conquista esportiva transcende o simples ato de ganhar; é uma maneira de acumular vários tipos de capital que contribuem para a posição de destaque e reconhecimento social de uma pessoa ou grupo. Esse aspecto torna-se evidente em outros artigos de jornal, intitulados “VALEU BIA! HISTÓRICO AMAZONENSE BIANCA MAIA CONQUISTA O OURO NO PAN DO MÉXICO- JORNAL” do Jornal A Crítica de 2011, “DOURADA / BIANCA COLOCA AMAZONAS NO ALTO DO PÓDIO”, “BIANCA MAIA NÓS JÁ SABÍAMOS”, do Jornal Hoje de 2011, “MAIS UM OURO PARA O AMAZONAS”, do Jornal Lance de 2011, SEQUÊNCIA “A ginasta Bianca Maia conquistou a terceira medalha de ouro no Pan de Guadalajara, na ginástica rítmica por equipe”, e “MÉXICO :BIANCA COMANDA O TERCEIRO OURO”, do Jornal A Crítica de 2011.

As gerações de atletas, técnicos, gestores, famílias e outros que se construíram através da história dessa modalidade, tem participação nos lucros que este capital simbólico gerou na sociedade e cultura da Amazônia. Muitos não foram citados aqui nestas manchetes, porém, são de igual importância para as conquistas esportivas, sociais e culturais que viraram história, e vivem até hoje no orgulho dessas pessoas que contribuíram para que o esporte amazonense fosse consagrado.

3.3 O capital simbólico: expansão do valor social e cultural pelo esporte

As conquistas esportivas, especialmente em competições internacionais, fortalecem a identidade coletiva e promovem o orgulho nacional. Quando uma equipe ou atleta de um país se destaca, isso cria um senso de pertencimento e união entre os cidadãos, elevando a autoestima coletiva.

Atletas de sucesso se tornam modelos de comportamento para jovens e adultos, incentivando qualidades como disciplina, trabalho árduo, resiliência e espírito esportivo. Eles servem como exemplos a serem seguidos, moldando positivamente os valores e atitudes das gerações futuras. Para Bourdieu, “O processo de instituição, de estabelecimento, quer dizer, a objetivação e a incorporação como acumulação nas coisas e nos corpos de um conjunto de conquistas históricas, que trazem a marca de suas condições de produção e tendem a gerar condições de sua própria produção (quanto mais não fosse pelo efeito de demonstração e de imposição das necessidades que um bem exerce unicamente pela sua existência), aniquila continuamente possíveis laterais” (Bourdieu, P.1989, p.100).

O capital simbólico no esporte transcende as vitórias e títulos, influenciando profundamente os valores sociais. Ele molda a identidade coletiva, inspira comportamentos positivos, promove a inclusão e a diversidade, e reforça valores de cooperação, respeito e justiça. Para analisar o esporte e como ele expande o valor social e cultural a cada geração, é fundamental relacionar esse fenômeno com as teorias de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico. Bourdieu (1989) argumenta que o capital simbólico é uma forma de poder que se manifesta através de prestígio, reconhecimento e legitimidade social. No contexto do esporte, esse conceito pode ser amplamente aplicado para entender como títulos e vitórias acumulados ao longo de várias gerações contribuem para a formação de uma cultura esportiva rica e influente.

As vitórias e conquistas esportivas acumuladas ao longo das gerações não são apenas eventos isolados, mas fazem parte de um legado cultural que é transmitido de uma geração para outra. Os atletas de hoje se inspiram nos grandes esportistas do passado e, ao mesmo tempo, contribuem para a continuidade desse legado. Essa transmissão de legados reforça a cultura esportiva e ajuda a perpetuar o capital simbólico acumulado. O poder simbólico é exercido através de processos de legitimação que são amplamente aceitos pela sociedade. No caso do esporte, a legitimação vem na forma de reconhecimento público, mídia, patrocínios e apoio institucional. O reconhecimento de títulos e vitórias esportivas não só legitima os indivíduos e equipes envolvidos, mas também fortalece a posição do esporte como uma instituição cultural e socialmente significativa.

Este capital acumulado no esporte tem um impacto significativo na sociedade e na cultura. Ele serve como um ponto de referência para a identidade coletiva, fomentando um senso de pertencimento e orgulho entre os membros da comunidade. Além disso, o sucesso esportivo pode influenciar outros setores da sociedade, como a economia, a educação e as

políticas públicas, promovendo um ambiente que valoriza a excelência, a disciplina e a determinação. Na história do esporte, podemos observar como países como o Brasil no futebol, os Estados Unidos no basquete e a Rússia na ginástica rítmica têm acumulado capital simbólico através de suas conquistas históricas. Esses legados esportivos não só influenciam a formação de novos talentos, mas também reforçam a cultura esportiva que valoriza e celebra o sucesso.

Para Bourdieu (1989), “O que é necessário compreender é a relação entre estas medidas e a lógica do campo em que se geram— em função de *habitus* que nunca se circunscrevem completamente a ele— as reações por ele suscitadas” (Bourdieu, P. 1989, p. 81). Aqui refere-se às disposições internalizadas que os indivíduos adquirem através de suas experiências e socialização. Para o esporte, se manifestar nas práticas, comportamentos e valores que os atletas e outros agentes do campo esportivo adotam e reproduzem. O campo é um espaço social onde ocorrem relações de poder e onde diferentes formas de capital (econômico, cultural, social e simbólico) são disputadas. O campo esportivo é, portanto, um desses espaços onde atletas, treinadores, dirigentes, torcedores e outros atores interagem e competem por reconhecimento e legitimidade.

É necessário compreender a relação entre as medidas e a lógica que se geram. No campo esportivo, isso significa que para atletas, treinadores e outros agentes é moldado pelas normas, valores e expectativas do campo esportivo. Ao mesmo tempo, essas *práticas* não se circunscrevem completamente neste espaço, pois são influenciados por outros campos sociais (como o familiar, o educacional e o econômico).

As reações geradas no campo esportivo estão, portanto, em função de *habitus* que são parcialmente moldados por ele. O poder simbólico no esporte, como a acumulação de títulos e vitórias, legitima e reforça essa ação ao mesmo tempo em que influencia e é influenciado pelas lógicas do campo esportivo. Atletas e equipes que acumulam capital simbólico (prestígio, reconhecimento) se tornam modelos de comportamento e estabelecem normas que outros agentes do campo esportivo tentam alcançar ou superar.

Esta relação, conforme discutido por Bourdieu, nos ajuda a entender como as práticas esportivas são moldadas por disposições internalizadas e como essas práticas, por sua vez, influenciam e são influenciadas pelas lógicas de poder do campo esportivo. O capital simbólico acumulado no esporte legitima certos *comportamentos* e estabelece padrões que moldam a dinâmica do campo esportivo e da sociedade em geral.

A seguir, análise dos textos das entrevistas com as ginastas, onde elas falam sobre suas conquistas na modalidade, e as experiências que acumularam em competições e viagens.

Para G01-74/78 2ª Eq, a conquista de cinco medalhas de ouro em uma competição nacional e ser a única representante do Norte do Brasil traz um valor simbólico significativo para a região. Essa representação destaca a região no cenário esportivo e cultural do país, contribuindo para a valorização e visibilidade do Norte. As medalhas e títulos conquistados não são apenas troféus pessoais, mas símbolos que ajudam a construir a narrativa e o legado da modalidade esportiva. A presença e sucesso da atleta no Copa Leme de 1976, por exemplo, se tornam parte da história da ginástica no Brasil, inspirando futuras gerações e contribuindo para a memória coletiva do esporte.

O clube onde a competição foi realizada também se beneficia do capital simbólico. As vitórias e competições realizadas em suas instalações ajudam a construir sua reputação e atraem novos talentos e investimentos. Essas conquistas, portanto, têm um impacto que vai além do momento da vitória, ajudando a consolidar o capital simbólico e cultural de atletas, regiões, clubes e da própria modalidade esportiva. Para G03-76/843ªEq, a técnica Artemis Soares e suas técnicas auxiliares desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e competências das atletas. O treinamento e a orientação fornecidos por elas contribuíram significativamente para o capital cultural das ginastas, aumentando suas habilidades técnicas e artísticas no esporte.

Além do treinamento esportivo, as técnicas atuaram como educadoras e mentoras, ajudando na formação do caráter e no desenvolvimento pessoal das atletas. Esse apoio educativo e emocional é uma forma importante de capital cultural, que vai além das habilidades técnicas. As técnicas também transmitiram valores e tradições esportivas aos atletas, criando um legado cultural dentro do time. Esses valores, como união, determinação e espírito de equipe, são componentes do capital cultural que ajudam a moldar a identidade das ginastas e do esporte.

O apoio emocional e motivacional fornecido pela técnica Artemis Soares e sua equipe técnica aumentaram a confiança e a determinação das atletas. Esse suporte foi crucial para que as ginastas pudessem superar a pressão dos campeonatos e alcançar suas conquistas, mostrando como o capital cultural pode influenciar diretamente o desempenho e o sucesso. As conquistas e o reconhecimento das ginastas como campeãs são, em parte, resultado do capital cultural acumulado através do treinamento e do apoio das técnicas. Esse reconhecimento reforça o capital cultural das atletas, elevando seu status na comunidade esportiva e na sociedade.

Para G06-85/94 EqC, em seu relato evidencia a dedicação e o esforço intensos necessários para competir em alto nível. Treinar exaustivamente, mesmo enfrentando lesões e

desafios físicos, mostra a determinação da atleta em alcançar a excelência. Esse esforço e dedicação são formas de capital simbólico que conferem à atleta um reconhecimento diferenciado na sociedade e no mundo esportivo. O sacrifício emocional, como lidar com a pressão e a expectativa de bons resultados, reflete a resiliência do atleta. A capacidade de treinar duro por um longo período e manter a motivação para competir é um componente importante do poder simbólico, pois demonstra a força de caráter e a perseverança da ginasta.

Mesmo sendo vice-campeã, a sensação de vitória reflete o valor simbólico das conquistas. O reconhecimento e o prestígio associados ao título de vice-campeã reforçam a posição da atleta no campo esportivo, aumentando seu capital simbólico e cultural. A preparação e o treinamento intenso contribuem para a construção da identidade da atleta como uma competidora dedicada e competente. Essa identidade é uma forma de poder simbólico, pois sua influência como a atleta é percebida e valorizada pelos outros.

A fala da ginasta destaca a importância das conquistas esportivas como parte do capital cultural e do legado deixado para as novas gerações de atletas. Para as ginastas G02-76/85 3ªEq, G04-77/854ª Eq, G05-79/854ªEq, as conquistas das ginastas amazonenses em competições nacionais e regionais elevam o reconhecimento e prestígio da região. Esses títulos contribuem para a construção de um capital cultural da região, demonstrando que o Amazonas é um celeiro de talentos esportivos.

As medalhas e títulos conquistados pelas ginastas servem como fonte de inspiração e motivação para as novas gerações. Saber que atletas de sua própria região alcançaram sucesso em competições importantes motiva jovens ginastas a seguir os mesmos passos, aumentando o interesse e a participação no esporte. As conquistas das atletas ajudam a moldar a identidade coletiva da ginástica no Amazonas. Essas vitórias são celebradas não apenas por atletas e seus familiares, mas por toda a comunidade, criando um senso de orgulho e pertencimento. A dedicação e os sucessos das ginastas estabelecem um padrão de excelência que se torna parte do legado cultural do esporte na região. Esse legado é passado de geração em geração, perpetuando os valores de trabalho duro, perseverança e espírito de equipe.

A experiência de competir e vencer em grandes campeonatos contribui para o desenvolvimento pessoal e educacional das atletas. Esse desenvolvimento é uma forma de capital cultural que enriquece a vida das ginastas e serve como exemplo para outros jovens da região. O relato da atleta, G07-90/96 EqC, expõe as frustrações e injustiças que podem ocorrer no esporte, revelando como a honra e o mérito podem ser distorcidos em uma competição. A divisão das equipes em A e B, e a percepção de que ginastas com melhores notas estavam na

equipe B, exemplifica como as hierarquias podem ser estabelecidas e mantidas mesmo quando não refletem o verdadeiro mérito. Isso mostra o poder simbólico das estruturas esportivas, onde certas decisões e classificações são aceitas e legitimadas, mesmo que pareçam injustas.

O fato de a equipe ter sido parabenizada e reconhecida por seu desempenho, mesmo sendo vice-campeã, destaca como o reconhecimento social e o prestígio estão ligados ao poder simbólico. A opinião de que a equipe merecia uma nota melhor é um reflexo de como o poder simbólico pode influenciar a percepção do público e dos competidores. A percepção de injustiça em não receber a nota merecida por não ser "dono da casa" demonstra como o poder simbólico pode distorcer o mérito e a honra.

O relato de que a equipe B não competia, apenas se apresentava, evidenciou como a exclusão e a desigualdade podem ser institucionalizadas no esporte. Essa exclusão reflete o poder simbólico, onde certas decisões e práticas são normalizadas e aceitas, perpetuando a desigualdade entre os atletas. A descrição da atleta ilustra como o poder simbólico pode influenciar a dinâmica do esporte, distorcendo a honra e o mérito, perpetuando desigualdades e afetando emocionalmente os atletas. As injustiças e frustrações descritas são reflexos das estruturas de poder simbólico que moldam o esporte e a sociedade, demonstrando a importância de reconhecer e desafiar essas dinâmicas para promover um ambiente mais justo e equitativo.

No relato das ginastas G08-91/96 EqC, G09-94/11 EqC convocação de uma ginasta para a seleção brasileira, como Adriana Reis, e a obtenção de títulos nacionais e internacionais são formas de capital simbólico que elevam o prestígio das atletas e da equipe. O reconhecimento como campeãs brasileiras e vice-campeãs, por exemplo, confere às ginastas um status elevado no campo esportivo.

O sucesso contínuo das ginastas do Amazonas, dominando competições no Norte e Nordeste, e Torneios Nacionais, contribui para a construção de um legado esportivo na região. Esse legado inspira novas gerações de atletas da modalidade e fortalece a tradição esportiva no Amazonas. A transferência de conhecimento e habilidades para novas equipes reflete a perpetuação do capital cultural. A menção à seleção de ginastas para treinar no Rio, e a substituição por outra atleta devido à idade, evidencia como o poder simbólico pode influenciar decisões e oportunidades no esporte. O acesso a melhores treinadores e centros de treinamento pode ser restrito por critérios que não necessariamente refletem o mérito ou talento, mostrando as dinâmicas de poder e desigualdade presentes no esporte.

Na entrevista de G10-14 EqC conquistas esportivas, como ficar entre as dez melhores em sua categoria e competir internacionalmente, conferem à ginasta um prestígio significativo.

Esse reconhecimento é uma forma de capital simbólico que eleva seu status na comunidade esportiva e na sociedade em geral. A dedicação extrema, como treinar intensamente e estar disposta a ficar longe de tudo e de todos, demonstra uma resiliência que é valorizada e respeitada. Esse sacrifício é uma expressão poderosa de capital simbólico, pois mostra a capacidade da ginasta de superar desafios e alcançar metas.

O impacto emocional positivo das experiências de competição e o apoio recebido, como o elogio de um árbitro, reforçam a autoconfiança e a motivação da atleta. Esse suporte e reconhecimento são componentes importantes do capital simbólico, influenciando a percepção que a atleta tem de si mesma e como é vista pelos outros. A transformação pessoal descrita pela ginasta, de "Bianca antes e depois de sair de Manaus", reflete como suas experiências e conquistas moldaram sua identidade. Essa identidade, construída através do capital simbólico acumulado, contribui para o legado que ela deixa no esporte, inspirando futuras gerações de ginastas. As conquistas nos Jogos Pan Americanos e na Copa do Mundo não são apenas vitórias pessoais, mas também contribuem para a reputação e o desenvolvimento da ginástica no Brasil. Esse legado de sucesso é uma forma duradoura de capital simbólico que enriquece a modalidade esportiva.

Para as ginastas G11-06/16 EqC e G12-08/15 EqC, participar de intercâmbios esportivos e competir em outros países permite que as ginastas ampliem seus horizontes culturais e esportivos. Conhecer outras ginastas e técnicas de diferentes culturas enriquece o capital cultural de atletas, proporcionando uma perspectiva global do esporte. A experiência de competir internacionalmente permite às ginastas acessarem novas metodologias de treinamento, técnicas e estilos de competição. Esse conhecimento adquirido no intercâmbio se torna parte do capital cultural da atleta, aprimorando suas habilidades e contribuindo para seu desenvolvimento no esporte.

O intercâmbio permite que as ginastas compartilhem suas próprias experiências e conhecimentos com atletas de outros países. Esse intercâmbio de saberes contribui para o enriquecimento cultural mútuo e fortalece os laços internacionais no esporte. As conquistas internacionais ajudam a moldar a identidade da ginasta e contribuem para o legado que ela deixa na modalidade esportiva. A medalha de ouro ganha na Bulgária, por exemplo, se torna um marco importante na carreira da atleta, inspirando outras ginastas e demonstrando o valor do intercâmbio cultural.

Para a ginasta G13-08/19 Eq.C, a experiência de competir longe de casa desde cedo contribui para o desenvolvimento emocional do atleta. Aprender a lidar com sentimentos de

ansiedade e saudade fortalece sua resiliência emocional, uma forma importante de capital cultural que será útil ao longo de sua vida. Competir em ambientes desconhecidos e estar longe de casa exige que a atleta desenvolva habilidades de autogestão, como controle emocional e independência. Essas habilidades são componentes valiosos do capital cultural que beneficiam a atleta não apenas no esporte, mas em diversas áreas de sua vida.

As experiências vividas durante as competições e a necessidade de lidar com desafios emocionais ajudam na formação da identidade do atleta. A percepção de crescimento pessoal e superação de dificuldades enriquece sua identidade e autoestima, constituindo uma forma importante de capital cultural. Para G14-14/25 EqC, ser campeã sul-americana e conquistar medalhas internacionais confere à ginasta um prestígio significativo. O reconhecimento público, como a recepção calorosa no aeroporto, é uma manifestação do capital simbólico, onde o valor das conquistas é amplamente reconhecido e celebrado pela sociedade. A conquista do primeiro título internacional e ser uma das poucas amazonenses a alcançar tal feito traz uma sensação de honra e distinção. Esse capital simbólico não apenas eleva o status da ginasta, mas também contribui para a construção de uma identidade coletiva de excelência esportiva na região.

As vitórias e o desempenho destacado nos Jogos da Juventude de 2022, mesmo em face de adversários fortes, aumentam a legitimidade e o respeito por esta atleta e pela equipe. Esse reconhecimento reforça o poder simbólico das conquistas esportivas e a importância do mérito e do esforço. As experiências e conquistas esportivas ajudam na formação da identidade da atleta. O orgulho de ser campeã sul-americana e os feitos históricos registrados na memória são componentes importantes do capital cultural, que moldam a percepção da atleta sobre si mesma e como é percebida pela comunidade.

A atleta G15-14/25 EqC., demonstra em seus relatos uma enorme capacidade de superação ao competir lesionada e ainda assim alcançar o pódio. Suas conquistas são uma forma de capital simbólico que deveriam ser amplamente reconhecidas e legitimadas. No entanto, o comentário da locutora de que o Amazonas era um estado "desconhecido" e "sem tradição" na modalidade desvaloriza a realização da ginasta. Essa falta de reconhecimento revela o poder simbólico das narrativas dominantes que favorecem regiões do sul e sudeste, reforçando desigualdades regionais.

O preconceito e estigma implícitos no comentário da locutora refletem o poder simbólico que marginaliza regiões menos tradicionais no esporte. Esse poder simbólico influencia a percepção pública, criando barreiras adicionais para os atletas dessas regiões.

Atletas do Norte, como a ginasta mencionada, enfrentam desafios adicionais devido à falta de reconhecimento e apoio. Essas barreiras simbólicas podem dificultar o acesso a recursos, oportunidades de treinamento e reconhecimento merecido.

A determinação da ginasta em competir apesar das lesões e alcançar resultados significativos demonstra sua resiliência. Essa força de vontade é uma forma de capital simbólico que deveria ser celebrada e reconhecida como exemplo de superação e dedicação. Benjamin (1969) alerta para o fato de que a cultura está intrinsecamente ligada à violência e à opressão, tanto em sua criação quanto em sua transmissão. Ele também desafia a visão de história que se surpreende com a repetição de eventos bárbaros.

“Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tampouco, o processo de transmissão da cultura (...) O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX ‘ainda’ sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável.”⁵² (Benjamin, 1969)

A história de superação e as conquistas da ginasta podem inspirar outras atletas da região, mostrando que é possível alcançar o sucesso mesmo enfrentando desafios e preconceitos. Assim como Benjamin vê a história como um mosaico caprichosamente fragmentado, a narrativa da ginasta é composta por vários momentos e experiências que, juntos, formam uma imagem completa de resiliência e sucesso. Cada fragmento da história – lesões, competições, vitórias – contribui para a majestade da narrativa total.

A ginasta expressa orgulho em ser uma campeã sul-americana e representar o Amazonas. Essa identidade construída através de suas conquistas é uma forma de poder simbólico que fortalece a autoestima e a identidade cultural do atleta e da região. As conquistas da ginasta se tornam parte da memória coletiva do esporte no Amazonas, ajudando a construir uma narrativa de sucesso e superação que desafia as percepções dominantes.

Ao documentar as experiências e conquistas das ginastas, (Anexo I), criamos um registro duradouro que preserva a memória coletiva da comunidade esportiva. “Contar histórias

⁵² BENJAMIN, Walter. Tese sobre a Filosofia da História. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1969.

sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.”⁵³

Cada ginasta amazonense trouxe nas suas experiências corporais traços de superação e alteridade como atleta. O que observamos nestes relatos, foram histórias de triunfo e total entrega ao esporte escolhido pelo corpo, mesmo quando este esporte rejeita este corpo, ou obriga a tomar formas diferentes das de sua origem

A seguir os quadros que respondem aos questionamentos desta pesquisa. As estratégias desenvolvidas por cada ginasta para superar suas limitações físicas e diferenças corporais, os problemas que mais afetam suas performances, e a relação de testes e os períodos que foram usados e aplicados em atletas da modalidade. Analisando os testes e os períodos, percebemos que equipes de ginástica das décadas de 1990 até a contemporaneidade ainda usam o teste de proporções corporais, medindo tronco na posição sentada, e pernas na posição em pé. Este teste avalia o comprimento das pernas de uma ginasta.

Quando questionadas sobre o como superaram os desafios, encontramos a presença de nove US, Unidades de Significado, como demonstrado no quadro 1:

Quadro 1. Distribuição das **Unidades de Significado** sobre a concepção de estratégias para superar os desafios da modalidade para o atleta.

U.S Atletas	G 01	G 02	G 03	G 04	G 05	G 06	G 07	G 08	G 09	G 10	G 11	G 12	G 13	G 14	G 15
Treinar mais	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X				X
Fazer intercâ mbio	X			X		X	X	X	X	X		X			
Fazer mais manejos									X				X	X	
Fazer mais lançame ntos							X				X			X	
Usar mais a dança										X	X		X		
Focar nas melhori as			X								X	X	X	X	
Superar as dificuld ades			X												X
Melhora r a concent ração			X												X
Ser mais expressi va			X							X	X			X	

⁵³ ” Fonte: <https://citacoes.in/autores/walter-benjamin/historia/?form=MG0AV3#>

Análise do quadro 1

A pesquisa mostrou que a maioria das ginastas, totalizando onze, usou a estratégia de treinar ainda mais, seja no ginásio, em casa, nas horas livres, se dedicando ao esporte para suprir as suas deficiências técnicas e aumentar suas capacidades físicas com horas adicionais.

Os intercâmbios também apareceram com muita frequência nas respostas dadas quando a pergunta feita foi sobre como melhorar suas performances antes de competir. Oito ginastas responderam que fizeram intercâmbios para atingir o objetivo na competição alvo, e lograram êxito no objetivo final. Treinamentos com ginastas mais fortes tecnicamente são muito motivadores.

Focar nas melhorias, corrigir as falhas corporais, foi a resposta de cinco ginastas. Trabalhar a execução como prioridade, é uma das fases de aperfeiçoamento corporal.

Ser mais expressiva, usar mais o artístico para elevar as notas aparece quatro vezes. Trabalhar seus manejos e elementos coreográficos que acentuam a música, melhorando sua interpretação corporal, explorar os passos de dança, escolher músicas mais dançantes e de marcação forte, ou ainda, músicas de interpretação marcante. Executar mais manejos com aparelhos, fazer mais lançamentos, e usar mais a dança como estratégia para subir as notas, aparecem três vezes cada.

Melhorar suas performances através de uma boa concentração aparece duas vezes, e superar as dificuldades de uma forma geral, aparece duas vezes também. Estas ginastas relataram que manter os pensamentos focando nos acertos e dizer palavras positivas antes de entrar em quadra, sempre são usados como técnica de concentração. Consideramos as US quando apareceram no mínimo duas vezes nas respostas das ginastas.

Observa-se que no alto rendimento estas ginastas já tinham experiência suficiente em competições dentro e fora do Amazonas, tornando sua autoavaliação mais eficiente daquilo que sentiam que podia melhorar suas notas em competições. Sobre a carga de treinamento diário, as respostas variaram de 4 a 8 horas diárias, de segunda a sábado, quando estavam em fase pré-competitiva. Também é observado que os intercâmbios fora do Amazonas, e fora do Brasil, não foram acessíveis a todas as ginastas da pesquisa.

As ginastas tiveram livre arbítrio para definir suas respostas, sendo observado nas suas percepções a clareza de suas possibilidades corporais, bem como seu entendimento do esporte como perspectivas para futuras melhorias.

Quando questionadas sobre os maiores problemas enfrentados pelo corpo e a satisfação corporal, encontramos a presença de sete Unidade Significado, como demonstrado no quadro 2.

Quadro 2. Distribuição das **Unidades de Significado** sobre os problemas enfrentados pelo corpo das ginastas em relação à modalidade.

U.S. ATLET AS	G 01	G 02	G 03	G 04	G 05	G0 6	G 07	G 08	G 09	G 10	G 11	G 12	G 13	G 14	G 15
Flexibil idade limitada				X					X	X	X	X	X	X	X
Pernas curtas				X			X						X		
Peso corporal					X		X	X		X	X		X	X	
Auto imagem / Dismorf ia					X									X	X
Coluna Limitad a			X			X		X				X	X		
Pés e mãos			X	X									X		X
Satisfeit a com o corpo	X	X			X				X	X					

Fonte: a autora

Análise do Quadro 2

O problema mais recorrente entre as ginastas foi atingir níveis de flexibilidade desejáveis e compatíveis com as exigências do esporte. A maioria das ginastas, totalizando oito, reclamou de não estar satisfeita com a sua flexibilidade.

O peso corporal foi o segundo maior problema enfrentado pelas amazonenses, que, segundo a pesquisa, enfrentaram dificuldades em emagrecer e ter um corpo magro e esbelto, sobretudo, na fase puberal. Sete ginastas, relataram como o maior problema enfrentado na puberdade, onde a menarca acontece, e o corpo sofre mudanças perceptíveis e não controladas. Alguns ginastas, em seus relatos, abandonam o esporte nessa fase.

A limitação de coluna também foi um dos problemas enfrentados pelas ginastas. A coluna é muito exigida na GR, sendo de extrema importância para exercícios de alto valor

corporal Ex: saltos com cambré, mundial, equilíbrios com o pé à cabeça etc. A unidade aparece cinco vezes na pesquisa. A falta de mobilidade da coluna vertebral está associada a baixa amplitude dos movimentos da coluna ao executar movimentos de hiperextensão.

A pesquisa mostrou que cinco ginastas estavam plenamente satisfeitas com seus corpos, na estética. Disseram que não mudariam nenhum segmento corporal. Sobre as extremidades corporais, pés e mãos, quatro ginastas relataram que trocariam, e que foram muito mais penalizadas nesse quesito, sendo prejudicadas na execução. Três ginastas disseram que trocariam suas pernas por pernas mais longas, com objetivo de parecer mais dentro dos padrões europeus. Três ginastas relataram que não se viam com um corpo bonito para a modalidade, chegando a dismorfia, e uma com episódios de bulimia.

Observou-se que das cinco ginastas satisfeitas com a estética, três pertenciam às primeiras equipes de ginastas, sendo das três primeiras gerações, quando essa padronização não era ainda tão evidente. As duas ginastas que também estavam satisfeitas com o corpo, se encaixavam nos padrões corporais da modalidade, e foram as ginastas mais longevas do Amazonas. (G09 e G10)

Quando questionadas sobre os testes físicos a que se submeteram para o alto rendimento, encontramos a presença de quatro Unidade Significado, como demonstrado no quadro 3.

Quadro 3. Distribuição das **Unidades de Significado** sobre os testes físicos aplicados às ginastas, para avaliação de capacidades físicas e proporção tronco/pernas (biotipo) em relação à modalidade.

U.S. ATLE TAS	G 01	G 02	G 03	G 04	G 05	G0 6	G 07	G 08	G 09	G 10	G 11	G 12	G 13	G 14	G 15
Nunca fiz testes		X			X										
Fiz testes de capaci dad es físicas			X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Só fiz testes com aparel hos	X														
Fiz os testes de biotipo									X	X	X	X	X		X

Fonte: Sâmia Maia

Análise do quadro 3

A pesquisa revelou que doze ginastas afirmaram ter feito os testes de capacidades físicas, onde são avaliados, força, velocidade, flexibilidade, resistência e agilidade.

Seis ginastas responderam positivo ao teste de proporção corporal, onde é observado a relação tronco/pernas. Observa-se que são ginastas de gerações mais recentes, décadas de 1990/ 2000/ 2010/2020.

Duas ginastas não se recordam de ter feito nenhum teste. Observa-se que são de gerações do início da implantação da modalidade.

Uma ginasta respondeu que fez teste com aparelho apenas para ser avaliada se podia compor a equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória investigativa procuramos o significado da diversidade e alteridade corporal através das vivências esportivas de ginastas amazonenses que se dedicaram à ginástica rítmica em períodos diferentes da história da modalidade no estado. Essas atletas conquistaram destaque nacional no esporte, mesmo com o corpo fora de padrões, além da visão diferenciada sobre ser amazonense. Evidenciamos a influência da mídia na criação de estereótipos que podem ser de extrema imprudência, distorcendo a visão do que é o próprio corpo. Selecionamos um grupo de ginastas que trouxeram suas experiências através das lembranças em competições, treinamentos, intercâmbios, testes, trocas culturais, vitórias, derrotas, sonhos, frustrações, dedicação, resiliência, força, persistência, e uma consciência corporal elevada sobre a modalidade e suas adequações, desde a primeira equipe, até a contemporaneidade.

Traçamos o caráter da modalidade dentro da capital amazonense, seus percursos, suas principais características de onde surgiu e por onde caminhou, como foi recebida como nova prática corporal, qual a percepção destas ginastas sobre a interação do esporte com a sociedade, e como evoluiu até hoje sobre aspectos da alteridade que nos conduziu pelo caminho da diversidade. As ginastas amazonenses mostraram pleno domínio das características físicas que o esporte traz na sua origem, como um desafio a ser vencido pelo corpo, e superado no esporte que, sobretudo, deve ser justo e imparcial no seu julgamento.

A pesquisa foi direcionada através de entrevistas com abordagem semiestruturada, deixando sempre o discurso fluir por onde cada participante levasse suas lembranças, consideradas sempre como importantes para os relatos. Foi previamente elaborado um

questionário para que fosse possível reavivar as memórias sobre datas, viagens, lugares, competições, resultados, nomes de técnicas, nomes de outras ginastas que sempre aparecem como parte importante das narrações. O objetivo geral da pesquisa foi caracterizar os processos de adequação do corpo das ginastas amazonenses, através das vivências corporais, nas suas carreiras esportivas.

Na busca persistente em responder às questões sobre as diferenças corporais e as exigências da modalidade, muitas vozes se lançaram sobre o preconceito com nossa ancestralidade e nossa característica corporal indígena. Lembrando que a ginástica traz o eurocentrismo na sua marca de origem, e em períodos de evolução da modalidade na década de 1990 e 2000 principalmente, foi perceptível a diferença nos julgamentos relatados por nossas heroínas.

As questões que mais chamam a atenção nas entrevistas, são voltadas para mudanças corporais, trocar um segmento se fosse possível. Muitas respostas foram ao encontro das exigências absurdas de flexibilidade que faziam do código de pontuação um manual de contorcionismo. Essa exigência sobre a flexibilidade exacerbada não passou despercebida por nenhuma das ginastas que representaram o Amazonas em Campeonatos Brasileiros.

A consciência de levar desvantagem no que se reporta ao corpo, foi muito ressaltada nos relatos de várias ginastas, que em plena dedicação ao esporte trouxeram situações de demérito nos resultados e preconceito regional. Em competições que determinaram representatividade do Brasil em sul-americanos e outras situações parecidas, ginastas amazonenses eram preteridas por ginastas de outra região, com a ressalva de ter um padrão corporal mais adequado para representar o Brasil. Aqui deduzimos então, como cada ato de julgamento pode ser pautado em interesses onde nem sempre vence o melhor. Para estas atletas chegarem ao ápice da sua performance acreditando no sonho de ser uma campeã, a frustração e a decepção fizeram parte integrante de muitos episódios destacados nas entrevistas, nos levando a acreditar que foram verdadeiras heroínas do nosso esporte. No relato de uma ginasta sobre dismorfia e bulimia, foi acionado um alerta para os cuidados que a modalidade requer.

Surge então uma grande preocupação para ser mais estudada e discutida por professores e técnicos amazonenses: como a ginástica rítmica pode ser desenvolvida no nosso Estado, com a devida precaução em não desencadear doenças como a dismorfia, ou mesmo e ainda mais sério, a bulimia? Distúrbios alimentares, autoimagem distorcida do corpo, são doenças que não são agradáveis em nenhuma fase, sobretudo na infância, mesmo para uma atleta que pretende seguir carreira esportiva e deve estar ciente das exigências a que irá se submeter.

Aceitar julgamentos onde não prevalece a objetividade, sendo preponderante o padrão de exigência corporal, torna a visão das ginastas turvas sobre sua própria identidade, gerando a insatisfação do corpo. A frustração na derrota é considerada justa, quando se acredita no julgamento justo. Trazer à margem discussões sobre a diversidade e alteridade corporal no esporte são indispensáveis para o mundo em que atletas de alto rendimento se submetem, e dedicam suas mais profundas emoções e conquistas esportivas, guardando para sempre as lembranças por elas deixadas. A herança é repassada para as futuras gerações que sempre usam as referências do passado como espelho para o futuro. Nossas ginastas descrevem em todos os depoimentos (15), como o esporte influenciou nas escolhas para a vida, e como ajudou em momentos de dificuldades e desafios da jornada, mas se fortaleceram nos embates por terem a experiência de ter sido, ou ser uma atleta.

A pesquisa revela que as amazonenses escolheram o esporte que querem levar para a vida toda, mesmo que aos poucos, tendo plena consciência de como esse corpo teria que se adequar às exigências da modalidade. Treinar mais, fazer banco⁵⁴ o dobro do tempo, repetir lançamentos, fazer manejos com habilidades acima do padrão, ou se expressar nas danças e interpretações que encantam o espectador que admira a GR, foram as estratégias descritas por ginastas, que, ao perceber suas limitações corporais, encontraram mecanismos que diminuíssem e ajudasse a superar qualquer adversidade para continuar no esporte.

Dentro da abordagem buscamos mostrar que “o corpo escolhe a modalidade”, que por ser considerada elitizada pela sua origem e comparações com o balé clássico e moderno, sempre é associada a classes mais abastadas financeiramente. Isso não foi confirmado na pesquisa, que delineou um percurso que iniciou na escola pública, e hoje tem seu celeiro de talentos nos projetos sociais da cidade, especialmente na Vila Olímpica de Manaus.

O que trouxemos com as informações desta pesquisa, envolveu emoções profundas e latentes sobre o esporte. Mostrar que tudo tem um lado obscuro e ao mesmo tempo apaixonante, e talvez não seja exatamente o melhor caminho a ser percorrido, mas é o caminho escolhido, foi a modesta intenção desta dissertação. Esta pesquisadora se questiona por várias dúvidas sobre como abordar o tema, contudo, a resposta das entrevistas conduziu e trouxe a confiança de ter percorrido, se não todo, pelo menos parte do percurso assertivo. Minha visão sobre o esporte se enriqueceu ainda mais, e mudanças de percepção sobre o tema trouxeram ainda mais

⁵⁴ Banco é uma sobrecarga de flexibilidade usada para melhorar a mobilidade articular de ginastas, que se constitui em permanecer na posição de espacate por determinado tempo, com uma ou as duas pernas apoiadas no banco, forçando uma super amplitude do exercício.

dúvidas a serem respondidas. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir como estudo da diversidade e alteridade no esporte, considerando como herança cultural aquilo que as ginastas amazonenses deixaram de legado para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A., FERREIRA, J., & VIEGAS, M. **Dinâmicas Culturais e Processos de Adaptação**. Editora ABC, 2000.

AUGÈ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia sobre a modernidade. Tradução Miguel Pereira, Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; MARTINELLI, Telma; TEIXEIRA, Terezinha. **Ginástica Rítmica; aspectos histórico-culturais e técnico-metodológicos dos aparelhos**. Maringá: Eduem, 2009. (org) Textos Seletos. Rocco Digital, Rio de Janeiro, 2012.

BARROS, Manoela. Trio de valor para o futuro. **A Crítica**, Manaus, 22 abr. 2007. BAUMAN, Z. (2012). **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica. São Paulo: Edições Schwarcz, 2011. p. 17-18.

BENTO, J.O. (1997). **O outro lado do esporte**. Porto: Campo das Letras.

BETTI, M. (1998). **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus.

BOURDIEU, P. (1983). **Como se pode ser esportivo?** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil. S.A. Rio de Janeiro RJ, 1989.

BRACHT, V. (2006). **Sociologia do esporte e educação física escolar**. In: Rezer, R. (org.). O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos, Chapecó: Argo

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. 2 ed. Manaus: Ed. Valer, Edua e Inpa, 2007, 408 p.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: um pouco- antes e além- depois**. Manaus: Ed. Humberto Calderaro, 1977.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Glaucia Gonçalves. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.

BHABHA, Homi. **O Bazar Global e o clube dos cavalheiros ingleses**, Eduardo F. Coutinho

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade Estadual de Campinas - São Paulo: FEC, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo? In: Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

·
BÖHME, M.T.S. **Deteção, seleção e promoção de talento esportivo**: determinação de critérios de desempenho nos aspectos biopsicossocial. São Paulo: EEFÉ/USP, 1996. (Projeto de pesquisa interdisciplinar do Departamento de Esporte).

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais das ciências**: por uma sociologia clínica de campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**/ Valter Bracht. 3 ed.- Ijuí: Ed. Unijuí. 2005- 136 p._ (Coleção educação física).

·
BURITI, Maria do Socorro Leite. Variáveis que influenciam o comportamento agressivo de adolescentes nos esportes. In: **Psicologia do Esporte**. Marcelo de Almeida Buriti (org). 2ª Edição, Campinas: Editora Alínea, 2001.

CAPLAN, Natália. Seleccionados. **Amazonas em Tempo**, Manaus, 15 mai. 2011.

CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

CAVALCANTI, Loreta Melo Bezerra. **Beleza e poder na Ginástica Rítmica**: reflexões para e educação física, 2008. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

CONTRERAS, O.R., LA TORRE, E. DE, VELÁZQUEZ, R. (2001) **Iniciación deportiva**. Madrid, Espanha: Ed. Síntesis

SILVA, Marilene Corrêa. **Metamorfose da Amazônia**. / Marilene Corrêa. @ª edição. - Manaus: Editora Valer, 2013.

SILVA, Marilene Corrêa. **O Paiz do Amazonas**. Marilene Corrêa da Silva. 4ª ed.- Manaus: Editora Valer, 2023.

CUNHA, E. da Obra completa. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora Nacional, 1966.2v.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athenas, 1977.

DE ROSE Jr. **Modalidades Esportivas Coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006

·
DAOLIO, Jocimar. **A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro**. In: **Modalidades Esportivas Coletivas**. Carvalho de Rose Jr (org). Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução de Margarida Garrido. In: DURKHEIM, E. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

- ELIOT, T. S. (1988). **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Perspectiva.
- ESPINOSA, Bento de. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 101.
- FOUCAULT, Michel, **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1999. 20ª Edição
- FONSECA, ALEXANDRE. Primeiro dia de treino. **Lance**, Manaus, 2 fev. 2010.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GAIO, R. PASCOTI, R. **(Des) Encontros de gênero na ginástica: corpo, educação, esporte** [livro formação profissional e eletrônico] / organizadoras Roberta Gaio, Renata Pascoti Zuzzi.- 1 ed.- Curitiba- PR, Editora Bagai, 2021. 344p.PDF.
- GAIO, R. **Ginástica Rítmica Desportiva “Popular”**: uma proposta educacional. São Paulo: Editora Robel, 1996.
- GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**/ Antony Giddens, tradução, Plínio Denzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2002.
- GUERRA, Antônio Parreiras Horta. **O ensino de piano popular no ambiente remoto: a situação atual e criação de um curso de video aulas**. In Nas Nuvens Congresso de Música, VI. Anais. 2020. Disponível em: https://música.ufmg.br/nasnuvens/wp-content/uploads/2020/12/2020_GUERRA-Antonio-Parreiras-Horta.pdf. Acesso em: 19 fev 2025.
- GUSDORF, Georges. **Ciência e Poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- IBASE. **Educação Escolar Indígena na Terra Brasilis, tempo de novo descobrimento**. Rio de Janeiro: IBASE, 2004. 88p. Disponível em: <http://old.socialwatch.org/es/informeImpreso/pdfs/IBASE-Educación-Escolar-Indigena-Em-Terra-Brasilis.pdf>>. Acesso em:11/06/2024.
- KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí (2000, p. 49).
- KORSAKAS, P. (2002) O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: D. De Rose Jr (org.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora. p.39-49.
- LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à Ginástica Rítmica**. Londrina: UNOPAR, 2001.
- LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo**. Daniel Lins e Sylvio Gadelha (orgs.). Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza- CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. 4ª Ed. São Paulo: Vozes, 2003.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LOURENÇO, M.R.A. O julgamento na Ginástica Rítmica. In GAIO, R. (Org.) **Ginástica Rítmica: da iniciação ao alto nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Ed. Ubu, 1950.

MEDEIROS, J.S.; ANTUNES, C. P. **Povos indígenas, escolas e histórias**: uma abertura para a interculturalidade. História Social, n. 25, segundo semestre de 2013. Disponível em: <<http://www.ifchunicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1844/1356>>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

MEDEIROS, Alberto Antunes; CALAZANS MATOS, Roberto Pires. A Depressão como Posição Subjetiva: Contribuições Lacanianas. Revista Subjetividades, vol. 18, núm. 2, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=527562770008>>. Acesso em: 08 mar. 2025.

MEDINA, J.P.S. (2001) **A educação física cuida do corpo... e mente: bases para a renovação e transformação da educação física**. 17ª edição. Campinas: Papirus.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do Homem e Fenomenologia**, São Paulo: Saraiva, 1973.

MENEZES, Antônio. GRD volta com toda força. **A Crítica**, Manaus, 20 jun. 2000.

MESQUITA, R. **Expressão na Ginástica Rítmica: um fenômeno a ser desvelado**. In GAIO, R. (Org) **Ginástica Rítmica da iniciação ao alto nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008.

MEZZAROBBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel Machado. Da “Os herdeiros” sobre o campo esportivo. Revista Linhas, Florianópolis .15, n. 29, p 317-340)

MIRANDA. E. **Corpo território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência/ Eduardo Oliveira Miranda. Salvador: EDUFBA, 2020

MISKOLCI, Richard. **Teoria do Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MORIN, Edgard. Uma mundialização plural. In: **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultura e poder. Dênis de Moraes (org.). 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 349-366.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo: limites e possibilidades. In ENGERS, Maria Emília Amaral (org.). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1994.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação - PUCRS**, Porto Alegre, ano XXII (37):7-32, março 1999.

MORAIS, JFR. **Consciência corporal e dimensionamento do futuro**. In: Moreira WW, organizador. Educação Física e esporte: perspectivas para o século XXI. 14. ed. Campinas: Papirus;2012. p. 71.

NASCIMENTO, Bárbara. Esporte atrai novas atletas amazonenses. **A Crítica**, Manaus, 23 jan. 2007.

_____. Bianca é seleção. **A Crítica**, Manaus, 23 mar. 2009.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. Revista e-Curriculum.v 16, n 1, p-28, 1 abr. 2018. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27374>. Acesso em 13/01/2025.

NÓBREGA, Terezinha. **Corporeidade e Educação Física**: do corpo objeto ao corpo sujeito. EDUFRN, 2 ed. Natal: 2016.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Corporeidades: Inspirações merleau-pontianas**. / Terezinha Petrucia da Nóbrega. -Natal:IFRN, 2016.

NUNES, Paulo André. Ginástica quer voltar a ser campeã. **Em Tempo**, Manaus, 23 abr. 2000.

NUNOMURA, M. **Ginástica Educacional ou Ginástica Olímpica**. Motriz, Rio Claro, v. 4, n.1, p.65-69,1998.

NOVAES, J. V. (2006). **Ser mulher, ser feia, ser excluída**. [versão online]. Acesso em 11 de fevereiro, 2006 em <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>>.

OLIVEIRA, Sara. Ginástica precisa de tempo e dinheiro. **Diário do Amazonas**, Manaus, 8 jan. 2006.

PATRÍCIO, M. F. **A identidade nacional num mundo intercultural**: povos e culturas. Lisboa: Porto Editora, 2009. p. 93-128.

PATRÍCIO, M.F. **A Cultura em Transformação**: Lisboa: Editora XYZ, 2009.

PATRÍCIO, M.F. (2002). **Globalização e diversidade: a escola cultural, uma resposta**. Lisboa: Porto Editora

PERINI, T. A. Vieira, R. S., Vigário, P. S. Oliveira, G. L. Ornellas, J. S. Oliveira, F. P. (2009). Transtorno do comportamento alimentar em atletas de elite de nado sincronizado. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 15 (1), 54-57

PEREIRA, Ana Maria; CESÁRIO, Marilene. Da ginástica ao nascimento da educação física e o advento do racionalismo. Universidade Estadual de Londrina, 2019. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2019/EIXO%207/6.%20DA%20GINATICA%20AO%20NASCIMENTO%20DA%20EDUCACO%20FISICA%20E%20O%20ADVENTO%20DO%20RACIONALISMO%20art.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2025

PINTO, Renan Freitas. **A viagem das ideias**, 2ª edição/ Renan Freitas Pinto. - Manaus: Editora Valer, 2008.

RIBEIRO, Odenei de Souza. **Tradição e modernidade no pensamento de Leandro Tocantins**. Odenei de Souza Ribeiro. - Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2015.

RUBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**. Barcelona, n. 6, p. 119, 2002.

ROSSETE, Elizabete de Fatima Costa. **O julgamento na Ginástica Rítmica Desportiva**. Dissertação (Mestrado em Treinamento Desportivo) - Escola de educação física, Universidade Federal de Minas Gerais, 1994.

SANTIN, Silvino. **Educação Física outros caminhos**. Porto Alegre: EST/ESEF-Escola Superior de Educação Física.

SANTANA, Jonas. Mídia reflete cultura do “corpo perfeito” e alimenta mercado da boa forma. *Jornal da USP*, 2018. Disponível em:<<https://jornal.usp.br/atualidades/midia-e-a-principal-responsavel-pela-busca-do-corpo-perfeito/>>. Acesso em: 23 fev. 2025

SILVA Marilene Corrêa. **O Paiz do Amazonas**. / Marilene Corrêa da Silva. 4 ed.-Manaus: Editora valer, 2023

SIQUEIRA, Graciene. Como a ginástica chegou no Amazonas. **A Crítica**, Manaus, 1 jul. 2001.

SOARES Artemis; BARROS Daisy. **Ginástica Rítmica**. 1ª ed. São Paulo: Valer, 2017.

SOARES, Artemis, TEIXEIRA, Neiza. **Corpo Olhares Diversos**. Manaus: EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

SOARES, Artemis de Araújo. **O corpo na ritualística Tikuna**. / Artemis de Araújo Soares. Manaus: Edua, 2014.

SOARES, Artemis, PAIXÃO, Shigeaki, BACELAR, Ghislaine: **Corpo, Sociedade e Extensões**. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2020.

SOARES, C.L. **Educação Física: raízes Europeias e Brasil**. Campinas: autores Associados, 2001.

SOARES, Alfredo Bosi. **A ciência antropológica e suas bases culturais**. São Paulo: Editora Antropológica, 2001.

- SOUZA, M. **História da Amazônia**. 1ª Edição; Rio de Janeiro, Editora Record, 2019.
- TAMAYO, Álvaro et al. A influência da atividade física regular sobre o autoconceito. Estudos de Psicologia. Brasília, v. 6 n. 2 p. 157-165. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v6n2/la15v6n2.pdf> >. Acesso em 17 jan.2025.
- TUBINO, Manoel. **O que é esporte: uma enciclopédia crítica**. 2. Ed. Vol. 276. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TUBINO, Manuel. **O que é o esporte**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasil, 1992.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**/ Manoel Tubino. Maringá: Eduem, 2010.
- VIEIRA, J. L. L., Amorim, H. Z. Vieira, L. F., Amorim, A. C. Rocha, P. G. M. (2009). **Distúrbios de atitudes alimentares e distorção da imagem corporal no contexto competitivo da ginástica rítmica**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 15 (6), 410-414

APÊNDICE

Relatos das ginastas sobre os títulos conquistados.

G01-74/78 2ª Eq

“Além de campeã, ganhei uma medalha de melhor ginasta do Brasil. Todas as medalhas para mim foram importantes. Mas eu era a única lá do Norte, e consegui ganhar 5 medalhas de ouro dentro do Copaleme, em 1976, clube do Rio de Janeiro onde foi realizada a competição.” (Entrevista concedida por G01-74/78 2ª Eq Em 2024, via google meet, gravada no celular).

G02-76/85 3ªEq

“A minha primeira viagem foi em 1979, Brasília, JEBs . Eu fui reserva, foi quando nós ganhamos em conjunto, campeãs brasileiras. E o presidente foi para abertura da competição, e foi o Amazonas quem abriu a competição. Fui para Bahia, Londrina, algumas viagens não me lembro. Tenho muitas medalhas, mas, não lembro quantas medalhas eu ganhei no total, sempre ganhamos os JEAs, pelo IEA, ou era de campeã ou vice”. (Entrevista concedida por G02-76/85 3ªEq Em 2024, presencial, gravada no celular).

G03-76/84 3ªEq

“Chegar ao título de bicampeã brasileira em equipe foi um processo intenso. O trabalho em equipe exigia muita sincronia, disciplina e confiança mútua. Treinávamos incansavelmente para que nossos movimentos estivessem perfeitamente alinhados, com cada integrante desempenhando seu papel com precisão. Aqui abro um parêntese para ressaltar que a técnica da equipe Dra. Artemis Soares, assim como as técnicas auxiliares, foi muito além de treinadoras, todas elas foram nossas mães, irmãs, amigas, educadoras e nossas confidentes, onde todas exerceram um papel fundamental para a formação do nosso caráter. Gratidão eterna a Dra. Artemis Soares e as demais técnicas auxiliares (Jeanne, Fafá, Tetê, Valdeciria, Socorro e a nossa pianista). Então, nos campeonatos, a pressão era grande, mas a união da equipe e o apoio imensurável da Dra. Artemis Soares e equipe técnica, nos davam força e garra para superar qualquer desafio. Quando ouvimos nosso nome como campeãs, foi uma emoção indescritível. Nos Jogos Norte-Nordeste, as medalhas de bronze na série individual do aparelho bola e medalha de prata no aparelho corda, foram vitórias que vieram com muito suor, a ajuda, o incentivo das atletas que também treinavam comigo, que integravam a equipe e competiam em séries individuais” (Entrevista concedida por G03-76/84 3ªEq Em 2025, escrita, enviada pelo email)

G04-77/85 4ª Eq

“Minha primeira viagem foi a Brasília JEBs 1981. Lembro que nesta época, as ginastas eram individuais e conjunto. Eu só ganhei uma medalha nacional, em Brasília, foi da série de cordas que ficamos em 3º lugar. Dentro do estado eu ganhei muitas medalhas, foi um ano que minha técnica tirou uma das companheiras de equipe, este ano seria meu último ano de JEAs, e eu ganhei em todas as provas medalha de ouro. A saída da minha colega, me colocou em 1º lugar. Acredito que minha técnica queria me dar essa chance de ser campeã. Na Escola Técnica eu lembro que sempre éramos campeãs de conjunto. No individual era dividido os pódios. Contei que tinha mais de 70 medalhas no total, perdi minhas medalhas numa mudança para outro estado”. (Entrevista concedida por G04-77/85 4ª Eq. Em 2024, via google meet, gravada no celular)

G05-79/85 4ªEq

“As medalhas que ganhei foram em Manaus, nunca ganhei individual, mas classifiquei em 4º lugar em um JEBs na série de maçãs. No conjunto ganhei medalha de bronze pelo Amazonas. Tenho muitas medalhas de individual. Tive um convite que veio por meio do Eduardo Monteiro de Paula, para fazer parte de uma equipe indo treinar nos Estados Unidos, e eu só não fui porque eu era menor de idade. Acredito que era a Companhia das Américas”. (Entrevista concedida por G05-79/85 4ªEq. Em 2024, presencial, gravada em celular).

G06-85/94 EqC

“Eu viajei para umas dez competições fora de Manaus, a primeira foi para Londrina - PR. Fui competir pelo meu clube, a equipe era composta por mim, Nara Rubia, Liege, Hicler e Maura. A primeira competição foi no Moringão, em 1988, e na abertura do evento, Campeonato Brasileiro Juvenil, nós pudemos ver as meninas do infantil, Camila Ferezin⁵⁵, Daiane Camilo⁵⁶, que hoje são técnicas de renome, fazer a abertura dentro de um carro alegórico.

A viagem que me marcou, foram duas, em 1988, fui puxada para o adulto, e ainda era juvenil, no Maranhão, fomos vice-campeãs brasileiras. E o CEBs, em João Pessoa, foi marcante na minha vida, eu fui muito bem no individual, entrei para a final, e ficamos em terceiro lugar no conjunto. Todas as competições guardo boas lembranças, mas essas duas formas são as melhores. A medalha de 1988, foi muito importante, porque em 1987, nós treinamos muito para competir, com o conjunto pronto, e não foi liberado as passagens aéreas para que pudéssemos competir. Então tínhamos treinos exaustivos no Renê Monteiro, perdi minha unha, e eu era juvenil, e já treinava como adulto. Treinamos pesado em 1987, e só pudemos competir em 1988. Para nós, era claro que iríamos ficar bem colocadas, estávamos super treinadas para a competição. A medalha foi de vice-campeã, mas com gosto de campeã. Neste conjunto de 1988, no Maranhão, conjunto de bola, treinamos mais de um ano esse conjunto”. (Entrevista concedida por G06-85/94 EqC. Em 2025, via google meet, gravada no celular).

G07-90/96 Eq C.

“Ficamos em 7º lugar no brasileiro, e logo depois fomos para o Norte e Nordeste, no Maranhão e ganhamos. E às outras viagens que me marcaram muito, peguei seleção, fiquei entre as sete melhores do Brasil, e fiquei na equipe B. Nessa época era dividido em duas equipes. A e B. E a equipe B não competia, só se apresentava no Pan Americano. E era muito injusto porque tinha ginastas que tinham melhores notas do que as da equipe A. Ganhamos por equipe no individual, e a técnica Antonieta estava focando no conjunto. Então foi surpresa para todos. A medalha mais importante veio do Campeonato Brasileiro, em conjunto, fomos vice- campeãs. Mas todos vieram nos parabenizar por ter merecido uma nota melhor, porque quem ganhou foi o dono da casa, mas nós merecíamos uma melhor nota. Ganhamos em 2º lugar por equipe. Em São Paulo, indo para o Pan Americano infantil, disputando vaga com Gabriela de Brasília. Já era outra técnica, fiquei no hotel, e fiquei sabendo que teria uma seletiva para saber quem iria representar oficialmente”. (Entrevista concedida por G07-90/96 Eq C. Em 2024, presencial, gravada no celular).

G08-91/96 Eq C

⁵⁵ Camila Ferezin foi ginasta do Paraná na década de 1990, integrou a seleção brasileira como ginasta indo a duas olimpíadas, é a atual técnica da seleção brasileira desde 2011.

⁵⁶ Daiane Camilo foi ginasta do Paraná na década de 1990, integrou a seleção brasileira em duas olimpíadas. Atualmente é técnica e comentarista esportiva.

“A primeira viagem foi marcante, ganhamos em primeiro lugar, essa foi uma época que nós dominamos o Norte e Nordeste. O primeiro brasileiro precisava ser de um nível compatível com o resultado do anterior. Conseguimos o primeiro lugar, e teve uma ginasta convocada para a seleção brasileira, para competir no Sul americano, essa ginasta foi Adriana Reis no Infantil. Então foi muito boa essa fase, e no ano seguinte fomos pratas, em Porto Alegre, e foi bom, porque a maioria das ginastas tinha subido de categoria, então era uma equipe nova. Depois com a carreira já em andamento, Giurga quis me chamar para ir treinar no Rio com a Daisy Barros, mas eu não tinha idade ainda, e foi chamada outra ginasta: Liene Neves”. (Entrevista concedida por G08-91/96 Eq C. Em 2024, via google meet, gravada no celular).

G09-94/11 EqC.

“Minha primeira viagem foi a Norte e Nordeste, eu ainda não tinha 9 anos completos, foi em Aracaju, em 2000, fomos campeãs. Nunca esqueço do collant de estrela, eu não esqueci porque eu usava fraldas. Minha mala estava cheia de fraldas, e eu tinha muita vergonha. Viajei mais de 20 vezes como atleta. Lembro de Brasília, no Torneio Nacional, ganhamos no conjunto, era um conjunto com música indiana, montado pela Giurga, treinamos muito esse conjunto. A minha última competição que foi em Aracaju, um Campeonato Brasileiro, também me marcou muito. Meus melhores resultados foram em Torneios Nacionais, e naquela época tinham muitas meninas, então eu lembro de ficar em 7º lugar, que já era muito bom, levando em consideração o número enorme de ginastas da minha categoria, 100 ou mais”. (Entrevista concedida por G09-94/11 EqC. Em 2024, presencial, gravada no celular).

G10-98/14 EqC

“Eu consigo lembrar que foi uma viagem bem tranquila, nós fomos para participar sem muitas expectativas de resultado, conheci muitas meninas nessa viagem, são minhas amigas até hoje. E eu não lembro muito exatamente da minha classificação, mas eu fui super bem. Fiquei entre as dez da minha categoria de mais de 100 meninas. Foi além do esperado no resultado. Eu consigo lembrar da série de mãos livres, do collant que eu competi, e que o árbitro veio falar comigo, disse que eu era muito boa, era o Leonardo Palitot. Essa viagem foi maravilhosa, só tenho boas lembranças. Foi a Bianca antes e depois de sair de Manaus, foi esse marco. Na seleção brasileira, foram os resultados mais importantes da minha carreira, em 2011, os Jogos Pan Americanos de Guadalajara, e o outro foi em 2013 a Copa do Mundo de Minsk, na Bielorrússia, conquistamos o bronze. No Panamericano foi muito especial, tivemos uma missão de ir buscar o ouro no Pan, foi dado desde o início em oito meses. Muita dificuldade, treinos intensos, muita responsabilidade, processo de estar longe de tudo e de todos, e só respirar ginástica 24h. Eu faria tudo novamente, foi muito desafiador. Em 2013, mudou meu olhar dentro da seleção, e foi difícil porque eu já estava muito lesionada”. (Entrevista concedida por G 10-98/14 EqC. Em 2025, via Meet google, gravada no celular).

G11-06/16 EqC

Ganhei 54 medalhas ao todo em minha carreira, a mais importante foi a que ganhei na Bulgária. Já tinha tentado ir antes, mas não fui convocada, e só em 2014 pude ir nesse intercâmbio, e ganhei medalha de ouro em bola, no meu nível 3, pude ver outras ginastas de outro país, e foi tudo muito diferente para mim. (Entrevista concedida por G11-06/16 EqC. Em 2024, presencial, gravada no celular)

G12-08/15 EqC

“Duas competições estaduais, no primeiro ano que eu treinei com a Giurga, e todos estavam esperando resultados positivos da minha apresentação. Fiz tudo muito bem-feito, e

todos ficaram felizes, minha técnica pulou de alegria, e senti que correspondi às expectativas. Nos JEAs, no primeiro ano de adulto, tinha voltado da Bulgária, e meu problema de saúde tinha melhorado, pude treinar com mais constância nos treinos, e havia expectativa que eu ganhasse uma vaga para ir para os |Jogos da Juventude, e ganhei a competição Foi muito elogiada, foi o primeiro ano que tive constância nos treinos, e fiquei bem-preparada, e alcancei meu objetivo”. (Entrevista concedida por G12-08/15 EqC. Em 2025, presencial, gravada no celular)

G13-08/19 EqC.

“Foi um preparo para vida adulta, lembro que como criança eu senti muita ansiedade por estar pela primeira vez competindo, e a saudade de estar longe de casa. Eu senti que foi uma preparação para aprender a lidar com os sentimentos, ter esse contato muito cedo, aprender a lidar e controlar meus sentimentos quando me vi em outro local, longe de casa. Sobre as medalhas, em 2012, ganhei 1º lugar no Torneio de abertura, em 2013, terceiro lugar em conjunto, em 2013 primeiro lugar no Amazonense, em 2016 segundo lugar na Copa Bianca Maia, em 2017 primeiro lugar no arco no JEA’s, em 2018 com o segundo lugar no Artemis Soares”. (Entrevista concedida por G13-08/19 EqC. Em 2025, via google meet, gravada no celular).

G14-14/25 EqC

“A viagem que mais me marcou foi o Sul-Americano, em 2016, tinha 9 anos, viajei para Colômbia, e me lembro de ver a Natália Gaudio, uma ginasta que já admirava muito. Eu ainda não tinha noção do que estava acontecendo, eu estava representando o Brasil numa competição. Quando chegamos no aeroporto, muita gente foi nos receber, éramos campeãs sul-americanas, e eu me perguntei o porquê de isso acontecer diferente das outras vezes. O Sul-americano foi o que me marcou muito, eu me orgulho muito de ter sido campeã de conjunto, foi o primeiro título internacional, e até hoje o único, já tivemos outras ginastas campeãs sul-americanas, mas não temos tantas amazonenses campeãs sul-americanas, ser uma delas é muito gratificante, 2 medalhas, uma de ouro e uma de prata. E nos Jogos da Juventude de 2022, nós estávamos no bloco, que é o segundo nível. E o Amazonas foi vice-campeão por equipe. E eu fiquei em 4º lugar em todos os aparelhos, e as nossas adversárias eram as baianas que eram muito fortes. O quarto lugar foi muito marcante, só perdi 0,20 no arco”. (Entrevista concedida por G14-14/25 EqC. Em 2024, presencial, gravada no celular)

G15-14/25 EqC.

“Em Aracaju, em 2018, no pré infantil, competimos em conjunto de mãos livres, e trouxemos o bronze. Marcou muito minha memória. As medalhas que mais marcaram. Em Aracaju, 3º lugar pré- infantil, em 2022 campeã sul-americana na Colômbia, João Pessoa em 2023 Campeonato brasileiro. E todas têm histórias de superação muito forte, de lesões e dores que eu tive que aprender a superar. Continuei treinando mesmo lesionada, só treinava o que podia fazer, minha lesão era nos adutores da coxa, e não podia abrir a perna. Duas semanas antes, ainda estava sem conseguir fazer minha série, sem passar na música, só repetia lançamento. Fui para competição e falei para mim mesma, vou fazer o meu melhor, vou esquecer a dor. Nessa competição peguei duas finais em fita e bola, e em fita fui vice-campeã brasileira. Nesta competição lembro bem da comentarista falando que o Amazonas era um estado desconhecido, sem tradição na GR assim que terminei minha série de fita, a qual fui vice-campeã. Ainda disse que o Amazonas não tinha muito resultado, desvalorizando o que eu tinha acabado de fazer.”. (Entrevista concedida por G15-14/25 EqC. Em 2024, presencial, gravada no celular)

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“Diversidade e Alteridade Corporal: uma herança cultural perceptível na Ginástica Rítmica do Amazonas”**, cujo pesquisador responsável é Sâmia Silva Maia, endereço: Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: samiamaiagr@gmail.com. E, orientada pela Prof. Dra. Artemis Soares de Araújo, endereço: Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br.

O(A) Sr(a) está sendo convidado (a) por que foi indicado(a) pela Federação Amazonense de Ginástica, tendo em vista a relevância de sua atuação para história da Ginástica Rítmica no Amazonas. A pesquisa a ser apresentada traz como objetivo investigar as vivências corporais de ginastas amazonenses da modalidade de Ginástica Rítmica, as quais durante suas carreiras esportivas se submeteram às adequações corporais do esporte, chegando até a categoria adulta. A intenção será analisar como os corpos dessas ginastas conseguiram enfrentar as exigências da modalidade. Destacando que a modalidade se originou na Europa, exigindo um padrão corporal longilíneo, diferente do biótipo das amazonenses.

O(A) Sr(a) tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Caso aceite participar, sua participação consiste em uma entrevista livre, e uma semiestruturada sobre sua percepção como atleta da modalidade que foi, ou ainda é, resgatando lembranças relacionadas ao corpo diferente do padrão, e como superou as dificuldades relacionadas à estética no alto rendimento.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a quebra de sigilo e confidencialidade, bem como desconforto em responder alguma pergunta, sendo garantido a liberdade para não responder qualquer pergunta que lhe seja desconfortável. Objetivando a mitigação de riscos e desconfortos dos entrevistados, tomaremos todos os cuidados para a manutenção do sigilo e da confidencialidade das informações coletadas, ficando a critério do participante ser identificado ou não na pesquisa. As entrevistas serão realizadas de forma individual, presencial, ou via google meet local, dia e horário indicado pelo participante, de forma a garantir um local reservado, além da liberdade para responder ou não qualquer uma das perguntas a serem feitas pelo pesquisador. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação da dissertação e/ou artigos científicos, respeitando a vontade do



participante da entrevista em ser identificado ou não durante a fase de coleta de informações, análise de dados e divulgação dos resultados da pesquisa. Caso os sujeitos da pesquisa não queiram ser identificados, será utilizado números em ordem aleatória, ou seja, não representam de fato o dia e a ordem em que ocorreram as entrevistas.

Os dados coletados durante as entrevistas serão para a realização da análise do problema com enfoque qualitativo e se converterão em benefícios indiretos aos sujeitos da pesquisa.

São esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: contribuição para o meio esportivo na valorização da diversidade corporal na modalidade de Ginástica Rítmica, e o reconhecimento da herança cultural deixada por cada atleta que se dedicou a modalidade no Amazonas em suas trajetórias, como referências para outras gerações.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de 7 (sete) dias para que possa refletir sobre sua participação ou não nesta pesquisa.

Todas as despesas com a pesquisa serão de responsabilidade da pesquisadora responsável, isto é, o(a) Sr. (a) não arcará com nenhum custo referente a procedimentos do estudo, sendo garantido o direito de buscar ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, por meio de transferência bancária para conta corrente de titularidade do participante da pesquisa. Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito de buscar indenizações e a cobertura material para reparação do dano causado pela participação na pesquisa. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Nenhum resultado será reportado com identificação pessoal, salvo aqueles que autorizarem a identificação.

O(A) Sr(a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável Sâmia Silva Maia a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: samiamaiagr@gmail.com.

O(A) Sr(a) também pode entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br que tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), e pelo pesquisador (a) responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO



Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

() Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

() Não concordo em participar do estudo.

Manaus/AM, ____/____/____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável